



unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO

"DIÁRIO DE UMA PAI(CHÃO)":
DISCUTINDO *ESPAÇO, LUGAR*
E *TERRITÓRIO* NUM GRUPO DE
PESQUISA EM CONSTRUÇÃO

STELLA DE
MELLO SILVA

TESE APRESENTADA AO
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
DO CÂMPUS DE RIO CLARO,
UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA, COMO PARTE DOS
REQUISITOS PARA OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE DOUTOR EM
EDUCAÇÃO

FEVEREIRO - 2019

S586d

Silva, Stella de Mello

Diário de uma pai(chão): : discutindo Espaço, Lugar e Território num grupo de pesquisa em construção / Stella de Mello Silva. -- Rio Claro, 2019

206 p. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Maria Antônia Ramos de Azevedo

Coorientadora: Maria das Graças Conde Caldas

1. Ensino Superior. 2. Pós-graduação. 3. Grupos de pesquisa. 4. Pesquisa autobiográfica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

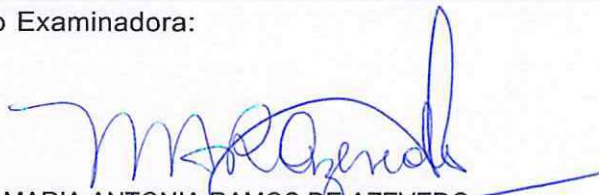
TÍTULO DA TESE: "Diários de uma pai(chão)": discutindo Espaço, Lugar e Território num Grupo de Pesquisa em Formação

AUTORA: STELLA DE MELLO SILVA

ORIENTADORA: MARIA ANTONIA RAMOS DE AZEVEDO

COORIENTADORA: MARIA DAS GRAÇAS CONDE CALDAS

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARIA ANTONIA RAMOS DE AZEVEDO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



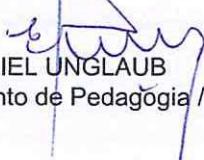
Prof. Dr. CAMILO FLORIANO RIANI COSTA
Curso de Publicidade e Propaganda / Faculdade de Comunicação - Universidade Metodista de Piracicaba / SP



Prof. Dr. PAULO HENRIQUE DE SOUZA
Instituto de Ciências da Natureza / UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas / MG



Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Prof. Dr. ELIEL UNGLAUB
Departamento de Pedagogia / Centro Universitário Adventista de São Paulo - Engenheiro Coelho / SP

Rio Claro, 25 de fevereiro de 2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA
– UNESP

INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS

CAMPUS DE RIO CLARO

PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO

LINGUAGEM-
EXPERIÊNCIA-
MEMÓRIA-FORMAÇÃO

DEFESA DE DOUTORADO

STELLA DE
MELLO SILVA

ORIENTADORA: PROF^a DR^a
MARIA ANTÔNIA
RAMOS DE AZEVEDO

CO-ORIENTADORA: PROF^a
DR^a GRAÇA CALDAS

BANCA AVALIADORA:

PROF^a DR^a MARIA ANTÔNIA RAMOS
DE AZEVEDO (ORIENTADORA)

PROF. DR. CAMILO FLORIANO
RIANI COSTA (UNIMEP-PIRACICABA)

PROF. DR. PAULO HENRIQUE DE
SOUZA (UNIFAL-ALFENAS)

PROF^a DR^a MARIA ROSA RODRIGUES
MARTINS DE CAMARGO (UNESP-RIO
CLARO)

PROF. DR. ELIEL UNGLAUB
(UNASP-ENGENHEIRO COELHO)

SUPLENTES:

PROF. DR. CÉSAR DONIZETTI
PEREIRA LEITE – UNESP-RIO
CLARO

PROF^a DR^a SYLVIA HELENA SOUZA
DA SILVA BATISTA – UNIFESP

PROF^a DR^a LUCIANE WEBER BAÍA
HEES – UNASP-EC

RIO CLARO (SP), 2019



GPEslandy

Tribo CNPq

Cidade sem Vez

Didaticamólopis

Política Pública City

Pesquisandus
Corrêctus

Porto Feliz da Linguagem

Temple of the Academy

"DIÁRIO DE UMA PAI (CHÃO)": DISCUTINDO ESPAÇO, LUGAR E
TERRITÓRIO NUM GRUPO DE PESQUISA EM CONSTRUÇÃO



AGRADECIMENTOS

A todos que me deram pistas sobre o caminho...

DEUS, a grande lanterna que a tudo ilumina...

PAI E MÃE, os cantis sempre cheios de água gelada, no deserto da jornada... (pai... ainda bebo de sua fonte, mesmo que esta já tenha secado... sinto muito a sua falta, mas me sacio com os respingos da sua influência...)...

MEIRE E YARA, cúmplices de outras viagens...

ERMAN, LETÍCIA E GUILHERME, as barracas para as quais sempre desejo voltar, que protegem do sol e da chuva acadêmicas...

MARIA ANTÔNIA, o pão dentro da mochila...

GRAÇA CALDAS, a bússola certa na encruzilhada...

GEPIÁCOS, povo abençoado, sobre o qual escrevo, para o qual presto homenagens e ofereço meu agradecimento...

UNESP, o porto no qual me ancorei várias vezes...

UNASP, um bote salva-vidas quando a correnteza castigava o rio no percurso...

ARGUIDORES, os pontos-de-encontro com a lucidez, a coerência e a paz.



RESUMO

Foi pelo caminho (auto)biográfico, amalgamado com o cartográfico, que decidi prosseguir. Tantas outras terras já haviam sido desbravadas no Território da Educação... Mas... Um Grupo de Pesquisa... Em que chão pisavam? Do que se alimentavam? Com que tribo se relacionavam? Que língua falavam? Como se mantinham e como se intercomunicavam? Eu precisava saber. E me apegando a viajores experientes como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Maria Isabel da Cunha, Milton Santos e Marilena Chauí, me embrenhei mata a dentro. Lá, numa pequena Ilha de Pesquisa, pude observar seus moradores e registrar seu cotidiano: publicações; estrutura interna; temáticas das reuniões; organização de congressos; em verdade, gostaria de saber se estaria frente a um *Espaço*, *Lugar* ou *Território*, tentando identificar o "dialeto" dos habitantes, seus "costumes" de pesquisa, suas correlações com outras Ilhas e como influenciavam e/ou eram influenciados por elas. Tudo isso interligando significações geográficas dos três termos - *Espaço*, *Lugar* e *Território* - às transposições pedagógicas de sentido. Como resultado, cheguei à conclusão de que a Ilha é, por enquanto, um *Lugar*. Entretanto, certamente, migrará para *Território* no sentido de que já se organiza como centro de produção de artigos científicos, de formadora e compartilhadora de conhecimentos. Ao final da jornada, como uma grata surpresa, descobri que o encontro é "núpcias sempre fora e entre".

PALAVRAS CHAVE: Ensino Superior. Pós-graduação. Grupos de pesquisa. Pesquisa autobiográfica.

ABSTRACT

It was through the (auto) biographic path, amalgamated with the cartographic, that I decided to continue. So many other lands had already been cleared in the Territory of Education ... But ... A Research Group ... On what ground did they step on? What did they feed on? With which tribe did they relate? What language did they speak? How did they stay and how did they intercommunicate? I needed to know. And clinging to experienced travelers like Michel Foucault, Gilles Deleuze, Maria Isabel da Cunha, Milton Santos and Marilena Chauí, I got a lot of trouble inside. There, on a small Island of Research, I was able to observe its inhabitants and register their daily life: publications; internal structure; meetings; organization of congresses; in fact, I would like to know if I would be facing a *Space*, *Place* or *Territory*, trying to identify the "dialect" of the inhabitants, their research "customs", their correlations with other Islands and how they influenced and / or were influenced by them. All this interconnecting geographical meanings of the three terms - *Space*, *Place* and *Territory* - to the pedagogical transpositions of meaning. As a result, I came to the conclusion that the Island is, for the time being, a *Place*. However, it will certainly migrate to *Territory* in the sense that it is already organized as a center for the production of scientific articles, as a formator and knowledge-sharing. At the end of the journey, as a pleasant surprise, I discovered that the meeting is "always out and in between".

KEYWORDS: Higher education. Postgraduate studies. Research groups. Autobiographical research.

“Os cortes na Capes e o futuro da pesquisa científica no Brasil”
- AGÊNCIA BRASIL, 15/07/18

“Ao cortar investimentos em ciência, Brasil assassina o futuro”
- REVISTA ÉPOCA, 20/04/18

“Ciência no Brasil mendiga recursos, sem solução em curto prazo” - JORNAL GAZETA DO POVO, 06/05/18

“Desiludido com a pesquisa científica no Brasil? Então a China quer você”
- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS SPUTNIK, 18/04/18

SUMÁRIO

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA..... 15

TOMO I: A ROTA.....23

TOMO II: O POVO.....77

TOMO III: A VIAGEM.....99

TOMO IV: O PEREGRINO *VOCÊ*.....185

“Cara, cadê minha bolsa? Falta de investimento para a ciência no Brasil”
- LABORATÓRIO DE LIMNOLOGIA-UFRJ, 16/08/18

“Pesquisa científica no Brasil: o que deu errado?”
- REVISTA DIGITAL PEBMED, 05/03/2018

“Um momento de crise e de desafios para a ciência brasileira”
- SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC), 30/05/18

“Brasil está na contramão do mundo em programas de investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento” - INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, 21/05/18

“Cortes na ciência geram êxodo de cérebros, congelam décadas, diz presidente da academia”
- JORNAL BBC BRASIL, 11/07/17

“CNPq diz que não terá verba para investir em pesquisa em 2019”,
- JORNAL CORREIO BRASILIENSE, 09/08/18

“Com cortes no orçamento, futuro da ciência brasileira fica amarrado”
- REVISTA CARTA CAPITAL, 01/02/18



MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

Do meu pensamento, 25 de fevereiro de 2019.

Meu caro leitor, prepare-se.

Este não foi um trajeto comum e este relato não é convencional.

Sabe o que é... Acabei acreditando no meu amigo Antônio Nóvoa, um português-educador, que disse o seguinte num congresso internacional em Porto, Portugal, em 2017:

"O desenvolvimento da tese é um exercício de liberdade [...]. A escolha de um objeto de tese não é uma coisa racional, não é uma coisa que se faça no catálogo; porque uma tese é uma coisa que tem que estar dentro de nós, tem que ser, num certo sentido, um ajuste de contas com a nossa vida, num sentido de um acerto de contas com as nossas interrogações, com as nossas interpelações, com as nossas inquietações."¹

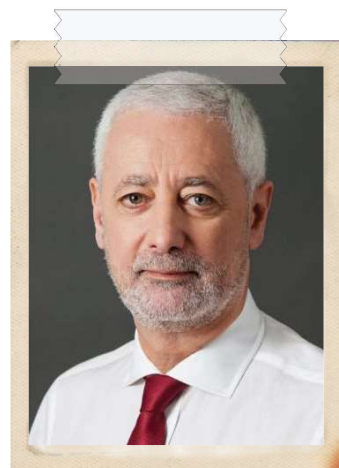
E para "piorar" a situação, também acreditei na força do nome de minha Linha de Pesquisa, da Faculdade de Educação da Universidade na qual curso meu doutorado: *Linguagem - Ex-*

periência - Memória - Formação. Procurando um espaço no qual tivesse liberdade na Linguagem, um espaço de Experiência singular, uma chance de revolver a Memória sem julgamentos condenatórios e o livre-arbítrio de discutir a Formação de um território acadêmico, escolhi aportar por aqui: o Instituto de Biociências da UNESP-Rio Claro. E este ficou sendo o meu lugar desde 2015...

É por isso que você vai se deparar com normas anormais; com letras sem padrão (*ôps!* Sem "padrão", eu quis dizer...); com convenções inconvenientes e com "rótas" "rôtas" (tive que colocar o acento diferencial por conta da confusão que substantivo e adjetivo graficamente idênticos e foneticamente opostos gerariam...).

Sim. Isto é uma pesquisa. Mas em forma de diário de viagem. Afinal de contas, não é nisso que se resume uma pesquisa? Numa viagem? No resultado daquilo que se apreEndeu, depreendeu e aprendeu? Num "finalmente" de conversas veladas e/ou escancaradas entre o caminho, o caminhante e os viajantes? Pois, então...

Pra falar a verdade, nestes três anos observando um grupo de pesquisa em construção, só pude concluir o que a academia, por vezes, reluta em aceitar: o profundo está no simples. Não no raso; mas no simples. Naquilo que se pode entender. Não no codificado. Naquilo que



ANTÔNIO NÓVOA

¹ CONFERÊNCIA PLENÁRIA, POR ANTÔNIO NÓVOA, EM 30 DE SETEMBRO DE 2017, AO CONGRESSO INTERNACIONAL "O TEMPO DOS PROFESSORES", UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO. DISPONÍVEL EM [HTTPS://WWW.FPCE.UP.PT/OTEMPODOSPROFESSORES/APRESENTACAO.HTML](https://www.fpce.up.pt/otempodosprofessores/apresentacao.html).

A handwritten signature or mark, possibly the author's, located at the bottom right of the page.

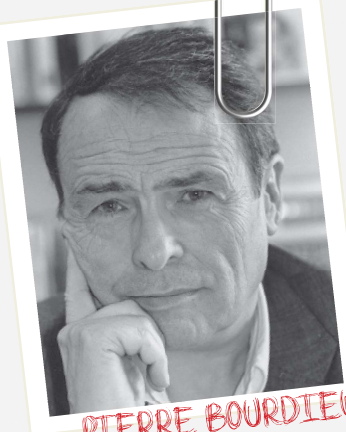
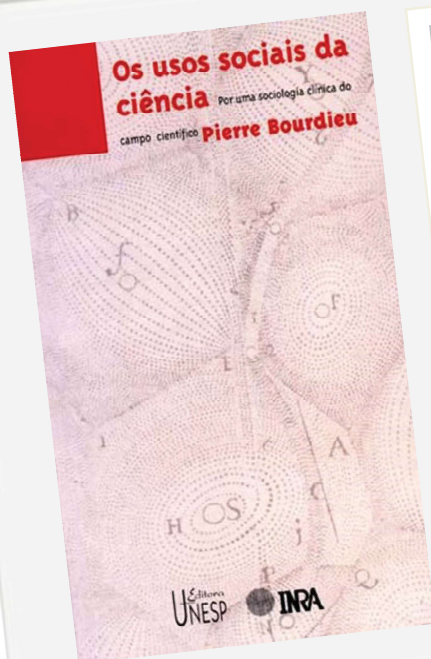


FOTO: PÁGINA 12

PIERRE BOURDIEU

é autêntico. Não no ensaiado. Trocando em miúdos, fico com as oportunas palavras de *Bourdieu* quando diz:

"Não creio que basta reunir um grupo para produzir a reflexão científica, mas acredito que, com a condição de instaurar uma tal estrutura de troca que traga em si mesma o princípio de sua própria regulação, podem-se instaurar formas de reflexão que hoje não têm lugar e que podem

ir além de todas as especulações de especialistas (sobretudo em "cientometria") e de todas as recomendações de comitês e de comissões.²

E foi compartilhando desse olhar sobre campo científico que decidi registrar meus passos, minhas "observâncias", com o gênero textual "diário de viagem". Simplesmente porque físico e metafísico podem ser complementares, no sentido de que o que se descobre se desdobra numa espécie de "tradução" aos interlocutores, em algo "lível", "entendível" e "crível". Apoio-me, basicamente, na frase de Thomas S. Kuhn:

"Suspeito de que um mero paroquialismo nos faz supor que o trajeto dos estímulos às sensações é o mesmo para os membros de todos os grupos."³

Ou seja, tratar de um grupo de pesquisa como instituição social que é, não me parece que seja correto tratá-lo/observá-lo como algo que se pode manejar por meio da aplicação de re-

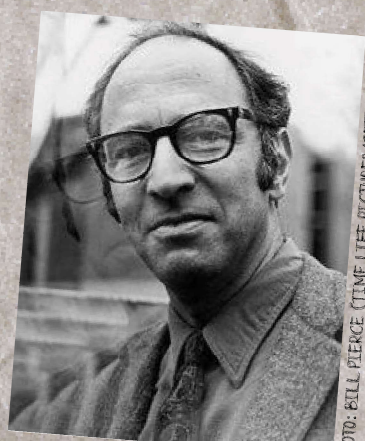


FOTO: BILL PIERCE (TIME LIFE PICTURES/GETTY IMAGES)

THOMAS KUHN

debates
debates
debates

ciência

thomas s. kuhn
A ESTRUTURA
DAS REVOLUÇÕES
CIENTÍFICAS



² BOURDIEU, 2004, P. 18.

³ KHUN, 2003, P. 244.

gras e critérios "duros". Primeiro se percebe, se observa; depois, se analisa, se sente; e só depois vai-se à caça de critérios para conseguir interpretar as sensações.

Posto isso, segue um breve manual de sobre-vivência a este diário de viagem. Caso não sejam seguidas, à risca, as orientações, o risco de não concluir o trajeto será grande. Vamos lá:

1. Não traga, na bagagem, vocabulário técnico.

Por ser esta uma trilha acadêmica embasada pela liberdade poética e perspectiva (auto)biográfica de pesquisa, expressões de cunho acadêmico-científico pesariam na mala; esse registro prioriza ora a variedade oral-informal, ora a variedade escrita-formal;

2. Esteja aberto ao diálogo étnico.

Vez por outra você precisará ouvir as vozes de outros povos - comunicação, filosofia, geografia, pedagogia - para poder prosseguir na jornada. Afinal, do que vale uma viagem sem a troca intercultural, não é mesmo?!;

3. Procure ler as entrelinhas dos mapas traçados.

Você não encontrará, nas descrições deste diário, análises explícitas desta viajante. Elas estarão nas entrelinhas do não dito; na foto calada, mas cheia de semântica; nas inegociáveis hipérbole, ironia, metáfora e prosopopeia; nas falas dos "viajantes sêniores"; nas expressões em negrito ao longo dos textos...; aproveito para pedir também que me observe nas generalidades, afirmando o específico; nas respostas embutidas nas perguntas; nas hashtags aglutinando ideias - eu estarei por lá...;

4. Não se assuste com a profusão de imagens.

Cada imagem introdutória dos capítulos deste diário tem uma estrutura diferenciada, exatamente porque descrevem experiências diferentes, fluxos distintos e espaços específicos. No lugar dos "capítulos da tese", estão as "representações da vivência";

5. Permita-se a uma leitura de fruição.

Geralmente, pra este tipo de viagem rumo à pesquisa acadêmica, trazemos grandes expectativas - principalmente no que se refere ao novo. Leia este diário, no entanto, buscando o (i)nova(dor). No exato sentido do que os parênteses nos permitem entender: uma ação nova que, por ventura, traga dor. Porque, afinal, a quebra de um paradigma nem sempre é tranquila...

6. Conheça a viajante.

Minha trajetória acadêmica pode parecer, a princípio, uma esquizofrenia intelectual: Licenciatura em Língua Portuguesa e Espanhola (e respectivas literaturas); Especialização em Docência

Universitária: métodos e técnicas; Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (aliás, pode ser daqui - da DCC - que eu traga a vontade de escrever essa tese nesse formato, numa tentativa de divulgar cultura e ciência e não as enclausurar); Doutorado em andamento em Educação. Em verdade, depois de 45 anos vivendo nessa terra sem fronteiras chamada "vida", acho difícil descos-turar áreas. Parece que cada fio tem sua cor e, tricotando to-das elas, com uma única agulha, me sentem capaz de produzir uma colcha digna. De retalhos... Mas digna. Colorida. Aconchegante.

Especificamente sobre a última formação que cito - o douto-rado - confesso aqui algumas particularidades. A primeira, fica por conta do percurso em si: iniciei na UNESP-Rio Claro, em meu primeiro ano de curso, investigando como os *blogs* de divulgação científica faziam o divulgar da ciência nas redes sociais (2015). No segundo ano, mudei de rota e me debrucei sobre as questões que envolvem o estabelecimento de um grupo de pesquisa em construção no ambiente da pós-graduação (2016). A segunda especificidade é a relacionada com o tipo de pesquisa. Para averiguar *blogs*, o caminho escolhido havia sido o da "Análise de Conteúdo". Entre-tanto, observar pessoas-pesquisadoras e o habitat em que elas viviam exigiria um grau bem maior - se não total - de subjetivi-dade e liberdade linguísticas que eu não encontraria nas formas/fôrmas, cânones "tradicionais" de pesquisa. E foi por isso que optei pela pesquisa (auto)biográfica.

7. Informe-se sobre o caminho.

Por causa da escolha metodológica, se fazem necessários alguns apontamentos:

✓ Todos os capítulos da tese serão escritos a partir do gênero textual "diário pessoal de viagem": eles serão titulados fazendo referência a recortes dos encontros mensais de um Grupo de Pes-quisa no Ensino Superior (GPES) que, a partir de agora, torna-se uma personagem coletiva; uma "voz" coletiva; as descrições são lembranças "atemporais", que pertencem à memória de minha obser-vação no GPES e não estão datadas minuciosamente porque perten-cem a um "tempo gerúndio", das ideias em movimento;

✓ Os registros linguísticos e estruturais desta defesa de dou-torado, em particular, se distinguem em: Tomo I: A Rota (momen-to em que descrevo as escolhas metodológicas e bibliográficas); Tomo II: O Povo (momento em que descrevo o primeiro contato com o Grupo de Pesquisa observado e costuro as primeiras relações entre o objeto e as referências); Tomo III: A Viagem (momento em que descrevo o constatar das impressões sobre *Espaço-Lugar-Ter-ritório*) do Grupo de Pesquisa em construção;

✓ Constam, do "diário-tese", as chamadas "citações diretas", mas não no padrão convencional de um texto científico. Elas foram in-

seridas como parte de conversas ou experiências hipotéticas que eu, "visitante da tribo *GPESlandy*", estabeleci com esta personagem coletiva que fundamentou a pesquisa e contribuiu com ela. Para contextualizar melhor o leitor do "diário-tese", as fontes bibliográficas das quais extraí as "falas" dos especialistas são colocadas em notas de rodapé e/ou em forma de bilhetes e/ou como capa dos livros;

✓ Muitos neologismos foram inseridos ao texto do "diário-tese" para sugerir associações ao invés de nomeá-las tradicionalmente como, por exemplo: "gepiacos" (membros de *GPESlandy* - grupo de pesquisa observado); "CNPquistas" (gestores do CNPq, responsáveis pelo cadastramento de grupos de pesquisa e fomento de suas produções); "Didaticamópolis" (cidade hipotética que prioriza o estudo da didática); Arquipelago *Pesquisandus Correctus* (grupo de ilha de pesquisas); Camping *Observatoriuns* (território-base de pesquisadores); e, assim, segue-se por todo o texto.

Dito isso, só me resta o desejo de "Boa Viagem" a todos vocês!

Stella de Mello Silva
(pesquisadora-viajante)

TOMO I

A ROTA

A ILHA GPESLANDY

GPS DE PESQUISA: DOMINANTES E DOMINADOS

ECOSSISTEMA DE
PESQUISA SANDUS CORRECTUS

TRAJETO (AUTO)BIOGRÁFICO

IDENTIDADE COLETIVA

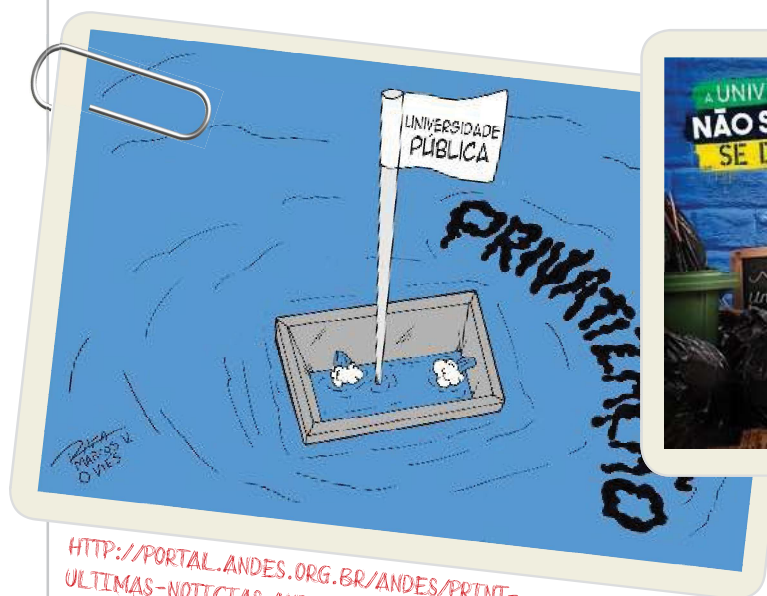
ESPAÇO, LUGAR E TERRITÓRIO

CIDADE SEM VEZ

ANTES DE PARTIR...

Era uma vez a Cidade Sem Vez. Lá, todos falavam a mesma língua, todo mundo dominava o mesmo dialeto, as mesmas variantes, os mesmos registros, mas ninguém tinha voz. Conhecida como "o polo intelectual do mundo", também era carinhosamente chamada de Temple of the Academy porque, afinal de contas, era lá que pairavam - no ar, nos cérebros e nos artigos - as informações que a academia científica detinha. Como nasci ali, cresci formada pelo inconsciente coletivo de que em seu chão estava o fôlego da vida humana, regado à ciência, pesquisa e divulgação. Entretanto, nunca compreendi o porquê de terem nomeado aquele lugar com uma expressão tão esvaziada de significado. Nunca entendi...

Num belo dia, na rede local de televisão, o prefeito diz: "Povo da Cidade Sem Vez! Será realizado um plebiscito no município, a partir do



[HTTP://PORTAL.ANDES.ORG.BR/ANDES/PRINT-ULTIMAS-NOTICIAS.ANDES?ID=9235](http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=9235)



[HTTP://WWW.2022BRASIL.ORG.BR/MANIFESTO-EM-DEFESA-DA-UNIVERSIDADE-PUBLICA-BRASILEIRA/](http://www.2022brasil.org.br/manifesto-em-defesa-da-universidade-publica-brasileira/)

qual decidiremos o novo nome da cidade. É inadmissível que continuemos a nos denominar de forma tão nula e tão passiva. Aqui se pesquisa, se desvela, se revela! Por que não temos vez? Por que nos tiram a voz?"

As palavras daquele político me deixaram atônita. Então quer dizer que alguém havia tirado nossa voz... Em essência, tínhamos um lugar pra ocupar nesse mundo, mas, por não termos lutado por ele até então, nos sobrou a conformidade com um mero espaço por outros já posto. Na manhã seguinte, portanto, resolvi fazer minhas pesquisas, já que estava na Temple of the Academy.

Bem cedinho, peguei a bicicleta e corri pra Biblioteca Municipal: prédio imponente, com portais altíssimos, colunas de inspiração greco-romanas e escadaria de mármore Carrara. Lá dentro, estantes de ma-

deira maciça, com obras datadas do descobrimento. Quem questionaria uma fonte de dados como essa? Quem?!

Bem, como ponto de partida, decidi buscar informações sobre a situação da educação na contemporaneidade, mesmo porque, segundo o slogan de alguns povos por aí, "A Educação é a Base".



SIMON SCHWARTZMAN

Foi então que me deparei com os dados que Simon Schwartzman traz em obra organizada por ele:

"A Educação Superior na América Latina e os desafios do século XXI" - em relação ao considerável crescimento da Educação Superior no mundo. Fiquei impressionada: em 1900, eram 500 mil estudantes; no ano 2000, 100 milhões; em 2011, 190 milhões. Já na América Latina, saímos de 1,9 milhões em 1970 para 8,4 milhões em 1990 e 25 milhões em 2011."⁴

Anotei todos os dados com afincos porque, na sequência, o autor traria outros números em se tratando de Brasil, agora: 425 mil em 1970; 1 milhão 540 mil em

1990; 7 milhões em 2014. Ou seja, os jovens brasileiros - inclusive os da Cidade Sem Vez - mostravam uma gradual ascensão à universidade porque, dentre outros fatores, estava aumentando a oferta de instituições de Ensino Superior no Brasil, tanto na rede privada quanto na pública. Aliás, printei do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (SEMESP), uma figura que deixa esse contexto mais claro ainda:



Aproveitei que estava na maior fonte de dados do país - a Biblioteca Municipal - e não deixei pra depois: dei um pulo na sala ao lado, de informática, e abri a página do Censo da Educação Superior - aquele, realizado anualmente, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Acessei os dados de 2016 e os números também eram homéricos: 34.366 cursos de graduação foram ofertados em 2.407 Instituições de Educação Superior (IES) no Bra-

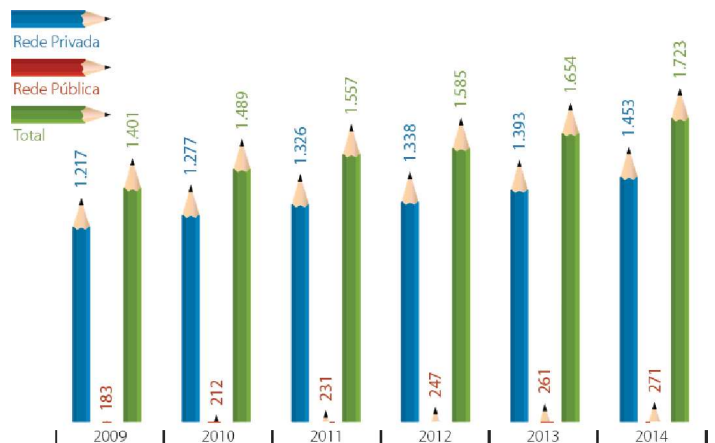
⁴ SCHWARTZMAN, 2014, PP. 8 E 9.

sil, para um total de 8.052.254 estudantes matriculados. Este acesso crescente ao Ensino Superior também pode comprovar no site do SEMESP, no qual consta o número de matrículas, em cursos presenciais, nas Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil - durante o período de 2000 a 2014 - nas redes pública e privada:



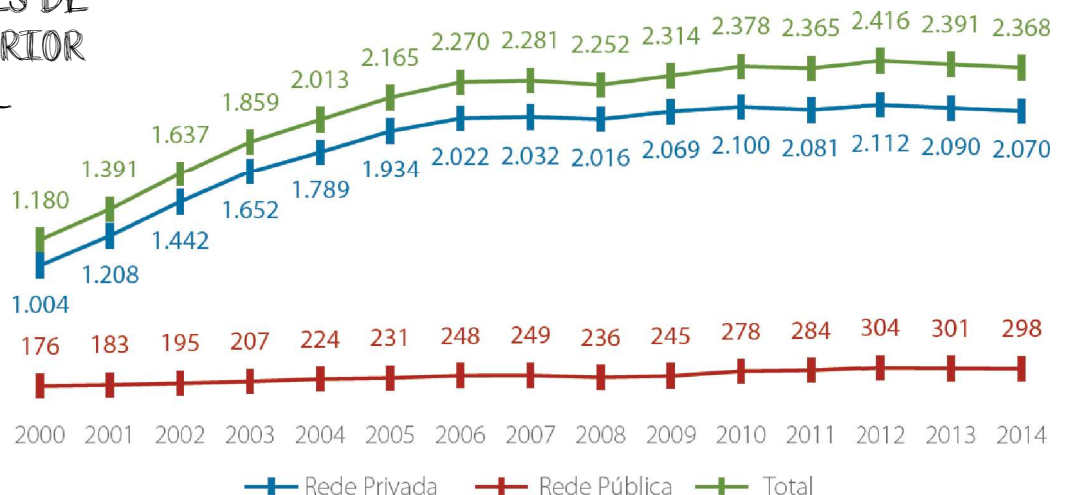
MATRÍCULAS - CURSOS PRESENCIAIS - SP (EM MILHARES)

Mas aí, ao ver tantos dados estratosféricos, pensei: o que explicaria um crescimento tão expressivo quanto esse, num país que, historicamente, nunca chegou a ter uma universidade nacional, de fato, e que demorou pra expandir o acesso à Educação Superior? Foi então que voltei à sala dos livros, correndo, e compartilhei, novamente, do olhar do Schwartzman, que enumera os seguintes motivos:

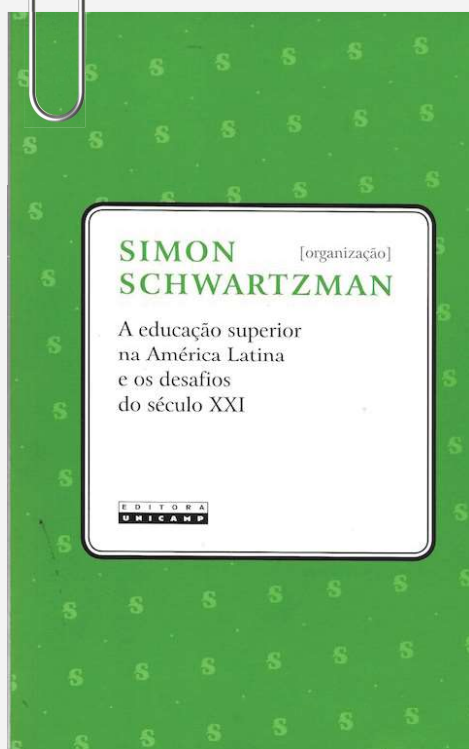


FONTE: SINDATA / SEMESP & BASE: CENSO INEP

INSTITUICOES DE ENSINO SUPERIOR - BRASIL



FONTE: SINDATA / SEMESP & BASE: CENSO INEP



✓ "A expansão do mercado de trabalho bem remunerado para pessoas mais qualificadas, tanto nas áreas tecnológicas quanto nas de serviços;

✓ A valorização dos diplomas de nível superior, que dão acesso a essas posições de maior renda e maior prestígio;

✓ A ampliação da juventude, uma vez que, no passado, ela terminava quando, por volta dos 20 anos, as pessoas completavam seus estudos, se casavam e entravam logo no mercado de trabalho; já hoje chega aos 30 anos ou mais. Atualmente, a Educação Superior é parte da vida de um número crescente de pessoas, consome vultosos recursos públicos e privados, e sua ampliação e sua consolidação são vistas como essenciais para que os países possam desenvolver economias ricas, produtivas e com equidade social."⁵

Tudo bem. Entendi. Entretanto, o que dizer do contexto histórico-sócio-cultural do Brasil em relação à criação de universidades? Eu sei que antes da fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, o país oferecia somente faculdades isoladas para ensino e certificação, principalmente nas profissões ditas tradicionais de Engenharia, Medicina e Direito; além disso, as universidades públicas sempre selecionaram alunos mediante provas de conhecimento.

Foi então que, a partir de 1960, foi implantado o sistema de contratação de professores em regime integral - o que aumentou o custo por estudante - e iniciou-se o desenvolvimento de um amplo sistema de pesquisa e ensino de pós-graduação, em moldes americanizados, por meio de cursos regulares e departamentos acadêmicos, modelo que era profundamente diferente dos outros países da América Latina.

Neste contexto, portanto, o sistema público tornou-se bem restrito, inclusive impossibilitando que estudantes conseguissem passar em seus exames de seleção, cada vez mais competitivos. Resultado: cresce o setor privado que, por sua vez, se massificou e se especializou na oferta de cursos noturnos, "cobrando pouco e exigindo também pouco dos alunos, quase sem desenvolver atividades de pesquisa e pós-graduação" (é bom lembrar que essa fala entre aspas eu copiei do livro do SCHWARTZMAN, 2014; é muito forte o que ele escreve por lá...).

⁵ SCHWARTZMAN, 2014, PP. 15 E 16.

Mas ainda acho que podem haver mais fatores que tenham contribuído pra expansão da universidade pública nesse país. Quem sabe as pressões para que ela proporcionasse maior abertura de matrículas, criasse cursos noturnos, e fizesse uso das cotas raciais e sociais para angariar outra parte de estudantes, fez com que se expandisse - aliada aos sistemas de avaliação embasados em produção acadêmica. Pode ser.

Acontece que estas circunstâncias criaram outro viés: os professores, de alguma forma, tomaram o lugar dos alunos e - amparados pelos sindicatos - organizaram greves e mobilizações de pauta política, alegando melhores salários e condições de trabalho, além de resistirem às tentativas de relacionar seus benefícios aos seus desempenhos.

Todo esse emaranhado de fatos históricos e políticos trouxe, basicamente, três consequências importantes observáveis, segundo minha leitura de Schwartzman:

"A primeira é que, conforme as universidades públicas aumentam suas matrículas e abrem mais espaço para estudantes de baixa renda e de formação educacional precária, e também conforme passam a ser comandadas por coalizões de estudantes e funcionários em detrimento de professores, mais elas se aproximam de suas congêneres dos países da região. A segunda é que se criou um espaço para instituições privadas de elite, antes praticamente inexistentes, sobretudo nas profissões sociais; elas recebem hoje estudantes que podem pagar e que querem fugir do clima politizado e nem sempre de melhor qualidade das universidades públicas. A terceira é o desenvolvimento de um extenso sistema de subsídios públicos para o Ensino

Superior privado, na forma de isenção de impostos em troca de acesso gratuito subvencionado para estudantes de menor renda (Prouni- Programa Universidade para Todos), e de um amplo sistema de crédito educativo proporcionado pelo governo."⁶

JUNTANDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA...

A Cidade Sem Vez tinha a tradição de, anualmente, fazer um evento local chamado "**Top 10 Science**". Uma espécie de Oscar da Academia, a partir do qual eram eleitos os dez maiores cientistas do ano.

Depois que voltei da Biblioteca no dia anterior, lembrei-me que uma tal de Marilena Chauí tinha estado no ranking do concurso por 20 anos



consecutivos e que no início do século XXI já alertava sobre esse emaranhado de tramas sócio-culturais envolvendo a estrutura das instituições de Ensino Superior (IES) por meio de uma elucidativa metáfora entre o supermercado e as IES. Corri pra gaveta da escrivaninha e achei o panfleto no qual estava uma analogia com a qual ela havia vencido a disputa em 2001. Faço questão de compartilhar aqui:

"Se a universidade for um supermercado, então, nela entram os felizes consumidores, ignoram todo o trabalho contido numa aula, num seminário, numa dissertação, numa tese, num artigo, num livro. Recebem os conhecimentos como se estes nascessem dos toques mágicos de varinhas de condão. E, no momento das provas, ou querem regatear os preços ou querem sair sem pagar ou abandonam o carrinho com as compras impossíveis, xingando os caixas. Nesse supermercado, a produtividade é flutuante: há a dos empregados invisíveis que, à noite, receberam as mercadorias, puseram preços e as colocaram nas estantes; há a dos trabalhadores ainda mais invisíveis que fabricaram ou colheram os produtos; há a dos atravessadores e a dos caminhoneiros que os transportam; há a dos

fiscais, dos caixas, dos supervisores, dos que estão encerrados nos escritórios; há a dos proprietários, competindo no mercado; e há a do consumidor, calculada pelo seu salário e pela quantidade de bens que possa comprar. É assim na universidade? Se o for, nossa produtividade será marcada pelo número de produtos que arranjamos nas estantes, pelo número de objetos que registramos nos caixas, pelo número de fregueses que saem contentes, pelo número de carrinhos que carregamos até os carros no estacionamento, recebendo até mesmo gorjeta por fazê-lo. Mais do que isso. Porque a universidade não foi comparada às fábricas nem às bolsas de valores, nossa produtividade é bastante curiosa, pois num supermercado nada se produz, nele há circulação e distribuição de mercadorias, apenas. Nossa produtividade seria improdutiva, em si, e produtiva apenas em relação a outra coisa, o capital propriamente dito."⁷



⁷ CHAUI, 2004, P.13.

#PAUSAPARASUSPIROPROFUNDO

Cenário caótico esse. Associação cruel. Porque, partindo da analogia do supermercado, seria possível creditar, a cada ator social da universidade atual, um destes papéis descritos acima - visto que, de alguma forma, estão envolvidos na idealização, construção e manutenção do "supermercado educacional".

Por exemplo: este "consumidor" que vem, olha a estante, exige um "produto" e ignora todo um processo de ensino-aprendizagem, pode ser o cliente-aluno. Por sua vez, os empregados da empresa-escola podem ser os professores, os gestores, as agências de fomento, os programas de internacionalização, o próprio mercado econômico - todos eles dispendo nas "prateleiras do saber" um produto que precisa ser vendido, mas não necessariamente consegue ser "provado e degustado". A forma como estes "empregados" da empresa-escola trabalham também é relevante porque aponta para a necessidade - ou não - do que se é produzido: afinal de contas, o que se oferece?; como se oferece?; a quem se oferece?; quanto custa o que se oferece? O valor pode ser creditado apenas ao custo? O saber, o conhecimento têm um custo?

Essas perguntas, se respondidas a partir da lógica do supermercado, podem apontar para um triste dado: a produtividade da universidade brasileira não existe, em si; ela é produtiva em relação ao capital e não em relação a si mesma. O conhecimento circula e é distribuído como mercadoria, à mercê do "cliente-pagante" e de seus interesses. E, neste caso, não é só o aluno que assume o papel de cliente, mas as mantenedoras das universidades públicas e privadas também o são, na medida em que cobram desta universidade resultados, eficiência, agilidade, produção e, aí, é instaurado um círculo vicioso. Ou seja, a universidade existe para produzir "produtos" para dois "clientes": o aluno e a mantenedora (seja ela da rede pública ou particular).

Sendo assim, acredito que o contexto da universidade contemporânea precisa ser colocado aqui, antes de quaisquer investigações a respeito dela. E sobre este período pelo qual passam as instituições de Ensino Superior no Brasil, Chauí também comenta, categoricamente:

"Até o momento, nossas universidades têm tido uma atitude passiva, incorporam sem crítica e sem reflexão a perda do antigo referencial da racionalidade. E é fácil comprovar a ausência de críticas pelos temas que são pesquisados - o gosto pelo micro, o gosto pela "diferença"; pela docência submissa aos estudantes como consumidores que esperam dos cursos a gratificação narcísica instantânea, como a televisão lhes dá; pelo fascínio dos papers, das parcerias, dos vocabulários, da competitividade, a moderni-



MARILENA CHAUI

dade, como se a universidade, para esconder a crise da razão, operasse com categorias como a eficiência, a competitividade, a modernidade, categorias que ela não produziu e sobre as quais ela não tem ideia."⁸

Parei de pensar sobre isso. Pelo menos, achava que tinha parado. Peguei a bolsa e fui andar; assim, sem rumo mesmo. Só sei que fui parar numa charmosa e humilde casinha de chá, de nome "Casa da Vó". Sentei-me. Pedi uma limonada bem gelada, pra refrescar as ideias. Mas, não teve jeito. Comecei a pensar sobre ela - a universidade - novamente...

Percebi que o discurso do coletivo, do compartilhamento e das redes não se sustenta na prática porque nela, no dia-a-dia da universidade, o que se pode notar é um incessante atender de demandas individuais (de alunos e mantenedoras), deixando o ambiente acadêmico desterritorializado. Afinal, quem faz território sem vínculo, sem identidade e sem motivação?

Concomitantemente a isso, eu noto, vertiginosamente, a profunda crise das humanidades dentro da universidade, inclusive se cristalizando para fora dela. Outro dia li, em meados de abril de 2018, uma notícia no portal e-cidadania - uma plataforma do Senado que viabiliza a participação da sociedade em atividades legislativas - uma ideia legislativa. Veja que caso peculiar...



The screenshot shows the 'e-cidadania' website interface. At the top, there's a navigation bar with links like 'Início', 'Ideia Legislativa', 'Evento Interativo', 'Consulta Pública', and 'Entrar'. Below this, a search bar and a 'Busca' button are visible. The main content area features a header for 'IDEIA LEGISLATIVA' and a specific proposal titled 'Extinção dos cursos de humanas nas universidades públicas'. The proposal description states it's about focusing on 'cursos de linha' (medicine, law, engineering) and eliminating humanities courses. It shows 7,385 supports out of a 20,000 goal. Social media sharing options for Facebook, Google+, and Twitter are present. The proposal is attributed to 'THIAGO TURETTI - SP' and has a deadline of 07/06/2018.

SENADO NOTÍCIAS: PORTAL DO SENADO FEDERAL - [HTTPS://WWW12.SENADO.LEGBR/NOTICIAS/MATERIAS/2018/04/19/PROPOSTAS-PARA-EXTINGUIR-OU-MANTER-CURSOS-DE-HUMANAS-MOVIMENTAM-PORTAL-E-CIDADANIA](https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/19/PROPOSTAS-PARA-EXTINGUIR-OU-MANTER-CURSOS-DE-HUMANAS-MOVIMENTAM-PORTAL-E-CIDADANIA) (ACESSO EM 19 DE ABRIL DE 2018):

O paulistano Thiago Turetti, autor da ideia legislativa de extinguir os cursos na área de humanas das universidades públicas, afirma que sua proposta quer dar mais ênfase a "cursos de linha", como Medicina, Direito e Engenharia, por exemplo. E ele ainda completou:

"A proposta visa a um melhor direcionamento do dinheiro do contribuinte. Nosso país precisa desenvolver esse senso de prioridade. Como contribuinte, eu quero que meu dinheiro seja investido para a formação de cientistas, engenheiros e médicos. Hoje, os

cursos de humanas não cumprem com o seu currículo, simplesmente transformam os estudantes em militantes de esquerda. Essas pessoas protestam em favor do aborto e da legalização da maconha."⁹

⁸ CHAUÍ, 2004, P.130.

⁹ [HTTPS://WWW12.SENADO.LEGBR/NOTICIAS/MATERIAS/2018/04/19/PROPOSTAS-PARA-EXTINGUIR-OU-MANTER-CURSOS-DE-HUMANAS-MOVIMENTAM-POR-PORTAL-E-CIDADANIA](https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/19/PROPOSTAS-PARA-EXTINGUIR-OU-MANTER-CURSOS-DE-HUMANAS-MOVIMENTAM-POR-PORTAL-E-CIDADANIA)

Confesso que, nessa hora, estremeci de vergonha alheia... Eu, do alto da minha licenciatura em Letras - da qual tanto me orgulho - formando gerações de meninos e meninas para serem cidadãos críticos e íntegros, ler uma posição dessas sobre as Ciências Humanas/Sociais é deplorável. Esta imagem dos cursos de humanas nas universidades - sejam elas públicas ou privadas - ainda é corroborada pelo velho e bom inconsciente coletivo que relaciona as humanidades ao ostracismo, à autoestima inadequada das áreas humanas, à negação de participar de propostas de modernização com dignidade, tudo isso compromete o contexto universitário - principalmente quando o assunto são as humanidades.

E, a respeito disso, Marilena Chauí - a "[Top 10 Science](#)" já fez uma importante reflexão:



"Sobre elas [as humanidades] é dito que se comprazem no trabalho artesanal na época do xerox e do computador, que são extremamente individualistas, nunca chegando a apresentar projetos e programas de ensino e pesquisa interdisciplinares; que nelas é maior a imperdoável mitificação, segundo a qual ensino e pesquisa seriam inseparáveis; que nelas é maior o número de malandros falantes que passam o tempo a enganar os alunos, direções universitárias e a sociedade em geral; [...] que são cursadas por alunos que já se formaram em ciências ou tecnologia e que as procuram apenas para completar sua formação intelectual; que não chegaram a formar uma tradi-

ção cultural nacional ou regional e que sua "massa crítica" é majoritariamente formada por professores que as praticam em busca de salário, prestígio e vedetismo, oscilando entre a rotina e o malabarismo, disso sendo prova o nível de evasão nos cursos de humanidades e a pouca importância das pesquisas realizadas."¹⁰

Ou seja, resumindo tudo - e lembrando algumas frases de Marilena - no senso comum acadêmico, as humanidades são definidas como "peso morto, como lugar da letargia e do desperdício". Resumiriam-se, se tudo continuar como está, a "uma proposta precisa: cortá-las ao máximo, para que sirvam ao mínimo necessário". E, talvez, toda esta circunstância esteja atrelada a um contexto de insatisfação histórica em que propostas de modernização estão sempre ligadas aos interesses empresariais e

¹⁰ CHAUI, 2004, p.108.

capitalistas, distanciando a universidade do que lhe é constitutivo: os saberes e sua história. Negar que as divergências sejam fecundas é atribuir-se a surdez acadêmica. "Instalou-se entre nós uma prática perversa, a da surdez. Há, pelos campi universitários, absoluta incapacidade para ouvir a palavra alheia, dar-lhe atenção, medi-la confrontar-se com ela". É possível que o primeiro passo seja redefinir o poder na universidade, bem como na pesquisa; aliás, "cá pra nós": a pesquisa é outra questão a ser discutida no âmbito acadêmico das humanidades. Sabe o que a "top" diz a respeito disso? Veja só:



"[...] o que seria a produtividade das humanidades? Número de publicações? Que nos deem, então, gráficas e editoras universitárias, já que não podemos ficar à mercê do mercado editorial, cujos critérios não são os nossos e que nos deixariam altamente improdutivos. Mas publicações traduzem verdadeiramente nosso trabalho? O melhor que fazemos não leva décadas até que sintamos valer a pena publicar? Que fazer com os anos de trabalho silencioso? Não se traduziram nas aulas que ministramos? Como medir a produtividade das aulas?"¹¹

É por isso que cabe ao momento de agora, com a máxima urgência, compreender as IES não somente a partir "de seus insumos e produtos, mas também como um conjunto de instituições que responde tanto às demandas e restrições que vêm de fora quanto à sua dinâmica interna, que depende dos valores, da cultura e das práticas de seus membros" - já dizia Simon Schwartzman...

VIVENDO COMO NOSSOS PAIS...

Mais um dia amanheceu. Mais uma oportunidade pra fazer diferente. Será?! Às vezes a gente se parece tanto com o eu lírico da canção de Elis: "...ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais..."

Lembrei desse contexto porque me vejo reproduzindo, enquanto cidadã da Cidade Sem Vez, atitudes de gerações acadêmicas anteriores, nos mesmos moldes, com as mesmas metodologias, sobre os mesmos assuntos, com a mesma raiva de escrever sobre algo do qual não se gosta, no qual não se acredita... Portanto, eu acredito ser importante, para qualquer morador da Cidade Sem Vez, uma conversa com outros povos. Por que não ouvimos outras línguas, não admiramos outras culturas e não nos aprimoramos com outras ideias?

É por isso que tenho proposto, como filosofia de vida, na Temple of the Academy onde moro há alguns anos, a conversa entre áreas. Em espe-

cial, nesta minha última viagem acadêmica, sugiro o diálogo entre três disciplinas (ou campos de conhecimento): a Educação, a Filosofia e a Geografia. Porque qualquer assunto, quando se torna interdisciplinar, estabelece o jogo da costura que uma disciplina tece com a outra, cada qual com seu fio, sua cor e sua textura: aparentemente, ninguém nota a sobreposição dos fios mas, no final, vê-se a peça pronta, perfeitamente útil e lógica. É assim que se percebe, por exemplo, a leitura intra/transdisciplinar que a prof^a Maria Isabel da Cunha faz da temática da "territorialidade" no Ensino Superior a partir do conceito de "espaço" e "rede" do geógrafo Milton Santos. Pra "Mabel", discutir a noção específica de *Espaço, Lugar e Território* na experiência da universidade vai além de conceitos educacionais e geográficos: transita-se, também, pelo papel filosófico do sujeito, o qual demarca seu *território*:

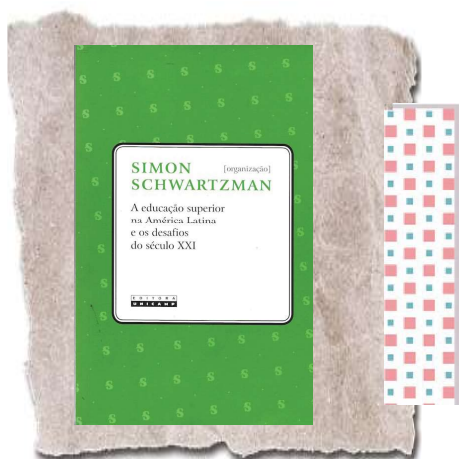
"A dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar [...]. O espaço se transforma em lugar quando os sujeitos que nele transitam lhe atribuem significados. O lugar se torna território quando se explicitam os valores e dispositivos de poder de quem atribui os significados"¹²

E em se falando, especificamente, das IES - estas, que precisam funcionar corretamente para que continuem a ser instituições de referência - é imprescindível que as comunidades profissionais que as constituem comprometam-se com o seguinte "processo de territorialização":



FOTO: [HTTP://REVISTASUNESINOSGR/INDEX4P/EDUCACAO/ARTICLE/VIEW/5324](http://REVISTASUNESINOSGR/INDEX4P/EDUCACAO/ARTICLE/VIEW/5324)

MARIA ISABEL DA CUNHA



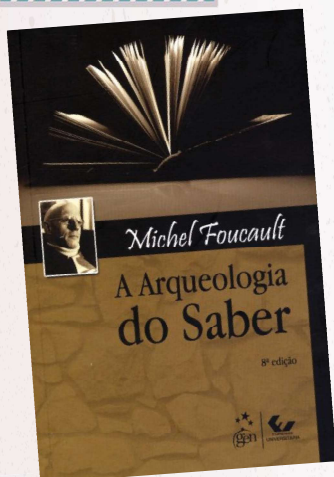
- ✓ "Compartilhem um sentimento de pertencimento;
- ✓ Procurem proteger sua autonomia intelectual e profissional ante as demandas de governos, Igrejas, clientes e da opinião pública;
- ✓ Sejam capazes de justificar a posição especial na sociedade pelos resultados de seus trabalhos na atividade intelectual, na pesquisa e na educação."¹³

¹² CUNHA, 2015, P.185.

¹³ SCHWARTZMAN, 2011, P.3.

Mas seria isto possível - a *territorialização* na experiência da universidade - no contexto universitário brasileiro, o qual acabei de desvendar? Se é o homem o responsável por transformar o *Espaço* em *Lugar* quando lhe atribui significados; e se é o mesmo homem que transforma *Lugar* em *Território* quando explicita seus próprios valores e dispositivos de poder, não poderia um Grupo de Pesquisa no Ensino Superior, por exemplo, ser a voz libertária do sistema já instituído? Um paladino da *Cidade Sem Vez*? Afinal, quem está no poder ou, melhor, quem é o poder numa universidade brasileira da contemporaneidade? Quem é o "prefeito" da *Cidade Sem Vez*?

Pensando aqui comigo, não posso deixar de me lembrar que em quaisquer instituições há tensões entre o que é escrito - ou seja, o que as pessoas deveriam fazer - e as práticas dessas pessoas; e ambas as situações estão por conta da capacidade da liderança institucional e da liderança administrativa se ajustarem umas às outras. E havendo tensões, há que se falar sobre a luta pelo poder e aqui não é referido o poder repressor não, conhecido assim pelo censo comum; mas do poder como teia de interesses, de ambas as partes, aquele que se identifica em todas as instâncias sociais, como descreve Foucault - uma entidade intelectual e "importada da França" muito respeitada na *Cidade Sem Vez*:



"Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir."¹⁴

Ou seja, as relações de poder - e ele mesmo - são muito mais que meras castradoras: são produtoras, prazerosas e discursivas. Tanto é que, por mais dicotômico

que pareça, há uma dose de um "querer obedecer" mesmo que se esteja "pronto para dominar", exatamente como descreve Hey:

"Os agentes que compõem o espaço de produção acadêmica passam a compor também um jogo no qual o político é que determina suas regras. Mesmo quando não são equipados para tal empreitada, submetem-se às normas impostas pela concorrência e pelas normas de produção mais eficientes, ditos mais dotados de força política. De fato, estabeleceu-se um jogo no qual os agentes foram envolvidos, aceitando suas regras, e àqueles que são contrários a esse jogo é vetada a participação em tal espaço."¹⁵

Além disso, nos anos 1970, Foucault também já lançava luz, sob a ótica da Filosofia, sobre a circunstância da universidade contemporânea:

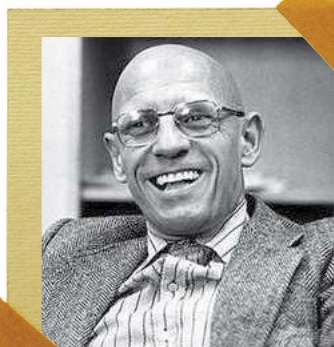


FOTO: PT.WIKIPEDIA.ORG/WEK/NICHEL
FOUCAULT#/MEDIA/FILE:FOUCAULT5.JPG

MICHEL FOUCAULT

"A causa da transformação da universidade e do ensino em regiões ultrasensíveis politicamente acha-se sem dúvida aí. A chamada crise da universidade não deve ser interpretada como perda de força, mas, pelo contrário, como multiplicação e reforço de seus efeitos de poder no meio de um conjunto multiforme de intelectuais em que praticamente todos são afetados por ela e a ela se referem."¹⁶

Bem... Acho que é por isso que me levanto todos os dias, vivo minha vida um dia de cada vez e, ao final da lida nessa Cidade Sem Vez, escrevo este diário... É que, por vezes, esta cidade tem seus mecanismos de controle e quando escrevo assim, livre das expectativas do outro, permito que as ideias voem, sinceras, honestas, incontidas. E foi numa destas minhas "viagens" que me lembrei da pequena ilha que pertence ao arquipélago *Pesquisandus Correctus* - no território da Cidade Sem Vez - a *GPESlandy*; uma ilha cujos habitantes dedicam-se à pesquisa como fonte de sobrevivência. Comecei, então, a alimentar a ideia de conhecê-la mas, pra isso, precisaria traçar uma rota.

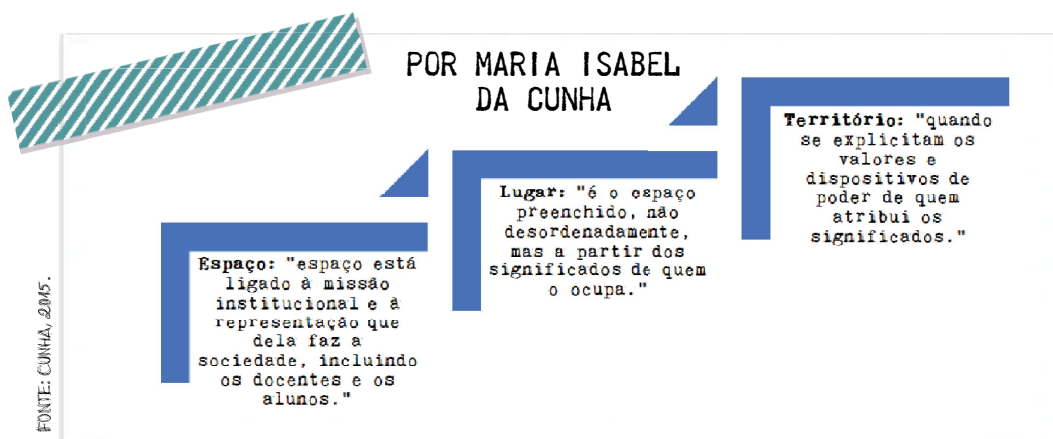
Foi então que iniciei minha busca por informações sobre a origem dessa ilha, sobre o perfil de seus moradores e sobre o melhor trajeto a fazer até eles. Curioso é que, durante meus levantamentos, vários moradores da Cidade Sem Vez me perguntaram: "Mas, escuta, você acha que esse povo aí, pequenininho do jeito que é, tem complexidade pra tudo isso, pra uma viagem dessas? É interessante ir até lá? Dá pra aprender alguma coisa com eles?"

¹⁵ HEY, 2008, P. 50.

¹⁶ FOUCAULT, 2012, P. 47.

Pra estes questionamentos minha resposta era sempre a mesma: "Olha, eu só sei que neste arquipélago há várias dessas ilhotas. Todas foram colonizadas pelo mesmo colonizador. Mas cada uma tem suas particularidades e são esses pormenores que desejo conhecer."

Assim sendo, a partir de agora, começo a angariar material que me dê segurança pra viajar até a *GPESlandy* e acho melhor pensar em me sugerir uma escuta que atente para a riqueza humana e temporal dos trajetos de *GPESlandy* - uma ilha que se dedica à prática da pesquisa. Preciso observar as táticas, as resistências e os valores aclamados por ela ao descobrir-se como um Espaço, transformar-se num *Lugar* e chamar-se por *Território*. Nomenclaturas estas que podem ser resumidas por viajantes mais experientes que eu, como Maria Isabel da Cunha (na área da Educação) e Milton Santos (na área da Geografia). Estes são desbravadores cheios de bagagem, cujos relatos encontrei na Biblioteca Municipal da *Cidade Sem Vez*, os quais atrevo-me a compartilhar aqui:



Resumindo, aquilo que Milton Santos traz, em 1996 - quando da primeira edição de sua obra "A natureza do espaço" - a respeito dos conceitos geográficos de *Espaço*, *Lugar* e *Território*, Maria Isabel

da Cunha trabalha sob a perspectiva pedagógica, alguns anos depois, em 2008. A partir daí, podem-se traçar paralelos inumeráveis sobre um único recorte: o **Território** é pressuposto da **Identidade**; e refiro-me à **Identidade Coletiva**. Grafo com maiúscula as três expressões porque são elas que vão nortear minha viagem à *GPESlandy*; serão minha bússola ao observar esse povo, serão minhas lentes na tentativa de compreendê-los porque estarei sempre calcada na ótica do **Coletivo**. Talvez seja por isso, inclusive, que não me ative a outro geógrafo que não o Milton Santos. Há outros estudiosos de *Espaço* e *Território* na Geografia. A questão é que: ou tratam destes termos a partir de uma geografia física e não social; ou não costuram os conceitos de *Espaço* e *Território* à Globalização e suas incontáveis variáveis. Esta última, segundo Milton, não podia ser negada - porque já é uma realidade - mas ele lutava por uma "outra" Globalização que, nada mais era, do que a construção de um sistema teórico que permitisse elaborar outra maneira de congregiar pessoas em escala internacional. Ou seja, ele propunha a solidariedade como medida para a relação, que deveria ser praticada em prol da cidadania. Na verdade, ele seccionou o conceito em três expressões: "globalização como fábula" (como ela nos é contada); "globalização como perversidade" (como ela realmente acontece); e "globalização como possibilidade", explorando a ideia de uma "outra" globalização.

Foi então que pensei que este último conceito poderia ser correlacionado à *GPESlandy*, no sentido de que esta era uma Ilha de Pesquisa que almejava a relação com Redes de Pesquisa, dentro de um processo interdisciplinar. Uma "outra globalização acadêmica"... Enfim...

Não pretendo observar os indivíduos mas, sim, a **Identidade Coletiva** gerada a partir deles e à qual eles pertencem; quero compreender os "trânsitos", as formas de movimentação social que compõem *GPESlandy*: uma ilha pertencente ao arquipélago *Pesquisandus Correctus*. Deve haver elementos que convergem, na *GPESlandy*, para uma "alma oculta de um movimento"; deve haver inúmeros fatores que originam uma "personagem coletiva" lá; aliás, a *GPESlandy*, da ma-

neira como se constitui hoje, na Cidade Sem Vez, configura-se como os movimentos sociais descritos, estes, por Alberto Melluci - professor do Departamento de Política Social da Universidade dos Estudos de Trento/Itália e com o qual "conversei" em viagem passada:

"[...]defino, analiticamente um movimento social como uma forma de ação coletiva

- (a) baseada na solidariedade,
- (b) desenvolvendo um conflito,
- (c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação."¹⁷

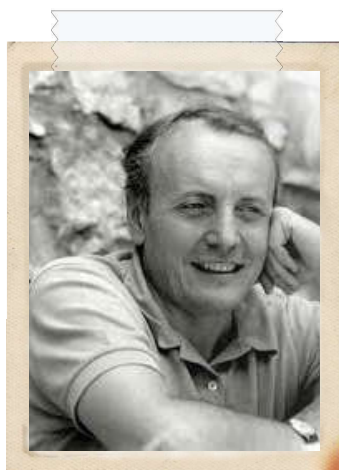


FOTO: [HTTP://WWW.TL.PONTE.COM/IL-SOCIOLOGO-RINI-NESE-CHE-ISTIANA-BAUNAN/](http://www.tl.ponte.com/IL-SOCIOLOGO-RINI-NESE-CHE-ISTIANA-BAUNAN/)

ALBERTO MELLUCI

Então, estou partindo do pressuposto, nesta viagem, que as auto-imagens dos integrantes da *GPESlandy*, quando colocadas no espaço de outras ilhas semelhantes a ela, tornam-se "diluídas", ficam amalgamadas às **Memórias Coletivas** do espaço-tempo da *Cidade Sem Vez* e o ato de nela pesquisar. É sobre esta memória conjunta, originadora de uma identidade conjunta, que se debruça o interesse por esta viagem, sua motivação. Mesmo porque, entende-se que só se constrói **Identidade Coletiva** a partir de uma **Memória Coletiva**; esta, por sua vez, é aquela galgada nos aspectos públicos da pessoa, inclusive em lugares fora do espaço-tempo dela, constituindo um lugar importante para a memória do grupo, exatamente por pertencerem a este grupo.

É como muito bem define Michael Pollak, um sociólogo austríaco que, numa conferência aqui no Brasil, disse o seguinte:

"Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo [...] o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência."¹⁸

MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL

Michael Pollak

Por isso que é nesse caminho que vou andar, o da **Identidade Coletiva**. A partir de minha viagem desbravadora à *GPESlandy*, meu olhar estará posto sobre um viés coletivo, que eu vou descrever numa espécie de "diário pessoal de viagem", numa tentativa de reforçar o reconhecimento de uma Identidade Coletiva nesse povo. Aliás, dia desses, conversando com meu querido Antônio, ele me contava sobre seu interessante trabalho com formação continuada de professores - que, por sinal, também dialoga, sem sombra de dúvida, com o perfil dos habitantes da ilha que desejo visitar. Ele me disse:

Stella, tenho certeza de que "[...] a formação contínua de professores já não se concebe hoje limitada ao professor individual, mas abrange as dimensões coletivas, profissionais e organizacionais."¹⁹



FOTO: WWW.CAPAZES.PT/DESTAQUES/
ENTREVISTA-A-ANTONIO-SAN-
PAULO-DA-NÓVOA/

ANTÔNIO NÓVOA

Essa fala dele mostrou pra mim a relevância do uso das narrativas grupais como ferramentas que permitem o transformar do "*Espaço*" em "*Lugar*" e do "*Lugar*" em "*Território*". Ou seja, pra que eu compreenda com maior clareza o povo que estou indo visitar, acredito que seriam as narrativas

espontâneas dos moradores dessa ilha o caminho para o encontro com as experiências grupais vividas por eles em suas reuniões tribais. Imagino quanto material interessante eu não traria dessa aventura...

¹⁸ POLLAK, 1992, PP. 200-212.

¹⁹ NÓVOA, 1994, P.23.

- ✓ Três diários de outros três viajantes brasileiros, referentes a três outras viagens: Marilena Chauí, Maria Isabel da Cunha e Milton Santos; com eles terei maior clareza para compreender os processos sociais desse povo, o que não desabilita minha conversa com outros "amigos";
- ✓ Um calendário para eu não me perder no cronograma da viagem;
- ✓ Uma lupa e um gravador, para eternizar o que verei e ouvirei dos 16 moradores da ilha quando tratarem de suas demandas e conquistas;
- ✓ Uma pré-disposição para lidar com a multiplicidade com a qual me encontrarei ao chegar lá, já que lidarei com vários gêneros discursivos que, segundo uma especialista no assunto, nada mais são do que



LEONOR ARFUCH

FOTO: [HTTP://WWW.PROPPTI.OFF.BR/CIBERLEGENDA/0-ESPA%C3%A7O-BIOGR%C3%A1M_CO](http://www.proppti.off.br/ciberlegenda/0-ESPA%C3%A7O-BIOGR%C3%A1M_CO)

"Agrupamientos marcados constitutivamente por la heterogeneidad y sometidos a constante hibridación en el proceso de la interdiscursividad social, y también la consideración del otro como figura determinante de toda interlocución."²⁰

É muito importante dizer para mim mesma, nessa altura do planejamento da viagem, que vou precisar me valer do pensamento de um intelectual a quem prezo muito, desde os tempos de faculdade: Mikhail Bakhtin. Foi com ele que comecei a pensar de modo dialógico, aberta a ver num único texto uma

multiplicidade de outros discursos, observando os sujeitos como "seres habitados pela alteridade da linguagem". Acredito que ele, Bakhtin, reitera o pensamento metodológico desta viagem (auto)biográfica - tanto nas (entre)vistas dos moradores da *GPESlandy* quanto no meu diário pessoal - à medida em que enxerga a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas como um sistema autônomo. E se há, indiscutivelmente, um espaço em que a Cidade Sem Vez dialoga - ou, ao menos, deveria dialogar - este é o do arquipélago *Pesquisandus Correctus*.

Pensando bem, tendo acesso a outros diários de viagem relativos a outras ilhas de *Pesquisandus Correctus*, percebo que a maioria deles tem um recorte acentuadamente "exterior" aos próprios espaços. Costumam tratar de tabulações das temáticas de publicações; do número de publi-

cações; de estatísticas de inovações científico-acadêmicas; enfim, de medições de rendimento. Relatos de diários como esses são facilmente levantados quando a ilha visitada tem muito tempo de existência, quando já foi descoberta há anos...

Longe de serem irrelevantes, estas informações, entretanto, não dão conta das demandas de um povo em formação - que precisa de um "olhar especial" no sentido da percepção de movimentos de auto compreensão do "fazer pesquisa", do "ser pesquisador", da fundamentação epistemológica que embasa uma atividade como essa. Debruçar-se sobre *rankings*, num primeiro momento da viagem, não facilita a compreensão dos tipos de valores coletivos que estão em jogo neste espaço de formação que é a *GPESlandy*.

EU E MINHAS PERGUNTAS...

Ansiosa que estou pra partir, só penso nisso dia e noite. Começo a me questionar, então, sobre uma série de coisas e algumas perguntas começam a pipocar na mente - como, por exemplo, sobre a origem de *GPESlandy*. Quero conhecer o olhar único da ilha, compreender o papel de um lugar como esse e do porquê ele foi instituído como tal - um lugar de pesquisa. Sem esse "tatear de terreno", não é possível que se dê a "territorialização" desse lugar de formação; portanto, "quanto se produz?", "onde se publica?", "a quantos congressos se vai?", "qual a classificação da revista para a qual se escreve?", são questões relevantes, mas que só fazem sentido depois que a ilha já entendeu seu propósito, sua função enquanto "nação". Se isso ainda não aconteceu, não se tem um *Território*, muito menos a *Identidade Coletiva*, mas, sim, um *Espaço*, meramente. E se de um *Espaço* caminhamos para um *Lugar*, outro cuidado se requer: o de não permitirmos que o automatismo e a falta de reflexão coletiva tome conta de *GPESlandy*. Esses são dois polos a serem evitados: o desconhecimento de si - individual e coletivo; e o acionamento do "piloto automático" para produção acadêmica por conta dos *ranking's*.

Acho que é importante considerar que *GPESlandy* é uma tribo iniciante, de cunho prioritariamente interdisciplinar - ou seria MULTIdisciplinar? - (há professores-pesquisadores de diversas áreas do conhecimento: Engenharia, Letras, Pedagogia, Geografia, Física, Química, Música) e esta característica - a interdisciplinaridade - não é negar a *Identidade Individual*. Muito pelo contrário: é uma alavanca para a construção da *Identidade Coletiva*, visto que a Identidade será construída, inicialmente, pelas áreas distintas e, num segundo momento, pelos interesses comuns de uma comunidade que estuda e fala o dialeto da Pedagogia Universitária. De fora para dentro, numa construção coletiva, *multi*, *trans* e *interdisciplinar*. Cada prefixo desse traz uma significação diferente, uma semântica peculiar; portanto, uma intencionalidade diferente se tem ao lançar mão de um deles. Acredito que, ao final do meu trajeto, conseguirei identificar com qual deles trabalha a tribo de *GPESlandy*.

E é, aliás, por conta desse contexto que surgem algumas perguntas enquanto elaboro minha rota de viagem:

- ✓ até que ponto a qualidade da produção de lugares como a *GPESlandy* é medida pelo número de artigos que eles publicam ou por quantas vezes são citados em outro artigo?;
- ✓ existe a possibilidade de uma ilha como a *GPESlandy*, pertencente à Nação CNPq, ser, efetivamente, um grupo de estudo e não de pesquisa?;
- ✓ se isso se configurar um fato, por que acontece?;
- ✓ é possível um *lugar* como esse - uma Ilha de Estudo e de Pesquisa - tornar-se um *Território*, apropriando-se do resultado de suas pesquisas e produzindo conhecimento, além de compartilhá-lo?

E enquanto me indago sobre isso, concomitantemente me vêm algumas hipóteses:

- ✓ pode ser que haja Ilhas de Pesquisa que não produzam pesquisa; produzam conhecimento interno;
- ✓ se as Ilhas de Pesquisa não produzem e nem compartilham conhecimento científico, então não se configuram como ilhas de pesquisa, segundo a Nação CNPq;
- ✓ a (sobre)vivência de uma Ilha de Pesquisa é frágil, porque está associada às pesquisas ditas "reconhecidas" que, por sua vez, recebem verbas das agências de fomento somente se seu teor interessar ao mercado - acadêmico ou industrial;
- ✓ é possível que uma Ilha de Pesquisa se transforme de *Lugar* em *Território*, caso alinhe seus interesses às demandas atuais da *Cidade Sem Vez* (que parecem ser mais econômicas que acadêmicas) e fortaleçam seus moradores por meio da própria inovação na pesquisa e de ações interdisciplinares com a pesquisa de outras áreas.

Depois dessas elucubrações todas, estou disposta a observar e entender a dinâmica da Ilha de Estudo/Pesquisa *GPESlandy*, a partir da constituição da Nação CNPq, datada de 1951, para todo e qualquer povo que pesquisa. Então, está decidido que vou:

- ✓ descrever a expectativa da Nação CNPq quanto às ilhas de pesquisa no Brasil;
- ✓ observar uma Ilha de Pesquisa em construção (*GPESlandy*) durante alguns meses;
- ✓ descrever as atividades acadêmicas desta Ilha de Pesquisa, (congressos, publicações, estudos, reuniões);
- ✓ comprovar ou refutar as hipóteses que enumerei agora há pouco, a partir do que for observando na viagem à ilha.

Mas, afinal, as Ilhas de Pesquisa brasileiras o que são? Que papel ocupam no cenário do Ensino Superior? No campo da Educação Superior, muito se pesquisa sobre as demandas docentes e discentes, as quais englobam desde questões da *práxis* educativa até reverberações políticas e econômicas a partir da experiência destes dois atores sociais - e sobre isso entenda-se: currículo; avaliação; ensino-aprendizagem; pesquisa; leitura; gênero; inclusão; exames oficiais; universidades públicas e privadas; e por aí seguem outros recortes.

Entretanto, pouco se toma como *Lugar* de visita as próprias Ilhas de Pesquisa (IP's); estas que, de algum modo, caracterizam o Ensino Superior e "marcam território" (ou, deveriam fazê-lo) no campo da investigação, da reflexão e da inovação, tanto dentro do Temple of the Academy quanto fora dele. Sendo assim, no que consistiria uma Ilha de Pesquisa, afinal? Quem a forma? Como se organiza? O que "deve" produzir? Quais resultados tem colhido? Que contribuições tem trazido à linha de pesquisa à qual se subordina? Enfim, basicamente haveriam de ser respondidas três questões: a) o que caracteriza o fenômeno das Ilhas de Pesquisa?; b) o que está acontecendo, neste momento histórico, nas Ilhas de Pesquisa?; c) como têm evoluído as Ilhas de Pesquisa e o que embasa tal evolução?.

Mas estas Ilhas só existem por conta da Nação CNPq, que fomenta a pesquisa científica e tecnológica e incentiva a formação de pesquisadores brasileiros dentro das Ilhas de Pesquisa, pertencentes ao arquipélago *Pesquisandus Correctus*, dentro do território da Cidade Sem Vez. Então, resolvi vasculhar algumas referências sobre essa nação, no museu da cidade. Em meio às papeladas antigas e desgastadas, encontrei a definição de Ilha de Pesquisa:



Um grupo de pesquisadores, estudantes e pessoal de apoio técnico que está organizado em torno à execução de linhas de pesquisa segundo uma regra hierárquica fundada na experiência e na competência técnico-científica. Esse conjunto de pessoas utiliza, em comum, facilidades e instalações físicas.

Observa-se que a definição posta pela Nação CNPq é de cunho técnico e não dá conta de descrever uma Ilha de Pesquisa a partir das inúmeras conexões - interpessoais, acadêmicas, pedagógicas - que este estabelece ao longo dos trabalhos que realiza. É por isso que acredito em minha viagem; na importância dela... Tenho muito interesse por esse nicho da Cidade Sem Vez, do Temple of the Academy; preciso observá-lo, investigar sua retroalimentação no processo de pesquisa e compreendê-lo como território demarcado e produtivo.

Portanto, para que não se corra o risco da *GPESlandy* se perder "na repetição cansativa dos dias" ou nos "desfalecimentos da memória"

(Graaaaande Arfuch!!), essa viagem se justifica. E é por causa das demandas da Nação CNPq - "cliente" cada vez mais exigente da Cidade Sem Vez - e/ou das ocorrências próprias da pesquisa acadêmica - que as narrativas vivenciais se encaixam como a renovação e o sustento do "*Território GPESlandy*".

#aconfirmar

#nofimdaviagemeuvoitopracá

O ECOSSISTEMA DE *PESQUISANDUS CORRECTUS*

Pronto. Já estou mais próxima do contexto da Cidade Sem Vez, mas agora preciso entender melhor um importante ecossistema do arquipélago "*Pesquisando Correctus*": o Bioma Pós-graduação. Sei que corre um senso comum pelas grandes mídias da Cidade Sem Vez a respeito da Educação, de forma geral. Dia desses eu estava saindo para um congresso em outra ilha do arquipélago e vi, pelos outdoors, as seguintes imagens:



Percebi nelas um discurso coletivo a partir do qual a Educação - e não somente o professor - é vista: de papel secundário, não primordial; de complemento, não de base. Aliás, este pensamento de Educação como algo periférico, pode também estar associado a outras ideias igualmente sugestivas e denunciadoras sobre o assunto, como vi em propagandas eletrônicas aos montes:





Num olhar mais específico sobre Educação, tratando-se do Bioma Pós-graduação, o "não-dito" dos textos acima enuncia o discurso de que "a pós-graduação prepara para o *mercado de trabalho*"; que a "tendência é a pós-graduação *profissional* em detrimento da acadêmica", apoiada pela CAPES,

inclusive; ou, ainda, que "a pós-graduação é investimento de *curto prazo*", como pode ser constatado, inclusive, no banner abaixo:



FONTE: BRAZCUBAS, 2017 - HTTPS://WWW.BRAZCUBAS.BR/POS6MESES_BANNER-SITE-3/

Pensando alto aqui... Estes discursos não se descrevem desta maneira de forma gratuita: as campanhas publicitárias sobre a necessidade do Ensino Superior expressam, tanto por parte da procura quanto por parte da demanda, interesses associados ao ganhar tempo, ao mercado de trabalho e à validação da pós-graduação por órgãos vinculados ao Ministério da Educação. Consequentemente, se entendermos a pós-graduação como um espaço acadêmico de embates/lutas, é porque este "diz respeito a um universo de ação socialmente construído, *lôcus* de afrontamentos visando conservar ou transformar as relações de força entre os pesquisadores dotados de recursos diferentes", como dizia minha amiga Ana Paula Hey.

[Nossa... esse assunto me lembrou da Ana... que saudade da Ana Paula!! Ana Paula Hey. Desde 2008 que não vejo aquela amiga-professora tão querida, com quem aprendia tanto, a cada bate-papo... Foi pra São Paulo, pesquisar na USP, e não tem tido tempo pra mais nada... Entendo. Mas ainda me lembro da última conversa que tivemos lá na UFSCar, enquanto ela fazia seu doutorado e compartilhava comigo suas descobertas nas alamedas da universidade... Que privilégio...]

Ela dizia que, em verdade, os pesquisadores "criam seu espaço de produção acadêmica, ao mesmo tempo em que este os determina", isso sem contar que espaço de luta representa espaço de poder e, para exercê-lo, não resta apenas ditar - ou ditatoriar - regras, "sins" e "nãos",

mas, deter diferentes espécies de capital que conferem ao pesquisador a possibilidade da luta pelo poder.

Exemplos destas situações - pesquisadores com diferentes espécies de capital - estão nas falas dos agentes entrevistados para a corajosa pesquisa da minha amiga Ana Paula, professora na FFLCH (USP). Os campos disciplinares escolhidos por ela foram os da Educação e o das Ciências Sociais, principalmente pela tradição histórica que estes apresentam em seus estudos; entretanto, curiosamente, a pesquisa dela constatou que "os grupos considerados na posição de *dominados* no espaço da produção temática são aqueles constituídos por agentes geralmente ligados ao campo disciplinar da Educação", o que não se percebe com os pesquisadores das Ciências Sociais. Eu lembro que na época, lá pelo ano de 2008, ela me disse:

Stella, minha amiga... "Você sabia que tem mesmo uma tentativa explícita de contraposição ao grupo dominante, representada por uma rede de pesquisadores unidos em torno da análise da produção na área e no estabelecimento de uma agenda acadêmica?[...] Mas a lógica dos pesquisadores - que envolve vários grupos de pesquisa - não supera o nexos já imposto pelo grupo dominante, o que torna a tentativa de inversão do jogo pelo poder do espaço, ou melhor, pelo poder da determinação das políticas públicas para o setor, sem possibilidades reais de êxito". Entendeu?²¹



ANA PAULA HEY

Quando ouvi isso da Ana, percebi que há uma "disputa interna" entre as próprias Ilhas de Pesquisa (será que é por isso que são Ilhas??!!); uma batalha entre *Grupos Dominantes* e *Grupos Dominados* (nomenclatura da Ana, em 2008) - como nas disputas históricas entre ciência hard e ciência soft, aliás - a qual acontece com a intenção de impor os próprios discursos sobre a Educação Superior válidos academicamente, "cujos enunciados são entendidos como tomadas de posição dos acadêmicos em relação a seu próprio universo de práticas sociais".

Eu lembro que, ainda lá, em 2008, a Ana Paula abriu seu diário de pesquisa, todo anotado e sublinhado, e me mostrou um levantamento sobre os tais Grupos Dominantes e Grupos Dominados. Achei aquilo tão interessante que tirei foto do celular, imprimi, fiz uns grifos meus e coleí o material nessa minha construção de rota pra conhecer *GPES-landy*. E está aqui o paralelo:²²

²¹ HEY, 2008, P. 47.

²² HEY, 2008, P. 44-45.

GRUPOS DOMINANTES E GRUPOS DOMINADOS EM AMBIENTE DE PESQUISA INSTITUCIONAL

GRUPOS DOMINANTES	GRUPOS DOMINADOS
"O grupo dominante do espaço de produção acadêmica em Educação Superior monta um aparato acadêmico para realizar estudos e pesquisas da situação geral do sistema de Educação Superior e de sua avaliação [...] Em seguida, a pós-graduação, sendo um sistema autônomo em relação à Educação Superior, e a profissão acadêmica também vão compor a agenda de pesquisas do grupo. A ênfase recai na produção de dados, ou seja, na produção da realidade conforme os interesses da visão de mundo social forjada pelos agentes. Essa estratégia acadêmica é imbuída de uma lógica expressamente política, qual seja, a da realização de uma ampla avaliação diagnóstica da situação da Educação Superior (e depois do sistema de pós-graduação) para posterior e concomitante reforma do sistema."	"Os grupos considerados na posição de dominados no espaço de produção da temática são aqueles constituídos por agentes geralmente ligados ao campo disciplinar da Educação. Há mesmo uma tentativa explícita de contraposição ao grupo dominante, representada por uma rede de pesquisadores unidos em torno da análise da produção da área e no estabelecimento de uma agenda acadêmica. [...] Entretanto, a lógica dos pesquisadores - que envolve vários grupos de pesquisa - não supera o nexo já imposto pelo grupo dominante, o que torna a tentativa de inversão do jogo pelo poder do espaço, ou melhor, pelo poder da determinação das políticas públicas para o setor, sem possibilidades reais de êxito."

Resumindo: parece-me que o Grupo Dominante tem seu foco na Avaliação, o que, de certo modo, o põe em um "lugar" de exterioridade. Já o Grupo Dominado, detém-se num fazer educacional, no ensino, em saberes, estudos e pesquisas, o que os coloca como sujeitos da ação educacional. Este contexto se auto esclarece ao observarmos, por exemplo, as falas dos pesquisadores de ambos os grupos - Grupo Dominante e Grupo Dominado, respectivamente - segundo as categorias analíticas escolhidas pela Ana Paula:²³

²³ HEY, 2008, pp.55-65.

CATEGORIAS	PESQUISADORES (GRUPO DOMINANTE/GRUPO DOMINADO)	VOZES DOS AGENTES
1. A entrada na temática	Simon Schwartzman (Dominante)	"No final dos anos 70 estou na FINEP, fazendo um trabalho sobre ciência. Depois na UNESCO pesquiso de novo sobre isso, o Ensino Superior. Depois vou para a USP lá em São Paulo e me dedico mais especificamente..."
	Luis Antônio Cunha (Dominado)	"Mais ou menos em 1973 eu trabalhava na PUC-RJ e uma aluna me pede orientação sobre a temática de regime de créditos na universidade. Estava na UNICAMP em 80 e, em 81, teve uma greve contra a intervenção... talvez uma pesquisa participante ou pesquisa ação, sei lá."
2. O sistema de hierarquia entre os pares	Simon Schwartzman (Dominante)	"Fora do Brasil a densidade é maior; têm instituições dedicadas a isso (Ensino Superior). O mundo acadêmico é mais estruturado. Tem a rede europeia em Educação Superior, eu participei disso."
	Luis Antônio Cunha (Dominado)	"O espaço não é contínuo e a fragmentação leva a isso: a pessoa faz um livro e para. Não há continuidade no espaço, nem nas atividades."
3. A pesquisa e a política	Simon Schwartzman (Dominante)	"Tenho trabalhado com trabalhos mais independentes, assessorias, consultorias, escrevo artigos. Em Oxford, tem um centro brasileiro e uma das coisas que estou fazendo agora é um seminário sobre educação, que estou editando."
	Luis Antônio Cunha (Dominado)	"O que atrapalha o desenvolvimento da pesquisa é a politização de baixo nível de cultura política que nós temos. Uma politização de caráter muito sindical. Imagine fazer um artigo sobre a luta pelo poder nas universidades federais, isso vai ser terrível. Eu teria muito sucesso se eu escrevesse textos com receptividade sindical. Dá para vender livro, dá para receber muitos convites, mas isso não é pesquisa. Isso aí é outra coisa."

4. As associações de pós-graduação e pesquisa (Anped/Anpocs)	Simon Schwartzman (Dominante)	"A produção científica no Brasil é fraca. Uma das coisas que se poderia fazer é conectar com o circuito internacional da área. Tinha um conselho consultivo com gente de fora, dos Estados Unidos, da França... tivemos contribuição nessa ponte, nesse universo."
	Luis Antônio Cunha (Dominado)	"O GT da Anped é muito ruim... no GT de Ensino Superior eu não aprendi nada em três dias... eu sou exigente. [...] O GT da Anped é ruim, baixo nível, não inclui os pesquisadores da área e aí eu estou me incluindo, sem nenhuma modéstia. O campo educacional é um campo muito ideologizado. A gente sabe a resposta antes de fazer a pergunta. Mas a gente precisa pesquisar. E tem pergunta que não pode ser feita."
5. A participação no "governo"	Simon Schwartzman (Dominante)	"Em 1995 vou para o IBGE e saio do grupo. Nesse tempo do IBGE, eu realmente não fiz, não trabalhei muito sobre. Depois que saí, trabalhei com uma instituição americana (IELTS)."
	Luis Antônio Cunha (Dominado)	"Inserção em termos de atividade prática não me interessa. Meus colegas não me ouvem... aonde eu interfiro é aqui na política imediata... membro do CFCH e como membro do Conselho Universitário, na UFF também. Aliás, fui chefe uma vez do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, na UNICAMP. Então sempre no legislativo das universidades."
6. O "governo" atual	Simon Schwartzman (Dominante)	"O governo passado fez pouca coisa no Ensino Superior. O provão foi o mais significativo. Ele não conseguiu mexer com a estrutura... o problema da autonomia não avançou muito... bem, e agora com o novo governo, vai avançar menos ainda."
	Luis Antônio Cunha (Dominado)	Não há fala registrada deste acadêmico a respeito desta categoria na pesquisa de Ana Paula Hey.

Tomei a liberdade, depois de ler estas falas todas, de criar uma metáfora minha: a das disfunções "ótico-acadêmicas". Todos conhecemos as três disfunções da visão/ótica humana mais populares: miopia, astigmatismo e hipermetropia. Aproprio-me delas para introduzir o contexto desta minha viagem pra *GPESlandy*, a partir do momento em que qualquer membro do Temple of the Academy - docente, discente ou gestor - pode incorrer numa delas e nem ter consciência disso. São patologias que podem comprometer a Cidade Sem Vez e o Bioma Pós-graduação que aquela oferece, a partir de suas próprias Ilhas de Pesquisa (IP's), por exemplo. Explico-me:

✓ **MIOPIA acadêmica:** consiste na dificuldade de ver os problemas da Cidade Sem Vez ao longe. Enxergam-se perfeitamente os objetos próximos, mas as questões futuras podem aparecer desfocadas. Portanto, compreender a pesquisa como relevante para o futuro de todo um coletivo, de toda uma sociedade e não se apegar somente aos próprios interesses acadêmicos, seria um fator de "cura". Além disso, vale lembrar que a miopia está, normalmente, associada à genética. Ou seja, se há um "miope acadêmico" numa Ilha de Pesquisa (IP), por exemplo, é bem provável que tenha tido "modelos míopes" antes de si e que reproduza em outras "vistas saudáveis" mais uma geração de "míopes acadêmicos";

✓ **HIPERMETROPIA acadêmica:** neste caso, ao contrário da miopia, a dificuldade é o ver de perto, o que está desfocado é o objeto do hoje, do agora, seu próprio objeto de estudo. O contexto acadêmico à distância, no futuro, está bem definido; em relação a ele não há dúvidas sobre o que pesquisar, como, quando e porque pesquisar. Entretanto, numa IP, por exemplo, há tantos sobressaltos que precisam ser resolvidos imediatamente (créditos da pós-graduação, atividades complementares da pós-graduação, trabalho celetista para pagar a pós-graduação, participação e organização de congressos da pós-graduação, estágios da pós-graduação, demandas familiares, demandas econômicas) que se perde o foco do próprio objeto de pesquisa;

✓ **ASTIGMATISMO acadêmico:** este consiste na visão desfocada para olhar questões acadêmicas, tanto de perto quanto de longe. Resumindo: percebe-se que algo não vai bem, seja no presente ou no futuro; a curto ou longo prazo; mas não se sabe ao certo apontar o porquê. Assim como a córnea de um portador de astigmatismo ocular, aquele que sofre do astigmatismo acadêmico "distorce a luz" quando esta lhe é apresentada e, assim, as imagens que vê são desfocadas. Tal circunstância numa IP, por exemplo, impossibilita o pesquisador de observar os pequenos detalhes de seu próprio trabalho, o que compromete a eficiência do compartilhamento de suas descobertas para outras gerações num futuro próximo.

Se estas "inadequações oculares" acontecem, parece ser urgente a reorganização do Bioma Pós-graduação, porque é dele a competência da "pesquisa", do "ato de pesquisar", a obrigatoriedade de formar indivíduos "capacitados para construir ciência", reforçando o que escreveram, certa vez, Priscila Larocca, Ademir José Rosso e Audrey Pietrobelli de Souza sobre a pesquisa na área de Educação no Bioma Pós-graduação:



GRUPO DA LAROCCA

"(...) em se tratando da produção acadêmica, um dos mais relevantes desafios para os programas de pós-graduação consiste na busca de equilíbrio entre intenções compreensivas, avaliativas e propositivas, entre explorar, avaliar e intervir. Se a busca de relevância e maior rigor no processo de pesquisa é também uma meta política (Alves Mazzotti, 2001), os programas de pós-graduação devem abrir espaços para realizar pesquisas meta-analíticas de suas produções, contribuindo assim para gerar conhecimentos mais confiáveis na área da Educação."²⁴

Ou seja, aqui define-se um lugar indiscutível para se cumprir o propósito do Bioma Pós-graduação no Brasil: as Ilhas de Pesquisa (IP's). As avaliações institucionais (internas e externas), as verbas das agências de fomento, as atividades acadêmicas obrigatórias dos pós-graduandos e de seus professores-orientadores, se todos estes fatores estão atrelados às produções de suas Ilhas de Pesquisa (IP's), parece ser relevante conhecer este espaço, descrevê-lo e compreendê-lo para, quem sabe, fazê-lo migrar de *Espaço* para *Lugar* e de *Lugar* para *Território* e, finalmente, constituir/criar sua *Identidade Coletiva*.

É a partir desta premissa que se podem, portanto, reiterar alguns motivos para a realização da viagem que pretendo fazer à *GPESlandy*:

A. CARÊNCIA DE UM OLHAR "HONESTO" SOBRE UMA IP

Muito se fala sobre a quantidade de publicações das IP's, na tentativa de ranqueá-las (qual Ilha produz mais produtos; quais produtos são para exportação, quais são para importação...); mas pouco se sabe a respeito de sua constituição humana e muito menos das batalhas travadas na tentativa de solidificar uma IP no arquipélago *Pesquisandus Correctus* e de como tais circunstâncias interferem no ato de fazer pesquisa. Sabe-se, por inferência e instinto, que há questões ainda por se resolverem nas "vielas" de uma IP, mas isso é tangenciado, posto em segundo plano;

B. ILHAS DE PESQUISA (IP'S) OU ILHAS DE ESTUDO (IE'S)?

O fato de um grupo de pesquisadores (moradores do arquipélago *Pesquisandus Correctus*) se reunir frequentemente na Cidade sem Vez não confere, necessariamente, aos membros deste grupo, o status de pesquisadores. Se o conceito de pesquisa no Brasil está associado à publicações e/ou criação de patentes, então, "pesquisar" não é sinônimo - unicamente - de "estudar". E aqui, inclusive, se justifica a escolha do método, da rota escolhida para iniciar esta viagem - o método (auto)biográfico: este jeito de caminhar pode dar conta dos processos de subjetivação não percebidos no cotidiano da existência, nos atos sociais que acabam se tornando automáticos - principalmente no ambiente do Temple of de Academy, dentro de uma IP;

C. RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DE UMA IP PARA O BIOMA PÓS-GRADUAÇÃO

Parece que a essência do Bioma Pós-graduação se encontra na pesquisa, ou seja, na elaboração da ciência a partir de pós-graduandos (espécimes terrestres capacitados a construí-la) e isso vai muito além de transmissão e/ou reprodução da ciência; é na pós-graduação que, teoricamente, se forma um pesquisador e pode ser que, por uma série de interesses e necessidades outras, essa essência seja negligenciada.

Por tais fatores, identificam-se antecedentes que, de alguma forma, justificam o estudo debruçado sobre uma IP, especificamente: qual a situação da pesquisa brasileira?; o que a Nação CNPq espera das IP's brasileiras?; qual o perfil dos pesquisadores brasileiros, moradores dessas Ilhas?

Conheço um periódico, com muita saída aqui na Cidade Sem Vez, que circula por todas as bancas daqui: a revista *Pesquisa Fapesp*. Assino-a, inclusive... No exemplar de março de 2017 (ano 18, n. 253), numa reportagem de Fabrício Marques, achei um infográfico bem elucidativo, elaborado pela Academia de Ciências do Estado de São Paulo (Aciesp), referindo-se, especificamente, às 15 regiões administrativas do território paulista - abrangendo o período de 2002 a 2011 (lembrando que esta é a região na qual está inserida a *GPESlandy*, ilha que eu quero observar nesta viagem). Neste *Mapa da Ciência de São Paulo* - como foi chamado - vê-se, especificamente nas 15 regiões administrativas do estado de São Paulo, o que já se sabia: grande concentração de pesquisadores no eixo entre a capital paulista e Campinas, sendo que na Região Metropolitana de São Paulo tem-se o maior número de cientistas em quase todas as áreas do conhecimento, inclusive nas Ciências Humanas, com 51,27% dos pesquisadores do estado, como se vê na segunda página da reportagem:

A DENSIDADE DE PESQUISADORES

As vocações científicas de cada uma das 15 regiões administrativas de São Paulo, comparando a porcentagem da população local com a porcentagem de pesquisadores em algumas áreas de conhecimento

Metropolitana de São Paulo

51,27%
da população do estado

DESTAQUES
Ciências Sociais e Aplicadas, com 59% dos pesquisadores do estado; Ciências da Saúde, com 54,9% Linguística, Letras e Artes, com 54,3% e Ciências Humanas, com 51%

Campinas

9,17%
da população do estado

DESTAQUES
Ciências Agrárias, com 22% dos pesquisadores do estado; Engenharias, com 18,5% Ciências Exatas e da Terra, com 16,6% e Linguística, Letras e Artes, com 15,1%

Ribeirão Preto

5,76%
da população do estado

DESTAQUES
Ciências Agrárias, com 13,6% dos pesquisadores do estado; Ciências Biológicas, com 11,4% Ciências da Saúde, com 10,5% e Ciências Humanas, com 6,3%

Macrometropolitana

Região de Jundiaí e Sorocaba
6,4%
da população do estado

DIAGNÓSTICO
Densidade de pesquisadores limitada. Vai de 1,7% dos pesquisadores do estado em Ciências Exatas e da Terra até 2,6% em Ciências Humanas

Vale do Paraíba Paulista

5,48%
da população do estado

DESTAQUES
Engenharias, com 15,2% dos pesquisadores do estado; e Ciências Exatas e da Terra, com 10,8%

Piracicaba

3,33%
da população do estado

DESTAQUE
Ciências Agrárias, com 15,3% dos pesquisadores do estado

São José do Rio Preto

3,8%
da população do estado

DESTAQUE
Linguística, Letras e Artes, com 4,3% dos pesquisadores do estado

Araraquara

1,96%
da população do estado

DESTAQUES
Ciências Exatas e da Terra, com 15,3% dos pesquisadores do estado; Engenharias, com 14,2% e Linguística, Letras e Artes, com 7,9%

Itapetininga

2%
da população do estado

DIAGNÓSTICO
Densidade de pesquisadores muito baixa. Vai de 0,06% de pesquisadores do estado em Ciências da Saúde a 0,5% em Ciências Agrárias

Presidente Prudente

2,05%
da população do estado

DESTAQUES
Ciências Humanas, com 2,4% dos pesquisadores do estado; e Ciências Agrárias, com 2,1%

Anacatuba

1,69%
da população do estado

DESTAQUES
Ciências Agrárias, com 3,2% dos pesquisadores do estado; e Engenharias, com 2,4%

Assis

1,34%
da população do estado

DESTAQUES
Linguística, Letras e Artes, com 3,3% dos pesquisadores do estado

Marília

1,1%
da população do estado

DESTAQUES
Ciências Humanas, com 2,7% dos pesquisadores do estado; e Ciências Sociais Aplicadas, com 1,9%

Litoral Sul Paulista

1,12%
da população do estado

DIAGNÓSTICO
Densidade de pesquisadores muito baixa. Vai de 0% de pesquisadores do estado em Linguística, Letras e Artes até 0,5% em Ciências Agrárias

FONTE: MAPA DA CIÊNCIA DE SÃO PAULO / ACIESP

ILUSTRAÇÃO: MAURÍCIO PIERRO

Neste mesmo periódico, achei muito importante destacar também a fala do professor Renato Garcia, do Instituto de Economia da Unicamp, nesta reportagem, referindo-se às políticas que estimularam uma maior concentração da atividade científica e não uma descentralização das universidades e instituições de pesquisa: "Eles estão contratando pesquisadores com potencial e já atraem alunos de mestrado, mas os de doutorado ainda optam por centros consolidados. Leva uns 20 anos para uma competência científica se consolidar numa região."

Percebo que, na fala de Garcia, há um desdobramento da mesma situação: os investimentos são feitos em "pesquisadores com potencial" (a que se refere, então, este *potencial*?); e os alunos de doutorado optam por "centros consolidados" (o que seria o *consolidado*?). Estaria o Bioma Pós-graduação usando como indício de "pesquisador com potencial" o número de artigos que ele publica e quantas vezes foi citado por outro artigo (conforme se vê na última tabela deste Mapa da Ciência)? Caberia também a hipótese de o Bioma Pós-graduação - por meio de seus pós-graduandos - entender como "centros consolidados" os dados do Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Nação CNPq) que, por sua vez, reúne informações sobre pesquisadores brasileiros na Plataforma Lattes (como é afirmado às pp. 34 e 35 deste mesmo Mapa):

UMA AMOSTRA DO MAPA DA CIÊNCIA DE SÃO PAULO

Número total de pesquisadores e sua produção científica (artigos, citações e citações por artigo) na área das Ciências da Saúde, entre 2002 e 2011, nas 15 regiões administrativas



FONTE: MAPA DA CIÊNCIA
DE SÃO PAULO / ACIESP

Metropolitana de São Paulo

7.708 pesquisadores
65.769 artigos
822.764 citações
12,51 citações por artigo

Campinas

1.398 pesquisadores
10.916 artigos
130.672 citações
11,97 citações por artigo

Macrometropolitana

296 pesquisadores
949 artigos
7.052 citações
7,43 citações por artigo

Se as respostas para estas questões forem positivas, é indiscutível que as Ilhas de Pesquisa, para os cursos do Bioma Pós-graduação - principalmente nas 15 regiões administrativas do território paulista (região a qual pertence a *GPESlandy*, são lugares de grande importância na *Cidade Sem Vez* e estão sendo tratados como *locus*/locais de produção, a saber: número de artigos; número de citações (no *Lattes* e no *Google Acadêmico*); número de associações com pesquisadores de "renome".

Ribeirão Preto

1.473 pesquisadores
16.554 artigos
183.765 citações
11,10 citações por artigo

Presidente Prudente

117 pesquisadores
386 artigos
2.523 citações
6,54 citações por artigo

Marília

182 pesquisadores
602 artigos
4.891 citações
8,12 citações por artigo

São José do Rio Preto

322 pesquisadores
1.510 artigos
10.615 citações
7,03 citações por artigo

Piracicaba

462 pesquisadores
5.121 artigos
60.704 citações
11,85 citações por artigo

Vale do Paraíba Paulista

327 pesquisadores
1.809 artigos
12.550 citações
6,94 citações por artigo

Bauru

898 pesquisadores
7.925 artigos
76.210 citações
9,62 citações por artigo

Araraquara

615 pesquisadores
4.858 artigos
43.270 citações
8,91 citações por artigo

Assis

38 pesquisadores
123 artigos
1.446 citações
11,76 citações por artigo

Litoral Sul Paulista

3 pesquisadores
4 artigos
50 citações
12,5 citações por artigo

Itapetininga

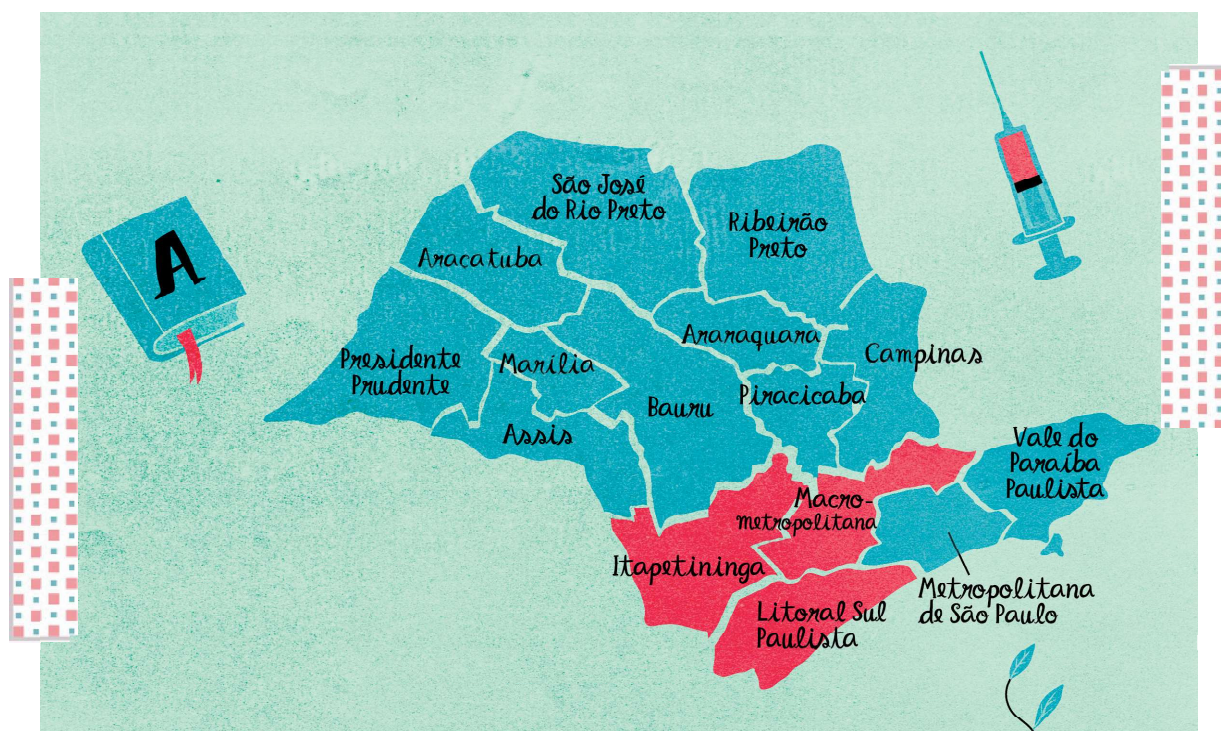
8 pesquisadores
30 artigos
106 citações
3,53 citações por artigo

Araçatuba

178 pesquisadores
1.826 artigos
11.894 citações
6,51 citações por artigo

Outra fala já não inédita que a mostra traz, é que "os vazios científicos" coincidem com áreas de baixa atividade econômica": quanto menor o PIB *per capita*, maior é o "vazio científico". Outro registro interessante - e impressionante - do mesmo levantamento, agora na fala de Marcos Buckeridge, professor do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP) e presidente da Academia de Ciências do Estado de São Paulo (Aciesp), "o conhecimento gerado pelas *Cidades Sem Vez* parece ter pouca influência no sistema de educação básica".

Um último dado interessante, mas não menos impressionante também, são os signos científicos/simbologias científicas com os quais o corpo da reportagem é ilustrado. Por meio deles é possível inferir a ideia de ciência que a própria revista *Pesquisa Fapesp* traz porque, num olhar mais acurado, nota-se que para ilustrá-la se opta por: seringa; planta; microscópio; esquadro; tubo de ensaio; engrenagem; elétrons; gota de sangue; DNA; colmeia; globo; lápis; paleta de pintura; livro. Ou seja, de todos os símbolos grafados, dez pertencem às Ciências Exatas e Biológicas e apenas quatro às Ciências Sociais e Humanas. Interessante...



Pois então... Dá pra perceber, em todo esse contexto, que há mais nós do que laços quando o assunto é o Bioma Pós-graduação no estado de São Paulo. A despeito dos dados apresentados por esta reportagem de 2017 e concomitantemente a eles, surge uma outra questão curiosa, que vem sendo debatida nos Estados Unidos há algum tempo e que foi apresentada pela própria *Revista Fapesp* de fevereiro de 2018, ed. 264 - quase um ano depois da edição acima: "A noção de que o sucesso no mercado de trabalho exige hoje mais do que habilidades de laboratório e pilhas de artigos publicados aos poucos começa a ser discutida no Brasil" (#chocada) - haja vista a criação de mestrados e doutorados profissionalizantes, como observado no início desse diário. Algo que baseie sua proposta curricular de maneira articulada entre pesquisa científica e prática profissional fora do Temple of the Academy por

motivos muito claros: ampliar a competitividade e a produtividade de empresas e organizações públicas e privadas - povos que disputam um pedacinho de chão na Cidade Sem Vez.

Ao que parece, essa tentativa de aproximação entre pesquisa científica e prática profissional fora do Temple of the Academy - como se faz nos Estados Unidos - não é recente no Brasil. A prof^a Menga Lüdke, do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), atuante no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade, afirma que, desde antes da década de 1970,



MENGA LÜDKE

"Despertamos para a urgência de desenvolvimento das atividades de pesquisa e lançamos mão da ideia de linhas de pesquisa, de inspiração norte-americana. Não tínhamos, entretanto, as mesmas condições de desenvolver grupos de pesquisa, reunindo professores e estudantes, como se fazia de longa data nas universidades norte-americanas. Mas há muito vínhamos nos preocupando com esse aspecto, e agora me parece evidente a mudança cultural já ocorrida, sustentada sobretudo pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Nação CNPq), no caminho da multiplicação desses grupos, hoje apresentando uma atividade intensa, em várias das nos-

sas universidades, ainda que não em todas. São as bolsas de auxílio ao pesquisador e de iniciação científica para os estudantes de graduação que representam, sem dúvida, a melhor maneira de desenvolver futuros pesquisadores, pela participação em grupos de pesquisa."²⁵

#SÓLIVERDADES

Muito relevante a última afirmação da docente, referindo-se às bolsas de auxílio ao pesquisador e de iniciação científica para os estudantes de graduação como "a melhor maneira de desenvolver futuros pesquisadores, pela participação em grupos de pesquisa." O que se nota, em tempos de crise política e econômica como os vividos nos últimos anos é, na verdade, o corte destas verbas e de tantas outras, primordiais para o fazer e o compartilhar das pesquisas acadêmicas. Além disso, esta concepção americana de pós-graduação talvez não encontre reverberação no Brasil inclusive por conta da própria herança histórica que os programas assimilam da influência francesa, como a própria Menga diz:

MENGA LÜDKE



FOTO: [HTTP://LANPPGENC-
RIO.ELOG-
SPOT.COM/2016/07/A/](http://lanppgenc-rio.elog-spot.com/2016/07/A/)

"As primeiras dissertações, defendidas ainda na década de 1970, nos poucos programas já implementados no país, ilustram um aspecto bastante original de nosso sistema. A despeito de estarem procurando cumprir os preceitos do parecer nº 977/65, (da pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - lei nº 4.024/61) com a divisão entre áreas de concentração, disciplinas obrigatórias e optativas, numerosos créditos a cumprir e exames de qualificação a passar, nossos programas acolhiam e estimulavam, também, o desenvolvimento de dissertações bem pouco aproximadas de um trabalho em-

pírico vultuoso, bem mais voltadas para o estudo aprofundado de uma questão de cunho teórico, mais próximas, portanto, do modelo francês que do norte-americano."²⁶

Agora, independentemente se a produção científica das IP's é de fundamentação teórico-pragmática ou essencialmente teórica, de origem americana ou francesa, há que se discutir outras questões trazidas da formação inicial desse pesquisador, como o rigor e a qualidade de sua pesquisa educacional, a finalidade de seu interesse em determinado assunto, mesmo porque, uma pesquisa gera outras tantas e, em grupos de pesquisa e em pesquisas interinstitucionais só haverá compartilhamento eficiente se as linhas e os projetos forem, ambos, orgânicos. A respeito disso, a Priscila, o Ademir e a Audrey já diziam que:

"Inicialmente, percebia-se, na interação cotidiana com alunos de mestrado, que estes demonstravam dificuldades para clarear e formular os objetivos de suas pesquisas e também para detectar objetivos e problemas de pesquisa em trabalhos [...] que liam."²⁷

Se estes fatos procedem, então, como se deu o "treinamento em pesquisa" destes pesquisadores, lá nas Ilhas de Pesquisa? Qual a concepção dos mestrados brasileiros, por exemplo, e qual seria

a orientação das políticas de pós-graduação, do Bioma Pós-graduação? Tenho um conhecido, o também professor Jacques Velloso - hoje, aposentado pela UNB (Universidade de Brasília) - que sempre comentava, quando o assunto girava em torno das Ilhas de Pesquisa no arquipélago *Pesquisandus Correctus*:

²⁶ LÜDKE, 2017, P. 33.

²⁷ LAROCCA, AZZI, URT, 2017, P.15.



FOTO: [HTTP://WWW.UEPG.BR/
GEP/QUEN-
SONOS.HTM](http://www.uepg.br/gep/quen-sonos.htm)

Stella, olha... A minha ideia sobre isso é muito simples: "Em um primeiro momento, a discussão envolve basicamente duas questões. A primeira se refere ao caráter efetivamente terminal do mestrado para ampla parcela dos titulados, nos três grupos de grandes áreas; a segunda diz respeito ao habitual requisito do título para ingresso no doutorado. Nesse quadro, ganha relevo o questionamento de Beiguelman (1998, p.37), quando indaga: se os "cursos de mestrados se destinarem à formação de investigadores, qual o sentido, então, de os mestres serem obrigados a cumprir uma segunda maratona acadêmica,

para obter o doutorado?". De fato, a pergunta capta um dos paradoxos da formação pós-graduada hoje no país, especialmente em áreas nas quais os programas de doutorado estão, em sua maioria, bem consolidados. Tais questões naturalmente remetem a aspectos específicos de estrutura e de regulamentação do sistema de pós-graduação no país."²⁸

Ou seja: a grosso modo, o mestrado forma pesquisadores; o doutorado produz algo novo, particular, inovador. Será?

INDO ATRÁS DE ALGUNS DADOS NUMÉRICOS

Depois de tudo isso colocado e anotado, cabe a reiteração da importância das IP's no contexto acadêmico do Bioma Pós-graduação, inclusive a partir de dados oficiais desse arquipélago para o qual pretendo ir. Em recente levantamento no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - todos vinculados à Nação CNPq - encontram-se as informações do recente Censo 2016, no qual participaram 531 instituições, registrando 37.640 grupos e 199.566 pesquisadores, sendo 129.929 doutores. Segundo o que se lê neste documento, o crescimento do número de grupos cadastrados em 2016 em relação a 2002 foi de 149%. O número de pesquisadores cresceu 251% no mesmo período e o de doutores 278%. No censo de 2016, o número de grupos cresceu 6% em relação a 2014. O número de pesquisadores cresceu 11% no mesmo período, e o de doutores, 12%. Já a participação percentual de doutores em relação ao total de pesquisadores aumentou de 51% no primeiro censo, em 1993, para 65% último censo.

Este cenário é minuciosamente ampliado na tabela aqui embaixo, que eu printei da própria Nação CNPq, em que se nota um crescimento vertiginoso do número de instituições, grupos de pesquisa e pesquisadores, em dez anos:



²⁸ VELLOSO, 2005, P.59.

CENSO CNPQ 2016

PRINCIPAIS DIMENSÕES	1993	1995	1997	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2014	2016
Instituição	99	158	181	224	268	335	403	422	452	492	531
Grupos	4402	7271	8632	11760	15158	19470	21024	22797	27523	35424	37640
Linhas de Pesquisa	ND	ND	ND	38126	50473	67903	76719	86075	106715	139141	147392
Pesquisadores (P)	21541	26779	33980	48781	56891	77649	90320	104018	128892	180262	199566
Pesquisadores doutores (D)	10994	14308	18724	27662	34349	47973	57586	66785	81726	116427	130140
(D)/(P) em %	51	53	55	57	60	62	64	64	63	65	65

FONTE: CENSO 2016 [HTTP://LATTES.CNPQ.BR/WEB/DGP/CENSO-ATUAL/](http://lattes.cnpq.br/WEB/DGP/CENSO-ATUAL/) ♡ACESSO EM 29/04/2018+

Já em relação à distribuição geográfica das IP's linkadas no Censo, nada de novo quanto à discrepância do Sudeste em relação às outras regiões brasileiras: quase o dobro do segundo colocado - o Sul Este, por sua vez, é seguido pelo Nordeste, que cresceu muito, superando as regiões Centro-Oeste e Norte juntas, apontando para uma defasagem significativa. Olha só:

CENSO CNPQ 2016 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS IP'S

REGIÃO	GRUPOS (2014)	%	GRUPOS (2016)	%
Centro-Oeste	2654	7,5	2899	7,7
Nordeste	7215	20,4	7713	20,5
Norte	2068	5,8	2382	6,3
Sudeste	15549	43,9	16009	42,5
Sul	7938	22,4	8637	22,9
Total	35424	100	37640	100

FONTE: CENSO 2016 [HTTP://LATTES.CNPQ.BR/WEB/DGP/CENSO-ATUAL/](http://lattes.cnpq.br/WEB/DGP/CENSO-ATUAL/) ♡ACESSO EM 29/04/2018+

No censo de 2016 foram registradas 147.392 linhas de pesquisa distribuídas da seguinte forma: 18 % nas Ciências Humanas, 16% nas Engenharias e nas Ciências da Computação, 15% nas Ciências da Saúde, 12% nas Biológicas, 12% nas Agrárias, 11% nas Ciências Exatas, 11% nas Sociais Aplicadas e 5% em Linguística, Letras e Artes. Individualmente, as áreas de Educação, Medicina, e Agronomia são as três maiores em número de linhas de pesquisa, informação esta que deve ser lida a

partir da importante observação feita pelo próprio Censo 2016: "Parcela significativa da tendência de crescimento observada nos números absolutos, principalmente ano Censo 2000, decorre do aumento da taxa de cobertura do levantamento". Estes dados corroboram com os do censo de 2014, que mostrava os seguintes números:

CENSO CNPQ 2014 – DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA

GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO	LINHAS DE PESQUISA	PESQUISADORES	GRUPOS DE PESQUISA	RELAÇÕES		
	(L)	(P)	(G)	(L)/(G)	(P)/(L)	(P)/(G)
Exatas e C. da Terra	16552	26901	3494	4,7	1,6	7,7
Ciências Agrárias	16763	33524	3292	5,1	2,0	10,2
Ciências Biológicas	17086	31462	3650	4,7	1,8	8,6
Ciências Humanas	23885	63296	7408	3,2	2,7	8,5
Ciências da Saúde	21196	47069	5609	3,8	2,2	8,4
Engs e Computação	21919	37008	4676	4,7	1,7	7,9
Ling, Letras e Artes	6960	18131	2454	2,8	2,6	7,4
Soc Aplicadas	14793	36600	4841	3,1	2,5	7,6
Total	139154	293991	35424	3,9	2,1	8,3

FONTE: [HTTP://LATTESCNPQBR/WEB/DGP/CENSO-ATUAL/](http://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/) (ACESSO EM 26/0UT/2015)

Outra informação curiosa - e relevante - apresentada pelo Censo 2014, é a distribuição percentual dos pesquisadores por sexo segundo a condição de liderança: a preponderância masculina de líderes de IP's não traz nenhuma surpresa; mas o curioso está no maior número de mulheres "não-líderes" nas IP's e, sobre isso, seguem dados:

CENSO CNPQ 2014 – DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA

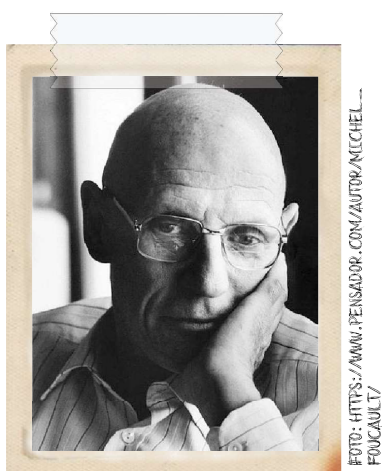
Condição de liderança (2014)	Masc	Fem
Líderes	54	46
Não-líderes	49	51
Total	50	50

FONTE: CENSO 2014 [HTTP://LATTESCNPQBR/WEB/DGP/CENSO-ATUAL/](http://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/) (ACESSO EM 26/0UT/2015)

Depois de tabelas e mais tabelas, de tantas informações, acho que é inegável a pertinência de uma viagem cujo interesse baseie-se numa Ilha de Pesquisa, formadora do arquipélago *Pesquisandus Correctus*, pertencente à Cidade Sem Vez que, por sua vez, submete-se à Nação CNPq. E isso se deve simplesmente por seu crescimento acentuado das

últimas décadas para cá, como provado nos números que acabei de mostrar. Além do mais, estando a Educação dentre as três maiores em número de linhas de pesquisa, reforça-se a ideia de explorar este espaço ainda pouco desbravado.

Percebe-se, assim, uma tensão que permanece: por que a "territorialização" ainda pode ser algo não sentido pela Cidade Sem Vez, mesmo esta sendo cercada por inúmeros mecanismos de comunicação e incontáveis processos educativos? Talvez as Ilhas de Pesquisa possam se arriscar a fazê-lo, objetivando um conhecimento que comunique e uma comunicação que eduque. Mas, enquanto isso não se percebe, por que a marcação do território das Ilhas de Pesquisa é tão complexa? A resposta pode estar na argumentação de Foucault, graaaande Michael Foucault (quem não o conhece?!), quando diz:



MICHEL FOUCAULT

"Temos que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder."²⁹

Depois dessa... cabe aqui um desabafo...

Talvez as Cidades Sem Vez, os Temple of the Academy, estejam competindo pelo domínio do poder-saber em lugar de compartilharem o conhecimento que produzem para a necessária reflexão dos múltiplos conteúdos

que são disponibilizados por ela. Quem sabe, a partir das percepções desta viagem para a *GPESlândia*, as narrativas sobre uma Ilha de Pesquisa possam levar a uma reflexão sobre os caminhos até agora trilhados, "parar a máquina", por alguns momentos, para um repensar dos espaços, *lugares* e *territórios*; oferecer pistas/caminhos para estas questões, reiterando, inclusive, o pensamento de Rancière (2010, p. 11): "Quem estabelece a igualdade como objetivo a ser atingido, a partir da situação de desigualdade, de fato a posterga até o infinito. A igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido". A igualdade - ou o que pode ser pensado como tal - está em pontos de partida...

Sendo assim, a problemática que surge nesse momento pré-viagem é: "Onde estamos pisando?"; "Não estaríamos correndo rápido demais?"; "Seria viável, nestes espaços de estudo e formação de pesquisadores, nestas Ilhas de Pesquisa - objeto deste trabalho - essa transformação de "*Espaço*" em "*Lugar*" e de "*Lugar*" em "*Território*" e, finalmente a conquista da Identidade e *Identidade Coletiva*, para dar sentido de pertencimento, por meio das narrativas (auto)biográficas, tanto da

viajante quanto dos habitantes de *GPESlandy*?" Parte-se do pressuposto que sim; visto que o espaço de fomentação de pesquisa traz consigo o discurso histórico de significação e pertencimento; já que tomarei o conceito de Identidade Coletiva como configuração de uma maneira de olhar e interpretar o grupo, para compreender *GPESlandy* como lugar e alavancar/apontar elementos para compreendê-la enquanto *Território*.

Cabe a esta jornada, portanto, compreender que o "*Território*" é a *GPESlandy*; mas seus "moradores" são os pesquisadores. Então, é deles que se precisa "ouvir a voz" que, aliás, é uma "voz coletiva".

PRECISO DE UMA TÉCNICA PRA VIAJAR!!

Já sei!! Pra esse tipo de trajeto, o melhor método é a (auto)biografia... Aliás, a primeira obrigatoriedade ao se tratar da descrição de um método como esse é deixar claro que temos aqui não um "método", mas um "enfoque" biográfico, por conta da variedade de usos biográficos aos quais esta viagem recorre. Também vale pensar sobre o papel do enfoque (auto)biográfico quando observado a partir de um caráter exploratório, numa viagem qualitativa, uma vez que ela pretende oferecer informações sobre a ilha visitada e orientar a formulação de hipóteses, em particular, na elucidação/explicação dos fenômenos observados numa Ilha de Pesquisa (*GPESlandy*) - como é o caso.

Portanto, acho melhor irmos por partes. Em relação ao termo "qualitativo" minha amiga Marli André sempre fala com certa preocupação conceitual sobre isso. Dia desses, comigo ao telefone, ela falou:

Menina do céu... É tanto conceito pra essa palavra que já nem sei, viu... "Para alguns, a pesquisa qualitativa é a pesquisa fenomenológica (Martins e Bicudo 1989). Para outros, o qualitativo é sinônimo de etnográfico (Trivinos 1987). Para outros ainda, é um termo do tipo guarda-chuva que pode muito bem incluir os estudos clínicos (Bogdan e Biklen 1982). E, no outro extremo, há um sentido bem popularizado de pesquisa qualitativa, identificando-a como aquela que não envolve números, isto é, na qual qualitativo é sinônimo de não quantitativo."³⁰



MARLI ANDRÉ

FOTO: NOVAESCOLA.ORG.BR/CONTEUDO/888/
ENTREVISTA-COM-MARLI-ANDRÉ

³⁰ ANDRÉ, 2004, P.51.

Bom, sendo assim - confiando no que a Marli diz, porque tudo o que ela diz sobre Educação é fruto de muita sabedoria! - e para manter o caráter lúcido desta viagem à *GPESlandy*, eu opto por esclarecer - já no início dessa explanação de um método pra viajar - que a nomenclatura "qualitativa" é usada aqui como um termo designado para diferenciar *técnicas de coleta* e para designar o *tipo de dado obtido*. Enquanto o termo "(auto)biografia", este mais específico, vai ser utilizado para determinar o tipo de "*viagem*" realizada, que vai ser contada a partir de uma narrativa individual - da viajante - em formato de diário pessoal de viagem, a respeito do que esta observa na Ilha de Pesquisa em questão - a *GPESlandy*; e outra narrativa coletiva, proveniente dos próprios moradores da *GPESlandy*, que se manifestarão por meio do "contar" da experiência vivida no momento dos encontros tribais, das sociais naquele lugar, entre os nativos.

Sendo assim, faz-se necessária a contextualização sobre o conceito de "(auto)biográfico" a partir do ponto de vista das *narrativas* que, nesta viagem, acontecerão sob o formato de *diário pessoal de viagem* - elaborados por mim, desbravadora - e *narrativas espontâneas*, ou (*entre*)*vistas* - configuradas por meio das falas espontâneas (exposições individuais e diálogos diretos) dos moradores da Ilha de Pesquisa observada. Neste sentido - o de ter manifestações orais e escritas como um relato do que se vivencia, Foucault - e, de novo ele... - afirma, em "A Escrita de Si": "Escrever é pois 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro".

Então, a *narrativa*, quando tida como método de investigação, é definida pela prof^a Maria da Conceição Moita, lá nos idos de 1995, como uma



MARIA DA
CONCEIÇÃO MOITA

"metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, já que põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos."³¹

Assim, tanto meu *diário pessoal de viagem* quanto as *narrativas* que os habitantes de *GPESlandy* formulam durante seus encontros sociais, servirão como oportunidade de reconstrução do sentido que cada um de nós elabora ao narrar seu próprio envolvimento com a Ilha de

Pesquisa. Aliás, é importante compreender que, de certa forma, a *GPESlandy* é um espaço de formação para nós, viajores, tanto *formal* (entendem-se aqui as atividades intencionais da Ilha: congressos, leituras

³¹ MOITA, 1995, p. 113.

técnicas, interação com outros recortes epistemológicas dentro da mesma linha de pesquisa) quanto *informal* (fala-se, aqui, das relações de convívio que afetam os moradores com seus pares, com a líder étnica do grupo; sem contar, inclusive, as relações de poder que "perpassam as intenções e as ações nesse meio, atravessadas, que são, pelas relações sociais mais amplas - políticas, econômicas, culturais - que se verificam no macro-contexto"³², conforme li numa obra maravilhosa outro dia.

O TRAJETO (AUTO)BIOGRÁFICO: O QUE SERIA? SERVE PRA QUÊ?

Já estou prevendo uma tensão aqui... Porque... antes de tudo... quero me propor, como viajante neste trajeto, a ser uma observadora e não uma participante de *GPESlandy*. Só que isso não será fácil, visto que tenho total consciência de que estando meu corpo e minha alma neste espaço, meus olhares, minhas falas e até (ou inclusive?!) meu silêncio serão altamente (e inconscientemente) "participativos"... De toda maneira, esta distinção é importante à medida em que o *diário pessoal de viagem* escrito por mim é tão singular, está tão carregado de valor semântico e valores, quanto as (*entre*)*vistas* dos moradores, o que os torna, igualmente, seres singulares. Mas, afinal, qual seria o embasamento científico, as orientações seguras nas quais esta viagem se baseia, se alicerça, para ser segura? Eis as vertentes essenciais num projeto de viagem como este - e aqui valho-me de três expressões usadas por essa francesa maravilhosa e admirável, a professora Christine Delory-Momberger, em 2012, pra uma revista especia-

lizada em Educação:

- a) indivíduo como ser social singular;
- b) a temporalidade da experiência;
- c) a biografização da experiência.³³

Vou tentar descrever, com minhas próprias palavras, o que estas expressões poderiam significar para meus passos nessa viagem. Vamos lá:

•O INDIVÍDUO COMO SER SOCIAL SINGULAR

Tendo como ponto de partida que um indivíduo é, além de um ser singular, também um ser social,

esta viagem, pra mim, tem um teor retroalimentador no sentido de que tanto a viajante (no caso, eu) quanto moradores da *GPESlandy* exploram - como objeto da viagem (auto)biográfica -

FOTO: WWW.RESEARCHGATE.NET/PRO LE/DELORY - MOMBERGER - CHRISTINE



CHRISTINE
DELORY-MOMBERGER

³² SOUZA & ABRAHÃO, 2006, P.149.

³³ DELORY-MOMBERGER, 2012, P. 51.

seus devires como indivíduos do espaço social apresentando, pelas suas atividades (auto)biográficas, a percepção de suas relações com o mundo histórico e social. E este narrar (auto) biográfico na tentativa de "dar existência" à realidade social se dá por meio da linguagem que, no caso desta viagem, se manifesta por meio de códigos verbais e não-verbais, de depoimentos, de posicionamentos, de repertórios culturais etc.

• A TEMPORALIDADE DA EXPERIÊNCIA

Compreendendo que "a postura específica de uma viagem biográfica dessas é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social" (Christine, em 2012), pode-se afirmar que nesta viagem para *GPESlandy* a cartografia do social - nesta Ilha de Pesquisa que será observada - não é isolada da experiência individual de seus moradores, visto que suas (bio)grafias são grafias de vida, estejam estas inscritas numa temporalidade pessoal ou acadêmico-profissional.

• A BIOGRAFIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As expressões *biografização* ou *biografar(-se)* - criativos neologismos - "salientam o caráter processual da atividade biográfica e remetem a todas as operações mentais, comportamentais e verbais pelas quais o indivíduo não cessa de inscrever sua experiência e sua ação em esquemas temporais orientados e finalizados" (Christine, também em 2012); assim sendo, eu entendo que o biografar(-se), nesta viagem em específico, acontece a partir de minha formação como viajante e das (re)-(l)-(ações) com *GPESlandy*. Ou seja, como conceito de "bio", para este caminho (auto)BIOgráfico, tem-se a lógica mais primária: "tudo o que exprime a noção de vida", ou seja, a vida do indivíduo-viajor, sua vida em *GPESlandy*, sua vida pela *GPESlandy*, as vidas que conversam e convergem entre/para uma existência que faça sentido.

E O TRAJETO CARTOGRÁFICO SOCIAL: QUER O QUÊ?

Como falar de uma experiência de viagem sem contar como foi o caminho? Mas contar MESMO! Contar TUDO! Falar dos DETALHES! Dizer das IMPRESSÕES! Mas quem conta aqui? A tribo *GPESlandy* e Eu. Eu, visitante do povoado; e o povoado todo, numa voz coletiva. Acredito que possamos - por meio da cartografia - a Ilha de Pesquisa e Eu, explorarmos ao máximo essa metodologia. Outro dia estávamos num congresso, Mar-

cela Montalvão (que está na foto), eu (que não estou na foto porque estava comprando um livro no hall) e Kleber Prado Filho (que estava tirando a foto)... Enfim, eles dois compartilharam comigo algumas funcionalidades importantíssimas sobre a cartografia:

"(...) a cartografia social (...) liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como **proposição de regras**, procedimentos ou **protocolos de pesquisa**, mas, sim, como estratégia de **análise crítica** e **ação política**, olhar crítico que **acompanha e descreve relações**, trajetórias, (...) apontando **linhas de fuga e resistência**."³⁴



FOTO: WWW.UNIVASSAU.EDU.BR/NOTICIAS/
ALUNOS - PARTICIPAM-DE-Evento-SOBRE-VIOLEN-
CIA-CONTRA-MULHER

MARCELA MONTALVÃO

A cartografia, também "importada" da Geografia - assim como *Espaço*, *Lugar* e *Território* - foi adaptada como método de pesquisa por Deleuze e Guattari, propositores deste, no contexto da esquizoanálise; esta, por sua vez, contrapunha-se à ideia do inconsciente freudiano e o vê como algo que opera no social, no presente, perspassando sujeitos, seus territórios, suas relações. Eles próprios diziam que:



FOTO: WWW.CRITICAL-THEORY.COM/
DELEUZE - GUATTARI - BIOGRAPHY/

DELEUZE E GUATTARI

"(...) como as multiplicidades ultrapassam a distinção entre a consciência e o inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma. As multiplicidades são a própria realizada, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as **totalizações**, as **unificações são, ao contrário**, processos que **se produzem e aparecem nas multiplicidades**."³⁵

E chegou onde eu queria: as multiplicidades nas quais as subjetivações acontecem. A *GPESlandy* seria um terreno vasto para entender de que maneira uma paisagem psicossocial como aquela pode ser cartografável. Porque, afinal, uma Ilha de Pesquisa é múltipla por conta dos inúmeros biomas de conhecimento, das incontáveis formações culturais

³⁴ PRADO & TETI, 2013, P. 47.

³⁵ DELEUZE & GUATTARI, 2011, P.812.

e sócio-políticas que ali são agregadas... Como deveria, eu, proceder para compreender o povo, para entender com que critérios o social se reinventa? A resposta veio da poética Rolnik. Suely Rolnik:



FOTO: WWW.GOETHE.DE/INS/B&PT/KUL/
FOK/RUL/2070080.HTML

SUELY ROLNIK

"(...) 'entender', para o cartógrafo social, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. Vê-se que a linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagens-e-salvação. Ela é, em si mesma, criação de mundos. Tapete voador...Veículo que promove a transcrição para novos mundos; novas formas de história."³⁶

Pensei: "Se este é o meu papel nessa viagem, pode acreditar que a passagem já está comprada!" Porque é assim que me sinto: num "tapete voador", rumo ao desconhecido, sem "em cima" e sem "embaixo"; apenas esperando "mergulhar na geografia dos afetos"...

O MATERIAL (AUTO)BIOGRÁFICO DESSA VIAGEM

O primeiro recorte quanto à abordagem metodológica de uma viagem (auto)biográfica como essa fica por conta da espécie de material biográfico que será observado na Ilha. A pergunta feita é "Qual o material mais adequado para apreender o objeto conceitual de uma incursão (auto)biográfica?"

O acesso a este material é algo melindroso porque depende de "deixas" que os sujeitos dão ao viajante nos atos de biografização - atos estes manifestados de várias formas: por pensamentos verbalizados, por comportamentos, por gestos, mas, acima de tudo, é na exteriorização da linguagem (oral ou escrita) que o sujeito se revela. O falar de si, como indivíduo-uno ou como indivíduo-social, costura formas múltiplas de se relacionar com os tipos discursivos. Aliás, dentro do próprio discurso narrativo - que é o que melhor viabiliza a dimensão temporal da existência e da experiência humana - podem ser identificadas muitas outras formas de discurso que têm por finalidade descrever, explicar, argumentar e/ou avaliar as experiências relatadas.

A partir disto, os encontros culturais/sociais da *GPESlândy* serão uma riqueza desmedida de tipologias textuais porque, lá, as formas

de discurso se entrecruzam, permitindo a mim, visitante do lugar, o acesso aos sistemas de tematização e valorização utilizados pela tribo. Esta, por sua vez, vai me permitir participar do já mencionado sistema de retroalimentação da viagem (auto)biográfica na medida em que eu me valho da elaboração de meu *diário pessoal de viagem* para também me dar conta da pluralidade de meus próprios objetivos enunciativos, o que acaba por justificar o termo "auto" precedendo a expressão "biográfica".

Os dispositivos que vou usar para conhecer a Ilha de Pesquisa, portanto, consistem em acompanhar a dinâmica de *GPESlandy*, gravando áudios destes encontros, bem como registrando gráfica e fotograficamente momentos mensais, já que essa tribo se reúne toda a última quarta-feira do mês pra discutir sua origem, seu trajeto, seu destino. Pra falar a verdade, já dei uma espiada discreta em um material que circula por aí, coisas das quais o grupo já dispõe, que são de livre acesso a qualquer interessado, produzidas a partir de uma dimensão performativa e claramente intencional, reguladas pela expectativa de um interlocutor (lembrando que *narrativas* aqui não se referem ao contar de histórias pessoais - como já explicado anteriormente - mas à tipologia textual que se especifica por ser uma marcadora de tempo, uma expressão de um narrador, uma descrição de um cenário).

CONSEGUINDO INFORMAÇÕES SOBRE A *GPESLANDY*...

Tudo o que esse povo faz fica registrado pra posteridade, pra eles repassarem pras gerações posteriores de gepíacos. Ou seja, todos os encontros mensais geram materiais bem interessantes aos quais vou pedir pra ter acesso, assim que chegar lá, para a líder deles. Um outro tanto de informação está nas redes sociais e sobre isso já posso me informar de antemão. Agora, quando me encontrar com eles, de verdade, dizer o primeiro "oi" e estabelecer o primeiro contato, pensei em fazer umas perguntinhas - bem básicas, mas importantes. Pra gente estabelecer um vínculo mínimo. Ou seja, enumerando tudo, ficou assim minha "colheita" de informações inicial:

✓ Pedir para dar uma olhada nas atas de reuniões mensais da *GPESlandy*, no "Livro de Relatos" dessas reuniões", nas cartas escritas da *GPESlandy* para a *GPESlandy* (sim! eles escrevem cartas uns aos outros!); dar uma passada no perfil da *GPESlandy* no Facebook, observar os diálogos travados pela *GPESlandy* no WhatsApp e conhecer o perfil da Ilha na Nação CNPq;

✓ Solicitar informações mais genéricas e contextuais sobre a Ilha e seus moradores, colhidas por meio do Google Doc;

✓ Fazer um levantamento de um contexto inicial sobre procedimentos acadêmicos dos moradores da GPESlandy.

Numa segunda etapa da viagem, colherei um material textual por meio do relato espontâneo, não regulado, recolhido por duas frentes: o texto oral e o texto imagético. Então, fiquei pensando: como será que terei acesso à espontaneidade, ao não regulado? Como confiarão em mim se nem me conhecem? A resposta veio rápido, de moradores de outras Ilhas de Pesquisa, habitantes do mesmo arquipélago Pesquisandus Correctus: "Os nativos de GPESlandy?! Você

vai se encantar por eles! Gente acessível, povo receptivo, alegre e afetuosos! Será uma viagem inesquecível, Stella!" Foi aí que eu me animei em organizar uma segunda parte de "colheita" de informações, que ficou assim:

✓ Recolher áudios das reuniões mensais na GPESlandy (não como entrevistas diretivas, mas (entre) vistas espontâneas, falas livres, frutos do momento);

✓ Tirar fotos não-posadas, mas espontâneas, tiradas sem aviso; sem identificação clara dos moradores, entendendo que elas representam a "tribo" e não os indivíduos.

E como terceira e final etapa, minha viagem parte para minha própria "colheita de informações" que, a partir da organização dos dados de GPESlandy, voltarão pra mim mesma, num processo de retroalimentação desta viagem, e que me farão questionar sobre a MINHA própria viagem, sobre o MEU fazer-pesquisa, a partir do *Lugar, Espaço* ou *Território* em que GPESlandy está situada. Tal caminho teórico-metodológico será "traduzido", como uma (re)leitura, pelo *diário pessoal de viagem*, o qual terá como mote a mescla entre uma narrativa controlada e outra não-controlada; a leitura dos dados do povo de GPESlandy dialogando

com os meus, viajante/*narratória*; invertendo, mesmo que de maneira inconsciente - mas não inconsistente - ambos os caminhos.

MAS E COMO VOU COMPREENDER TUDO O QUE VI/OUVI/SENTI???? O CONTROLADO E O NÃO-CONTROLADO???

Por conta desta viagem ser um projeto de cunho altamente subjetivo, é importante colocar que, a princípio, para que as informações colhidas no trajeto sejam compreendidas a contento, será necessário, como diz minha "guru" em viagens (auto)biográficas, minha leitura de cabeceira há alguns meses, a argentina Leonor Arfuch:

"suspender por un momento el 'aparato' metódico, la búsqueda obsesiva del 'detector' de pruebas. No renunciar al don de la lectura es crucial como actitud ante un corpus, pero que a veces se olvida bajo la presión de la rejilla, del marcador, del dado, de la urgencia clasificatoria."³⁷

Sendo assim, uma viagem (auto) biográfica como essa para a qual me planejo - a partir das minhas próprias narrativas e dos moradores da Ilha de Pesquisa GPESlandy - vai tentar amalgamar, articular, por exemplo, pensamentos foucaultianos e arfuchianos por-

que, assim, fará jus a uma escuta plural em sua análise de percepções, comprometendo-se a: 1) não fixar-se no conteúdo dos enunciados, simplesmente, mas em seu aspecto dialógico de sentido; 2) deixar claro os critérios que orientarão as indagações referentes à GPESlandy; 3) intervir, analiticamente, sobre as múltiplas manifestações enunciativas; 4) sensibilizar a escuta dos moradores da Ilha a partir do confronto de suas próprias narrativas, simultâneas às minhas próprias vivências.

Tudo isso fica por conta de uma análise pragmática da enunciação que, segundo a mesma Arfuch sobre a qual falei agora há pouco,



³⁷ ARFUCH, 2002, P. 278.

"permite acercarse a la interacción entre sujetos a través de su inscripción discursiva, del modo como sus posiciones, sus voces, sus puntos de vista, su espacio / temporalidad se construyen en los propios enunciados, además de su intencionalidad manifiesta o hipotética [...] no sólo en el dicho, sino en la interjección, en el devaneo, en el silencio, en el corte, en el cambio de asunto, en la omisión."³⁸

PENSANDO UM POUCO SOBRE A TAL DA (ENTRE)VISTA (AUTO)BIOGRÁFICA...

Sinto que os meios pelos quais trilharei meu caminho até a Ilha de Pesquisa são o melhor trajeto. Mas também acredito que preciso falar mais sobre o papel da "entrevista" neste encontro porque, se quero conhecer esse povo, preciso ouvi-los de alguma forma. Acontece que numa "entrevista convencional", entende-se que alguém pergunta algo - a partir de suas intencionalidades e de seus interesses - a outro alguém que, de certa forma, regula suas respostas igualmente a partir de suas intencionalidades e de seus interesses.

Neste quesito, porém, nasce o diferencial da minha viagem: os moradores da *GPESlandy* não serão entrevistados, mas serão (entre)vistados por mim via manifestações linguageiras espontâneas desses nativos; isso porque o que a (entre)vista num olhar biográfico - como diz o tal livro que tenho lido nos últimos dias, da Arfuch - procura entender é "la configuración singular de hechos, de situaciones, de relaciones, de significaciones, de interpretaciones que cada uno da a su propia existencia y que funda el sentimiento que tiene de sí mismo como ser singular."

Também por isso justifica-se conhecer como se portam as outras Ilhas de Pesquisa no Brasil, de onde vêm e para aonde estão indo, o que se espera e o que não se espera delas e como, neste contexto, se dá o devir biográfico como um produto de interação entre a ação dos indivíduos pertencentes à *GPESlandy* e o determinismo das estruturas ao qual ela se submete. Mesmo porque, o fato destas falas e de suas experiências relatadas serem atravessadas "pela história, pelo social, pelo político, de serem em grande parte feitas de representações, crenças coletivas, de discursos alheios, em suma, o fato de elas serem uma fala de sua época e de sua sociedade é plenamente reconhecido pela pesquisa biográfica que vai mais além: faz delas uma dimensão constitutiva da individualidade", como já dizia a professora francesa Christine Delory-Momberger - de quem já falei em "desabafos" passados.

POR QUE ESCOLHI *GPESLANDY*...

Também sinto necessidade de, nesse momento pré-viagem, explicar o porquê de eu estar indo para a *GPESlandy* e não para outras Ilhas... De maneira geral, as Ilhas de Pesquisa da Cidade Sem Vez - ao menos

no território de Sampa City, onde moro - (USPlandy/UNICAMPlandy/UNESPlandy) têm tradição no assunto "Formação de Professores do Ensino Superior". Por conta disso, procurando compreender melhor esta engrenagem, foi importante o acesso ao Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP) - responsável pela elaboração, aplicação e análise de Censos relacionados às Ilhas de Pesquisa brasileiras. Dele podem participar as Ilhas todas de Ensino Superior, públicas ou privadas (territórios abertos e territórios restritos), que possuam pelo menos 1 Bioma Pós-graduação *stricto sensu* reconhecido pela CAPES CORPORATION - um órgão que cuida de todos os Biomas Pós-graduação no Brasil. A partir deste parâmetro inicial, comecei uma buca por informações que me ajudassem a achar o melhor lugar, o mais interessante, o mais cheio de vivências pra conhecer. Então, fui atrás de:

- ✓ site oficial da Nação CNPq;
- ✓ link de "memória da Nação CNPq" - (www.memoriacnpqbr/gpes/apresentacao.htm);
- ✓ link de "diretório de grupos de pesquisa da Nação CNPq" - (lattes.cnpqbr/web/dgp);
- ✓ link "base corrente" e "buscar grupos".

Depois deste processo, fui à procura das Ilhas de Pesquisa a partir dos seguintes critérios: a) termo de busca (Ensino Superior); b) consulta por (linha de pesquisa); c) situação (certificado); d) consulta parametrizada (289 IP's). Foram descartadas todas as universidades federais e particulares por apresentarem políticas distintas de trabalho com o arquipélago *Pesquisando Correctus*, além das que tinham temas relacionados ao Ensino Superior, mas não especificavam seu trabalho com a Formação de Professores neste nível de ensino.

Bem, a amostra inicial, portanto, seria constituída de 4 Ilhas de Pesquisa que trabalhavam com o recorte de Formação de Professores no Ensino Superior (um da USPlandy, dois da UNESPlandy e outro da UNICAMPlandy), formados por 09 pesquisadores com doutorado, 11 com mestrado, 1 com mestrado profissional, 1 com especialiação, 10 com graduação, 16 classificados pelo CNPq como "outros". Entretanto, o *corpus INICIAL* foi delimitado pelo critério de tempo de atuação das IP's, sendo escolhidas para esta minha viagem, A PRINCÍPIO, a Ilha "Formação de Professores e Práticas de Ensino na Educação Básica e Superior", da UNESPlandy-Presidente Prudente (2013) e a Ilha "Estudos e Pesquisas sobre a Formação do Educador", da USPlandy (1989). Portanto optou-se, num primeiro momento, pelas duas Ilhas finais por manterem, dentro de suas Linhas de Pesquisa, uma preocupação especificamente pautada nos processos de desenvolvimento profissional do professor no Ensino Superior.

SÓ QUE... Paralelamente a esta sondagem toda... conheci uma outra Ilha de Pesquisa: a GPESlandy (Terra de um Grupo de Pesquisa do

Ensino Superior). Como membro convidado, quero começar a frequentar suas reuniões e essa probabilidade tem feito crescer minha ansiedade por viajar pra lá. Nada de "terras estrangeiras"; primeiro, "terras próximas". E esta ideia foi amadurecendo e se fortificando na mesma proporção e com a mesma intensidade com a qual aumentava meu desinteresse pelas "terras vizinhas". Foi aí que decidi pela *GPESlandy*: tomei como parâmetro o fato de ser terra nova, recém adquirida por seus moradores. As outras Ilhas de Pesquisa eram antigas, fundadas há tempos; certamente não me diriam muita coisa sobre o processo de transformar um *Espaço* em *Lugar* e um *Lugar* em *Território*. Pode ser que eu esteja errada, e que, até no "Velho Continente da Pesquisa" haja *Espaços* ainda. Mas escolhi partir do pressuposto que em Ilhas de Pesquisa mais datadas, os habitantes - e todos os contextos que envolvem a construção de um *Território* - já estariam no processo último: a territorialização do *Lugar*. E isso pouco contribuiria com minha viagem. Então, sondei os participantes de lá, troquei mensagens com sua líder e, a partir do aval de todos, contextualizando a ideia de **Identidade Coletiva**, consegui a permissão para visitá-los e conhecê-los. Num primeiro momento, em pesquisa prévia sobre a terra para a qual pretendo ir, consegui alguns detalhes:

GPESLANDY: TERRA DE UM GRUPO DE PESQUISA DO ENSINO SUPERIOR LINHA DE PESQUISA: PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA

FORMAÇÃO ACADÊMICA	PESQUISADORES	ESTUDANTES	TÉCNICOS	COLABORADORES ESTRANGEIROS	TOTAL
Doutorado	8	2	0	0	10
Mestrado	1	5	0	0	6
Graduação	0	4	0	0	4
Outros	0	5	0	0	5

FONTE: STELLA-VIAJANTE, 2017.

Não vou fazer, portanto, com o povo dessa Ilha, "entrevistas" biográficas, formal e especificamente, mas (entre)vistas (bio)gráficas: ao ouvir a fala espontânea dos habitantes por meio dos áudios das reuniões, ao observar as reações que as fotos mostram nestes encontros, ao perceber os rumos das ações/decisões pela leitura das memórias das festas que eles promovem em comunidade, ao ler os registros de memórias mensais da *GPESlandy*, ao notá-los nas redes sociais, todos estes procedimentos me farão compreender outras vistas, outros discursos - além do meu próprio - embutidos em cada fato destes. O lugar que "entrevista" e "entrevistador" assumem nesta pesquisa, portanto, é de duplo empreendimento, como fala a Christine Delory-Momberger: "o

espaço do "entrevistado" na posição de "entrevistador" de si mesmo; o espaço do "entrevistador", cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do "entrevistado" sobre si mesmo.

Sendo assim, não pretendo fazer as "perguntas certas" para obter as "respostas certas" dos entre(vistados) mas, sim, me coloco na posição de "seguir os atores", deixando de ser uma "perguntadora" para ser uma "narratória", proporcionando um espaço mais amplo para a fala e as formas de existência dos gepíacos: os habitantes de *GPESlandy*.

É por isso que deve ficar clara a obrigatoriedade de uma espécie de "metodologia invertida" nesta viagem de cunho (auto)biográfico: aconselharei a mim mesma e a você, leitor desse diário, a não criar expectativas em relação à clássica ordem pergunta-resposta/pergunta antecedente-resposta consecutiva, porque é como sugere, mais uma vez, a excepcional Christine:



CHRISTINE
DELORY-MOMBERGER

FOTO: ORPHEO CUMAM, FIV/ESPACE-DOCUMENTAIRE/VIDEES-ENREGISTREMENTS-AU-DIO/VIDEES-ENREGISTREMENTS-AU-DIO-480225.KJSP/

"A ordem canônica e quase ontológica da pergunta antecedente e da resposta consecutiva só pode ser, então, invertida. Em se tratando de seguir os atores, o narratário não pode mais anteceder o narrador, só pode correr atrás dele e tentar ficar o mais perto possível dele nas sinuosidades, nas bifurcações, nas rupturas dos seus caminhos e dos seus desvios, sem nunca ultrapassá-lo. Ao se manter até o fim esta posição (de epistemologia e de método), chega-se a esta afirmação paradoxal: a questão do narratário só pode vir depois, seu questionamento só pode ser ulterior."³⁹

É por isso que, nesta viagem, eu, narratória, amalgamarei minhas próprias inter(rogações) às dos habitantes da ilha, porque, afinal de contas, ao ouvir as formas de percepção e existência do outro, eu também assumo o papel de "entrevistada" e passo a narrar minha própria história, a gerar em mim novos significados, na tentativa de tornar presentes e inteiras as falas que me foram destinadas. Portanto, o produto desta viagem - uma espécie de diário (inter)pessoal - apresentará em minha fala como locutora minhas percepções subjetivas, minhas leituras e inferências, o que é bem diferente da configuração clássica de entrevista, na qual o entrevistador quer esclarecer os motivos e as intrigas do entrevistado e, assim que consegue atingir este feito, dá por encerrado o processo, tirando de si mesmo uma grata oportunidade de auto-(des)construção.

³⁹ DELORY-MOMBERGER, 2012, P. 258.

E, pensando bem, me olhando no lugar sobre o qual eu mesma me ponho aqui, percebo - novamente!! - uma tensão latente. Será possível que eu, viajante-visita da Ilha de Pesquisa *GPESlandy* consiga me colocar como mera "observadora" do lugar ao invés de me sentir "participante" dos fatos que ali presenciarei? Por que, afinal de contas, a escolha pela pesquisa (auto)biográfica assim, com esse AUTO gigantesco antes do radical "biográfica"? Seria este prefixo referente aos indivíduos da Ilha, somente, ou ele também se refere a mim, como uma "saída" para poder falar, opinar e refletir? Acho que só terei essas respostas quando retornar da viagem... Quem viver, verá.

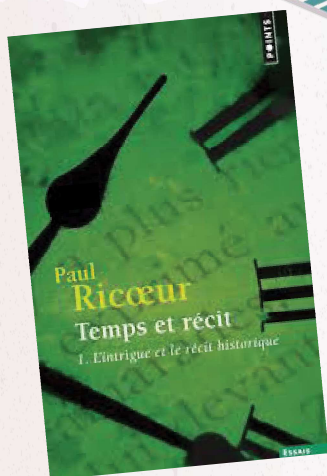
COMO VOU ANALISAR AS (ENTRE)VISTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS?!

Partindo-se do pressuposto que o material coletado na viagem (falas espontâneas nos encontros da *GPESlandy*, fotos "não-posadas" das mesmas reuniões, registro de memórias dos moradores, atas dos encontros, diálogos em redes sociais) são dados bio(gráficos) porque grafam, registram não só existências individuais mas também uma existência coletiva da Ilha, é importante compreender o que realmente está em questão entre os relatos que os nativos fazem e o que é realmente vivido. O que será que acontece entre o texto (oral, imagético, sinestésico) e a ação? A estrutura dessa investigação auto(biográfica) é pensável teoricamente e realizável empiricamente? Aqui entra uma série de nuances porque, obviamente, há uma gigantesca distinção entre o "ato de viver", o "ato de contar" e o "ato de produzir um texto".

TEXTO, AÇÃO E RELATO: TÊM DIFERENÇA?

Entendendo que as narrativas de *GPESlandy* estão em forma de relato no livro de memórias daquele povo, nas suas atas de reuniões, nas conversas de Whatsapp que este grupo troca em momentos de pré e pós encontros, nas postagens de Facebook, nos diálogos travados nas reuniões, enfim, que (entre)cortam as (entre)vistas do grupo de pesquisa em questão, cabe muito bem absorver a nomenclatura que Paul Ricoeur - filósofo francês de ideias geniais!! - criou para o relato como um "produto de uma operação de configuração", ou "enredamento", que se resume em:

✓ "transformar uma diversidade de acontecimentos ou incidentes sucessivos em uma história organizada, que se apresenta como um todo (configuração);



- ✓ juntar e organizar elementos tão díspares como agentes, objetivos, meios, interações, circunstâncias, resultados (síntese do heterogêneo);
- ✓ transformar a relação de sucessão dos acontecimentos e dos encadeamentos finalizados, dando a cada elemento uma função e um sentido de acordo com a contribuição que este dá ao cumprimento da história contada (círculo hermenêutico)."⁴⁰

Isto posto, é possível afirmar que o enredamento "age e produz ação [...]. O relato, então, não é somente o produto de um "ato de contar", ele tem também o poder de produzir efeitos sobre aquilo que relata". Tem-se aqui, resumindo-se, o protagonista das narrativas de *GPESlanky*: o relato; "uma vez que é na linguagem e pela linguagem do relato que os indivíduos constroem "o mundo interior do mundo exterior". Cabe colocar, todavia, que esta viagem, em especial, não terá como informações "relatos de vida" ou "relatos em formação de pesquisadores" - como comumente se vê em viagens de cunho (auto)biográfico, mas se debruçará sobre "(re)laços de vida". Explico-me.

Enquanto as pesquisas/viagens (auto)biográficas veem nos textos dos "relatos de vida" uma não-ação ("na medida em que o enredamento reconfigura a ação mediante operações de **seleção** e **ordenamento**, **escolhas narrativas**"), os "re(laços) de vida" do trajeto desta viagem contará com textos fluidos, posições discursivas espontâneas, textos não-controlados (orais e escritos), possibilitando uma experiência mais próxima do real no processo do enredamento, um caminho mais verossimilhante, mais claro/honesto na criação de laços - e não de nós - na dimensão temporal da experiência humana. É a busca pela intencionalidade dentro da pseudo não-intencionalidade, é o texto abordado como atividade que permite analisar melhor a ação *representada por este mesmo texto*, isto é, "discernir melhor o processo e o produto que dele resulta".

OK. VOLTO COM MINHAS IMPRESSÕES DA VIAGEM. MAS COMO OLHO PRA ELAS?

Será um trajeto e tanto. Serão muitos moradores nessa Ilha. Serão muitas vozes falando e/ou silenciando. Não é justo que, logo agora, na elaboração da minha rota pré-viagem, eu decida o que vou "analisar", o que vou "categorizar". Não se faz isso com gente, com tribo, com raça, com vida. Isso se faz com números, com dados, com tabelas, com estatísticas. Mas... Com uma coletividade cheia de vida? Não dá. Só o que me resta fazer agora, mediante meu próprio questionamento sobre "como olhar pras impressões da viagem", é me debruçar sobre

meus "achismos", sobre possibilidades de olhares, sobre múltiplas hipóteses de caminhos... Não posso prever um trajeto de uma jornada que não trilhei...

A verdade é uma só: nunca saberei quem são os gepíacos se não fizer minha mala, enchê-la de coragem, disposição e empatia, e seguir em frente. A rota está pronta. Os meios pra chegar lá, já os tenho. Agora... É subir no ônibus! Mas, antes, faço questão de encerrar essa primeira parte de meu diário com as palavras sensatas e poéticas de Christine Delory-Momberger, que sempre me inspiram:



CHRISTINE
DELORY-MOMBERGER

#partiu

"Essa ambição, talvez louca, de atingir as próprias fontes e os modos de efetuação da singularidade individual só pode trilhar os caminhos de uma "hermenêutica da relação" em que o pesquisador empreende, ele também, um "trabalho do sujeito", tanto quanto o autor do relato, e em interação com ele. Talvez o pesquisador, mesmo quando "armado" de seus modelos e grades, não faça e não possa fazer nada a não ser "contar" por sua vez aquilo que lhe "contam" os relatos dos outros. É pouco e é muito, é preço de uma ciência "humana" - e é seu tesouro".⁴¹

⁴¹ DELORY-MOMBERGER, 2012, P. 535.

TOMO I I

O POVO

✓ CNPq

✓ REDES E GP'S

✓ GPESLANDY



JÁ VOU PÔR A MOCHILA NAS COSTAS. MAS, ANTES...

Rota traçada. Coragem tomada. Agora, é "só" ir. Será? Os boatos sobre essa terra, já os tinha ouvido aos montes. Sempre muito positivos, relacionados à boa convivência, empatia, alegria, ao respeito, envolvimento e aprendizado. Gostaria muito de chegar lá, conhecer seus moradores, sentir o cheiro desse chão e provar dos alimentos que essa tribo produzia em solo tão fértil. Mas eu ainda estava distante deles.... Eram quilômetros de distância. Demorei pra me desvincular das minhas raízes, da minha origem, da segurança que sentia naquilo que já conhecia, com o povo com o qual já me relacionava há tempos...

Entretanto, arrumei minha bagagem - que, confesso, era pouca - e parti. Comprei a passagem para aquele lugar desconhecido; bilhete de alto custo, tanto econômico quanto emocional. Na verdade, no fundo, no fundo, pensava estar mais segura ali, com meu povo mesmo; aquela gente que falava a minha língua, que conhecia meus costumes, que produzia o mesmo alimento que eu e que se lambuzava em sabores deliciosos - já testados e aprovados.

Acontece que, um dia, me desiludi de meu povo. Aquela tribo de origem estava impondo sobre mim a cultura deles; não mais ouviam minha voz e, nem tão pouco, olhavam meu rosto. Foi difícil partir dali. Deixei ideologias para lá, filosofias que me eram caras, amigos que estarão para sempre em minhas andanças. Dei a última olhada nas fotos; não me despedi; nem olhei pra trás; lançando mão de meu diário de registros, parti.

ALGUNS REGISTROS DO CAMINHO

Chegando à rodoviária, fiquei na fila do guichê. Os destinos eram inúmeros: *Didaticamópolis*, *Política Pública City*, *Porto Feliz da Linguagem*. Mas eu queria conhecer mesmo era aquele *Lugar* (ou seria *Espaço*?! ou seria *Território*?!) de que já ouvira tanto falar: a paradisíaca Ilha *GPESlandy*. Pelo que se ouvia dizer, esse povo era gente nova, de raça, que, há não mais que 4 anos, tentava conviver com a cultura dos *CNPquistas*, povo vindo da *Nação CNPq*: aldeia forte, de antepassados respeitados, cujo território já havia sido demarcado há tempos. Enfim, comprei a passagem. Viagem longa até lá... Subi no ônibus. Tentei dormir. Mas uma coisa me incomodava demais: a *Nação CNPq*.

Sobre ela, se lia muito nas mídias. E eu, interessada que estava por conhecer *GPESlandy*, não podia deixar de arregimentar dados sobre povos maiores, de mais tradição, como os *CNPquistas*. Em meu diário pessoal, colava reportagens sobre eles, dados, auto definições que seus líderes publicavam na rede para fortalecer a imagem de uma gente que já era forte.

Abri meu caderninho, apenas para lembrar de tudo; enquanto isso, o ônibus sacolejava, numa estrada de terra batida, em direção a um

riozinho; lá estaria a balsa que me levaria pra ilha que eu tanto sonhara em desbravar - e me aninhar. E, na primeira página de minhas anotações, lá estava a Nação CNPq:⁴²



Fiquei olhando aquela foto por alguns minutos. Observei o prédio-fortaleza no meio de um espaço verde, entrecortado pela pavimentação, e me lembrei de quantas lutas foram travadas naquele território para se conseguir o respeito que o próprio povo dizia ter conseguido debaixo de muita disputa. Sobre a história das batalhas, eu lia o seguinte registro, retirado dos alfarrábios de uma de suas bibliotecas:⁴³

→ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), tem como principais atribuições **fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.**

→ Criado em 1951, desempenha **papel primordial na formulação e condução das políticas de ciência, tecnologia e inovação.** Sua atuação contribui para o **desenvolvimento nacional e o reconhecimento das instituições de pesquisa e pesquisadores brasileiros** pela comunidade científica internacional.

Missão

→ **Fomentar a Ciência, Tecnologia e Inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional.**

Até aquela viagem, sempre tive o povo *CNPQuista* como admirável porque, com tradição e experiência desde 1951, era visto como gente que fomentava a pesquisa e incentivava a formação de pesquisadores. Assim, além de serem pioneiros, eram também importantes. Aliás, na própria escolha das palavras pra se auto definirem, eram perceptíveis as ideias de magnitude, grandeza e responsabilidade: "papel PRIMORDIAL na formulação e condução das políticas de ciência"; "contribui para o desenvolvimento NACIONAL e o reconhecimento das INSTITUIÇÕES DE PESQUISA e PESQUISADORES". Tinham, inclusive, sacralizado suas ações quando se posicionavam quanto à "MISSÃO de "fomentar a ciência" e contribuir para o "avanço das fronteiras do conhecimento ". Parecia que eu estava lendo uma novela de cavalaria, na Idade Média, sobre

⁴² [HTTP://WWW.CNPQ.BR/WEB/GUEST/APRESENTACAO_INSTITUCIONAL535](http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao_institucional535).

⁴³ [HTTP://WWW.CNPQ.BR/WEB/GUEST/APRESENTACAO_INSTITUCIONAL](http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao_institucional).

um exército invencível frente a uma difícil - mas sempre possível!? - missão: a de expandir fronteiras.

Fechei o diário. Invoquei com a palavra "fronteiras"... Pensei: mas se fronteira é o "limite entre dois povos", quais seriam os limites aos quais estariam sujeitos os gepíacos e por que eles - os limites - existiam? As fronteiras entre *GPESlandy* e a Nação CNPq estariam bem delimitadas/intransponíveis ou andavam misturadas a outros territórios? Eu só poderia saber disso se chegasse lá, conquistasse a amizade desse povo e observasse como viviam. Esse era o propósito da viagem: pedir licença, conhecer, pertencer e defender. Não via a hora desse processo começar...

CONTATOS IMEDIATOS DO 3º GRAU

Primeira parada do ônibus. Precisava descer rápido, já sabendo que era o tempo de comer alguma coisa e voltar pra seguir viagem. Mas, na pressa, acabei trombando com uma pessoa peculiar, dentro do corredor estreito do coletivo: alto, com óculos de aros antigos, terno retrô - cheirando à naftalina, uma pasta de couro na mão. Reconheci. Era um típico intelectual "academiano", nascido na província de Temple of the Academy. Ele já havia dado muita entrevista por aí, participado de muitos programas de *talkshow* e de uma série de jornais sisudos. Era ninguém mais, ninguém menos, que o pró-reitor de pesquisa do Temple of the Academy.

Pedi desculpa pelo inconveniente do esbarrão e iniciamos uma conversa que duraria o resto da viagem. Não. Não estava indo para o mesmo destino que eu, infelizmente. Segundo ele, objetivava voos maiores, que tivessem amplitude científica - e comercial - mais garantida. Estava era investindo em Redes de Pesquisa, não em Grupos de Pesquisa. Estranhei seu comentário, visto que nunca compreendi o pular de etapas: como investir em "redes" se não se fortalecem os "grupos"? Mas ele logo se justificou lendo a segunda parte da definição de seu próprio departamento no site da província:⁴⁴

→ A Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPe), órgão executivo da administração superior, tem por finalidade programar, orientar, coordenar e supervisionar as atividades de pesquisa no âmbito da Universidade.

→ Para tanto desenvolve ações, no plano interno, junto à comunidade acadêmica e aos setores administrativos da Universidade, e no externo, junto a segmentos representativos da sociedade, incluindo instituições públicas e privadas, autoridades governamentais e agências de fomento à pesquisa e ao ensino.

⁴⁴ [HTTP://WWW.UNESP.BR/PORTAL#!/PROPE/APRESENTACAO13087/](http://www.unesp.br/portal#!/PROPE/APRESENTACAO13087/)

Entendi, enfim... Ele estava no "plano externo" do processo, achando que, no "plano interno" as coisas já estavam encaminhadas. Pra falar bem a verdade, senti segurança ao ouvir as finalidades e ações da Pró-Reitoria de Pesquisa do Temple of the Academy que - segundo seu próprio texto - programa, orienta, coordena e supervisiona as atividades de pesquisa da universidade, além de desenvolver ações às comunidades internas e externas da instituição. Refleti que se o discurso do texto fizesse jus à prática, então o *GPESlandy* tinha como território um lugar seguro para alargar suas fronteiras e estabelecer relações políticas com "outros povos".

Percebendo meu interesse pelo assunto e sabendo que eu estava ali a caminho de *GPESlandy*, o acadêmico aproveitou para declinar, também, sobre os objetivos gerais dos Grupos de Pesquisa dentro do Temple of the Academy. Ouvi com toda a atenção do mundo porque a tribo que eu visitaria seria, teoricamente, motivada a constituir-se como território a partir desse perfil de liderança institucional:⁴⁵



1. CONGREGAR DOCENTES/ PESQUISADORES CUJOS PROJETOS SE ORGANIZEM A PARTIR DE UM TEMA DE INTERESSE COMUM E SE DISTRIBUAM EM LINHAS DE PESQUISA ASSOCIADAS A ESTE TEMA;



2. DESENVOLVER PESQUISAS DE NATUREZA CIENTÍFICA, DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, CULTURAL, ARTÍSTICA OU FILOSÓFICA, BEM COMO EM OUTROS TEMAS E QUE SEJAM DE INTERESSE;



3. PROPICIAR, AO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO, A INICIAÇÃO À PESQUISA CIENTÍFICA;



4. ESTIMULAR INTERCÂMBIOS E PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS, A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO PRODUZIDO NO ÂMBITO DA UNESP E SUA DIVULGAÇÃO PARA A SOCIEDADE.

Texto, mais uma vez, apaziguador: *congregar*, *desenvolver*, *propiciar* e *estimular* são verbos altamente motivadores, que impulsionam qualquer habitante, de qualquer tribo, a qualquer lugar do conhecimento a partir da tríade ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO. "Que assim seja!", pensei comigo. E aqui tive a certeza do que tomaria meus dias dali pra frente: a Pesquisa. Mesmo que eu soubesse que a formação do tripé acadêmico era o Ensino, A Extensão e a Pesquisa, tinha, aqui comigo, que a Pesquisa estava passando por tempos difíceis e eu precisava saber o porquê...

Ainda discutimos um ou outro conceito sobre "povos acadêmicos" ainda não alforriados; nos divertimos ao lembrar de uma série de circunstâncias em que os discursos não eram coerentes com as ações dentro de territórios já estabelecidos; nos preocupamos ao vislumbrar um futuro puramente mercadológico para as nações estudantis...

De repente, o ônibus freia. Havíamos chegado no local onde nos separaríamos: eu tomaria a balsa para *GPESlandy* e o pró-reitor iria para outras bandas, investir em suas *Redes de Pesquisa*. Uma pena. Talvez nossa conversa gerasse frutos, caso se tornasse contínua. Quem sabe, outro dia...

CONTATOS IMEDIATOS DO 4º GRAU

Desci com as malas e com os sonhos. Entrei na balsa, pra mais dois dias de viagem até a ilha esperada. O ranger do banquinho de madeira e a brisa do rio, faziam o dueto mais inimaginável que eu poderia ouvir. Comentei com meu colega do lado sobre a situação sonora inusitada e qual não foi minha surpresa em descobrir que iríamos para o mesmo lugar. Ele, aliás, pela segunda vez! Seu nome: Milton Santos. Estava cheio de dados da primeira visita para *GPESlandy* e foi logo me avisando: "Não conseguiremos entrar no espaço logo de cara; não por proibição dos habitantes da ilha, mas em respeito a eles!" Em seguida, tirou de sua mochila surrada um velho - mas eficiente - binóculo, cheio de histórias do primeiro contato com os gepíacos e disse que, a princípio, era o que faríamos: observar.

Milton me contou sobre suas pesquisas e acabei por descobrir que eu teria um parceiro e tanto nessa empreitada de encontrar um ninho. Enquanto eu lhe contava sobre minhas expectativas como observadora do povo gepíaco, minhas dúvidas quanto a priorizar as *Redes de Pesquisa* em detrimento dos *Grupos de Pesquisa*, por exemplo, percebia que ele me olhava com um sorriso contido. Perguntei o porquê da expressão. Ao que ele respondeu:

Stella, "A mundialização das redes enfraquece as fronteiras e compromete o contrato, mesmo se ainda restam aos Estados numerosas formas de regulação e controle de redes. O lugar é a terceira totalidade, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças à ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa. As redes são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo".⁴⁶



MILTON SANTOS

FOTO: [HTTP://WWW.EDUCACAOPUBLICA.RJ.GOV.BR/BIBLIOTECA/GEOGRA/0023.HTML](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geogra/0023.html)

Talvez estivesse errada até aquele momento. Meu pensamento divagava sobre a possibilidade de, particularmente, sempre ter acreditado na prioridade dos relacionamentos em Rede. Não estou questionando aqui se devemos trabalhar em Redes ou não porque isso já é fato incontestado, numa era globalizada como a nossa. Sim. Devemos trabalhar em Redes. Mas talvez seja importante discutir, antes de partir para um projeto que abarque outros "povos", a construção de nosso próprio espaço, a sedimentação de uma identidade particular dos pequenos "povoados", a compra de um "terreno" pra chamar de nosso...

Enquanto pensava nisso, percebi, com a visão periférica, que de frente para a fileira de bancos onde eu estava sentada, uma senhora me olhava insistentemente. Ela tinha acompanhado minha conversa com Milton e agora me observava de longe. Sorri pra ela. Ela se levantou. Veio até nós. Pediu licença pra sentar ali e participar da troca de ideias, já que tínhamos ainda um dia inteiro de viagem pela frente. Ambos, meu novo amigo e eu, concordamos que a dupla virasse trio. Mal sabia eu que se o mundo acabasse naquela hora, estaria amparada por duas pessoas ímpares: Milton Santos e Marilena Chauí. Oh sim! Chauí! Aquela de quem eu falei no começo desse diário, que sempre estava no ranking do concurso "[Top 10 Science](#)" da [Cidade Sem Vez](#), lembra?! Pois é. Ela mesma...

Para esta última, contei rapidamente o que já tinha descrito para o primeiro: que estava a caminho de *GPESlandy*, com a intenção de morar por lá, depois de conhecer o lugar e seus moradores. A Marilena riu alto, diferentemente da descrição do Milton. Achou engraçado o fato de eu pensar que chegaria por lá impondo minha cultura e meus conceitos pré-concebidos bem assim, sem pedir licença e nem ouvir opinião, achando que os moradores de *GPESlandy* não tivessem uma história prescrita. Me alertou para o fato de que aquele povo já estava discutindo uma melhoria da prática de sua comunicação com outras nações há tempos e que desejava expandir fronteiras...



MARILENA CHAUI

Minha querida, presta atenção numa coisa:

"Relevante é a marca registrada do referencial, isto é, a competição [...], definindo a qualidade da atuação dos 'moradores de um território' por meio de 'grupos competitivos' no plano nacional e internacional. E, aqui, novo paradoxo, pois a proposta afirma a necessidade de se formar ampla rede nacional de comunicação das pesquisas, quando a marca da competição é a corrida contra o tempo e o segredo, ambos contrários à prática da comunicação."⁴⁷

⁴⁷ CHAUI, 2004, PP.410 E 411.

Ou seja, ela pretendia me dizer que, na verdade, estava instaurando um paradoxo dentro daquele povo acadêmico: eles queriam ampliar a rede de comunicação com outras raças, mas como o que os movia era o senso de competição - herdado de gerações passadas - tanto o tempo de qualidade para discutir as questões de pesquisa quanto os segredos da tribo estariam em risco. Foi então que aí, percebendo minha linguagem não-verbal de frustração, Chauí, com seus cabelos curtos encaracolados, óculos dourados, voz rouca e discurso firme, me disse o seguinte:

Olha, veja bem,

"Se 'a raça universitária' lida justamente com a constituição dos saberes e sua história, deveria estar acostumada, por dever do ofício, a encarar as divergências como fecundas, em lugar de tratá-las como barbárie, pois, como disseram vários filósofos, a barbárie é a multidão tangida pelo medo e vivendo na solidão, alimentando-se e sendo alimentada pelo ódio. Instalou-se entre nós uma prática perversa, a da surdez. Há, pelos 'territórios-campi' universitários, absoluta incapacidade para ouvir a palavra alheia, dar-lhe atenção, medi-la, confrontar-se com ela".⁴⁸

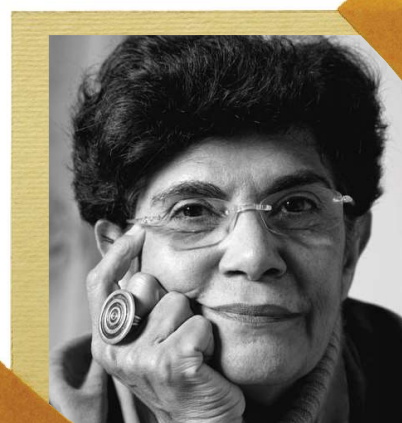


FOTO: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=0075>

MARILENA CHAUI

Pronto. Iniciaram-se minhas questões: estaríamos nós, como visitantes desta terra que ela acabara de descrever, encarando as divergências como fecundas ou tratando-as como barbáries, assumindo o incômodo lugar da tal "multidão tangida pelo medo e vivendo na solidão, alimentando-se e sendo alimentada pelo ódio"?! Seria o *GPESlandy* um povo bárbaro?

Perguntei a ela se já tinha ido à ilha. Respondeu que não, mas que todos os pequenos povos acadêmicos primitivos apresentavam, basicamente, o mesmo perfil e que, portanto, observaria o local de longe (assim como Milton) para uma coleta de dados que - segundo ela - só reiteraria sua hipótese: a prática perversa da surdez; a incapacidade para ouvir a palavra alheia e confrontar-se com ela, dentro do próprio território.

Na verdade, a conversa tinha percorrido caminhos cheios de ideias que me fizeram repensar no trajeto até então escolhido por mim para conhecer os *gepiacos*. Refutar ou confirmar tantas proposições só seria possível depois de estudar essa tribo e suas particularidades...

#chegalogoGPESlandy
#grupodepesquisaétudo
#vigemdossenhos

⁴⁸ CHAUI, 2004, pp. 440 E 441.

E, CHEGANDO LÁ...

Enfim, chegamos. Marilena, Milton e eu.

Notei que eles já tinham seus próprios acampamentos, construídos em outras visitas para a mesma ilha, para conhecerem outros povos além dos gepíacos. Era muita experiência pra compartilhar. Decidi, então, me alojar no camping em que eles estavam: o *Observatorium*. Lugar lotado de intelectuais, com seus bloquinhos na mão, gravadores no modo ON, binóculos com diferentes graus de lentes, máquinas fotográficas cheias de possibilidades de filtros e efeitos.

Identificando-me com esse cenário - que não era em nada diferente de minha terra natal - escolhi meu pedaço de chão pra montar a barraca na qual ficaria por alguns meses. Despedi-me de Marilena e Milton, que ficariam por perto, mas não no mesmo espaço; por conta da experiência que tinham, já haviam construído seus chalés de alvenaria no camping, num outro lugar. Mesmo assim, se comprometeram em me receber com as prováveis dúvidas que surgiriam durante meu processo de observação. Dei pulos de alegria porque, realmente, precisaria de um norte pra iniciar e, posteriormente, fundamentar minhas descobertas sobre os gepíacos. Aliás, ainda ecoavam na minha cabeça as palavras de Milton Santos enquanto conversávamos na balsa...



FOTO: [HTTP://CEARACIOLLO.COM.BR/NOVO/2018/11/MILTON-SANTOS-GEOGRA-A-EN-REVOLUCAO/](http://cearaciolo.com.br/novo/2018/11/milton-santos-geogra-a-en-revolucao/)

MILTON SANTOS

Sabe, Stella, tenho percebido o seguinte, em minhas observações:

"Numa situação de extrema competitividade como esta em que vivemos, os lugares repercutem os embates entre os diversos atores e o território como um todo revela os movimentos de fundo da sociedade. A globalização, com a proeminência dos sistemas técnicos e da informação, subverte o antigo jogo da evolução territorial e impõe novas lógicas."⁴⁹

Cabia a mim perceber estas "novas lógicas". Particularmente, eu já havia pensando em uma delas: o dinheiro, por exemplo, e seus desdobramentos dentro de uma tribo acadêmica. E isso sempre me incomodou... O mesmo Milton tinha dito:

"É preciso levar em conta o papel das finanças na reestruturação do espaço geográfico. O dinheiro usurpa em seu favor as perspectivas de fluidez do território, buscando conformar sob seu comando as outras atividades."⁵⁰

⁴⁹ SANTOS, 2015. P. 79.

⁵⁰ SANTOS, 2015. P. 80.

Enfim... Inferências à parte, naquele momento, eu precisava era delimitar o meu próprio espaço. Barraca montada, equipamentos testados, saí em busca deles: a tribo *GPESlandy*.

A ilha era linda! Apesar do clima úmido - por conta da mata fechada - fauna e flora estavam preservados: sons peculiares de uma floresta virgem me faziam acreditar que estava perante algo pouco visitado, mas que me surpreenderia profundamente quando descoberto. Prossegui, mata a dentro. Aos poucos, o gorjeio dos pássaros foi sendo abafado pelo som de vozes. Eram eles! Os gepíacos! Rapidamente, saquei a máquina de dentro da mochila. E o que seguem, são as primeiras imagens dessa gente intrigante:



Não conseguia identificá-los direito. Seus rostos, de maneira curiosa, eram muito semelhantes. Aliás, o tom de voz e de pele, a constituição física e intelectual, o comportamento individual e social, tudo muito parecido. Praticamente uma família inteira de "gemelares acadêmicos": semelhantes, com particularidades, mas gerados pelos mesmos progenitores, donos de um mesmo sangue, um mesmo DNA. Não se percebiam, claramente, suas individualidades, porquanto eram um coletivo, um grupo, uma única voz. Naquele dia, reunidos em volta da fogueira, estavam 13 deles. Eu jamais esqueceria daquilo.... Eles comiam, falavam, riam, discutiam, tudo regado a muito respeito e interesse.

Voltei pro camping. Precisava organizar o que tinha visto, ouvido e registrado. Abri meu perfil do *Facebook*, antes de mais nada, para mandar notícias à família; afinal, ficaria meses fora de casa, priorizando *GPESlandy*. Certifiquei-me de que estava tudo bem no continente e me despedi.

De repente, de sobressalto me veio a dúvida: será que os gepíacos tinham algum tipo de fanpage ou algo parecido na rede? Procurei e achei!

Eles tinham aberto um grupo dentro do *Facebook* e, para minha surpresa, também já haviam postado comentários sobre a reunião daquela noite!⁵¹

GEPÍACA L: MAIS UMA VEZ NOSSO ENCONTRO FOI FANTÁSTICO!!!! SEMPRE BOM ESTAR COM VOCÊS!!!

GEPÍACA S: PODES CRER!

GEPÍACA-MOR: NOSSA FOI DEMAIS E VCS SÃO ESPECIAIS!!!

GEPÍACA L: QUE FOTOS LEGAIS!!!!

GEPÍACA-MOR: AMEI!!! LINDO *GEPÍACA S* :)

Aproveitei pra dar uma olhada na página inteira e notei algumas postagens interessantes:

GEPÍACA MF: GENTES BONITAS, ACHO Q COM O Q O GRUPO TEM FEITO NÓS PODERÍAMOS PENSAR EM TENTAR ENVIAR UM PAINEL (NO FORMATO DO EVENTO: 3 TRABALHOS INDEPENDENTES QUE DIALOGAM E SÃO APRESENTADOS EM CONJUNTO). PODERÍAMOS PENSAR TAMBÉM EM QUAIS ÓRGÃOS NÃO VITAIS PODEM SER VENDIDOS NO MERCADO NEGRO PRA PAGAR A INSCRIÇÃO E IDA PARA O EVENTO.

HOME DO EVENTO:

DIDÁTICA-ARTISTA DA TRADUÇÃO: TRANSCRIÇÕES DO CURRÍCULO 19 JANEIRO, 2016, POR CCM SANDRA MARA CORAZZA COMO, NA ÁREA DA EDUCAÇÃO, PENSAR EM TERMOS DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE CADA UM DE SEUS..

UFMT.BR

GEPÍACA L: VAMBORA!!!

GEPÍOCO MM: PESSOAR, VAMOS CONFIRMAR NOSSO PRÓXIMO ENCONTRO E PAUTAS... SÓ PRA MANTERMOS A CONVERSA AQUI EM DIA? BEIJOS

GEPÍOCO A: NO DIA 24 DE FEVEREIRO, A NOITE, EU E GEPÍACA P FALAREMOS UM POUCO COM VCS SOBRE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA.

GEPÍACA C: GENTE, IA MANDAR EMAIL DEPOIS DO CARNAVAL!!! HEHEHEHE MAS É BOM A GENTE JA IR SE ORGANIZANDO!

⁵¹ AS MENSAGENS DO FACEBOOK FORAM TRANSCRITAS EM SUA INTEGRALIDADE, RESPEITANDO-SE - INCLUSIVE - O REGISTRO LINGÜÍSTICO PECULIAR DESTE AMBIENTE TEXTUAL. SOMENTE O GRUPO TEM ACESSO ÀS POSTAGENS E OS NOMES USADOS SÃO FICTÍCIOS.

A respeito das relações que se travavam neste lugar, eu podia observar questões interessantes, principalmente em relação à interação entre os membros e sobre os temas trazidos à pauta. Por exemplo:

✓ dos 16 participantes do grupo do Facebook - em média - 10 a 12 visualizaram as notícias; 1 ou 2 comentaram-nas.

✓ Sobre os assuntos trazidos à tona, tínhamos:

- a) uma postagem relacionada às relações interpessoais;
- b) uma segunda postagem agora sobre proposta de participação em congresso, inclusive com a curiosa legenda "poderíamos pensar em quais órgãos não vitais podem ser vendidos no mercado negro pra pagar a inscrição e ida ao evento";
- c) e o primeiro contato do grupo no Face, após férias de verão, solicitando alinhamento da agenda dos gepiacos na ilha de *GPESlandy*.

Percebe-se que nesta esfera de comunicação da ilha, a linguagem é informal, os assuntos se entrelaçam entre pessoal, profissional e logístico, e que a interação parece intensa - visto que quase todos visualizam as postagens - mas, em verdade, a "cidadela" *Facebook* se constitui em espaço de recados e impressões pessoais, meramente (típico desta rede social).

Bem... Estava dada a largada para o mergulho em *GPESlandy*. Eu queria saber mais. Entrar naquele espaço. Mas, para isso, precisava de mais informação prévia, de um contexto que me desse parcial segurança ou ao menos um vislumbre da cultura e das experiências daquele povo. Resolvi, então, procurar novamente por Chauí que, lá na balsa, havia dito para mim que dispunha de outro canal de comunicação dos gepiacos: o email. Cheguei ao chalé dela, bati palmas e imediatamente a vi à porta, com uma cápsula de café na mão. Fui convidada a entrar e pensei: "Um dia terei um chalé-escritório como esse - com café expresso, micro-ondas e frigobar, mas, por enquanto, agradeço imensamente por minha humilde barraca a metros daqui! Ao menos tenho pra onde voltar, na segurança do silêncio de mim mesma..."

Introspecções à parte, entrei. Conteí à pesquisadora o que tinha visto e mostrei a ela minhas anotações. Na mesma hora, pegou um livro em sua estante de junco e me alertou para os perigos do trabalho que eu fazia ali. Com seriedade tamanha, explicou-me quem era uma das organizadoras da obra e eu, imediatamente, me lembrei daquele nome: Maria Isabel da Cunha. Sim! É aquela professora que divide comigo o apreço por leituras intra/transdisciplinares! Uma que discute a noção específica de *Espaço*, *Lugar* e *Território* na experiência da *Cidade Sem Vez*, crendo que esses termos vão além de conceitos educacionais e geográficos: transitam-se, também, pelo papel filosófico do sujeito, o qual demarca seu *Território*! Como me esquecer dela?!

Bem, Depois de me aconselhar a ter cautela, abriu a obra à p. 47, na qual lemos juntas o seguinte:



"Vários riscos existem aqui. O primeiro deles é o risco de um envolvimento total com as atividades, que a reflexão, a busca de compreensão dos processos e a construção de sentidos ficam esquecidas, apagadas pelo ativismo cotidiano, ficando o pesquisador dominado pelas particularidades. Outro é o da desconsideração do fato que, para este tipo de trabalho, o pesquisador se deve voltar para os valores, concepções e significados culturais dos atores em campo, tentando compreendê-los e não os encaixar em concepções e valores dele, pesquisador. Outro risco é o de se ficar em relatos pouco densos, superficiais, oferecendo-se apenas especulações, ou descrições

que não permitem a busca de sentidos mais profundos e/ou surpreendentes [...]. Finalmente cabe ponderar sobre os pontos de equilíbrio na distribuição da participação entre pesquisador-grupo-população, ou seja, fica sempre presente a questão de como combinar as intervenções do pesquisador com as dos demais participantes do processo. A ausência total de pesquisadores, por sua vez, atribui ao processo um espontaneísmo improdutivo, deixa-o à dominação dos grupos mais poderosos e sob o risco da ausência de rigor científico."⁵²

Este excerto me fez decidir por duas coisas importantes no processo de minha observação em GPESlandy, para as quais ainda não tinha me atentado: o tipo de pesquisa que embasaria meu relato seria o (auto) biográfico porque eu necessitaria de uma liberdade muito grande de escrita, de um nível gigantesco de apropriação do signo linguístico em relação à nova cultura acadêmica que eu me propunha a observar; outra questão ficava no plano do grau de meu envolvimento, no entendimento de meu papel na pesquisa sobre os gepíacos: seria uma observadora deles; uma visita mensal; não uma moradora efetiva daquele lugar. Se me propusesse a fazer ambas as coisas, me perderia pelo caminho ou os deixaria sem graça.

A partir destas delimitações - e não 'limitações'! - comecei a ler as últimas conversas dos gepíacos no Google Grupous, um outro ambiente de interação virtual da tribo, cujo acesso me foi permitido por Chauí, visto que não havia ali nenhuma informação que comprometesse a idoneidade dos moradores da ilha. Li o seguinte:

GEPIACA C:

BOM DIA PESSOAS LINDAS!!!! COMO PASSARAM DE FÉRIAS? ESPERO QUE TUDO BEM! COM UM NOVO ANO SE ABREM NOVAS OPORTUNIDADES E, COM ISSO, MUITO TRABALHO =D
COMO HAVÍAMOS DISCUTIDO NA ÚLTIMA REUNIÃO DO ANO, OS ENCONTROS ACONTECERÃO NAS QUARTAS-FEIRA ÀS 18 HORAS. AS DATAS MARCADAS ATÉ O FINAL DO ANO FORAM:
24/02 - 30/03 - 27/04 - 18/05 - 29/06 - 27/7 - 31/08 - 28/09 - 26/10 - 30/11 - 14/12 - JÁ MARQUEM NAS AGENDAS PARA NÃO ESQUECERMOS!

PARA A PRÓXIMA REUNIÃO, NO DIA 24/02, ÀS 18H, NO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, FICOU ACERTADO A APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS DE "AUTOBIOGRAFIA" DA GEPIACA P E DO GEPIACO A; E O TRABALHO DE "FENOMENOLOGIA" DA GEPIACA L E MEU! COMO NÃO IREMOS MAIS TER CAFÉ DA MANHÃ, PROponho MANTER A TRADIÇÃO DE LEVAR UM LANCHE PARA DIVIDIR COM TODOS, ASSIM FICAMOS MAIS FELIZES E A SALA CONTINUA COM UM CHEIRO MARAVILHOSO (GEPIACA M, SINTA-SE INCENTIVADA A LEVAR MAIS COOKIES =D).

BEM, ESPERO VÊ-LOS EM BREVE! BEIJÃO GEPIACA C

GEPIACA L: EBAAAAA!!!!!! NÃO VEJO A HORA!!!!!!

GEPIACA-MOR:

OLA QUERIDOS E QUERIDAS!!!
NÃO VEJO A HORA DO NOSSO ENCONTRO!!
GEPIACA C, MUITO OBRIGADA PELO CARINHO E CUIDADO DE SEMPRE NA DINÂMICA DO NOSSO GRUPO...
AMEI TEU E-MAIL CONTAGIANTE...
BEIJÃO
GEPIACA-MOR

Nesta hora, comentei com Marilena que gostaria muito de conhecê-los pessoalmente. Ela me disse que entraria em contato com a tribo, me apresentando a eles. Saí do chalé dela na esperança de ter um feedback positivo o quanto antes para iniciar meu período de observação e, qual não foi minha surpresa, no dia 23 de janeiro, minha caixa de email acusava as seguintes mensagens:

GEPIÓCO A:

UHULLL... STRELANDO, VISITA GEPIÂNICA!

OBS.: EU NAO GOSTO DE COOKIES. HAHahaha GENTE, FOI UMA PIADA, OK?

HAHAHA

BJOS, ATE AMANHA!

GEPIÓCO J:

GENTXY,

TUDO BEM COM VCS? SAUDADES!

UM "PREGUNTA" (RSRS)...

AS REUNIÕES ESTÃO DE QUARTAAA??

ATT,

GEPIÁCO J

Eram os primeiros "sim's". Estava conectada com eles. Agora era minha vez de dizer "oi". Então, escrevi:

BOM DIA, MENINOS!

ANSIOSA AQUI PRO MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM VCS! CERTAMENTE APRENDEREI MUITO NESSA NOVA CASA!

BEM, DOIS AVISOS PRA CONTEXTO DE TODOS:

- AMANHÃ SAIO ÀS 17H30 DO SENAI DE CAMPINAS (ONDE LECIONO ÀS QUARTAS-FEIRAS) E, CERTAMENTE (E INFELIZMENTE...), CHEGAREI UM POUCO DEPOIS DA HORA MARCADA PARA O INÍCIO DAS ATIVIDADES, MAS CHEGAREI!;

- CONVERSEI COM A GEPIÁCA-MOR E ELA ME PERMITIU FAZER UMA DISCRETA OBSERVAÇÃO SOBRE O ANDAMENTO DA REUNIÃO.

AMANHÃ ESCLAREÇO MELHOR A QUESTÃO E, DESDE JÁ, AGRADEÇO A TODOS PELA ACOLHIDA NO NINHO.

1 ABÇ E ATÉ AMANHÃ!

Instantaneamente (e por isso somos todos gratos à internet, que possibilita comunicação online!), Gepiaca L respondeu:

GEPIÁCA L:

SERÁ MUITO BOM TÊ-LA CONOSCO QUERIDA VISITANTE GEPIÂNICA. SERÁ UMA HONRA FAZER PARTE DA SUA OBSERVAÇÃO. BEIJOS A TODOS E ATÉ AMANHÃ. GEPIÂNICO J, EM 2017 AS REUNIÕES SERÃO SEMPRE NA ÚLTIMA QUARTA DO MÊS DAS 18 ÀS 22H. BEIJOS

Aqui, nesta esfera de comunicação - o email - parece que o grau de impessoalidade/cumplicidade até aumenta (comparado-se ao *Facebook*) se observado o registro linguístico:

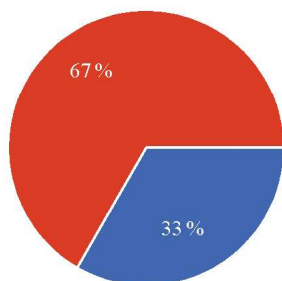
- ✓ os emoticons, os registros próximos da oralidade ("gentxy"; "pergunta"; "quartaaa"; "ebaaa"; "uhulll...");
- ✓ a expressão dos sentimentos por meio da ênfase nos sinais de pontuação ("bom dia pessoas lindas!!!!"; "não vejo a hora!!!!!!!!!!"); "olá queridos e queridas!!!"; "obrigada pelo carinho de sempre..."; "teu email contagiante..."; "nova casa!").

Interessante perceber também que o primeiro email - enviado por uma das gepíacas, gerenciadora do grupo - falava sobre a agenda do ano; mas os retornos versaram sobre saudade, afeto, cumplicidade e acolhimento. Já em relação à reciprocidade em termos de números, dos 26 membros que constam deste *Google Groups*, 6 interagiram no email.

Estes dados me levaram a crer que estava diante de aspectos curiosos: o clima, nesta aldeia, era de cumplicidade e afeto. Muito carinho envolvido, muita alegria de pertencimento da maioria do grupo; por outro lado, pouco se falou sobre a temática de pesquisa da próxima reunião ou tangenciaram-se informações que agregassem valores de trabalho à discussão.

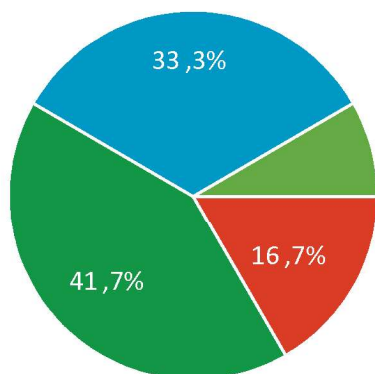
Foi por isso que me "atrevi" a fazer um sobrevoo a respeito da bagagem cultural e acadêmica desses gepíacos, pedindo pra que eles respondessem a um questionário no *Google Docs*, antes mesmo de minha primeira visita à ilha. Já tinha usado as lentes do *Facebook* e do *Google Groups*, mas precisava de maior aproximação porque, afinal, eu era uma estrangeira ali, uma "visitante gepíaca". Compartilho o resultado dessa investida, portanto:

SEXO



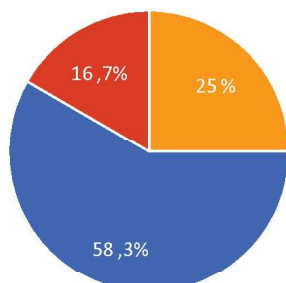
Masculino		33%
Feminino		67%

FORMAÇÃO ACADÊMICA ATUAL



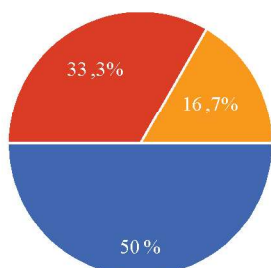
Graduação/Licenciatura - CONCLUÍDO	-	0	0%
Graduação/Licenciatura - EM ANDAMENTO	-	2	17%
Mestrado - CONCLUÍDO		0	0%
Mestrado - EM ANDAMENTO			42%
Doutorado - CONCLUÍDO			0%
Doutorado - EM ANDAMENTO			33%
Pós-doutorado - CONCLUÍDO			0%
Pós-doutorado - EM ANDAMENTO			8%

IDADE



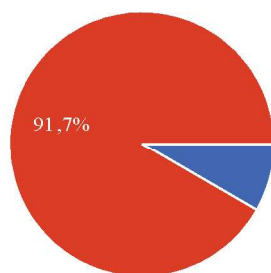
Entre 18 e 30 anos	7	58%
Entre 30 e 40 anos	2	17%
Mais de 40 anos	3	25%

TEMPO DE ATUAÇÃO NO GPESLANDY



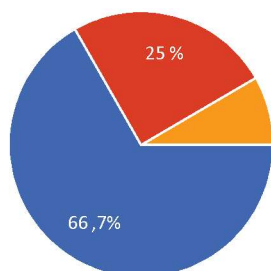
Menos de 1 ano	6	50%
Mais de 1 ano	4	33%
Desde a fundação, em 2010	2	17%

SEU PAPEL NO *GPESLANDY*



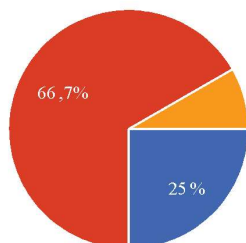
Ouvinte	1	8%
Membro Regular	11	92%
Líder do GPES	0	0%

SUAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS COMO FRUTO DAS PESQUISAS DO *GPESLANDY*



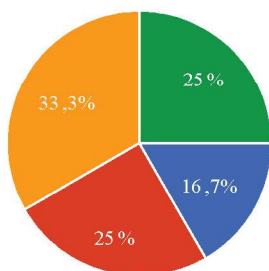
Nenhuma	67%
Entre 1 e 2	25%
Entre 3 e 5	8%

MOTIVO QUE O TROUXE AO *GPESLANDY*



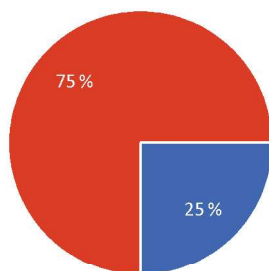
Requisitos da Graduação ou Pós-graduação	25%
Interesse pela linha de pesquisa: Didática e Formação de Professores	67%
Contatos pessoais que sugeriram o GPES	8%

HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO?



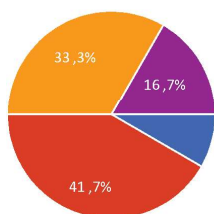
Não trabalha na área	2	17%
Menos de 3 anos	3	25%
Entre 5 e 10 anos	4	33%
Mais de 10 anos	3	25%

PARTICIPA DE OUTROS GRUPOS DE PESQUISA ALÉM DO GPESLANDY?



Sim	3	25%
não	9	75%

QUAIS AS ATIVIDADES QUE NORTEIAM, BASICAMENTE, AS DISCUSSÕES DO GPESLANDY EM SEUS ENCONTROS PRESENCIAIS



Leitura e análise de artigos científicos que tratam da linha de pesquisa do grupo.	8%
Apresentação e discussão de metodologias de pesquisa em Educação.	42%
Apresentação e discussão de projetos de pesquisa dos membros do GPES.	33%
Construção coletiva de artigos científicos para apresentação em congressos na área de Educação.	0%
Outros	17%

DE QUE MANEIRA E COM QUAL INTENSIDADE A ILHA GPESLANDY CONTRIBUI COM AS SUAS PESQUISAS ACADÊMICAS E/OU SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE EDUCAÇÃO?⁵¹

- ✓ Atualmente, o *GPESlandy* constitui-se o corpus de minha pesquisa de doutorado de cunho basicamente etnográfico (adaptado à área de Educação);
- ✓ O mesmo anterior. bastante! Uma vez que no grupo tentamos refletir sobre diferentes aspectos que influenciam os ensino superior e por consequência, a educação básica. Além da constante troca e amizade entre os participantes!;
- ✓ Acredito que a participação no grupo traga contribuições diferenciadas para a minha atuação como educadora e para a prática da pesquisa acadêmica. No âmbito da produção acadêmica, o grupo contribui demais pois as discussões auxiliam no momento da escrita e as trocas nos momentos de estudo me-

⁵¹ A TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS RESPEITOU OS REGISTROS LINGÜÍSTICOS DE CADA PARTICIPANTE. NENHUMA EDIÇÃO TEXTUAL FOI FEITA NESTA PESQUISA VIA GOOGLE DOCS.

metodológico esclarecem melhor coisas que caso eu estivesse estudando sozinha poderiam ser compreendidas apenas pelo meu ponto de vista. No contexto da atuação na área da educação, penso que o grupo contribua por possibilitar uma revisão de nossas práticas baseada também em relatos e trocas de experiências. Não sei se o mesmo acontece em outros grupos de pesquisa, mas dentro do *GPESlandy* temos momentos 'menos acadêmicos' (naquele padrão quadradinho que as vezes as pessoas esperam do 'acadêmico') baseados em trocas pessoais que, no meu ponto de vista, enriquecem muito nossas práticas docentes;

✓ Contribui com minhas reflexões, e produções acadêmicas, a partir de diálogos com a Gepiaca-Mor;

✓ Outro ponto de vista. Outra visão acerca da "FORMAÇÃO" docente mas, também e antes de tudo, humana. O saber-fazer ("didático") aplicase/inserese/apresentase no viver, dentro ou fora de salas de aulas. Aproveito este espaço para dizer que eu marcaria mais de uma opção em algumas das perguntas anteriores mas o questionário não me permite);

✓ O *GPESlandy*, através de estudos de casos, discussões e problematizações acadêmicas, contribui amplamente para minha formação e minha atuação enquanto professora, arrisco dizer que foi o único grupo de estudos que participei nesta instituição, que de forma plena, trabalhou meu desenvolvimento intelectual e científico para estudos voltados à educação;

✓ É um momento de reflexões e sistematização conjunta de conhecimentos acerca da área da educação, nos auxiliando tanto na produção de pesquisas quanto na atuação profissional;

✓ Sempre proporciona reflexão e boas inspirações;

✓ Contribui muito com as minhas reflexões, produções acadêmicas e ideias□foi o primeiro grupo de pesquisa do qual participei em que há, de fato, participação efetiva de todos, discussões bem fundamentadas e apoio entre os integrantes do grupo;

✓ As trocas de saberes são fundamentais e contribuem muito com minha pesquisa em andamento;

✓ O grupo é essencial para a minha atividade de pesquisa, todas as discussões e reflexos são válidas e sempre despertam novos rumos.

Enxerguei, aqui, um grupo efervescendo em laços afetivos, valorizando seus membros e peculiaridades, associando os resultados de suas produções acadêmicas às contribuições filosóficas da Ilha *GPESlandy*. Notei que, nas respostas obtidas, valorizavam-se expressões como:

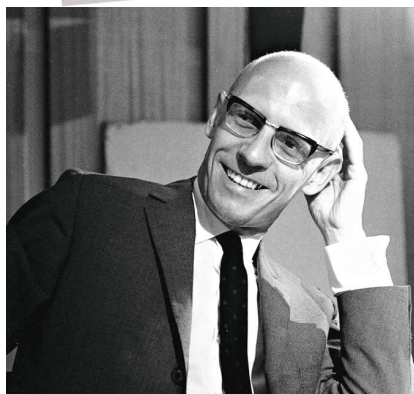
✓ "troca" (4 vezes);

✓ "outro ponto de vista" (2 vezes);

✓ "reflexões" (4 vezes).

Estava claro pra mim, portanto, que os gepíacos eram um povo acessível e disposto a aprender, refletir, (des)construir, buscar a verdade. Nesta hora me lembrei de leituras filosóficas que eu tinha feito em outra tribo, a *Didaticamópolis*. Nela, conheci um tal de Michel Foucault - o GRANDE Foucault sobre o qual já escrevi na Rota que tracei pra essa viagem - que escreveu:

FOTO: [HTTPS://REVISTACULT.UOL.COM.BR/HOME/0-DOMINIO-DO-POLITIZAMEL/](https://revistacult.uol.com.br/home/0-dominio-do-politizamel/)



MICHEL FOUCAULT

"Ora, essa vontade de verdade, (...) apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema de livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela [a vontade de verdade] é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. (...) Seria preciso reconhecer também no que se denomina, não as ciências, mas às "disciplinas", outro princípio de limitação. Princípio que permite construir, mas conforme um jogo restrito."⁵⁴

Comecei a costurar a estas ideias todas as outras que tive no trajeto de minha viagem até a Ilha *GPESlandy*: a questão do *Espaço/Lugar/Território* trazida por Milton Santos; a questão da comunicação em redes e o capitalismo, ventilada pela Marilena Chauí; e agora a questão do jogo ser restrito, afirmado por Foucault. Estariam os gepíacos, de alguma maneira, controlando e delimitando um discurso pela "vontade de verdade"? Afinal, que jogo estavam jogando? Compreendiam que o "jogo era restrito"? Quais seriam estas restrições? Submeter-se-iam a elas?

Os próximos contatos aplacariam estas inquietações.

E continua o diário...

TOMO III

A VIAGEM



FÉLIX GILLES
GUATTARI DELEUZE
MICHEL FOUCAULT
JEAN PIAGET
CLAUDE RAYNAUT

JAMIL SALMI

MILTON SANTOS
MARIA CÉLIA DE MORAES
ANA PAULA HEY
ACACTA KUENZER
MARILENA CHAUI
MARIA ISABEL DA CUNHA

DESBRAVANDO A MATA FECHADA...

O dia amanheceu e eu precisava sair. Conferi se dentro da mochila estavam todos os materiais dos quais precisaria para o encontro com os gepíacos: lupa; gravador; bloquinho de anotação; caneta; chapéu para proteger do calor; cantil com água gelada... CANTIL COM ÁGUA GELADA? Tinha me esquecido disso!! Precisava ir até à bica, do lado da cachoeira principal da ilha. Mas, antes, uma revisada em conceitos básicos sobre Geografia, já registrados em meu caderninho, só para garantir uma segurança mínima na viagem:

Uma ilha: qualquer pedaço de terra cercado de água por todos os lados. Ok. Geografia básica. Mas os elementos que fazem da ilha uma ilha, não são só estes. Coletei alguns outros:

- ✓ Pra ser ilha, não precisa ser grande em extensão (a Austrália, por exemplo, é um pedaço de terra cercado de água por todos os lados; mas mede 13.000.000 km²; portanto, não é ilha; é continente);
- ✓ Pra ser ilha, a água que está a sua volta tem que ser do mesmo tipo - ou doce (ilhas fluviais) ou salgada (ilhas oceânicas).

Teria a *GPESlandy* uma "extensão considerável"? Que água é essa que a "cerca de todos os lados"? É "água do mesmo tipo" ou são águas diversas, que acabam desqualificando a ilha como ilha? Outros dois pontos importantes pra saber sobre ilhas, são:

- ✓ Os tipos de ilha - ou são vulcânicas (formadas pela solidificação das lavas de vulcões); ou são continentais (ficam próximas do continente porque se formaram depois que se separaram dele);
- ✓ Tipo de ligação com o continente - nenhuma ilha "flutua" na água; aliás, todas elas estão ligadas internamente aos continentes.

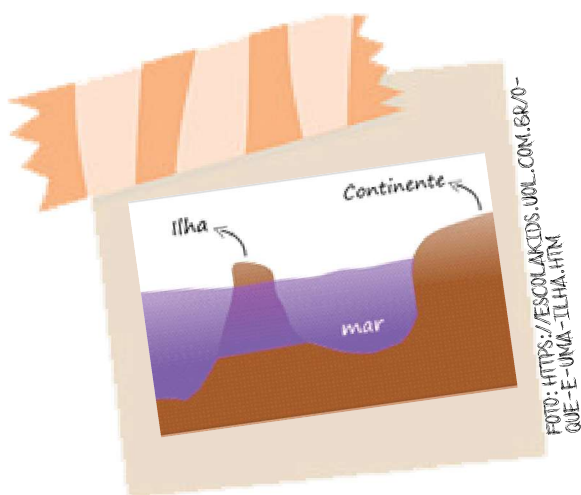


FOTO: [HTTPS://PIXABAY.COM/PT/CROZ-C3Z4NC1A-NAR-NAR-ADRI%C3%A9tico-VELA-357850/](https://pixabay.com/pt/croz-c3z4nc1a-nar-nar-adri%C3%A9tico-VELA-357850/)

Mais perguntas, então: *GPESlandy* foi formada por "lavas de vulcões" ou é "fruto de seu próprio continente"? Ela tem consciência de que está "ligada internamente ao seu continente"?

Enfim... Destaquei algumas expressões aqui porque elas me falam muito alto e, de posse dessas informações sobre as diversas formas de concepção do espaço chamado Ilha de Pesquisa - *GPESlandy* e tantas outras do arquipélago *Pesquisandus Correctus* - começo a acreditar que esse caminho não será fácil de ser trilhado, principalmente no que diz respeito a "onde deixar minha própria bagagem"... Sabe aquela? Que é arregimentada com o tempo, nas inúmeras interrelações com as pessoas, circunstâncias e instituições? Pois é... Como nos "livramos" dela para interferir o menos possível nos "finalmentes" de uma observação de pesquisa? Eu não sei...

Talvez seja também por este motivo - além de todos os outros já pontuados no decorrer dessa pré-viagem - que optei por um enfoque (auto)biográfico de jornada: preciso de uma "liberdade literário-discursiva", enquanto que, ao mesmo tempo, devo me certificar de que não ofuscarei a *Identidade Coletiva* da tribo *GPESlandy* por conta da minha *Identidade Individual*, dos "contornos da interioridade", como diria Leonor Arfuch. É nesta tensão entre o intra e o inter, que faço uma análise preliminar desta viagem na tentativa de compreender o caminho, a caminhante e o destino. Partamos!

Partamos nada!! Esqueci de encher o cantil na bica, lá pertinho da cachoeira...

#partiubica

TROCANDO IDEIAS EM VOLTA DA BICA

Ahhhh, o frescor de uma cachoeira não tem preço... Tomar água da fonte, muito menos...

Já fui desrosqueando o cantil pra enchê-lo de água fresquinha mas qual não foi a minha surpresa ao ver a seguinte cena: Milton Santos espreguiçando numa rede, amarrada entre duas frondosas árvores; Marilena Chauí, sentada numa cadeira de camping, com um lápis na mão, revisando um manuscrito dela mesma que seria lançado no ano seguinte; do lado dela, molhando os pés na água gelada do correcozinho formado pela cachoeira, a Mabel - Maria Isabel da Cunha (já citei essa professora em outros momentos de meu diário, mas jamais imaginei que ela estaria aqui, no camping *Observatorium*, na minha frente!!! #chocada). Ahhh, não poderia perder a oportunidade de conversar com os três. De jeito nenhum. Foi então que puxei conversa:

- Oi, bom dia! Tudo bem?

Os três sorriram pra mim, devolveram um tímido "tudo" e eu comecei a prosa.

- Então... Vocês têm um tempinho? Eu queria muito dividir minhas impressões de novata com vocês sobre a *GPESlandy*... Será minha pri-

meira visita por lá e, se pudessem me dar algumas dicas, eu ficaria muito feliz!

Mabel, empaticamente, respondeu de pronto:

- Claro, guria! Sou toda ouvidos!

- Muito obrigada, prof^a! É que, pra começo de conversa, eu acredito que a *GPESlandy* é muito peculiar em relação ao que já está posto pela *Cidade Sem Vez*, ou, *Temple of the Academy*, porque ela é feita por pessoas de lugares/espços muito diversos. Não se vê, nela, moradores de uma mesma área em torno de um único recorte, mas profissionais e acadêmicos de origens diversas pensando, todos eles, sobre a Pedagogia Universitária - que é marca da etnia deles e que, por sinal, é o assunto que a sra. estuda... Também não vejo isso como uma impossibilidade de trabalho não, mas como mola propulsora pra novas conquistas territoriais, uma nova concepção de espaço, inclusive, sabe?

De repente, fui interrompida pelo Milton:

- Mas Stella, escuta aqui! Desculpa interromper, mas acho que posso ajudar de alguma forma. Pensa no papel do símbolo e da ideologia, associando-os à importância da transformação social num espaço social como a Ilha de Pesquisa *GPESlandy*:

"[...] o movimento da sociedade, isto é, o movimento da totalidade (e do espaço), modifica a significação de todas as variáveis constitutivas [...]. Por isso mesmo, a cada nova divisão do trabalho, a cada nova transformação social, há, paralelamente, para os fabricantes de significados, uma exigência de renovação das ideologias e dos universos simbólicos, ao mesmo tempo em que, aos outros, tornam-se possíveis o entendimento do processo e a busca de um sentido".⁵⁵



MILTON SANTOS

FOTO: [HTTP://GAZETAMT.COM.BR/NOTICIA/CONSCIENCIA-UFPA-TIRA-ATIVIDADES-PARA-LEMBRAR-DIA-DA-CONSCIENCIA-NEGRA-COMENKOR-DO-NA-GUINIA-20/](http://GAZETAMT.COM.BR/NOTICIA/CONSCIENCIA-UFPA-TIRA-ATIVIDADES-PARA-LEMBRAR-DIA-DA-CONSCIENCIA-NEGRA-COMENKOR-DO-NA-GUINIA-20/)

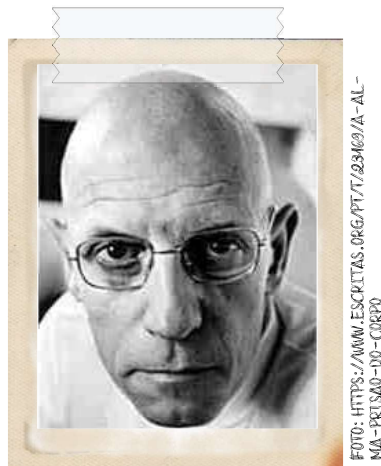
- Então, professor! É isso que penso mesmo. Eu percebo, na sua fala, o papel marcante da "renovação das ideologias" ao mesmo tempo em que, "aos outros", ocorre a busca de sentido, o entendimento do processo. Por que não uma nova proposta constitutiva de Ilha de Pesquisa na tentativa de gerar um "entendimento do processo" e uma reformulação dos sentidos acadêmicos na *Cidade Sem Vez*? Porque, veja bem, prof.: por conta da *multiplicidade de formação acadêmica* de seus moradores (físicos, pedagogos, linguistas, geógrafos, químicos, odontólogos, jornalistas, educadores físicos, biólogos), tem-se, no coletivo da *GPESlandy* uma *heterogenia profissional*: alguns, no trabalho na Ilha, dedicam-se à Educação no Ensino Superior (ou como docentes, ou como assessores, ou como gestores); outros, ao Ensino Básico (como docentes ou gestores); outra

frente atua em suas áreas específicas, não necessariamente ligadas à Educação (dentistas, jornalistas). Então, nesse contexto todo, o que eu deduzo é que: existe uma riqueza de conhecimentos partilhados que, dificilmente se encontra em Ilhas "monodisciplinares", e isso facilita uma visão mais holística sobre a Pedagogia Universitária (origem da etnia deles); outra coisa é que se não houver uma proposta de "amarra" desta multidisciplinaridade em favor de um bem comum - a construção epistemológica de uma Pedagogia Universitária plural - pode se correr o risco de os múltiplos saberes dispersarem-se frente à temática única, que é a Pedagogia Universitária - DNA da Ilha, a partir do qual, aparentemente, eles constroem suas histórias de pesquisa.

Com esse meu falatório todo, a essa altura, estavam os três me olhando e eu já não sabia se isso era bom ou ruim. Só sei que continuei falando, alucinadamente...

- Vocês sabem de mais uma coisa? Eu estava pensando sobre algo importante que eu quero trazer aqui, antes de eu ir: a questão da **familiaridade com o ato de pesquisar**. Pesquisa é a fonte de subsistência dessa Ilha. É o ganha-pão de todos os membros de lá para poderem sobreviver na Cidade Sem Vez. Portanto, o caminho do fazer-pesquisa (coletar, organizar e interpretar dados; levantar bibliografias; elaborar textos acadêmicos...), todo esse percurso pede competências e habilidades específicas para fazê-lo. Quando uma Ilha de pesquisa apresenta diferentes níveis de formação dentre seus membros - graduandos, mestrandos, doutorandos e convidados que se aliam ao grupo exatamente por causa desse ecletismo que lhe é peculiar - pode ser que o processo de se fazer e compartilhar conhecimento torne-se mais moroso do que em Ilhas de formação homogênea. Portanto, há que se fazer um investimento de tempo específico para o estudo de metodologias de pesquisa/ação/escrita/leitura técnica, produção de texto acadêmico e difusão dos resultados à comunidade acadêmica, enfim, arar a terra da Ilha, **regar** essa terra, **afogar** a terra, **plantar** a semente, **esperar crescer** a semente, pra só depois, enfim, **colher o fruto** que se espera. Mesmo porque, o ato da comunicação, quando se quer compartilhar conhecimento - por meio da representação da própria linguagem e que só pode ser conseguido a partir deste processo de plantio - é forte indicador de identidade, Individual ou Coletiva. Aliás, gente, a importância do manejo com a linguagem é um tema recorrente de Foucault - nossa, como gosto das ideias desse homem... - e eu acho que vocês também! Olha o que eu li dia desses no "As palavras e as Coisas":

"Quanto à linguagem [...]: embora o homem seja, no mundo, o único ser que fala, não constitui ciência humana co-



MICHEL FOUCAULT

nhecer as mutações fonéticas, o parentesco das línguas, a lei dos desvios semânticos; em contrapartida, poder-se-á falar de ciência humana desde que se busque definir a maneira como os indivíduos ou os grupos se representam nas palavras, utilizam sua forma e seus sentidos, compõem discursos reais, mostram e escondem neles o que pensam, dizem, talvez à sua revelia [...] O objeto das ciências humanas não é, pois, a linguagem, mas, sim, esse ser que, do interior de linguagem pela qual está cercado, se representa, ao falar, o sentido das palavras ou das proposições que enuncia e se dá, finalmente, a representação da própria linguagem."⁵⁶

#SÓLIVERDADES

Os três comentavam entre si sobre a magnitude dos estudos de Foucault, como se eu nem estivesse ali. Também... E eu, sem travas, continuava pensando alto para minha plateia ilustre frente à cachoeira:

- Então, gente! Um terceiro ponto sobre o qual eu penso é a questão do **investimento financeiro**, tanto pessoal quanto coletivo, numa Ilha de Pesquisa. Olha só: no âmbito pessoal - e sobre o qual pouco se fala declaradamente, não é?! - o habitante de uma Ilha de Pesquisa, quando não tem auxílio de bolsas institucionais pra sua sobrevivência, se locomove de seu bairro de origem para onde acontecem as reuniões mensais (e isso demanda despesas com transporte e alimentação - a Ilha é pequena, mas tudo custa caro lá...); agregado a isso tem-se o custo com materiais didáticos, bibliográficos e tecnológicos para que a pesquisa aconteça a contento na Ilha. Já na esfera coletiva, fala-se das bolsas de incentivo à subsistência na Ilha, tanto externas (Fapesp, Capes) quanto internas (bolsas de extensão universitária, bolsas de apoio acadêmico, bolsas de mestrado e doutorado) e, se são ofertadas, só por isso já são relevantes; entretanto, será que elas são suficientes para atenderem à demanda dos moradores das Ilhas de Pesquisa da Cidade Sem Vez que, por sua vez, expandiu-se consideravelmente na última década? Pensem comigo: o residente de *GPESlandy* consegue se manter motivado por muito tempo sem um amparo econômico, pagando suas despesas do próprio bolso, motivado única e exclusivamente pelo ideal de pesquisa?

- Stella, aqui, eu de novo, Milton Santos: sobre essa relação aí entre produtividade espacial e a guerra dos lugares, eu gosto de discutir sempre a questão da rentabilidade associada à produtividade, porque

"Os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamento, infraestrutura, acessi-



FOTO: [HTTP://CIENCIAHOJE.ORG.BR/MILTON-SANTOS- PARA-NOVAS-GERACOES/](http://cienciahoje.org.br/milton-santos-para-novas-geracoes/)

MILTON SANTOS

bilidade) e organizacional (leis, locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral). Essa eficácia mercantil não é um dado absoluto do lugar, mas se refere a um determinado produto e não a um produto qualquer."⁵⁷

- Professor Milton, claro que, nessa sua fala, o enfoque não é a Cidade Sem Vez, mas as empresas e seus negócios. Tudo bem. Mas, no que se tornou o campo acadêmico contemporâneo se não um lugar de "produtividade espacial", lugar especializado de sua "realidade técnica e de suas vantagens

de ordem social"? Qual seria, então, a "rentabilidade" que uma Ilha de Pesquisa em Pedagogia Universitária poderia oferecer à Cidade Sem Vez? O "produto" que a Pedagogia Universitária "produz" é eficaz, mercantilmente? E ainda tem outro ponto que eu gostaria de compartilhar com vocês aqui: os interesses dos partidos políticos vigentes, da indústria nacional e dos investidores internacionais. Até que ponto a pesquisa em Educação - e seus desdobramentos, como a Pedagogia Universitária - interessa às pautas políticas, mercadológicas e econômicas do país? Dependendo do grau de interesse destas lideranças pelo conhecimento produzido e compartilhado pela Educação, os investimentos cessam ou proliferam.

Quando eu disse isso, Chauí levantou da cadeirinha na qual estava sossegadamente sentada até então, jogou o manuscrito e o lápis no chão, e começou:

- Stella do céu!! Agora você aflo-rou em mim um assunto que, até então estava adormecido: a falta de autonomia das universidades brasileiras. Porque... Olha...

"[...] a autonomia organizacional (das universidades) se reduz ao gerenciamento empresarial da instituição para que cumpra metas, objetivos e indicadores definidos pelo Estado e tenha independência para fazer outros com empresas privadas. Seu sentido institucional, sociopolítico, foi devorado pelo sentido administrativo e instrumental das leis que regem o mercado. Em suma, a autonomia passou a significar uma



FOTO: [HTTPS://HUZZAZ.COM/COLLEC-TION/MARILENA-CHAU](https://huzzaz.com/collecion/marilena-chau)

MARILENA CHAUI

capacidade operacional de gestão de recursos públicos e privados, e não mais o modo de inserção da instituição universitária num sistema nacional de educação e pesquisa nem sua forma de relação com a sociedade e o Estado."⁵⁸

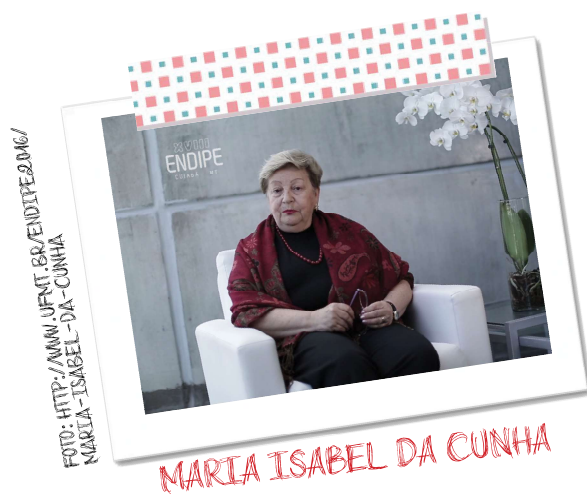
- Então, prof^a! Eu concordo plenamente com a senhora. Consigo ver - e viver - esse cenário que a senhora descreve aí. É que, além disso, tem uma quinta questão no jogo sobre o qual a gente está discutindo aqui: o cunho epistemológico de *GPESlandy*, que é a *Pedagogia Universitária*. O conceito que se tem sobre essa temática, no imaginário coletivo do *Temple of The Academy*, são ideias ligadas à Pedagogia "pura", sem o pensar sobre todos os meandres que o termo envolve: gestão universitária; currículo dos cursos universitários; didática específica para cursos universitários de áreas distintas; assessoria pedagógica universitária; construção da subjetividade do professor universitário; internacionalização. Aqui entra um importante desafio para a *GPESlandy*: a solidificação desse construto epistemológico dentro da própria comunidade acadêmica que a circunda, ou seja, de outras Ilhas de Pesquisa dentro da *Cidade Sem Vez*. Eu acho que é preciso desmistificar o conceito de que Pedagogia Universitária é Pedagogia, única e simplesmente, como aquela a que a origem etimológica da palavra remete - o cuidado com a criança. É mais que necessário cristalizar, frente aos cursos superiores das mais diversas áreas de conhecimento, a epistemologia da Pedagogia Universitária como ela se apresenta: já fundamentada teoricamente, inclusive com avanços significativos e desafios intrigantes, que exigem mais produção e compartilhamento de conhecimentos.

Mabel (apelido que vou usar daqui pra frente, já que estou escrevendo um diário cheio de mim...) tomou a vez, dizendo que sobre esse assunto ela fazia questão de falar:

- Stella, minha querida... Há doze anos eu falo sobre isso e fico feliz que você esteja interessada em continuar vasculhando novas terras como a *GPESlandy*... Que bom... Mas eu digo há tempos sobre

a necessidade de saberes epistemológicos consolidados, sabe? Sustentados por bases teóricas específicas da Pedagogia Universitária e, olha:

"Certamente são eles (professores universitários) mais vulneráveis, também, às influências externas, especialmente das políticas públicas, quando elas impõem padrões de qualidade aleatórios, interferindo na identidade individual e na identidade institucional. A carência do hábito de uma reflexividade sustentada por bases

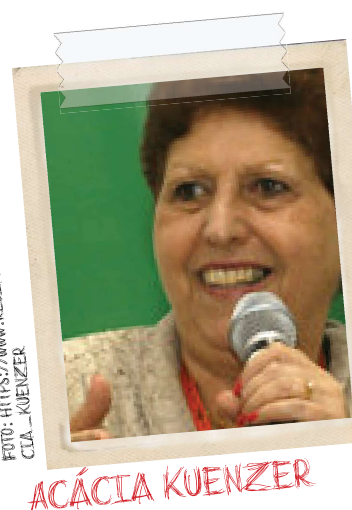


MARIA ISABEL DA CUNHA

⁵⁸ CHAUÍ, 2004, PP. 204 E 205.

teóricas deixa os docentes do Ensino Superior mais suscetíveis aos modelos externos, capazes de imprimir projetos pedagógicos nem sempre explicitados e, muito menos, discutidos."⁵⁹

- Sim, sim, prof^a! E neste ponto deve ser destacado o papel central do fazer-pesquisa, do produzir conhecimento, como prioridade de uma Ilha de Pesquisa - e na *GPESlandy* tem se percebido um movimento nesta direção, pelo que eu já andei pesquisando sobre ela até aqui. O mundo da *práxis* pressupõe o mundo da teoria, e esta teoria pode ser vista como perturbadora, intrusa - num mundo como o da pesquisa em Educação, no qual a teoria é, muitas vezes, substituída pelo senso comum, pela prática por si só, o que traz ao profissional e ao pesquisador "certa tranquilidade, posto que nada o ameaça". A senhora sabe que as professoras Acácia Kuenzer e Maria Célia de Moraes - da Federal do Paraná e de Santa Catarina, respectivamente - escreveram um artigo, 2005, chamado "TEMAS E TRAMAS NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO"? É um artigo e tanto!! Lá elas dizem que



"[...] a teoria não deve abandonar o seu lugar catalisador na pesquisa e nem poderia ser de outra forma [...] Isto significa compreender que o método de produção do conhecimento é um movimento do pensamento que, no e pelo pensamento, parte da apreensão de um primeiro nível de abstração composto pela vital, empírica, caótica e imediata representação do real, e tem, como ponto de chegada, formulações conceituais cada vez mais abstra-

tas. Estas, de volta ao empírico e imediato ponto de partida, podem apreendê-lo como totalidade ricamente articulada e compreendida, mas também como prenúncio de novas perspectivas, apenas intuídas, que levam o presente a novas buscas e formulações a partir da dinâmica histórica que articula o já conhecido ao presente e anuncia o futuro."⁶⁰

Foi então que meu deus conta: todos eles me olhando e eu olhando pro relógio. Estava atrasada e ainda tinha que voltar pra barraca e pegar a luneta, o bloquinho e a caneta porque, afinal, era dia de me encon-

⁵⁹ CUNHA, 2006, P.259.

⁶⁰ KUENZER & MORAES, 2017, PP.1341-1362.

trar, definitivamente, com os gepíacos. Já havia chegado bem perto, mas só tinha tirado fotos; não conversei com eles. E hoje é o dia.

Me despedi de Milton, Mabel e Chauí e corri pro meu compromisso.

Quanto mais me aproximava de *GPESlandy*, mais os tambores ficavam audíveis. Eles cantavam uma espécie de "hino", uma "ode" ao povo local, como que em sinal de respeito ao lugar que pertenciam. Era dia de encontro para definir as estratégias de ação da tribo para aquele ano.

Quando me viram, a música parou.

- Quem é você? - uma senhora de voz encorpada me perguntou.

- Eu? Eu sou conhecida do Milton, da Mabel, da Chauí, sabe? Eles já estiveram aqui, conversando, aprendendo com vocês. Tudo bem?

- Tudo bem. Eu conheço esse pessoal. Tudo gente boa. Eles já vieram aqui mesmo, já conversaram com a gente, já participaram de alguns rituais nossos e tudo o mais. Mas, e você, veio fazer o quê aqui?

- Ah, eu só quero conhecer vocês porque já conheci povos parecidos e queria saber como é a realidade de outra ilha do Arquipélago *Pesquisandus Correctus*, sabe? Sou pesquisadora e sempre gosto de aprender com novas experiências, novos cotidianos... Vocês me permitiriam passar essa tarde aqui?

- Hummm... Bom, se você é amiga desses três que citou aí, tudo bem. É tudo amigo nosso. Mas se apresse porque hoje temos o "Ritual de Iniciação": três novos membros efetivam a moradia aqui. Queremos recebê-los com pompas de estado. Vem.

Entendi que aquela deveria ser a *Gepíaca-Mor*, por conta do perfil de autoridade não-autoritária e de como os gepíacos se comportaram quando ela me apresentou para eles: era uma cumplicidade misturada a um respeito; interessante de ver. Todos me receberam com amabilidade, mas em silêncio. Parecia que o ritual daquela manhã seria algo importante. Entendendo isso, entrei na oca - toda ornamentada para o ritual - e me sentei ao lado de uma gepíaca baixinha, de óculos, e de fala segura, sábia e gentil que, ao final da reunião, vim saber que era a *Gepíaca A*. E deu-se a reunião.

RITUAL DE INICIAÇÃO E OUTRAS COISINHAS MAIS...

Gepíaca-Mor: Gente, vou começar com as justificativas de **AUSÊNCIAS**, tá? O *Gepíaco A* tava com a mãe dele lá no pronto socorro, mas eu queria saber se ela tava melhor. A *Gepíaca L* chega atrasada porque ela assumiu a escola como diretora e ela tá com o horário meio complicado. A *Gepíaca S* foi convocada pra uma reunião - porque ela, graças a Deus, voltou pra atividade profissional - e foi CONVOCADA pra uma reunião e não pode dizer não. Vocês sabem bem como é que é isso, né? A *Gepíaca C* chega mais tarde porque tem reunião de pais hoje na escola. Ah! A *Gepíaca M* justificou também que ela não vem porque está num júri popular. Mas **ELA NÃO ABANDONOU O GRUPO NÃO**, viu gente!

Fiquei pensando aqui comigo... Não deve ser fácil manter a homogeneidade de um grupo cuja constituição é de trabalhadores celetistas que dependem do emprego para sobreviverem, ou a quem sobrevivem imprevistos da vida... Mas a reunião prosseguiu com os que puderam comparecer. E a *Gepíaca-Mor* continuou:

Gepíaca-Mor: Bom, gente, esta é a primeira reunião do ano e já vou avisando que nós teremos aqui o F. que já chamamos de *Gepíaco F* porque vem de uma Ilha de Pesquisa que também estuda a Pedagogia Universitária e que, agora, deseja morar aqui com a gente. O *Gepíaco F* é prof. e ele trabalha com música. Falei: noooooosssaa!! Tem tudo a ver com o *Gepíaco R*, que legal! Mas ele tá de férias. Não vai conseguir estar aqui hoje, mas vai participar das próximas, tá? Inclusive, ele GOSTARIA QUE A GENTE FOSSE PRA ILHA DELE pra gente fazer uma aproximação maior com o Temple of the Academy de lá. E também pediu que nós montássemos uma fala sobre Pedagogia Universitária pra que nós participássemos de um evento de lá sobre essa temática. Então, hoje nós temos duas grandes atividades para fazer: apresentação da QUALIFICAÇÃO da *Gepíaca M* - que ela vai qualificar agora, terça-feira - e temos que organizar a primeira temática com relação à Pedagogia Universitária que é a questão do LIVRO que a gente ficou de fazer até como exercício.

Nossa! Estudar conceitos sobre Pedagogia Universitária, escrever um livro, analisar material de qualificação, organizar congresso... Muitas atividades pesadas pra pouco tempo de reunião e com instabilidade de frequência dos membros... Propostas ousadas, pertinentes e inadiáveis. E fico me perguntando como seria possível formar um *Território* a partir dessa concepção de *Espaço*, nesse contexto de Ilha de Pesquisa?

Gepíaca-Mor: Eu mandei a *Gepíaca M* fazer umas coisas aí e ela tá fazendo tudo direitinho: ela ENTREGOU A QUALIFICAÇÃO dela e tá lendo tudo esses editais aí em inglês pra gente CONSEGUIR VERBA pra ir pra outros lugares. Ah! Eu fui convidada pra falar na ESALQ na palestra de abertura pros graduandos.

Olha a importância de um segundo idioma para se conseguir bolsa de estudo via editais públicos!! Mais uma vez, aí está a Linguagem pra marcar território e avançar - ou retroceder - para outros tantos... Além do quê, ser articulado numa segunda língua mas não ter subsídio para sair da própria ilha é de a incongruência desmedida de todo um sistema educacional embasado pelo mercado...

Gepíaca M: Ahh! Em falar em ESALQ, vai ter uma mesa sobre a saúde do pós-graduando. SAÚDE MENTAL DO PÓS-GRADUANDO e CONDIÇÕES DE TRABALHO na pós-graduação.

Interessante esse evento... Por que será a necessidade de uma Mesa, num Congresso, que aborde a saúde do pós-graduando e o trabalho na pós-graduação? "Será" que há algo acontecendo com esse recorte da Cidade Sem Vez? "Será" que os moradores de lá estão carecendo de apoio, ajuda, intervenção? Qual/quais os motivos? Mas este não era o assunto da reunião de *GPESlandy*. Prossigamos com a reunião, portanto.

Gepíaca-Mor: Pôxa vida! Queria chamar um cara pra fazer nossa aula magna. A gente tinha que chamar alguém que discutisse a IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO BRASIL porque A GENTE TÁ QUASE MORRENDO AQUI!! Tem que chamar alguém que faça essa discussão!! Né?! Bom, mas antes da gente ir pra pauta, eu queria apresentar os novos INTEGRANTES, né? SE É QUE VOCÊS VÃO FICAR, EU NÃO SEI... depende da gente poder IMPRESSIONÁ-LOS... Se bem que eu acho bom vocês falarem de vocês, né? Vai lá!

Curiosa essa pré-disposição em acreditar que quem entra, logo sai. Será mesmo? O que "seguraria" alguém num *Território*? Quem já é "nativo" precisa "impressionar" o estrangeiro? Fiquei pensando sobre as hipóteses de resposta e, talvez, não seja necessário o "impressionar". Quem sabe o "permanecer" não dependa só dos moradores da Ilha, mas de outras tantas variáveis do Mundo que atrelam ou libertam os viajantes da vida. Creio que este seja um ciclo normal, esperado: o de dizer "Adeus".

Gepíaco Ae: Meu nome é *Gepíaco Ae*, estudei aqui neste Temple of the Academy, fiz Geografia com a *Gepíaca M*.

Gepíaca Ad: Bom, meu nome é *Gepíaca Ad*, eu sou de Limeira, na educação estou há trinta anos.

Gepíaco Ro: Meu nome é *Gepíaco Ro*, eu sou do mesmo ano de Geografia do *Gepíaco An* e da *Gepíaca M*, só que eu sou do noturno. Sou PROFESSOR de Geografia EM MOGI GUAÇU, ITAPIRA e RIO CLARO. E eu moro em MOGI MIRIM. Eu só não dou aula em Mogi Mirim.

Depois dessa fala, perguntei pra mim: "Mas... Gente... Como pode ser possível que se constitua a dignidade de um pesquisador no Brasil, se ele tem que dar aula em três cidades diferentes e ainda pesquisar, publicar, participar de congressos, fazer mestrado, doutorado e, ainda por cima, "viver"? Nessa hora me lembrei do perfil oficial de Deleuze e Guattari, lá no *Facebook*; de um textão de 2016. Eles publicaram o seguinte:



"[...] Os direitos do homem não dizem nada sobre os modos de existência imanentes do homem provido de direitos. E a vergonha de ser um homem, nós não a experimentamos somente nas situações extremas (...), mas nas condições insignificantes, ante a baixeza e a vulgaridade da existência que impregnam as democracias, ante a propagação desses modos de existência e de-pensamento-para-o-mercado, ante os valores, os ideais e as opiniões de nossa época. (...) Não nos sentimos fora dessa época, ao contrário, não

cessamos de estabelecer com ela compromissos vergonhosos. (...) Não nos falta comunicação, ao contrário, nós temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente. A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda."⁶¹

Me deu um nó na garganta... "Falta-nos resistência ao presente"... Mas... Como ? De que maneira fugir do-pensamento-para-o-mercado? E antes que eu me perdesse de novo por conta de meus devaneios, voltei com meus pés pra terra de *GPESlandy*.

Gepíaca M: E, gente, cadê o *Gepíaco Ra*? *Gepíaco Ra* NÃO TÁ VINDO! Eu tava me sentindo ABANDONADA NO TIME DOS GEÓGRAFOS, então, tô feliz porque os novos ingressantes chegaram!

Gepíaca-Mor: Beleza. Vamos pra apresentação da *Gepíaca M* agora? Porque é assim: TODO MUNDO QUE DEFENDE DISSERTAÇÃO OU APRESENTA QUALIFICAÇÃO faz AQUI PRIMEIRO, tá?

E aí aconteceu a apresentação da qualificação da *Gepíaca M*, na qual o grupo todo participou e para a qual todo mundo contribuiu. Mas um excerto me chamou a atenção:

Gepíaco J: *Gepíaca M*, o CIÊNCIA SEM FRONTEIRA, o MEC deve emitir relatórios a respeito do programa. Teve alguma discussão sobre o IMPACTO DO PROGRAMA PARA O DOCENTE? Ou não: SÓ do ponto de vista do estudante...

Gepíaca M: Não. Eles (Capes/Governo Federal) trazem o impacto para a universidade; aí, dentro dos impactos que eles elencam para a universidade, alguns são direcionados ao docente. Mas... Não tem... O

relatório do programa, eles são muito **FINANCEIROS**. Lá em Fortaleza, os sujeitos da **CAPES** que eu entrevistei se referiram ao **CIÊNCIA SEM FRONTEIRA** como uma **GRANADA**. Eu mantenho a analogia do tsunami. Tipo... O cara chamou o Ciência sem Fronteira de "**GRANADA SEM PINO**", mas ainda chamo de tsunami: ele chegou e acabou com tudo o que tinha pela frente e com tudo o que veio depois...

Gepíaca C: Você acha que...

Gepíaca-Mor: Olha, só mais um minutinho porque a gente tem que ir pra outra temática!

(E O GRUPO QUERIA FALAR MAIS SOBRE PROGRAMAS FEDERAIS DE INCENTIVO À CIÊNCIA, AO ESTUDO NA PÓS-GRADUAÇÃO, AOS PROGRAMAS DO GOVERNO PARA AS MAIS DIVERSAS LINHAS DE PESQUISA NO PAÍS. ISSO INTERESSA AO GRUPO...)

Gepíaca C: Tá. *Gepíaca M*, você acha que tem como **SALVAR ESSE PROGRAMA** ou ele é um programa que foi fadado ao **FRACASSO**?

Gepíaca M: Eu acho que agora é uma **QUESTÃO DE MARKETING**. Eles **NÃO QUEREM** salvar esse programa. O discurso, até então, que eu tava lendo, era revitalizar o *Ciência Sem Fronteiras*. Mudar o foco do CSF e fazer um negócio mais voltado à pós-graduação - que é o que eles perceberam que é o caminho, lá na **CAPES**. Só que lá, na Capes, no congresso que eu fui em Fortaleza, eles lançaram esse programa com outro nome. Porque a **IMAGEM DO CSF**, ela **TÁ GASTA**. (Foi aí que alguém disse: Virou "**TURISMO SEM FRONTEIRAS**" - rrsrsrs).

Olá, meu querido diário! Estive em GPEStandy, narrando essa história, em março de 2017. Hoje, em abril do mesmo ano, faço uma inserção da reportagem da revista EXAME, informando que, realmente, o programa foi encerrado pelo governo.

#gpestandyvivendoahistória

#pesquisanoBrasil



Ciência Sem Fronteiras: programa de bolsas de estudo ainda existe?

DA REDAÇÃO

O Ciência sem Fronteiras foi criado em julho de 2011, durante o governo Dilma Rousseff. Financiado pela Capes, CNPq e empresas parceiras, o objetivo inicial era expandir e internacionalizar a ciência, a tecnologia e a inovação, além de promover a competitividade brasileira a partir do intercâmbio.

Nos primeiros anos, o CsF ofereceu bolsas de estudo para iniciação científica em universidades de excelência fora do país.

No entanto, em 2014, o programa para graduação encerrou com o último edital de 2014, no governo Dilma, motivado por altas dívidas da gestão anterior. Na época, o número de bolsistas remanescentes deste edital no exterior e

visitantes no Brasil chegava a 4 mil.

Em abril de 2017, o MEC (Ministério da Educação) anunciou o encerramento definitivo do CsF para graduação, mas, na mesma nota divulgada, afirmou que a iniciativa teria 5 mil bolsas para pós-graduação. O Estudar Fora explica as etapas das discussões em torno do programa, até chegar ao modelo atual.

Gepíaca M: Bom, a maior parte dos editais abre agora, de março a abril. Se a questão do **IDIOMA** é um **PROBLEMA** (inglês, porque a maioria tinha dificuldade com isso...), tem muita universidade em **PORTUGAL** via bolsa *Erasmus*. Mas, gente, cuidado com o doutorado integral fora do país porque depois, pra **VALIDAR** isso aqui no Brasil é **MUITO DIFÍCIL**!

Gepíaca-Mor: Mas, gente, você indo, *Gepíaca M*, pode abrir... Pode abrir...

Gepíaca A: Pode abrir a "porteira". "Óia, gente, dêxa eu falá uma coisa: tá vindo uma renca do Brasil, tá?!" (risos)

Gepíaca-Mor: Têm outras bolsas, num têm? Fora o *Erasmus*?

Gepíaca M: Tem. Tem.

Gepíaca-Mor: Então... Todos têm que olhar isso também, né? Onde você tá vendo tudo isso? É na página das Relações Internacionais?

Gepíaca M: Do Erasmus eu vejo na página do Erasmus. No site da Temple of the Academy não tem todas.

Gepíaca-Mor: Abre aí, amiga! Temple of the Academy Reitoria - AREX.

Por causa do tempo, o assunto foi transferido para próxima reunião e passou-se pra outra pauta; mas, na reunião seguinte, não foi tratado o tema "editais para estudo no exterior". Fator a ser observado: quem sabe uma pauta de reunião mais enxuta - no sentido de menos itens - que pudessem ser finalizados; ou reuniões temáticas; ou um assunto por reunião. Só pensando alto aqui, tentando aproveitar a energia dessa tribo, que é pulsante.

SEGUNDO MOMENTO DA REUNIÃO DA GPESLANDY:

Gepíaca M: Agora vamos falar de EVENTOS! O Congresso de Pedagogia Universitária.

Gepíaca C: Então... Eu já tinha tido uma ideia. Vamos ver se vocês topam minha ideia! Era assim: "NOVOS DESAFIOS, novas ideias!" ou "Pedagogia Universitária: novos desafios, VELHOS PROBLEMAS". Pra gente conversar sobre de como que a universidade NÃO TÁ CONSEGUINDO ATENDER esse novo público nesses novos desafios que tão surgindo que tá INTENSIFICANDO os nossos VELHOS PROBLEMAS. Eu pensei nisso.

Gepíaca M: Eu gostei. Eu acho que a gente pode pensar com carinho nisso e dentro daquele EDITAL DA CAPES a gente precisa delinear que caminho que a gente quer pra eu conseguir montar, tudo bonitinho, com SUBMISSÃO DE TRABALHO.

Gepíaca A: Põe CONGRESSO NACIONAL! Porque a MABEL não vai vir? Ela é do Sul. Não, gente!! INTERNACIONAL! A gente chama a LUCA-RELLI!

Gepíaca C: Gente, chamar a gente chama, mas e DINHEIRO?

Gepíaca A: Gente! DINHEIRO tá no edital!

Gepíaca M: O dinheiro está no edital só que aí tem algumas coisas que o edital coloca que a gente PRECISA OBEDECER. É... Eu acho que chamar essas pessoas não seria o problema, tá, porque o edital ban-

caria aí a parte de transporte e hospedagem desses sujeitos; a gente não pode usar o dinheiro desse edital... pra... nada além disso, basicamente... NÃO PODE fazer coffee break, NÃO PODE comprar nada pra decoração, NÃO PODE... NÃO PODE bancar impressão, aluguel de estruturas e confraternização.

Gepíaca L: Ah, mas aí a gente tem como fazer com INSCRIÇÃO PAGA, né?

Gepíaca M: Mas aí é aquela questão: queremos fazer com inscrição paga? A gente tem dois caminhos aí pra conseguir dinheiro: 1º) VENDER OS RINS (risos). Bom, são poucos os grupos por aqui que estão discutindo Pedagogia Universitária. No ano passado surgiu a ideia de fazermos um evento, mas PERDEMOS O EDITAL e não foi feito. Este ano o edital abriu agora a pouco e agora a ideia é fazermos um evento das temáticas da Pedagogia Universitária aqui. A Capes tá liberando... gente, eu tô falando: colocaram alguma coisa na água do Governo Federal!! (risos). Porque o dinheiro tá brotando, assim, de algum lugar! Não tá certo isso! Não tá normal!(risos)

Gepíaco Na: Mas não tem OUTRAS OPÇÕES?

Gepíaca M: Era aí que eu queria chegar: tem a opção da PROEX, que TEM POUCO DINHEIRO mas faz parte dos editais de fluxo contínuo do Temple of the Academy. Porque daí teria a PROEX, o edital de eventos da REITORIA, que deve abrir por agora - porque no ano passado eles abriram nesse período de março, e nesse edital da Reitoria, cada programa de pós-graduação submete uma proposta. Então, a gente tem que estar com nossa proposta pronta pra passar no Conselho. A terceira opção: somos um grupo vinculado ao nosso PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, que deve receber verba de novo.

Gepíaca A: Então, a gente pode fazer, com um único projeto, várias submissões.

Gepíaca L: Ah, eu acho súper joia, viu! Já é um diferencial a gente NÃO COBRAR A INSCRIÇÃO pra um congresso como o que a gente tá querendo fazer, de qualidade, de peso, seria muuuito bom.

Gepíaca M: Eu acho que daria pra fazer sim. Mandando pra CAPES, pra PROEX e falando com NOSSO PROGRAMA, dá pra fazer o congresso cobrando só submissão de trabalho.

Gepíaca A: Eu já acho que TEM QUE COBRAR alguma coisa, porque tudo o que é DE GRAÇA O POVO NÃO VALORIZA.

Gepíaco J: Ou MUDAR ESSA FILOSOFIA...

Gepíaca A: Mas, aí, não depende da gente. Porque, assim... Quando você limita, você põe número de vaga, você põe preço, aí o povo: "Ah, porque é bom! Isso é booom, eu vou!" Agora, quando é DE GRAÇA, quando você dá ACESSO PRA QUALQUER UM, ihhh...

Gepíaca C: É porque aí eles pensam: "NÃO INVESTI NADA pra tá aqui..."

Gepíaca A: Exatamente!!

Gepíaco J: Eu ME PREOCUPO com a IMPOSSIBILIDADE de algumas pessoas participarem, sabe...

Gepíaca-Mor: Eu acho que tem sim que ter um VALOR SIMBÓLICO, até PRA GENTE SE MANTER, gente! Até a folha que a gente vai ter que COMPRAR, certificado que a gente vai ter que EMITIR, DIVULGAÇÃO, PROPAGANDA...

Gepíaca A: Eu acho que, assim, óh: a gente pode desenhar o projeto, trazer pro próximo encontro, a gente fecha, e vê as propostas disponíveis pra submissão.

Gepíaca M: NÃO DÁ TEMPO pro próximo encontro. Se quiser mandar pra CAPES tem que ser AGORA.

Gepíaca C: Quem tem tempo aí, porque EU TÔ TRABALHANDO que nem uma condenada...

Gepíaca A: Eu até faria, mas TÔ CORRENDO QUE NEM DOIDA por causa do "sanduíche".

Gepíaca M: Uma ideia seria a gente MONTAR UM GRUPO AGORA, uma COMISSÃO ORGANIZADORA, que desenha esse evento...

Gepíaca-Mor: Mas a gente tinha desenhado, não tinha? Aquele evento que não deu certo lá? Não dá pra aproveitar aquele?

Gepíaca M: É que aquele que a gente desenhou, eu FIZ EM CASA assim, óh, NÃO TÁ BEM FEITINHO, tudo... Eu acho que agora que a gente

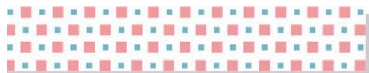
tem um grupo estruturado nos subgrupos dava pra gente fazer um negócio mais... Quais são as ementas dos subgrupos mesmo? Vâmu lá:



1. ESPAÇOS E PROCESSOS DE FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE
EMENTA: A PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA COMO CAMPO DE CONHECIMENTO. OS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES. ASSESSORIAS PEDAGÓGICAS UNIVERSITÁRIAS COMO LUGAR DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM DIFERENTES NÍVEIS DE ENSINO.



2. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO UNIVERSITÁRIO
EMENTA: ENSINO UNIVERSITÁRIO; FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO SUPERIOR; ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA; CURRÍCULO; PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO; PLANEJAMENTO; ESTRATÉGIAS DE ENSINO; AVALIAÇÃO.



3. LINGUAGEM E EXPERIÊNCIA EM PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA
EMENTA: LINGUAGEM COMO PERTENCIMENTO E EMPODERAMENTO. PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA SENDO TANTO EXPERIÊNCIA COLETIVA QUANTO INDIVIDUAL. COMPREENSÃO DA MANIFESTAÇÃO LINGUÍSTICA COMO EXPERIÊNCIA DOCENTE.



4. GESTÃO, POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL UNIVERSITÁRIA
EMENTA: TIPOS DE GESTÃO; POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE ENSINO SUPERIOR; GESTÃO UNIVERSITÁRIA; ORGANIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR; FORMAÇÃO DO GESTOR; GESTÃO E ORÇAMENTO.

Fiquei tãããã animada com essa ideia dos subgrupos! Senti que, no momento em que eles foram criados, comprou-se o terreno fértil do futuro Território. Concomitantemente a isso, lembrei-me de um congresso, do qual participei, cuja palestra de abertura foi do antropólogo francês Claude Raynaud. Ele ponderava sobre a interdisciplinaridade na pesquisa acadêmica e disse o seguinte:

" [...] Montar programas interdisciplinares dentro do meio acadêmico tem, até hoje, algo de uma aventura. Chegar à interdisciplinaridade na prática científica não se dá pelo



FOTO: [HTTP://WWW.CAPES.GOV.BR/36-NOTICIAS/0953-ULTIMO-DIA-DE-EVENTO-DEBATE-A-PRACTICA-DA-INTERDISCIPLINARIDADE-EM-GRUPOS-DE-PESQUISA](http://www.capes.gov.br/36-NOTICIAS/0953-ULTIMO-DIA-DE-EVENTO-DEBATE-A-PRACTICA-DA-INTERDISCIPLINARIDADE-EM-GRUPOS-DE-PESQUISA)

CLAUDE RAYNAUT

simples fato de reunir várias disciplinas dentro de um mesmo grupo. É o resultado de um processo de construção rigoroso e metódico. [...] A questão é particularmente crucial quando o objetivo é inovar nos processos de produção do conhecimento por meio de pesquisas sobre assuntos cuja complexidade e cujo caráter híbrido, conjugando aspectos heterogêneos, exigem a participação de disciplinas científicas diversificadas - em particular, quando os problemas a serem resolvidos implicam a colaboração entre ciências que tratam das dimensões materiais da realidade (físicas, químicas, naturais, técnicas etc) e ciências cujo objeto de estudo é o universo imaterial de ideias, valores, regras, sentimentos que inspiram tanto os comportamentos coletivos quanto individuais dos seres humanos."⁶³

Eu me lembrava que, aliadas às palavras de Claude Raynaut, estavam as da Mabel, pesquisadora a quem sempre admirei. Sobre a gestão de conhecimento e pessoas em equipes de pesquisa, em Ilhas de Pesquisa como a *GPESlandy*, ela me disse uma vez que uma alternativa para se organizar os processos investigativos em colaboração seria

"(...) tomar o tema como um todo, mas dividir o problema em subquestões investigativas e atribuir a partes da equipe a responsabilidade de cada uma. Nesse caso, há uma base comum que constitui o campo empírico, mas cada subgrupo se responsabiliza por uma dimensão do estudo. A base conceitual precisa ser a mesma, uma vez que ela orientará a discussão dos dados. Em pesquisa sobre o lugar da formação dos professores universitários, por exemplo, foram mapeadas as possibilidades e alternativas existentes, e o estudo de cada uma delas foi de responsabilidade de um subgrupo, que analisou seus resultados

a partir do referencial teórico comum do projeto maior. A reunião das partes e a constituição de processos de síntese colaborativa é o que produzem o resultado final."⁶⁴



MARIA ISABEL DA CUNHA

#EASSIMCAMINHAGPESLANDY

Meus pensamentos foram tão alto que quase perdi a linha da reunião dos gepíacos. É que fiquei com a sensação de que Raynaut talvez já houvesse passado por aquela ilha, tamanha a exatidão da descrição que

⁶³ PHILIPPI JR. & FERNANDES. IN: RAYNAUT, 2015. P.523

⁶⁴ CUNHA, 2008. PP. 119 E 120.

havia feito do processo de pesquisa que envolve interdisciplinaridade. Pensei também sobre a complexidade de gerir uma Ilha de Pesquisa Interdisciplinar... Enfim... E a reunião continuou...

Gepiaca-Mor: Então a gente poderia pegar um representante de cada SUBGRUPO e eles encaminham a proposta.

Gepiaca M: Aí o que que este grupo teria que fazer? Definir DATAS, definir NOMES, nomes que chamaria, LINHAS DE SUBMISSÃO de trabalhos e TEMÁTICAS DE MESA. TEMA DO EVENTO, JUSTI CATIVA, PROGRAMAÇÃO e a verba que você precisa são os tópicos da estrutura do edital. E VERBA, gente, é assim: PEDE UM JEEP RENEGADE PRA GANHAR UM FIAT UNO. É isso (risos)

Nessa altura do campeonato, me pareceu que a questão circundava entre TEMPO dos gepiacos para que se dedicassem ao Grupo de Pesquisa; DINHEIRO das agências de fomento que bancasse tanto pesquisadores profissionais para o Grupo de Pesquisa, quanto projetos de investimento na Pedagogia Universitária; e FOCO dos subgrupos para estudarem, se apropriarem dos temas que tinham proposto pra si; caso contrário, seria o fracasso da tribo. GPESlandy deveria se sujeitar ao mercado, às demandas dele, para sobreviver? No meu íntimo, ouvia as palavras do Milton Santos falando sobre a relação território-mercado, numa conversa que tivemos ainda no acampamento, que reverberava na conversa daqueles gepiacos... Se não me engano, eram mais ou menos assim as palavras dele:



MILTON SANTOS

Ah, Stella, não se iluda...

"Território e Mercado se tornam conceitos xifópagos, sabia? Estou falando de sua constituição de conjuntos sistêmicos de pontos que constituem um campo de forças interdependentes. [...] O Território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação. A força desses núcleos vem de sua capacidade, maior ou menor, de receber informações de toda natureza, tratá-las, qualificando-as, valorizando-as e hierarquizando-as, antes de se redistribuir en-

tre os mesmos pontos, a seu próprio serviço. Essa inteligência das grandes empresas e dos Estados não é, porém, a única. Em níveis inferiores, o fenômeno se reproduz, ainda que com menos eficácia mercantil."⁶⁵

⁶⁵ SANTOS, 2014, p. 231.

Pensei comigo: a Cidade Sem Vez, cer-ta-men-te, reproduzia essa lógica das grandes empresas e dos Estados. Minha dúvida só era se ela poderia ser enquadrada no termo "menos eficácia mercantil"... Pois bem. E a reunião prosseguiu...

Gepíaca C: Ah, eu acho que a gente consegue porque eu e a professora, a gente pensou em fazer os EIXOS pelos nossos SUBGRUPOS e aí os próprios subgrupos iriam analisar esses trabalhos, então TODO MUNDO vai ter TRABALHO pra fazer, galera...

Gepíaca L: Eu não sei... Eu acho que TEM QUE TER uma comissão, mas, nesse primeiro momento, QUEM PODESSE VIR eu acho que seria interessante pra dar um ponta pé inicial aí.

Gepíaca-Mor: Vocês entenderam que a gente tem subgrupos, aqui no grupo, né, meninos que estão começando hoje? A gente tem uma ESTRUTURA muito COMPLEXA. Ah, gente! O GEPIÁCO A VAI TER QUE SAIR porque ele vai ter que dar aula, gente... E a GEPIÁCA L VAI TER QUE DAR AULA TAMBÉM e eu preciso antes falar do Gepíaco A. Eu acho que a gente NÃO VAI CONSEGUIR DISCUTIR sobre Pedagogia Universitária. Tá muito tarde. Fica pra PRÓXIMA REUNIÃO. Bom, pra quem tá chegando, uma preocupação que desde o ano passado a gente tá tendo, é que o nosso GRUPO DE PESQUISA é de PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA e a gente precisa entender como ela se constitui enquanto IDENTIDADE - e eu, de novo, usando a palavra identidade, né? Porque, inclusive, a Pedagogia Universitária ela é NOVA enquanto conceito, né, falando disso em termos de pesquisa no Brasil. Ela surge há menos de dez anos, sete anos, muito fortemente com a fala da professora M^a ISABEL DA CUNHA e da ELISA LUCARELLI, na Argentina, e alguns professores brasileiros em algumas universidades. E quando a gente vai falar sobre Pedagogia Universitária há uma... uma... AMPLITUDE muito grande inclusive do próprio conceito, né. E a gente percebe da importância do nosso grupo ESTUDAR, TEORICAMENTE, também essas questões porque essas questões nos levam a pensar que a Pedagogia Universitária é um campo epistemológico muito amplo, que não está apenas configurado na AÇÃO DOCENTE, não está apenas configurado na POLÍTICA PÚBLICA para o Ensino Superior, não está apenas no campo de uma DISCUSSÃO DE IDENTIDADE. Ela permeia muuuitas coisas. Existe um livro chamado Pedagogia Universitária - que é uma enciclopédia de alguns educadores que fizeram isso - que é o livro que eu propus pra vocês lerem. É um livro assim "chato" porque é um "dicionário", né, mas eu tava falando pro grupo que a gente PRECISA, realmente, ESTUDAR os CONCEITOS na

área de Educação, principalmente, porque a gente adora **FICAR FALANDO** de conceito e **NÃO REFERÊNCIA HISTORICAMENTE** esse conceito. A Mabel, por exemplo, pega pesado com isso nas bancas que ela participa justamente por isso, né. Porque a Mabel, pra quem não sabe, ela é formada em Ciências Sociais e Pedagogia; então, a historicidade é fortíssima nela. E aí, qual era a tarefa de casa? Que nós tentássemos trazer... Como é que a gente vai fazer estudo de um livro? Ficar lendo, lendo dicionário? Não dá. Então a **TAREFA** era trazer palavras que nos chamassem a atenção pra fazer o estudo teórico. **ALGUÉM** fez esse levantamento? Gepíaco J, Gepíaca C, quem mais? Bom, eu vou ter que **ENCERRAR MAIS CEDO** e eu vou pedir pra vocês dois, parabenizando porque vocês fizeram a lição de casa, vocês vão mandar pro grupo da *GPESlandy* as palavras que vocês elencaram e nós vamos começar estudar por elas. E como é que vai ser esse estudo? Quero sugestões.

Gepíaca C: A gente já tinha dado essas sugestões na **REUNIÃO PASSADA**, né, que foram: a partir do que se lê, trazer **OUTROS REFERENCIAIS**, né; e a outra era a gente ler e trazer uma reflexão escrita **TENTANDO INTERLIGAR** esses temas. São caminhos totalmente diferentes...

Gepíaca-Mor: É que eu tive uma ideia para a minha livre-docência que pode servir pra essa leitura, que é o negócio da teia: um assunto puxa e liga o outro na interdisciplinaridade.

A partir daí, os gepíacos de debruçaram sobre a temática da livre-docência da *Gepíaca-Mor* e influência que seus alunos exercem sobre o seu constituir-professora. A reunião se encerrou com comidas típicas da região (bolos, snacks, refrigerantes) e uma gostosa conversa em volta da lareira. Ansiosa por mais compartilhamentos como aquele, perguntei à líder se poderia voltar outro dia. Com um sorriso largo e nitidamente satisfeita com o encontro que acabara de acontecer, ela deu o aval e ainda disse que, se eu quisesse, poderia trazer meus amigos que estavam no *Camping Observatorium*. Gostei da ideia. Agendei nova visita. contei nos dedos o dia do regresso...

MARCANDO O LUGAR E DEFININDO A IDENTIDADE

Já que estava liberado, levei os três comigo dessa vez: Milton, Chauí e Mabel. Todos conhecidos da tribo. Entendo o motivo: Marilena e Maria Isabel são lidos pelo grupo porque tratam de Educação, Filosofia, Ensino Superior. O Milton, por sua vez, estava lá por associar conceitos geográficos ao cenário da Educação. Ele representava a me-

táfora do *Espaço/Lugar/Território* e essa sobreposição de sentidos é a coisa mais linda que um pesquisador pode vivenciar porque, afinal, as ciências conversam entre si; nenhuma delas é completa porque cada qual é parte de um todo, cujo corpo é o Conhecimento.

Enfim... Chegamos, nós quatro, e nem se quiséssemos poderíamos pedir licença porque lá estavam todos eles, na oca, aglomerados sobre um mapa cheio de marcações em urucum. No meio das falas sobrepostas, consegui identificar uma ou outra:

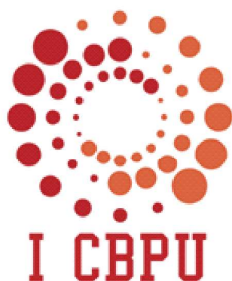
Gepíaca M: Pessoal, então, sobre o ICBPU (**I CONGRESSO BRASILEIRO DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA**), só falta a confirmação do **JOSÉ DIAS SOBRINHO** e aí a gente tem a lista de palestrantes fechada.

Gepíaca C: Ah, tá, beleza. Ó, sobre o logo: o logo ficou aquele mesmo, tá, aquele primeiro, e, a partir desse logo eu fiz esse "info" que eu vou colocar na capinha do site. Aí, pra mandar pros palestrantes a gente fez esse ofício, né, se vocês quiserem ver, pra corrigir e tudo mais, pode ir passando aí. Além disso eu fiz um cartaz de divulgação também e aí a gente pode imprimir em A3, mandar pra alguma gráfica pra imprimir, eu não sei como tá a questão da verba aí.



Gepíaca M: Gepíaca C, a gente não tem verba não...

Gepíaca C: Ahhh, aí eu não sei, porque teria que levar pras instituições e divulgar internamente, pelo menos... E, além do bannerzinho de divulgação eu já fiz a programação prévia, também. Ah! Fiz também um perfil no *Facebook*, uma página no *Instagram* e o *Twitter*. Tem que botar todas as redes sociais porque nessas páginas de **REDES SOCIAIS** a gente vai pondo a programação, tentando fazer



I CONGRESSO BRASILEIRO DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA

NOVOS DESAFIOS, VELHOS PROBLEMAS

SOBRE O EVENTO

O tema do primeiro evento nacional sobre Pedagogia Universitária foi pensado para apresentar discussões sobre as mudanças econômicas e políticas, culturais e sociais que interferem no modo como a formação universitária se mostra hoje, e sua relação com a construção histórica da Educação Superior no Brasil.

14 a 16 de janeiro - 24, 25 e 26 de janeiro 2018

QUEM E COMO PARTICIPAR



Profissionais da área da Educação Superior, pesquisadores da área de Pedagogia Universitária, profissionais da educação em geral.

Como ouvintes ou apresentadores de trabalhos na modalidade Oral.



Trabalhos que se enquadrem nos eixos temáticos:
(1) Organização e Inovação Curricular;
(2) Processos de Subjetivação na Educação Superior;
(3) Formação Pedagógica Universitária.

CONTATO E REALIZAÇÃO

cbpu.contato@gmail.com

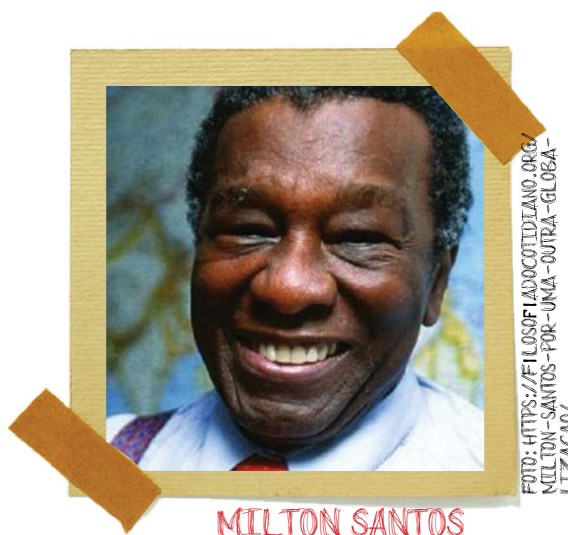


algumas chamadas pra temática: Por que discutir Pedagogia Universitária? Pra tentar TRAZER O PESSOAL... E, aí, eu vou adicionar vocês. Ah!! Tentei também inserir o evento no site da UNIVERSIDADE nossa aqui, mas é uma COMPLICAÇÃO porque a gente tem diversas coisas pra editar e aí eu preciso adicionar mais pessoas pra editar. MASSS, pra eu adicionar alguém eu preciso ter TUDO ISSO AQUI preenchido (um FORMULÁRIO GIGANTE E POUCO DIDÁTICO).

Fiquei pensando, nessa hora, com meus botões aqui... O site da Cidade Sem Vez tem difícil compartilhamento; e as redes sociais, por sua vez, facilitam... Curioso... Isso me fez refletir sobre a oportunidade que a Cidade Sem Vez tem de ser uma facilitadora das ideias que as Ilhas de Pesquisa geram dentro dela. Me lembrei do que fala James Clifford sobre "culturas translocais": ele afirma que é preciso "repensar as culturas como locais de residência e de viagem", mas não é isso que *GEPEslandy* é? Um lugar de mediação entre os espaços onde se habita e os itinerários de viagem? Pois então... Como tal, poderia contar com a própria cidade da qual faz parte e ter nela uma ferramenta eficaz de projeção. Enfim...

Mais uma vez, há muitos faltantes... Fica bem complexo criar continuidade de trabalho em grupo oscilante... Além disso, a complexidade de coisas que precisam ser feitas para um evento como esse, por exemplo (o Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária - CBPU), exige tempo, dedicação considerável de cada pesquisador. Só que é importante lembrar que todos trabalham e muitos dos gepíacos, inclusive, moram fora de *GPESlandy* - o que dificulta a participação efetiva do grupo como um todo, formando um grupos diferentes em cada reunião. Nessa hora, o Milton me puxou de lado e cochichou:

Sabe o que que eu acho disso? Da ausência dos habitantes dessa ilha? Que "a sociedade atual vai dessa maneira, mediante o mercado e a publicidade, criando desejos insatisfeitos, mas também reclamando explicações. Dir-se-ia que tal movimento se repete, enriquecendo o movimento intelectual. [...] Alteridade e individualidade se reforçam com a renovação da novidade. Quanto mais diferentes são os que convivem num espaço limitado, mais ideias do mundo aí estarão para ser levantadas, cotejadas e, desse modo, tanto mais rico será o debate silencioso ou ruidoso que entre a pessoas se estabelece."⁶⁶



MILTON SANTOS

"SANTOS, 2015. P.131.

Fiquei tentando entender aquele pensamento do Milton, principalmente o "debate *silencioso ou ruidoso...*" Cheguei à conclusão de que havia sim, um debate silencioso e ruidoso na ilha, gerando uma escassez de pessoas naquele lugar; talvez essa questão pudesse ser um instrumento primordial para se ter um entendimento sobre a atual situação de *GEPESlandy*. E isso no sentido de repensar o que seria possível fazer pela tribo pra que ela se metamorfoseasse, se redescobrisse e construísse uma ponte entre a necessidade e o entendimento. Não satisfeito, com os pensamentos tão em polvorosa quanto os meus, Santos continuou, bem baixinho:



MILTON SANTOS

E tem outra coisa, Stella, pensa comigo aqui: "Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo."⁶⁷

E comentei com ele que, no caso de *GPESlandy*, o "mundo" era o ambiente acadêmico, o espaço intelectual e as

relações que uma Ilha de Pesquisa estabelece com seus interlocutores, pares e não-pares, as agências de fomento, a própria Cidade Sem Vez... E a reunião prosseguiu.

Gepíaca C: Então, galera, a gente precisa tomar decisões importantes hoje aqui - seria bom que a Gepíaca A estivesse aqui e que a Gepíaca S também estivesse aqui, porque é a Gepíaca S que manja dos **TRECOs DE TEXTO...** Mas precisamos ver **DATAS DE ENVIOS** de trabalhos; **CRITÉRIOS DE FORMATAÇÃO** desses trabalhos; quantas palavras pra **RESUMO SIMPLES**, resumo **ESTENDIDO**, **TRABALHO COMPLETO**; qual que vai ser a **FORMATAÇÃO DA APRESENTAÇÃO...** Tudo isso já tem que estar no site, antes de eu conseguir publicar ele. Então a gente precisava decidir as **DATAS**, os **TRABALHOS** e os **VALOOOOORES**.

A princípio refleti sobre a epopeia pessoal e institucional pela qual um gepíaco deveria passar para organizar um congresso acadêmico, porque, numa hora dessas, não basta ser aluno. Tem que ser "professor" (para acompanhar apresentações em GT's e, eventualmente, presidir mesas, palestras e rodas de conversa); gestor (para organizar logística de um evento como esse dentro da Cidade Sem Vez); revisor de texto

(para avaliar e validar artigos na submissão)... Sobre a questão de "valores", me lembrei que quando o congresso foi idealizado, há 5 meses dessa reunião, ventilou-se a questão do evento não ser co-



brado. Ou seja, não foi viável aplicar essa ideia porque, obviamente, tudo nesse mundo é cobrado! E quando o assunto passou pra esse campo mais capitalista da conversa, só ouvi um "psiu, psiu", vindo da minha esquerda. Chauí visceral, como sempre, me passou um bloquinho de anotações e falou, baixinho:

Stellaaaa! Dá só uma olhada nessa entrevista que eu dei pra esse jornal online aí, "Brasil de Fato"; essa, que tá colada no topo do bloquinho! Repara que foi em abril de 2017, heim?

COMEÇAMOS A SEMANA COM A NOTÍCIA DO FIM DO PROGRAMA FEDERAL CIÊNCIA SEM FRONTEIRA. TAMBÉM TEM ESSE PROJETO DO GOVERNO TEMER DE COBRAR MENSALIDADES EM CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO E A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO EM DECADÊNCIA. QUAL A ANÁLISE QUE A SENHORA FAZ DESSE DESMONTE DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS?

O desmonte está ligado à adoção da perspectiva neoliberal. O Estado vê as universidades como empresas, onde tem que haver competição e produtividade. A partir daí se abandonou a ideia de direitos sociais, que não está ligada ao lucro, mas de construção do próprio país e da consolidação da democracia. O que temos é um desmonte da escola democrática, em todos os níveis, mas que exige de nós aquilo que os brasileiros sabem fazer que é o trabalho da resistência. Nós vamos vencer outra vez.

POR FIM, QUAL É O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA LUTA DE CLASSES?

O papel da universidade é ser uma parte da luta de classes. A universidade não pode ser apenas um lugar que reflete sobre a luta de classes. Ela tem que compreender que é parte dessa disputa, seja pelo seu alunado, pela divisão entre seus professores, pelo papel das administrações e burocracias, que operam muitas vezes a favor da classe dominante. Somos parte da luta de classes e somos obrigados, como instituição de ensino, a entender esse papel que desempenhamos na sociedade.⁶⁸

Fiquei um bom tempo "fora do ar", pensando sobre o que acabara de ler. Não compreendia por completo, ainda, a lógica daquilo. Devolvi

o bloquinho, sorri, e continuei olhando para os gepíacos reunidos, falando tão inflamadamente que dava gosto!

Gepíaca-Mor: Gente, eu queria saber a opinião de vocês sobre um assunto que eu tenho que compartilhar com o grupo. Vejam o que vocês acham: a PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO, ela gostou muito da ideia da gente fazer esse evento. Inclusive ela GOSTARIA DE ESTAR no evento.

Gepíaco An: Hummm... PORÉM...

Interessante essa fala do *Gepíaco Ae...* Parece já trazer uma pré-disposição, já fazer uma projeção de que os líderes do Temple of the Academy não se sujeitam a eventos como esse... Por que será? Procede essa sensação de "não companheirismo", de "não parceria" das autoridades? De onde viria esse senso comum? Foi então que a *Gepíaca-Mor* respondeu:

Gepíaca-Mor: Não, não. Ela QUER VER SIM. Vocês acham interessante, depois da programação, eu encaminhar pra ela a proposta - porque eu acho interessante que a PRÓ-REITORIA saiba que a gente tá chamando essas pessoas pra dentro dessa universidade. O que vocês acham? Pra ver até se a PRÓ-REITORIA NOS AJUDA, né? Então, na programação, ela vai estar na mesa de abertura, pode ser? Então, quem entra? A PRÓ-REITORA, o DIRETOR DO INSTITUTO e o CHEFE DE DEPARTAMENTO.

Gepíaca A: Mas... Mesa de abertura, normalmente, ela não é palestra! É boas-vindas, é introdução à temática... Normalmente, quando a reitoria se envolve, o reitor está. Só que, também é complicado... A REITORIA NÃO SE ENVOLVE COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO. Quem se envolve é a PROGRAD.

Gepíaca-Mor: Então... Mas eu quero chamar a atenção para a FORMAÇÃO!! Para o LUGAR de FORMAÇÃO!!

Gepíaca M: Que venha, então, o REITOR e a PROGRAD!

Gepíaca A: Posso fazer uma pontuação? As mesas de abertura, os membros são convidados a comporem a mesa. Então chamam: o REITOR, o PRÓ-REITOR, o PREFEITO. E o REITOR NÃO VEM. Ele já manda o pró-reitor pra vir no lugar dele. É que eu penso que se a pró-reitora vier, ela já vem representando o reitor. Então, essa mesa de abertura é uma mesa de fala, de cantar o hino, de não sei o quê. Então, a minha pergunta é: a pró-reitora, você quer que ela participe da mesa que vai ter a discussão ou... porque tem aquela mesa que a gente nem sabe quem é...

Gepíaca-Mor: Não. Eu conversei com ela. Pra participar.

Gepíaca A: Gente, eu acho adequado convidar o REITOR. Mesmo que ele não venha (ou porque nós SOMOS PEQUENOS, ou por QUESTÕES POLÍTICAS ou porque sei lá...), é CONSTITUCIONALMENTE ADEQUADO chamar, dizer que ele FEZ PARTE dessa constituição.

Fiquei pensando: Mas essa é uma questão hierárquica importantíssima! Por que será que estamos discutindo isso aqui? Trata-se de ética, do seu lugar no mundo, delimita os papéis sociais de cada grupo... Os arranjos sociais e políticos são indiscutivelmente necessários para o jogo acadêmico... Os discursos que são ditos dentro do silêncio das atitudes podem ser ouvidos a quilômetros de distância!

De repente, senti uma mãozinha apertar levemente o meu braço... Era a Mabel. Me perguntou, ao pé do ouvido, se eu estava preocupada com algo. Respondi que, na minha cabeça, autoridades deveriam ser convidadas e que não entendia porque alguns gepíacos questionavam isso... Ela deu uma risadinha de canto, e me disse, sussurradamente:



FOTO: [HTTP://PORTAL.DOPROFESSOR.MEC.GOV.BR/CONTEUDOTORNAL.HTML?IDCONTEUDO=3547](http://portal.doprofessor.mec.gov.br/conteudotornal.html?IDCONTEUDO=3547)

MARIA ISABEL DA CUNHA

Stella, talvez seja o vivenciar da rotina acadêmica, não é? "Porque no plano político e social há, também, uma evidente desvalorização do professor. [...] O docente começa a ser visto como "um investimento" que merece a atenção do empregador, desde que tenha um perfil que atenda às exigências da luta concorrencial. Torna-se, também, descartável quando isso não acontece. Numa de minhas pesquisas, um professor universitário afirmou: "fico preocupado pensando no que aconteceria caso não tivéssemos tirado um A no 'provão' [...] como justificar esse comportamento frente a nossa insti-

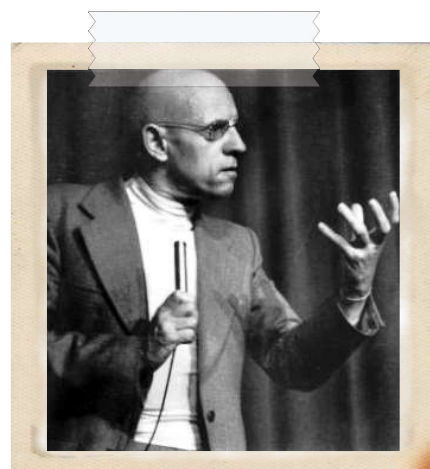
tuição? [...] Para ela interessa que os cursos sejam bem qualificados; isso é marketing!".⁶⁹

Ou seja, ela estava dizendo para que eu tentasse me colocar no lugar dos gepíacos enquanto professores-pesquisadores que eram, ali, naquele espaço, e entender que a profissionalização da profissão docente estava passando por um momento de reavaliação por conta de todo um desgaste institucional, de um não acreditar mais na instituição - ou nos gestores - que deveriam oferecer amparo intelectual ao docente.

Ouvi aquilo, estarrecida... Porque me fez lembrar de um pensamento de Foucault, dito numa aula inaugural, no Collège de France, lá pelos idos

de 1970, sobre o discurso, sobre a ordem do discurso... Era mais ou menos assim:

"[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que, qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. [...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder."⁷⁰



MICHEL FOUCAULT

FOTO: <https://colunastortas.com.br/ha-30-anos-norcia-michel-foucault/>

Agora sim: juntando Milton, Chauí, Mabel e Foucault, eu começava a compreender a configuração das coisas, das inúmeras variáveis que entram em jogo para se administrar e participar de uma Ilha de Pesquisa como *GEPESlandy*, o que se ganha e o que se perde, o que se diz e o que se cala... E prosseguia a reunião...

Gepíaca M: Pessoal, posso falar de **VALORES**, então? Olha, a gente já tinha definido um valor, inclusive pra submeter pra Capes e tal, mas **NÃO TEVE RETORNO DA CAPES** ainda. Então, a gente tá pensando em colocar no site o seguinte:

- Estudantes (graduação e pós): R\$30,00/R\$55,00
- Funcionários: R\$40,00/R\$60,00
- Docentes: R\$60,00/R\$80,00

Gepíaca L: Tá **MUITO BARATO!** A gente tinha pensado diferente...

Gepíaca A: Tem que começar com R\$50,00... Eu acho...

Gepíaca L: Só lembrando de um detalhe, tá: nós **NÃO VAMOS TER DINHEIRO** pra comprar passagem aérea pra esses palestrantes se não tiver inscrição. Então vamos no mais caro aí e vamos botar até 30/09 como prazo máximo de pagamento, se não, não tem como pagar passagem... E vamos associar a submissão de trabalhos à inscrição do evento.

Gepíaca A: Olha, não é o cotidiano dos congressos mais, o que eu vou dizer, mas eu vou dizer. Se a **INSCRIÇÃO** da pessoa **NÃO ESTÁ ATRE-**

LADA À SUBMISSÃO do trabalho dela, eu acho que ela SE ARRISCA MAIS pra enviar o seu material, entende? Eu não poria submissão atrelada à inscrição...

Gepíaca L: Então... Mas se for associar inscrição ao aceite, esse DINHEIRO só vai vir em dezembro. E o congresso é em janeiro... E as CONTAS SÃO PRA AGORA...

Aí começou a discussão sobre valores, recortes de participantes, quem deveria pagar menos ou mais... Alinharam-se prazos e tipos de pagamentos, submissões, devolutivas aos congressistas, definições de eixos temáticos, critérios de pareceristas e comissão científica, em que tipo de conta seriam feitos os depósitos e como seriam os movimentos da conta, datas-limite para trabalhos submetidos e revisados, normas para formatação dos trabalhos... E, ao final, ficou assim definido:

VALORES

Estudantes de graduação e pós-graduação
Até 20/10 - R\$50,00
Após 20/10 - R\$70,00

Docentes Universitário
Até 20/10 - R\$100,00
Após 20/10 - R\$150,00

Demais interessados
Até 20/10 - R\$100,00
Após 20/10 - R\$150,00

EIXOS TEMÁTICOS
Comunicação oral e Pôster

- 1 Organização e Inovação Curricular
- 2 Processos de Subjetivação na Educação Superior
- 3 Formação Pedagógica Universitária

INSCRIÇÕES
EM 3 DIFERENTES EIXOS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO NA MODALIDADE ORAL E PÔSTER

A Pedagogia Universitária é um campo polissêmico de produção e aplicação dos conhecimentos pedagógicos na educação superior, a partir da construção de um espaço transdisciplinar que conecta diferentes referentes epistemológicos e culturais, que a permite tratar, fundamentalmente, dos processos que orientam o ensino e a aprendizagem, a avaliação e a gestão universitários.

Algo a se pensar: como é forte a questão mercantilista no Temple of The Academy. É ela que rege quem entra e quem sai do lugar, define participantes do espaço, categoriza os elementos do espaço, insere ou expelle indivíduos da convivência com outros - sejam eles iguais ou diferentes. Na contemporaneidade, é ele quem dita as normas do jogo: o capital.

Gepíaca-Mor: Gente, o que eu posso pedir, informalmente - pra ajudar a divulgar - é que todos os DIRETORES PUBLIQUEM nas suas páginas das unidades, no SITE DA UNIVERSIDADE, uma chamada pro CBPU. A gente tinha que mandar pros Grupos de Pesquisa do Brasil que trabalham com esse tema... Pedir pros diretores compartilhem em seus GRUPOS DE EMAIL, pra PROGRAD... E não seria legal também a gente colocar os logos das INSTITUIÇÕES que vão participar? Por exemplo: UFPel; UNIFESP; UNESP; UNICAMP.

Gepiaca L: É, e mandar pras **NOSSAS LISTAS**, pros **GRUPOS** que a gente tem - especialmente os que tão envolvidos, aí, com a universidade...

Divulgar, compartilhar, publicar, trocar: verbos muito utilizados nessa reunião que denotam a vontade de expandir fronteiras, de agregar outros povos, de congregar saberes - ações características da Pedagogia Universitária e da *GPESlandy*.

Na hora, o bracinho tocou-me de novo...



MARIA ISABEL DA CUNHA

Stella, tu veja... "Partindo do pressuposto de que o principal produto feito por essa Ilha é a Pesquisa e que Ensino e Pesquisa são indissociáveis, tu tens noção do valor da expansão da universidade por meio da pesquisa? Do quanto é relevante a troca de informação e experiência nesse território? Mesmo porque, "Atribuir qualidade requer a tomada de posições frente aos fenômenos políticos e sociais. Se a expansão é condição fundamental para diminuir a desigualdade social e progredir rumo a uma sociedade com maior equidade, o desafio que se apresenta refere-se a como dar a esse

processo a garantia da necessária qualidade da educação superior no país. É certo que isso não se faz com um passe de mágica. Nenhuma das atuais Universidades com alto prestígio começou suas atividades nesse patamar. Foram muitos os investimentos humanos e materiais que favoreceram o estágio atual de consolidação. É preciso certo grau de paciência histórica e um alto grau de investimento para consolidar uma universidade. Mas, acima de tudo, é preciso acreditar nas suas possibilidades e potencializar energias para a sua construção. Essa extrapola os necessários prédios e laboratórios. Exige compromisso humano, sensibilidade social e investimento acadêmico."⁷¹

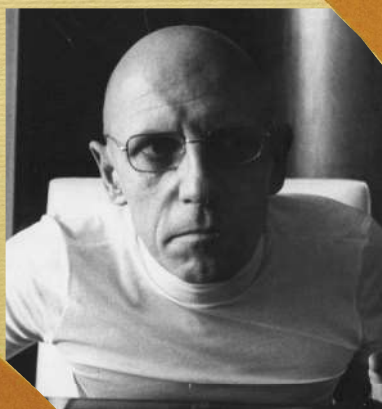
A prof^a Mabel estava certa... Antes de compartilhar, é preciso investir no povo local, "investimentos humanos e materiais" que caminhem para a consolidação no compartilhamento. Só que, por outro lado, é necessário "paciência histórica e alto grau de investimento". Ela também disse uma vez que "a pesquisa é uma ação de continuidade" e eu acrescento que, pra continuar, precisa "ser/ter". Não se continua de "mala vazia". Há de se ter certeza, cada qual, de sua bagagem. Só depois se avança: seja pra concordar com outro viajante ou refutá-lo. A concepção e organização do CBPU já denunciava o "acreditar nas possibilidades e potencializar energias" e agora era tempo de investir. Enquanto eu pensava sobre isso, a reunião seguia:

⁷¹ CUNHA, 2011, P.446.

Gepíaca C: Galera, e vai colocar **TODO MUNDO** pra fazer parte da Comissão Científica? Vai ser todo mundo que vai saber **AVALIAR, CORRIGIR** um **TEXTO ACADÊMICO**, galera? Tem que ver isso... Cadê a Gepíaca S? Ela que manja do **NEGÓCIO AÍ DA LINGUAGEM**, de **TEXTO ACADÊMICO**. Viu, **GEPÍACA S!** Você que tem que ficar nessa comissão!

Ahhh, o discurso... Ahhh, a representação... Seria bom lembrar de Foucault aqui, pra discutir a importância do domínio da linguagem como identificador de um povo, de um território, inclusive acadêmico. É a segunda vez que a questão textual/linguística é citada pelos gepíacos: sinto que reconhecem, em sua essência enquanto pesquisadores, "algo que falta", algo que os auxilie nessa frente do ato de pesquisar que é o "registrar academicamente"; o que foi descoberto, o que foi debatido, o que foi recebido como material acadêmico para análise num congresso precisa - nessa era de "redes" - virar artigo, se tornar algo historicamente posto, via texto acadêmico. Foucault ponderaria o seguinte a respeito da linguagem:

FOTO: [HTTP://WWW.CARTAD EDUCACAO.COM.BR/AULAS/PARA-ENTENDER-FOUCAULT/](http://www.cartadeducacao.com.br/aulas/para-entender-foucault/)



MICHEL FOUCAULT

" O que distingue a linguagem de todos os outros signos e lhe permite desempenhar na representação um papel decisivo não é tanto o fato de ser individual ou coletiva, natural ou arbitrária. Mas, sim, o fato de que ela analisa a representação segundo uma ordem necessariamente sucessiva: os sons, com efeito, só podem ser articulados um a um; a linguagem não pode representar o pensamento, de imediato, na sua totalidade; precisa dispô-lo parte por parte segundo uma ordem linear."⁷²

Ou seja, seria necessário que os gepíacos fossem orientados/forma-

dos a disporem o pensamento "parte por parte segundo uma ordem linear", porque lidar com a linguagem - em específico, aqui, a acadêmica - pressupõe o conhecimento dessa ordem e, por experiência própria, eu sei que os cursos de graduação não preparam seus alunos pra isso... O que se pode depreender disso é que, talvez, os habitantes de *GPESlandy* precisem investir os recursos da ilha na formação linguística de seus moradores, reforçar o dialeto da tribo porque, afinal, a língua é uma ferramenta de trabalho e um marcador de território (além do que, a produção de artigos científicos depende do manejo com o gênero acadê-

mico de texto e estes ranqueiam/validam os grupos de pesquisa). A boa notícia é que, conversando com a *Gepíaca-Mor* dia desses, ela me disse que o grupo já fez oficinas textuais, cujo gênero é o artigo científico; e que também fizeram levantamentos das revistas científicas passíveis de publicação sobre o grande tema "Pedagogia Universitária", bem como dos subgrupos que *GPESlandy* abarca: Espaços e Processos de Formação na Universidade; Organização do Trabalho Pedagógico Universitário; Linguagem e Experiência em Pedagogia Universitária; Gestão, Política e Organização Institucional Universitária. Grande avanço! Significativa empreitada!

E eis que a conversa continua, mas indo pra outro viés: A *Gepíaca A* levanta o assunto:

Gepíaca A: É... Uma pergunta que eu acho que vocês têm a resposta mas eu é que estou desinformada... Se não tiver **RESPOSTA FAVORÁVEL DA CAPES** a gente vai publicar os anais de que jeito?

#silêncio

Gepíaca L: Ah, aí a gente **PUBLICA ELE ONLINE**, só...

Gepíaca A: Só **DIGITAL**?

Gepíaca L: A gente faz uma **COISA BEM CASEIRA**... Inclusive, eu fiquei de atualizar os valores de passagem aérea pros dois professores que vêm de fora: ida e volta fica em torno de R\$3.000,00; hotel fica R\$1.750,00 e transporte de carro (eu vi o preço de pedágios e fiz o cálculo do combustível) é em torno de R\$1.000,00. Isso dá um total de R\$7.134,00 para os conferencistas. Não pus alimentação e nem o transporte dentro do município. Ah! E comprando as passagens agora porque, em janeiro, já é alta temporada...

Gepíaca A: Sobre o **HOTEL**, a gente pode fazer uma coisa! Vale a pena dar uma passadinha lá, pessoalmente, e dizer que é pra um congresso nacional e que se eles conseguirem um **PRECINHO BOM** pra gente, a gente **DIVULGA O HOTEL** nos panfletos do evento, faz a **DIVULGAÇÃO PRA ELES** para os participantes do evento no site do evento.

No mesmo instante, me veio o pensamento: "Que luta pra eles!! Essa empreitada em conseguir patrocínio, parcerias, subsídios, doações, pra se organizar um evento CIENTÍFICO! Inacreditável..." Reiterando meu choque, estava Claude Raynaut, com quem já tinha conversado sobre isso antes. Ele fala o seguinte:

"A demanda social da elaboração de um grupo de pesquisa interdisciplinar deve ser acompanhada pelo apoio material, financeiro, que permitirá iniciar e conduzir a seu termo o processo de condução do conhecimento. Como qualquer processo de produção, o do saber tem seu custo. (...) Tais observações podem parecer não passar de simples banalidades, mas é necessário não subestimar o fato de que a dificuldade de muitos pesquisadores para passar de uma visão teórica da interdisciplinaridade a uma prática efetiva reside na falta do quadro institucional e dos recursos para montar um programa de pesquisa de campo."⁷³

FOTO: [HTTP://WWW.CAPES.GOV.BR/36-NOTI-
CIAS/9255-AREA-INTERDISCIPLINAR-NO-88A-
STL-PODERIA-SER-MODELO-PARA-A-FRANCA-A-R-
UA-CLAUDE-RAYNAUT](http://www.capes.gov.br/36-noticias/9255-AREA-INTERDISCIPLINAR-NO-88A-STL-PODERIA-SER-MODELO-PARA-A-FRANCA-A-RUA-CLAUDE-RAYNAUT)



CLAUDE RAYNAUT

E ainda tem gente que acredita que pesquisa se faz só com boa vontade, amor e fraternidade... Ironias à parte, é preciso afirmar, sem medo de errar, que numa sociedade construída sobre o pilar capitalista, não há como sobreviver, inclusive na esfera acadêmica, sem dinheiro e investimentos. Bem... Continuando com a *Gepíaca M*:

Gepíaca M: A segunda parte dessa reunião é o nosso cronograma do segundo semestre. Por exemplo: hoje as **ÁREAS DE CONHECIMENTO** do grupo - **LETRAS, EDUCAÇÃO FÍSICA, PEDAGOGIA, GEOGRAFIA, MÚSICA, QUÍMICA, ENGENHARIA**, iriam apresentar o modo como se dá sua aprendizagem, mas, pelo visto, **NÃO VAI DAR TEMPO...**

Aqui vale uma reflexão pertinente, dada a recorrência com a qual esse fato tem ocorrido: o protelamento das ações na *GEPSlandy*. Todas as ideias do grupo são relevantes, mesmo porque, percebo que estou diante de um povo pró-ativo e apaixonado pela sua ilha. Mas o item da agenda da reunião que não foi concluído, apesar de ter sido planejado e posto em pauta, é mais um na lista de ótimas propostas de ação não acabadas. É uma característica de *GPESlandy*: muitos objetivos a serem traçados, muitos sonhos a serem alcançados, muitas metas a serem atingidas, mas todos ficam pelo caminho... Quem sabe o trabalho por frentes, uma por vez, não seria uma boa saída? Decidir por uma demanda "só", primeiramente; trabalhar nela; concluí-la, compartilhá-la; e, só depois, iniciar a investida em outra? Aguardemos o futuro.

E a *Gepíaca-Mor* deu continuidade à linha de pensamento da *Gepíaca M*:

Gepíaca-Mor: Eu acho importante sim essa discussão porque, como é que a gente chegou a esse ponto, de discutir como se dá a **CONSTRUÇÃO**

DE CONHECIMENTO a partir das DIFERENTES ÁREAS? Isso eu acho que vem um pouco ao encontro das discussões que temos feito pra entender um pouco sobre a CONCEPÇÃO DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA e como é que essa Pedagogia Universitária está sendo entendida ou não enquanto campo e a gente ficou discutindo que campo é esse de intervenção e de pesquisa. É um CAMPO EPISTEMOLÓGICO? De INTERVENÇÃO? E uma fala muito forte de vocês é que justamente a ideia de que a Pedagogia Universitária ela teria uma profundidade e uma contribuição significativa quando a gente pensa a ORGANIZAÇÃO DE UM CURRÍCULO, quando a gente pensa a AÇÃO DE UM DOCENTE, quando a gente pensa na possibilidade dessa área do conhecimento contribuir, né, para a própria universidade como um todo. Aí, quando a gente se deparou com essa discussão a gente percebeu então: "Ué, mas daí, se a docência precisa ser revista - e a Pedagogia Universitária TAMBÉM discute isso, ou deveria também contribuir para isso - como é que, então, a gente contribui para a formação de um professor universitário? E nas nossas discussões, né, a gente se deparou com uma fala muito unânime que muitos professores universitários NÃO TÊM OS SABERES DESSA DOCÊNCIA; muitas vezes eles desencadeiam alguns SABERES ESPECÍFICOS do conhecimento DA ÁREA. Entretanto, o fato de eles terem um SABER ESPECÍFICO não significa que eles saibam tudo de conhecimento nessa área específica. Então, a gente tá tentando entender qual é o papel da Pedagogia Universitária e temos elaborado nosso grupo a partir disso. Só que eu tava falando com a Gepiaca L que a gente agora precisa dar um passo mais à frente. Ou seja, a maioria das produções que falam de Pedagogia Universitária elas tão focando na importância da Pedagogia, na Formação Docente. 90, 95% DESSAS PUBLICAÇÕES que se tem sobre PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA se fala sobre FORMAÇÃO DOCENTE. Não tô dizendo que isso seja um erro; eu penso que a gente precisa ampliar o espectro. E que nós precisamos produzir conhecimento, inclusive, sobre Pedagogia Universitária além da formação; TAMBÉM além. E aí foi que eu falei com a Gepiaca L: a gente tem que fazer relações com Pedagogia Universitária + ORGANIZAÇÃO DE CURRÍCULO; Pedagogia Universitária + INTERNACIONALIZAÇÃO; Pedagogia Universitária + INOVAÇÃO; Pedagogia Universitária + INTERDISCIPLINARIDADE. Escrever que a Pedagogia Universitária é interessante, há dez anos já se escreve. Mas o que que o nosso Grupo de Pesquisa quer fazer pra produzir conhecimento na área DE Pedagogia Universitária? Eu sei que a gente tem uma certa produção e uma grande negação: que as PESSOAS NEGAM PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA dentro da PRÓPRIA UNIVERSIDADE. A gente tá lutando pra criar um campo de respeito dentro da própria universidade porque a gente encontra na fala

de vocês o tempo inteiro, né, naquilo que eu vivo aqui o dia inteiro... Pra que estuda isso? É assim mesmo? Que bobagem é essa? Por isso é que eu falo: é um CAMPO DE LUTA, até pra ele se firmar enquanto CONHECIMENTO, e FAZER PESQUISA pra isso, e ao mesmo tempo eu acho que a gente VAI TER QUE AVANÇAR... Então, é por isso que eu tô falando: segundo semestre, pra mim, tem que ser um espaço que a gente consiga elaborar que caminhos a gente vai fazer de figuras de pesquisa relacionadas à Pedagogia Universitária com essas várias sugestões que eu dei. A gente PRECISA PUBLICAR. E quando eu falo publicar, NÃO É POR CAUSA DO LATTES. NÃO É ISSO. O que eu acho que a gente tem que ter, a gente tem uma FUNÇÃO HISTÓRICA, uma função muito importante de FAZER ESSE CONHECIMENTO e DIVULGAR ESSE CONHECIMENTO. É assim que eu mapeio hoje essa discussão de Pedagogia Universitária.

Ficou claro pra mim que a preocupação da *Gepíaca-Mor* - e uma preocupação legítima! - é o avanço das terras de *GPESlandy* que, dentro da política territorial vigente, precisa FAZER conhecimento e PUBLICAR conhecimento; este, por sua vez, pressupõe domínio/manejo da linguagem acadêmico-científica; apropriação das áreas específicas de conhecimento dos subgrupos - visto que o grupo se caracteriza pela interdisciplinaridade - e diálogo destes conhecimentos com a Pedagogia Universitária, que é a grande área dessa Ilha de Pesquisa. Conseguindo isso, a *GPESlandy* será um *Território*.

Eu já falei sobre ela aqui, nessa viagem, mas acho que seria bom compartilhar mais um pouco de um encontro que tive com Ana Paula Hey, há 10 anos, em São Carlos. Acho muito interessante a leitura que ela

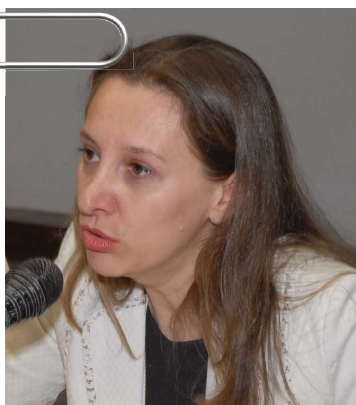


FOTO: [HTTP://SOCIOLOGIA.FCH.USP.BR/DOCENTES/](http://sociologia.fch.usp.br/docentes/)
ANAPAULAHEY

ANA PAULA HEY

faz do espaço de produção acadêmica como um espaço de lutas:

"O estabelecimento de uma hierarquia pelos pesquisadores, com graus diferentes de importância no espaço, inscreve-se em uma luta simbólica [...]. Isso porque está em jogo, no ambiente acadêmico, tanto o uso particular de uma categoria de sinais - os discursos acadêmicos - e, deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo social, quanto o capital simbólico ligado ao nome próprio do pesquisador. O capital simbólico não é o capital cultural incorporado, ou seja, os recursos científicos coletivamente acumulados que são apropriados e dominados pelos

pesquisadores como requisito prévio para entrarem e atuarem no espaço acadêmico. Ele apresenta, como princípio, a posição do agente na estrutura de distribuição desse capital e, sobretudo, como ele é percebido

pelos outros pares, igualmente dotados de esquemas de percepção e de apreciação para agirem nesse espaço. [...] Mesmo que seus trabalhos (o de um pesquisador que ocupa uma posição dominante no espaço) recebam julgamentos científicos negativos, ele os recebe do grupo dos pares que participam do mesmo espaço, ou seja, que lhe atestam esse capital simbólico, o qual age como distinção."⁷⁴

A Ana fala aqui, me parece, de um fator muito interessante relacionado às Ilhas de Pesquisa no Brasil, seus líderes e suas produções acadêmicas. Parece haver, dentre os líderes das Ilhas, uma hierarquia que, veladamente, permeia a *Cidade Sem Vez*. Algum discurso não-dito. Algum acordo interno entre cavalheiros. Alguma cumplicidade entre pares que alimenta um sistema de competitividade injusta... Porque, na verdade, o que se lê na fala da Ana é que existe um círculo vicioso, por parte do campo científico, dá o crédito a quem já tem. Teoricamente, as "partes" e "oportunidades" são distribuídas igualmente a todo o espaço de produção científica. Mas, no final das contas, se beneficiam dos proveitos simbólicos aqueles pesquisadores mais conhecidos, exatamente por conta do jogo acadêmico-científico... E a líder continuou sua fala:

Gepiaca-Mor: E eu também gostaria de conversar com vocês sobre a **ORGANIZAÇÃO** do nosso grupo. Uma coisa que eu e a Gepiaca C temos conversado bastante - e a Gepiaca C tá lutando pra organizar isso e eu **DEIXO MUITO EM CIMA DAS MÃOS DELA**... - como é que a gente organiza o nosso **GRUPO DE PESQUISA DA PERSPECTIVA INSTRUMENTAL**. Dentro do CNPq tem que alimentar, tem que chamar as pessoas, tem que ter a continuidade. Só que eu tenho percebido que nesse semestre que passou, eu confesso a vocês que **HOUE MUITAS FALTAS**. E isso **ME INCOMODOU MUITO**. Eu entendo que muitas pessoas **TIVERAM PROBLEMAS**. Mas a gente precisa se constituir enquanto grupo... E a gente **SÓ TEM UMA VEZ POR MÊS**. Aí fica difícil - e eu concordo com a Gepiaca C - "ah, prof^a, ela tá; agora não tá"; "como é que eu sei se eu ponho ou se eu tiro do CNPq"? Então, assim... Tem hora que eu **NÃO SEI O QUE QUE EU FALO** pra Gepiaca C... E eu preciso definir com vocês hoje o que é que a gente **VAI ORGANIZAR**! Eu posso contar com quem está aqui? Vamos tentar fazer de uma maneira pra **NÃO FALTAR**. Se organizem pra **NÃO FALTAR**. Por favor, gente!!

E assim, os membros de *GEPSlândia* se despediram daquele encontro se comprometendo - consigo mesmos e com os outros habitantes da Ilha de Pesquisa - a se organizarem pra não faltar. Entenderam que a pesquisa, a manutenção da história de um povo pesquisador depende do compromisso de seus moradores lendo, estudando, compartilhando - digitalmente e presencialmente - os dados obtidos nas investigações e as vivências de seus indivíduos.

Milton, Chauí, Mabel e eu nos despedimos da turma e aguardávamos, ansiosos, pelo próximo encontro. QUE EXPERIÊNCIA!!!

O JULGAMENTO PÚBLICO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA

Naquele dia eu fui sozinha - meus amigos pensadores tiveram que ir ao continente participar de um congresso sobre "A situação da Universidade Brasileira no séc. XXI". No caminho de ida, me peguei ainda assimilando toda aquela movimentação que GPESlandy tinha feito pra organizar um Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária... Quanta logística envolvida, quanto desprendimento dos moradores da Ilha de Pesquisa - e tudo isso de forma voluntária... Tem que gostar muito do que faz pra fazer daquele jeito...

#ADMIRO

Bem, mas já era outro dia e lá estava eu, rumo às descobertas. Mais ou menos a um quarteirão do portal de entrada, ouço marteladas em estacas. Barulho de construção em madeira. Aperto o passo. As marteladas dão lugar às vozes dos gepíacos, as quais já conhecia bem... Estava acontecendo alguma coisa e eu não poderia perder... Corri. Cheguei ao portal. A *Gepíaca-Mor* me recebeu, como sempre; só que, naquele dia, ela estava preocupada. Parecia saber da importância do acontecimento para os gepíacos de *GPESlandy* e simplesmente me disse: "Boa tarde, querida! Entre rápido! Daqui a pouco vai acontecer o Julgamento Público da Pedagogia Universitária. Depois te explico melhor."

Nem questioneei. Fui direto pra oca - lugar sagrado das reuniões mensais - e deu-se aberta a conferência do dia. A *gepíaca Es* tinha levado um texto, escrito por um médico-professor (ou seria um professor-médico?) apresentando uma estratégia de ensino-aprendizagem respaldada em Metodologia Ativa, que teve seu início num curso de Direito, mas que foi adequada por docentes da área da saúde para cursos de Medicina. Um ótimo assunto para se colocar na roda de discussão da Pedagogia Universitária e seus construtos epistemológicos! Afinal, ela - a Pedagogia Universitária - é a mais antiga moradora da Ilha *GPESlandy*... A *Gepíaca Es* havia enviado o texto com antecedência ao grupo (três gepíacos haviam lido o material por completo até o momento da reunião) e, ali no encontro, separou grupos para um estudo dirigido deste texto - também mediante os parâmetros de leitura recomendados pelo docente universitário da área médica.

Ao final do compartilhamento da atividade entre os participantes, a *gepíaca Es* perguntou: "Vocês tiveram dificuldade com essa prática?" Ao que a *Gepíaca-Mor* respondeu: "Eu não concordo com essa prática!"

Nessa hora, trouxeram uma mulher pra dentro da oca e alguém disse: "Chegou o momento! Hoje se dará o *Julgamento Público da Pedagogia Universitária*! Que rufem os tambores!"

Então, todos os gepíacos presentes e eu fomos convocados a irmos para o centro da aldeia, onde já estava montado um palanque de madeira, no qual se via, em pé, a Pedagogia Universitária - uma senhora conservada, bonita, encantadora, que, tranquilamente, subia as escadas do palanque. Sentou-se na cadeira que tinha sido posicionada em frente aos moradores estáticos. E começou o julgamento:

Gepíaca-Mor: Me INCOMODARAM algumas coisas. EU SOU REBELDE. Posso falar?

Gepíaca Es: Gente, só uma coisa! Por exemplo, é muito importante que as ATIVIDADES em sala de aula do ENSINO SUPERIOR sejam CRONOMETRADAS, divididas no TEMPO CERTINHO. Parece bobo discutir isso mas, às vezes, pro professor universitário isso PASSA BATIDO...

Gepíaca C: Eu fico pensando... No primeiro ano da faculdade eu tinha 8 DISCIPLINAS POR SEMESTRE, do curso integral, 8 horas por dia, ou seja... 40 horas! Se cada professor, tipo, desse uma hora já ia ser 51 HORAS DE...

Gepíaco An: É, e os alunos lá da ODONTOLOGIA, onde eu tô pesquisando, que fazem curso integral, eu também percebo muito isso. Eles têm aula o DIA TODO na faculdade, TODO O DIA, e é assim: "Ah, leiam TRÊS CAPÍTULOS pra próxima aula!"; "Leiam o LIVRO TAL, O LIVRO TAL, PRA AMANHÃ!". Aí eu penso assim: "UÉ, MAS QUE HORAS?"

Gepíaca P: É o famoso "O que você faz da meia-noite às seis?!"

Aqui, os meninos de GPESlandy falavam sobre a relevância do tempo na construção do conhecimento. E este conhecimento, no caso deles, se dava no espaço da Ilha de Pesquisa ou até mesmo no espaço da Cidade Sem Vez. Então, me sinto à vontade para fazer uma analogia entre as palavras "técnica", "tempo" e "espaço" - utilizadas por Milton Santos na Geografia - e "ferramentas metodológicas", "ensino-aprendizagem" e "universidade" - expressões da esfera acadêmica. O Milton fala assim:



FOTO: [HTTP://WWW.EL-KURTEN.COM.BR/2011/04/MILTON-SANTOS-O-ASPECTO-HUMANO-DA-HTNL](http://www.el-kurten.com.br/2011/04/milton-santos-o-aspecto-humano-da-htnl)

MILTON SANTOS

"As técnicas são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo direto do trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação. [...] O espaço do trabalho contém técnicas que nele

permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo essa ou outra sucessão. Tudo isso é tempo. [...] O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, como condição de "viver bem"⁷⁵

Parece-me que essa sobreposição de técnica e tempo, conforme os gepíacos narram em suas experiências na Cidade Sem vez (lugar de onde vieram antes de chegarem à *GPESlandy*), são misturados à modelação de fenômenos e processos sociais dos quais o espaço faz parte. O espaço da Cidade Sem vez, no caso. A impressão que dá é que o trabalho, no âmbito acadêmico, deve ser executado por técnicas em tempo exíguo - mas de maneira perfeita - desconsiderando que o "espaço se impõe através das condições que ele oferece" e, dentre elas, está o uso (o BOM uso) do tempo... Enfim... continua a abordagem da *Gepíaca Es*:

Gepíaca Es: Então, por isso que o EXERCÍCIO de hoje, assim, em FORMA DE TESTE, ajuda ele a pensar: "Bom, se eu tenho 5 HORAS DE AULA na semana, então, UMA HORA PRA LEITURA é o ideal." Porque, se não, gente... Por exemplo, outra coisa que se trabalha nessa OFICINA PARA PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS aqui é a elaboração de TESTES DE MÚLTIPLA ESCOLHA porque eles ainda têm a ideia de que formar testes de múltipla escolha - assim como estes que a gente fez aqui - é pra ter PEGADINHA, é pra CONFUNDIR a cabeça de aluno, então, NÃO É O APRENDIZADO que tá em foco. É exatamente essas coisas que distanciam do aprendizado.

Gepíaca S: E reforçam o PODER do professor.

Gepíaca Es: Exato. Então, quando você trabalha com isso aqui você diz que nas perguntas de múltipla escolha têm CRITÉRIOS, TÊM PROCEDIMENTOS, isso não tá mais se usando, aquilo sim... Então são algumas dicas que podem parecer POUCO PRA GENTE, assim, que tem a experiência de sala de aula, que se formou pra isso, mas pra eles - os profissionais de OUTRAS ÁREAS - NÃO É. São DICAS interessantes.

Gepíaca P: *Gepíaca-Mor*, você lembra quando eu fiz estágio de docência com você, tinha aquela atividade de AVALIAÇÃO que elas tinham que elaborar uma prova, lembra? E elas achavam que elaborar uma prova bem, era colocar PEGADINHAS e DIFICULDADES nas questões...

Gepíaca Es: Gente, só uma coisinha: eu queria saber de vocês qual a sensação de ler um texto sobre Educação ESCRITO POR UM MÉDICO?

Gepíaca S: Ah! É um MÉDICO?

Gepíaca-Mor: Porque quando um MÉDICO lê alguma coisa sobre Educação, ele NÃO ACEITA o que a gente escreve...

Gepíaca L: Eu achei o texto MUITO TÉCNICO, né, assim, ETAPA, OBJETIVIDADE, o que não é uma peculiaridade da Educação. Nós SOMOS PROLIXOS...

Pensei em tantas coisas aqui... As figuras que me veem à cabeça são inúmeras: de um "estrangeiro" no lugar; de um "feudalismo" espacial; de uma "monocultura" acadêmica; de uma "militarização" do território... Mas, em verdade, nem sei o que essas imagens representam, concretamente, nas minhas leituras acadêmicas sobre a circunstâncias que ouço e vivencio. Porque, na verdade, sempre tenho a impressão - e, sim, isso é só uma impressão e não um conceito - de que quando a gente tem certa repulsa de determinada situação, medo do desconhecido, damos um grito de libertação pra que possamos imprimir uma nova forma de ação: a nossa. Em contrapartida, também acredito na obrigatoriedade da solidificação de um território mesmo porque, segundo o que o próprio Milton Santos disse numa entrevista pra extinta Revista "Caros Amigos", de 1998 (<https://www.geledes.org.br/entrevista-explosiva-com-milton-santos/>): "O território vai sendo sempre moldado por quem manda". Sempre haverá, em territórios literais ou filosóficos/metafóricos, "aquele que manda". Sempre existirá o mais forte e o mais fraco, o dominado e o dominador. Talvez o que tenha que ser (re)pensado é como se dará esse "domínio" indiscutível, que já está posto social e historicamente; de que maneira ele pode ser exercido a partir de uma visão ética, democrática e empática.

Gepíaco An: Não... Se fosse um texto da EDUCAÇÃO já teria toda uma INTRODUÇÃO HISTÓRICA, HISTÓRICO-SOCIAL, CHEIA DE TÓPICOS etc etc...

Gepíaco J: Eu, que sou da área de QUÍMICA, o vocabulário pra mim é MAIS PRÓXIMO, CONVERSA COMIGO, EU GOSTO...

Gepíaca Es: É. É assim mesmo que eles falam. É um pessoal que PRODUZ CONHECIMENTO, então, A GENTE ACEITANDO OU NÃO é a forma como eles PRODUZEM CONHECIMENTO...

Gepíaca S: Era isso que eu ia dizer... Não adianta a gente ser sentimental e dizer...

Gepíaca-Mor: Eu tava analisando isso e fique conversando com o grupo aqui. E aí você tem que RESPEITAR como é que se CONSTRÓI o conhecimento das grandes áreas.

Gepiaca S: IIIIssssso...

Gepiaca-Mor: Entretanto, MESMO QUE EU TENTE analisar as Ciências Exatas e as Biológicas - o pouco que eu tenho, que EU TENTO ENTENDER, se nós aplicarmos dessa forma, eu NÃO PENSO QUE HAJA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO da perspectiva conceitual.

Gepiaca S: Mas como assim "dessa forma"?

Gepiaca C: Com essa METODOLOGIA.

Gepiaca S: Hum.

Gepiaca-Mor: Por quê? Porque a CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO, na minha perspectiva, tem uma FUNÇÃO DIALETICA e se é dialética, uma proposta tem que ser construída não dentro de um esquema. Eu ME SENTI AMARRADA a isso... Por exemplo: "feedback inicial". Feedback se dá no PROCESSO! O cara dá dez ideias. Quem precisa determinar isso é o grupo, que precisa CONSTRUIR IDEIAS. Então, eu tenho que esperar, eu tenho que dar o feedback gora? NÃO! Eu fico pensando: vou trabalhar isso em cálculo 3, cálculo 2 - que é a aplicação da fórmula. Tudo bem. O conceito tem que ser construído. Mas dependendo de como você aplicar, o conceito não é construído. Então, isso me angustiou. Eu FIQUEI DECEPCIONADA. Eu NUNCA IMAGINEI isso... É tanto procedimento que eu fico com receio de FICAR PRESA ao procedimento e não enxergar, às vezes, o que é o mais importante. Porque eu tenho que fazer o que é formatado em etapas. Porque eu tenho que seguir uma CARTILHA. Uma CARTILHA DE PROCESSO.

Sobre a construção de conhecimento, acho que os gepiacos estavam discutindo sobre as "fronteiras aparentes" que Piaget traz, lá em 1973:



PIAGET

"Nada nos obriga mais a fragmentar o real em compartimentos estanques ou em estados simplesmente superpostos correspondentes às fronteiras aparentes das nossas disciplinas científicas e tudo nos obriga, ao contrário, a nos engajar na investigação a respeito das interações e dos mecanismos comuns. A interdisciplinaridade deixa assim de ser um luxo ou um produto de ocasião para tornar-se a condição mesma do progresso das pesquisas."⁷⁶

⁷⁶ PIAGET, 1973, PP.131-144.

A questão discutida pelo povo gepíaco era a "identidade docente" que, segundo eles, os professores de biológicas não tinham. É que, por um instante, me peguei pensando sobre o isomorfismo de Piaget e como ele poderia ser contextualizado na conversa que eu estava ouvindo, porque, o filósofo brasileiro Américo Sommerman fala coisas bem interessantes na obra "Práticas da interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa", do qual faz parte como um dos autores:

"[...] a forma mais simples de estabelecer esta ligação interdisciplinar é a percepção do isomorfismo, a correspondência de forma entre as estruturas das diferentes disciplinas em diálogo, ou seja, "quando especialistas de dois campos diferentes percebem que seus análises acabam por revelar estruturas semelhantes, o detalhe dessas análises em um desses campos sendo então suscetível de esclarecer a outro" (Piaget, 1973, p.142). [...] para todos esses autores de referência, a busca desses isomorfismos ou de um fundamento comum que atravessa as diferentes disciplinas em diálogo é um dos instrumentos metodológicos mais fortes da interdisciplinaridade."⁷⁷



Então, sobre o assunto que os gepíacos conversavam ali - professores da área médica se "aventurando" na apropriação de um campo de conhecimento chamado "Pedagogia Universitária" - quem sabe não fosse o caso de quebrar uma estrutura universitária positivista e, entre o campo biológico e o campo das ciências humanas, tentar uma "aproximação epistemológica"? Mesmo porque, fica claro o interesse da primeira pela segunda...

E a *Gepíaca Es* continua a gestão da reunião.

Gepíaca Es: Na verdade, quando se fala na **FORMAÇÃO DE PROFESSORES**, o que eles mais querem é isso. É **RECEITA**. Faça, siga, pare, tecnicista, procedimental, entendeu? Então, na verdade, tem essa aceitação. Agora é o seguinte: precisa pensar também que as áreas que **ESTÃO ADERINDO** são áreas que têm **MUITA RECLAMAÇÃO** por parte dos estudantes porque a única metodologia que o professor utiliza é a expositiva com apresentação de Datashow. É dessa forma que os conceitos são apresentados a eles.

Gepíaca-Mor: Mas deixa eu jogar uma pergunta pra você. Eu concordo com você, você tá certa. É isso que eles falam pra nós. Mas eu fico

me perguntando... **EU NÃO ENXERGO**, nessa proposta, a **CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO**. Então, eu me pergunto: "Qual é a concepção de conhecimento?" Gente! É a pergunta que eu vivo fazendo pra vocês! Não adianta usar **MÉTODO**! A Metodologia Ativa **NÃO VAI GARANTIR** o processo de **CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO**! Porque você tem que perguntar: "O que é aprender, o que é ensinar?" Ele fala: "transmitir conhecimento". Eu transmito isso de todas as formas possíveis. Eu uso milhõööööões de aparelhos. Nessa lógica, eu **NÃO VEJO CONSTRUÇÃO**. Eu vejo **TRANSMISSÃO**. Eu tô cansada de ver isso, né, a gente tá vendo isso na pesquisa do Gepíaco An. O professor fala pra ele: "Eu faço Metodologia Ativa!". Aí o Gepíaco An vira pra mim e fala: "Pôxa, prof^a, ele aplica um jogo e fala pra mim que é Metodologia Ativa!". Porque o processo de construção, de aquisição do conhecimento, tudo bem é o sujeito, mas todo mundo acha que Metodologia Ativa vai mudar tudo. Tem hora que eu penso que é muito mais uma **AÇÃO ATIVISTA**.

Gepíaca Es: Eu acho muito pertinente a sua colocação. Agora vamos pensar numa ala de professores que eles têm uma maneira de ensinar de quem mostre os caminhos, tá? E que de repente ele vai querer utilizar isso depois que aquele conteúdo já foi trabalhado de uma forma expositiva. Qual o desempenho do estudante? É X. Os estudantes ficam **MAIS MOTIVADOS**, eles **PARTICIPAM MAIS E APRENDEM MAIS**. O que a gente fez aqui são conceitos simples, mas os alunos lá, conseguem trabalhar muito bem e eu vou dizer: eles aprenderam. Esse é um ponto. Agora, o que acontece com um professor quando **ELE** não tem a **SUA** concepção bem definida do que é ensinar, do que é aprender? Ele foca mais nos instrumentos de avaliação - então, o que mais vai contar pra ele são as notas (ele vai atribuir as notas sendo que, de preferência, a individual valha mais...); porque ele não teve uma **FORMAÇÃO DA DOCÊNCIA**, uma **CONCEPÇÃO DE ENSINO SISTEMATIZADA**. Então, essa estratégia aqui, a gente não pode deixar de reconhecer que é uma **PORTA DE ENTRADA**.

Gepíaca L: Sabe, assim, a impressão que passa é que você está em estado terminal e que vai conseguir alguma coisa paliativa pra durar mais um pouco. A impressão que me passa é essa porque você não tem **MUDANÇA DE CONCEPÇÃO**, você não tem uma **PARTICIPAÇÃO REAL** desses alunos, você tem uma **PARTICIPAÇÃO BASTANTE TRUNCADA**, né... Se a gente for pensar assim, do jeito que a gente pensa Educação, né, no âmbito que a gente pensa de como a gente gostaria de ver essa transformação em sala de aula das universidades, tem uma amplitude muito maior. Aí eu entendo, sim, que é melhor que aula expositiva o tempo todo porque os alunos, desse jeito de hoje, ficam mais motivados. Mas

é algo que me incomoda bastante... E aí, quando a gente fala que tem que respeitar a **CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO** dentro de **CADA ÁREA**, eu concordo plenamente, só que também é duro ver um **MÉDICO ESCRIVENDO PRA EDUCAÇÃO**, alguém de outra área, sabe...

Gepíaca Es: Quem trabalha com Pedagogia Universitária, com Formação de Professores para o Ensino Superior, a gente precisa **COMEÇAR A CONVERSAR**, tirar um pouco esse **RACHA** de "quem é médico não pode ir pra Educação!". A gente, como pedagogos, sabe, "não, essa é **MINHA ÁREA E ACABOU**"...

Gepíaca S: A gente cria a mesma **BARREIRA** que condena no outro...

Gepíaca Es: Exato...

Gepíaca-Mor: Desculpa, eu não entendi.

Gepíaca S: É, gente. Eu tô ouvindo aqui vocês. A gente tá dizendo que o **MÉDICO NÃO SABE DAR AULA**.

Gepíaca-Mor: **NÃO**. A gente **NÃO** disse isso.

Gepíaca S: Péra aí, gente. Olha... Foi dito aqui que o médico tem certa dificuldade de deixar a "coisa" pedagógica, não é isso?

Gepíaca-Mor: O "falar sobre a Educação". Foi isso.

Gepíaca S: Isso. "falar sobre a Educação". Tá. Blz. E também foi dito que ele só dá aula expositiva, que ele acha que Metodologia Ativa vai salvar a humanidade etc etc etc... Se a gente fala esse tipo de coisa "pro lado de lá", é um outro **MURO** que a gente tá levantando contra aquele que nós gostaríamos que "crescesse" com a gente... Eu acho que a gente poderia **BAIXAR UM POUCO A GUARDA** da Pedagogia, das Humanas, e **OUVIR** mais o outro lado... Eu não sei... É só uma sensação de quem tá ouvindo... Eu não sei... Eu não tô falando mal. Eu só tô sentindo...

Gepíaca Es: E é assim... É um processo, *Gepíaca S* porque, é assim: a mesma **REPULSA** eu senti quando eu pegava um texto como esse; a mesma **REPULSA** eu senti quando eu ia pra um evento, por exemplo, só porque ele é um docente universitário ele vai falar lá sobre construtivismo, sobre as teorias pedagógicas, **SEM NENHUM APROFUNDAMENTO, SEM CONHECIMENTO NENHUM**, isso gera mesmo uma repulsa. Só que é assim: como é que a gente adentra essa área sem esse viés de "tá tudo errado"?

Gepíaca-Mor: Péra aí... Eu acho que a gente tem que tomar um pouquinho de **CUIDADO**. Eu acho que vocês **NÃO TÃO ENTENDENDO** o que a gente tá discutindo aqui.

Gepíaca S: Pode ser.

Gepíaca-Mor: Então, assim, quando você - *Gepíaca Es* - trouxe essa dimensão, eu tenho me angustiado muito, de um estudo que tenho feito junto com o *Gepíaco An* (ou seja, não é uma coisa de, simplesmente, eu não gostei do texto...)... Os textos que temos estudado têm me preocupado pelo fato de que a Metodologia Ativa ela acaba ganhando um papel na Educação do Ensino Superior, ela acaba elegendo determinadas falas ou temas como alguma coisa que vai dar conta da aprendizagem, da relação professor-aluno, da avaliação. Entretanto, no meu ponto-de-vista, nos preocupa o fato de ver o discurso do uso da Metodologia Ativa... porque a Metodologia Ativa é a coisa da hora e da vez, né? Então, ao eu adotar alguma coisa que me aproxime da Metodologia Ativa, automaticamente, o processo de **AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO**, a **APREENSÃO DA APRENDIZAGEM** vai se dar. E é isso que me angustia: eu vou pra Exatas, eu vou pra Humanas, eu vou pra Biológicas, o discurso é o mesmo; mas não se dá a **MUDANÇA PARADIGMÁTICA** do ato do ser docente e do **CONHECIMENTO NO EXERCÍCIO DA ENSINAGEM**... E aí, gente, eu tô cansada de escutar professor falar: "Eu sou professor que tem didática! Eu saio do quadro, eu vou pro retro; eu saio do retro, eu vou pro filme; eu saio do filme, eu vou pro jogo!" Mas, na verdade, **NÃO MUDA NADA**. Então, aí começam as coisas... Eu acho que nós somos pesquisadores da Educação, temos uma **RESPONSABILIDADE** enquanto Pedagogia Universitária - que é um campo novo e que precisa discutir essas coisas...

Gepíaca L: Fortalecer o campo, né?

Gepíaca-Mor: Exato! Se nós estamos hoje na Pedagogia Universitária a Pedagogia Universitária é **UM DEVER**! Assim como eu tava discutindo com o *Gepíaco M* hoje... Ele me perguntou: "Profª, o que a Pedagogia Universitária tem a ver com Educação a Distância? Tem ou não tem?" Eu respondi pra ele: "Pôxa, não sei!!" Mas eu acho que a Pedagogia Universitária tem que **PÔR O DEDO LÁ NA FERIDA E DISCUTIR** essas coisas!! É isso que eu tô discutindo: é essa angústia que eu trago da gente enquanto responsáveis pela temática desse grupo de pesquisa que se depara com essas situações que nos angustiam. O *Gepíaco M* me incomoda com esse tema, mas ele vem: "Profª., e aí?!"

Gepíaca S: Eu tô conhecendo isso, o EAD; eu tô trabalhando no EAD. É outro nicho que eu agora, dentro do **OLHO DO FURACÃO**, estou percebendo

do que euzinha, aqui, durante muitos anos, havia sido uma baita duma **PRECONCEITUOSA** dentro dessa área. Existem movimentos ali - ontem eu participei de um **ENCONTRO SÍNCRONO** com a minha turminha de 9 alunos do EAD de Letras que eu achei **MUUUUUITO MAIS RICO** que qualquer outro evento que eu participei no Letras Presencial. Então assim, a gente tem essa pré-disposição de falar sobre o desconhecido; eu acho que às vezes a gente precisa parar um pouco e, assim, parece que a gente vai estagnar. Mas não é pra estagnar. É pra **REFLETIR E AVANÇAR**. Tô falando da minha experiência em EAD.

Gepíaca-Mor: Você vai me desculpar, mas isso parece que **É PRA ESTAGNAR** porque a gente fica aqui lendo esses materiais, discutindo, o *Gepíaco An* me traz uma pesquisa... Eu tô num grupo focal com os doutores da UNICAMP...

Gepíaca S: Que é de Odonto, né?

Gepíaca-Mor: É. Que diz que tem um **PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO** balizado em Metodologia Ativa e que eu discuto com os professores, ou seja, tá sendo muito legal! O grupo lá tá aceitando muito isso. Mas é uma **PIRAÇÃO!**

Gepíaco F: Deixa eu complementar... Eu acho que metodologia de ensino é sintômica: que nem atacar febre ao invés de atacar o vírus. A metodologia que o professor vai usar, ela é reflexo ou decisões de quatro coisas: a concepção que ele tem de **CONHECIMENTO**; o que ele **ENTENDE POR APRENDER**; o entendimento de que a docência é uma **ATIVIDADE INTELLECTUAL**; e a necessidade da formação de **IDENTIDADE DOCENTE**. A hora em que essas coisas acontecem de uma certa forma, naturalmente, ele vai usar uma metodologia diferenciada. Eu acho que eles tão começando pelo fim, entende? Eles mudam essas concepções, mas na ordem inversa. Por exemplo: eu acho que esse texto é meio conceitual; eu não acho que essa metodologia é construtivista. Eu acho que ela é procedimental. E aí, como é que eu discuto isso com esse cara - o médico que escreveu - porque ele **NÃO TEM PROFUNDIDADE DIDÁTICA** pra falar disso, entendeu?

Gepíaca-Mor: Eu concordo! Quando eu li o negócio... Gente!!! Dá uma lida ali nas perguntas! Olha a décima: "garantir que as equipes tenham alto desempenho e garantir..." Isso aqui pra mim é a Pedagogia da Auto Eficácia!!

Gepíaco F: Na verdade, você **AUMENTA A APRENDIZAGEM** deles aumentando a **QUANTIDADE DE INFORMAÇÃO** que você põe na cabeça deles.

Gepiaca-Mor: Exatamente. Aí tem gente que discorda. Mas seu eu for estudar a ideia da **PEDAGOGIA DA AUTO EFICÁCIA** aplicada ao Ensino Superior, ela é **COMPORTAMENTALISTA**. Ninguém me tira isso não. Por mais que eu leia, por mais que eu tente entender...

Gepiaco J: *Gepiaca-Mor e Gepiaco F*, eu acho interessante essa ponderação sobre a área na Educação e, ao mesmo tempo, eu acho que esse trabalho, essa **ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM** seja mesmo uma **PORTA DE ENTRADA** para que os colegas da medicina aí comecem a repensar, sabe? Complementando o que a Gepiaca S disse, a gente precisa **BAIXAR A GUARDA, BAIXAR MESMO** a guarda porque textos e atividades como essas podem ser um **ABRIR DE OLHOS** pra esses colegas, né? Eu parto da minha própria experiência, sabe? Eu sempre trabalhei do jeito que eu achava que era certo e, com os meus colegas da Pedagogia, aos poucos, eu **FUI ME ACOSTUMANDO**; ainda hoje eu falo de maneira técnica, mas eu **VOU CAMINHANDO**. Desde que a pessoa tenha consciência que está passando a viver num plano diferente, que é o **PLANO DA DOCÊNCIA**, ele tem que estar **ABERTO ÀS INFLUÊNCIAS** das outras áreas.

Gepiaca-Mor: Olha, as ações - eu volto a dizer - eu concordo com o *Gepiaco F*: se nós não pararmos em algum momento para **REFLETIR**. Porque olha só as palavras "Empreendedorismo e Inovação". Não aguento mais essas palavras! Se nós não tomarmos cuidado, as Metodologias Ativas vão dar no mesmo lugar, gente!

Gepiaca Es: Eu entendo esse pensamento, mas veja só, vamos pensar numa **PROPOSTA TRANSFORMADORA** com esses docentes. Porque, é assim, de experiência mesmo em trabalhar com a formação desses professores: você pega a teoria e vai discutir concepções, vai discutir a **IDENTIDADE DOCENTE**, você vai discutir historicamente o **DESENVOLVIMENTO DA DOCÊNCIA**, as características da docência como uma **ATIVIDADE INTELECTUAL**, entendeu, é um caminho que você não consegue andar. Você **NÃO consegue**". Então é assim que eu falo sobre a possibilidade de fazer um caminho inverso: você dá aquilo que, por exemplo, ele percebe a mínima possibilidade de colocar em prática, vai "dar a receita", mas **VOCÊ** sabe que, em algum momento, **VOCÊ** vem com o conceito. Você pega e fala: "Olha, se você não fizer isso aqui ou não mudar sua concepção de avaliação, não vai adiantar de nada... Se você considerar que o negócio é a nota e a avaliação individual é mais que outra nota, você não entendeu nada!" Então, quer dizer: é muito **"DOSAGEM AOS POUCOS"**...

Gepíaca L: Você, com essa sua experiência naquele grupo, você tem conseguido fazer essa reflexão? Com a experiência que você tem lá, na área médica da UFSCar?

Gepíaca Es: Consigo, consigo. Com o grupo que está pensando essas atividades. É assim: são vários perfis que existem em relação a um professor, tá? Porque você tem que oferecer um cardápio pra eles. Têm professores que têm mais identificação com a questão das diferenças, da diversidade. Você tem que **OFERECER UM CARDÁPIO** pra eles de como lidar com questões **ÉTNICO-RACIAIS, GÊNERO**. Aí tem um pessoal que quer colocar **NOVAS TECNOLOGIAS** em sala de aula. Outros, querem mais um **TRABALHO HÍBRIDO** e querem conversar com o pessoal da **EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**, que oferece mais coisas. Tem o pessoal que pede **METODOLOGIAS ATIVAS**. De todos eles, gente, o que você tem de professores querendo **APLICAR ESTRATÉGIAS DIFERENTES** com uma frequência de 50 ou mais professores participando por evento é esse: das Metodologias. Então, por exemplo: um grupo que a gente teve lá foi pra esse teste de múltipla escolha. Não é só pra formular testes, mas é pra trabalhar uma **CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO**. Aí eu tive que explicar pra eles que essa não é a única forma de avaliar; que você tem inúmeras outras. Aí você precisa do pedagogo. De alguém da Educação pra levar essas discussões, que também não são fáceis, porque se eu chegar com o discurso de que "Olha, o que você faz, do jeito que você faz não constrói conhecimento", **VOCÊ AFASTA** o professor; e **VOCÊ PERDE...** Então, se você chegar lá com esse discurso aqui (nós estamos aqui, num grupo de pesquisa, que produz conhecimento sobre Pedagogia Universitária) - de que **O JEITO DELES TÁ ERRADO** e não gera conhecimento, **A-CA-BÔ. JÁ ERA**.

Gepíaca-Mor: Ah, sim. Por isso que a gente tá trazendo pra discussão aqui.

Gepíaca Es: Mas, viu, *Gepíaca-Mor*, lá a gente trabalha com sete pedagogas. E eu tenho uma pedagoga que ela tem pavor de entrar nesse grupo porque, na percepção dela, o **PAPEL POLÍTICO DA APRENDIZAGEM**, a **AUSÊNCIA DO PAPEL POLÍTICO**, aquele que o professor tem que ter na sala de aula. Essa postura, a meu ver, ela também **NÃO É SAUDÁVEL**. Porque aí, quer dizer, **VOCÊ NÃO FAZ NADA**.

Gepíaco F: Mas, *Gepíaca Es*, você concorda que você tá defendendo não o papel da metodologia em si, mas como uma possibilidade de **APROXIMAÇÃO** para que dê certo as reflexões? Então, aí, tá certo. Aí eu concordo com você.

Gepíaca Es: Gente, você vê pessoas trabalhando, a sinergia que eles têm, a vontade pra fazer diferente... E a **LIMITAÇÃO É O DESCONHECIMENTO** porque veio de uma área **TOTALMENTE TECNICISTA, POSITIVISTA**, que **APRENDEU A SER DOCENTE** dessa forma, mas com uma vontade imensa de **FAZER DIFERENTE!** Aí **VEM VOCÊ E VAI DESTRUIR?**

Gepíaco F: Mas, *Gepíaca Es*, isso é arriscado porque eles - eu não tenho problema com nenhum deles - mas eles acabam saindo como os **ATO-RES** que trabalham Pedagogia Universitária. Como **INOVADORES**. Como os caras que têm as respostas e **EU SOU O CHATO**, que fica falando coisa que **NINGUÉM ENTENDE**. "Ah, meu, para de falar esse negócio intelectual aqui e vamos falar de coisas que vão resolver o problema!" Mas não vai! Você mesma disse isso. A Metodologia Ativa é uma porta de entrada pra um dia eu poder discutir isso. E eu acho que **NÃO VAI CHEGAR...**

Gepíaca L: E a hora que você for pegar o boi pelo chifre ele vai falar "Ah, não!"

Gepíaco J: Ah, eu gostaria de saber, pela sua experiência, *Gepíaca Es*, se depois da apresentação haveria uma **EVOLUÇÃO** nesses professores aí? Ainda é cedo pra gente saber?

Gepíaca Es: Ah, ainda é cedo sim, *Gepíaco J...* Na verdade é o seguinte, gente: os professores que têm uma **PRÉ-DISPOSIÇÃO** pra trabalhar com a Metodologia Ativa, eles estarão sempre evoluindo porque só de eles estarem lá, **SEM VALER NADA, SEM VALER UM PONTO**, e toda última sexta-feira do mês ele já reservar na agenda dele e **IR** para as atividades, é uma pessoa que está disposta. O que eles também estão fazendo é **FAZEREM REFERÊNCIA**, nos artigos médicos que eles escrevem, sobre essa **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA NOSSA**. Então, esse aspecto é importante; essa é a porta de entrada. A outra coisa que eu observo é que eles constataam a melhoria do aprendizado do estudante.

Gepíaca S: Eu ia perguntar uma coisa sobre isso daí. Alguém já **ACOMPANHOU ESSES EGRESSOS?** Já sabem qual a **QUALIDADE** do atendimento do médico que aprendeu com Metodologias Ativas e outro que não?

Gepíaca Es: Na verdade, o que a gente tem é o seguinte: na UFSCar o pessoal falava que quem tivesse sido **FORMADO COM METODOLOGIAS ATIVAS** ia ser tudo **MÉDICO DE BEIRA DE ESTRADA** porque iriam ter **NOTAS PÉSSIMAS** e **NÃO IRIAM PASSAR** em nada, eles conseguem os **MELHORES LUGARES** em residência médica e o **ENADE** deles foi **5.0**. Já no curso

tradicional, com o método tradicional, eles vão muito bem até o 3º ano; até lá eles vão melhores do que o pessoal do Metodologias Ativas. Aí quando você vai comparar os cursos no 6º ano, aí equipara.

Gepiaca-Mor: Só uma pergunta. Os professores, quando fazem esse trabalho, eles fazem a leitura do PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO do curso?

Gepiaca Es: Eu NÃO TENHO ESSA INFORMAÇÃO.

Gepiaca-Mor: Isso é o ponto de partida de qualquer discussão e eu tenho debatido muito sobre isso aí. A PROPOSTA PEDAGÓGICA do curso afirma que ela tem uma PERSPECTIVA ATIVA. Se os professores, que vão fazer as atividades, não vincularem a ação pedagógica a uma proposta, você NEGA O PROJETO. E isso é GRAVÍSSIMO.

Gepiaca Es: Da mesma forma que muitos professores NÃO PREVEEM METODOLOGIA ATIVA no seu plano e estão UTILIZANDO METODOLOGIA ATIVA também... Tem o PROCESSO INVERSO...

Gepiaca-Mor: Pois é. É isso que eu tô falando. Mais uma vez, o PROJETO PEDAGÓGICO tá servindo pra gente DESCARACTERIZAR o processo que não precisa. VOCÊS NÃO PODER... Desculpa, talvez eu vou falar pra alguém... Toda AÇÃO DE ASSESSORAMENTO, do meu ponto de vista, tem que vincular a PROPOSTA FORMATIVA e olhar pra ela e se não tem nada a ver, não tem problema, mas a gente precisa olhar pra ela... Porque aí, se o processo tá dizendo que a Educação e a Formação tem que ter um VIÉS INTERDISCIPLINAR, obrigatoriamente, esta atividade tem que ser trabalhada com o INDIVÍDUO e tem que se dar no COLETIVO. E aí eu fico pensando: quando eu olhei a proposta, eu olhei uma atividade disciplinar que, dependendo do caso, você toca na disciplinaridade e você MATA A POSSIBILIDADE DE SE PENSAR. É a mesma coisa de discutir Avaliação sem discutir proposta, metodologia e concepção de ensino. Não adianta, entendeu? Acho interessante, acho muito boa a discussão que você trouxe hoje, nos fez pensar pra caramba e a minha ANGÚSTIA é exatamente por causa da responsabilidade que nós temos, como GRUPO DE PESQUISA, que se propõe a PRODUZIR CONHECIMENTO sobre Pedagogia Universitária.

Gepiaca Es: E olha, só pra acabar aqui, o pessoal pensa - quando se fala em Formação Docente para o Ensino Superior - a gente tem que tomar muito cuidado com a ideia que se tem que essa é coisa da Pedagogia.

Gepíaca S: Se não pior, né: chamar PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA ou Formação Docente para o Ensino Superior de ANDRAGOGIA...

Gepíaca-Mor: Ah, é. Eu sempre LUTO POR ISSO também. São dois conceitos que associam com Pedagogia Universitária rapidinho: a PEDAGOGIA "PURA" e a ANDRAGOGIA. E esse termo foi adotado e importado da Psicologia e é utilizado, fortemente, em TREINAMENTO DE PESSOAS. E é utilizado pra fazer TREINAMENTO EM ESCOLAS e não tem nada a ver com formação.

Gepíaca L: A ANDRAGOGIA, eu entendo, que é A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA, né?

Gepíaca-Mor: Não. Não é. Educação ao longo da vida é outra coisa que não tem nada que ver com esse termo.

Gepíaca Es: É que as pessoas entendem assim, que a PEDAGOGIA é o ENSINO DA CRIANÇA, a ANDRAGOGIA é o ENSINO UNIVERSITÁRIO.

Gepíaco J: Então, gente, e aí essas pessoas ouvem "PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA"... NÃO FAZ SENTIDO pra eles.

Gepíaca-Mor: Pode perceber: quando a gente fala de PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA as pessoas pensam que isso é ARTIGO DE LUXO, que NÃO EXISTE. Quantas vezes já jogaram isso na minha cara... É DIFÍCIL isso, e é uma LUTA ÁRDUA! E quando eu vejo essas intervenções, eu me angustio ainda mais... Porque a PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA NÃO É ENTENDIDA e ainda tem que aguentar que Andragogia é a discussão do ensino superior e que a Pedagogia é o ensino pra criança... Pessoal não entende nada do que é um TEOR EPISTEMOLÓGICO. Não precisa ir pra muito longe. Não precisa ir pra UFScar. TEM POR AQUI MESMO...

Gepíaca Es: Eu entendo... Agora... A gente precisa também pensar assim: como é que a gente se APROXIMA desses professores? Como é que a gente DIALOGA? Porque é fato - pela experiência que eu tenho, pela vivência com Formação Docente - que textos sobre Formação escritos por ENGENHEIROS, escrito por MÉDICOS são mais balizados para AQUELA COMUNIDADE, para o corpo docente de TÉCNICOS, são tidos como sem EMBASAMENTO TEÓRICO-PEDAGÓGICO. Então a minha ANGÚSTIA é: como a gente pode CAMINHAR JUNTOS, de forma que NINGUÉM SE SINTA INFE-

RIORIZADO porque a gente se incomoda - porque estão falando da nossa área - mas que, da mesma forma, a gente consiga dialogar com eles porque é assim. Eles vão dar as aulas deles, fazendo o que eles quiserem, **A GENTE FALANDO OU NÃO...**

Gepiáca L: Mas eu acho que... Eu entendo tudo isso. Eu concordo com a Gepiáca S, concordo com você quando vocês falam da questão da **APROXIMAÇÃO** mas, como o Fernando falou, é uma linha muito tênue porque eu ir **ABRINDO MÃO** de algumas coisas pra trazer... Daqui a pouco **EU É QUE TÔ LÁ...** Eu **NÃO TÔ TRAZENDO ISSO PRA CÁ.** Eu é que acabei entrando no **MUNDO DELES** e falando: "Ah, não, então tá bom. É isso mesmo que funciona, então tá." **NÃO TÔ NEGANDO QUE PRECISA,** eu acho que **PRECISA FAZER,** só ainda fico me questionando sobre qual o **MELHOR CAMINHO?** Porque se o melhor caminho não é trazê-los pra discussões que a gente já faz, que a gente já construiu enquanto campo conceitual, tudo bem, tem que entrar com uma linguagem que eles compreendam, mas a gente **NÃO PODE FICAR LÁ.** Porque se a gente ficar lá, a gente acabou com nosso grupo... A gente **NÃO PODE PERDER A NOSSA IDENTIDADE** porque, se não...

Gepiáca S: E se eles estiverem **PENSANDO IGUAL A VOCÊ:** "Eu não posso perder **A MINHA IDENTIDADE!**" Como é que fica? Você tá entendendo?

Gepiáca L: Aí tem que ter **DIÁLOGO.**

Gepiáca S: Isso. Então. É isso que eu tô dizendo, gente... Por isso que eu tô dizendo que **TEM QUE BAIXAR GUARDA.** Gente, pelo amor de Deus... Baixar a guarda **NÃO É NEGAR O QUE EU ACREDITO.**

Gepiáca-Mor: Se eu vou me aproximar de um grupo da Andragogia que tá dizendo que a Pedagogia é só pra criança eu já fico sabendo que eu tenho um problema básico. Eu também não sei se é o fato de eu ter que **CONVENCÊ-LO** porque são concepções absolutamente diversas. E aí eu acho que a gente tem que tomar um pouco de **CUIDADO** - e aí eu concordo com a Gepiáca L - a gente **PODE SE APROXIMAR;** mas a gente também não pode perder de vista aquilo que nos constitui como **PESQUISADORES DE UM CAMPO DE CONHECIMENTO.** Até pelo **PERFIL HISTÓRICO E PEDAGÓGICO** de tentar trabalhar isso.

Gepiáca S: É que eu acho que é isso que o cara pensa **LÁ NA MEDICINA.**

Gepiáca F: Tudo bem. Mas o que que é **"BAIXAR A GUARDA"**?

Gepíaca S: Gente, é assim, ó: meu pai foi um dentista que trabalhou 60 ANOS como CIRURGIÃO DENTISTA e PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. Eu assisti a inúmeras aulas do pai. Os alunos - estou falando da década de 80/90, até 2000, quando ele ainda lecionava - me parece (eu com as minhas lembranças e ouvindo aqui as concepções que a gente vêm construindo sobre a Pedagogia Universitária) que o CONHECIMENTO que o pai veiculava lá na OSEC, NA ODONTO, não se parece em NADA com o CONHECIMENTO que eu, licenciada em LETRAS, construí pra mim... Ou seja, são CONHECIMENTOS DIFERENTES. Então, de repente a alunada e a professorada que é dentista, que é médica...

Gepíaco F: É que o conhecimento que seu pai ensinava é uma coisa. O CONHECIMENTO DA ÁREA DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA É OUTRO.

Gepíaca S: Sim. É outro. Isso que eu tô dizendo. Acabei de falar isso.

Gepíaco F: Só que a gente tá falando que "BAIXAR A GUARDA" é aceitar o...

Gepíaca S: NÃO É ACEITAR...

Gepíaca Es: Eu entendi o que a Gepíaca S tá falando. "Baixar a guarda" é PERMITIR-SE ENTRAR nesse espaço de formação e ESTAR COM ELES, ENTENDER ELES, COMO ELES PENSAM.

Gepíaca C: Eu também entendi a Gepíaca S. Ela tá falando pra gente IDENTIFICAR AS NECESSIDADES de um grupo que pensa que ANDRAGOGIA É BOM. E aí você vai ORIENTAR esse grupo pra tentar mostrar que talvez a PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA É UMA COISA BACANA. E aí você não pode chegar "POW"! EM CIMA, entendeu? É o caso de você SENTAR, de você OUVIR, de você tentar entender o lado do outro pra CONSTRUIR JUNTO uma outra coisa, entendeu? DESCONSTRUIR E CONSTRUIR da MANEIRA DELES.

Gepíaca-Mor: Em nenhum momento eu tô negando isso, Gepíaca C. O que a gente tá negando é que dependendo da forma como é feito... Olha, tem um monte de assessor pedagógico que não pensa como a Gepíaca Es e que acha que se eu entregar uma RECEITA ("faz assim que a sua aula vai ser boa") vai resolver. Não é isso que a gente PESQUISA aqui como CAMPO DE CONHECIMENTO, minha gente!

Gepíaca C: Sim, mas a gente PRECISA COMEÇAR.

Gepíaca L: Tem que **IR ALÉM DISSO**.

Gepíaca C: Mas o que a *Gepíaca S* tá falando é exatamente isso: tá; esse cara dá aula há 25 anos. Ele **NÃO É UM BURRO EM DAR AULA**. Ele tem **ALGUM CONHECIMENTO** em dar aula. Ele é um **MÉDICO**, MAS ele tá dando aula!!

Gepíaco F: Eu tô falando que esse cara não tem **IDENTIDADE DOCENTE** formada. Eu tô falando que esse cara não entende a docência como **ATIVIDADE INTELECTUAL**. Eu tô falando que ele tem uma **CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM** tradicional.

Gepíaca S: A partir do **SEU** conhecimento, né... Você já se pôs no lugar do conhecimento **DELE**, que **É DIFERENTE** do seu?

Gepíaca-Mor: Péra aí. Aí entra na questão do que é **DOCÊNCIA**. Péra lá. Gente, o que é **SER DOCENTE**?

Gepíaca S: Ser docente para um **FUTURO MÉDICO É UMA COISA** e ser docente para um **ALUNO DE LETRAS** é outra.

Gepíaco F: A **IDENTIDADE DOCENTE** é a mesma, *Gepíaca S*!

Gepíaca Es: A *Gepíaca S* tem razão. A identidade docente **É CONSTRUÍDA**.

Gepíaca-Mor: A **PROFISSÃO DOCENTE** é construída. Professor universitário é professor. Pode ser de Química, Física, Matemática, Ginástica Rítmica. Ele é um professor.

Gepíaca C: Eu entendo a *Gepíaca S*. Eu entendo ela. A gente estuda isso. Olha, eu vou colocar o meu caso. Eu sou da Educação Física. Eu sei como fazer um movimento e eu tento ensinar isso pra minha criança e eles não sabem fazer meu movimento. Como eu vou chegar neles? Eu vou chegar neles e falar assim: "O seu jeito de pular tá totalmente errado. Não é assim. Você tem que pular com os pezinhos juntos, com a perna estendida." Ou eu vou deixar ele experimentar diversos jeitos de pular. Então, a gente tem que entender como que esse professor dá aula e como é que eu vou **TRAÇAR ESSE CAMINHO**.

Gepíaca-Mor: Mas não se pode perder de vista qual é o caminho da **CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOCENTE**.

Gepíaca Es: Olha, pensando na fala do *Gepíaco F*: "ele é um professor que **NÃO TEM IDENTIDADE DOCENTE**". **OLHA SÓ ESSA AFIRMAÇÃO!** Eu chego

pro docente e falo: "Você não tem uma identidade docente!" *Gepíaco F*, se a gente aqui, pra conversar num GRUPO DE PESQUISA, a gente já vai com ESSE DISCURSO que você NÃO TEM UMA IDENTIDADE CONSTRUÍDA eu crio uma BARREIRA, nossa...

Gepíaco J: Talvez, *Gepíaco F*...

Gepíaca L: Eu concordo com a *Gepíaca Es* - e com a *Gepíaca S* - no sentido de que quando a gente tá na ponta, trabalhando com a Formação, tem que ter todo esse CUIDADO, mas também concordo que é sem perder de vista a DISCUSSÃO CONCEITUAL que a gente tem. E a ANGÚSTIA que eu tenho é como fazer isso de uma forma que eu NÃO AFASTE essas pessoas, mas também que EU NÃO ABRA MÃO do que a gente construiu até aqui.

Gepíaca-Mor: Por isso que a *Gepíaca A* sofre pra caramba lá em Minas. Porque ela faz a atividade que ela, como pedagoga, quiser.

Gepíaca Es: Olha, se eu encontro um grupo de DOCENTES UNIVERSITÁRIOS que queira FAZER DIFERENTE, gente, eu preciso CUIDAR DESSE GRUPO! Você não pode falar assim: "Não. Porque NÃO PENSA IGUAL, por causa disso, EU VOU SAIR." Essa é uma RELAÇÃO BASTAAANTE DELICADA.

Gepíaca-Mor: Olha eu acho que a *Gepíaca Es* é muito cuidadosa, das ASSESSORIAS que a gente vê por aí, a da UFSCar tem muito a ensinar, pra várias universidades. Penso que o caminho que vocês estão fazendo é um CAMINHO DE ACOLHIMENTO, mas eu penso que vocês têm uma RESPONSABILIDADE grande, como assessoras, de justamente não perder o foco na FORMAÇÃO DOCENTE, de APRENDIZAGEM DOCENTE. O método em si não resolve nada. Não adianta perder de um lado, sem olhar o contexto todo. Porque mesmo que esse MÉDICO, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, chega pra mim todo feliz e fala que o método que eu ensinei pra ele deu certo, e eu fico nisso mesmo, eu tô JOGANDO POR TERRA toda aquela história de CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA do Saviani, por exemplo. Eu tenho MEDO que ações como essas possam desencadear o FORTALECIMENTO DA ANDRAGOGIA, que vai ficar muito mais dentro de uma perspectiva de uma metodologia, sem uma discussão teórico-conceitual FORTE, da constituição da universidade como LUGAR de Formação! Isso é uma coisa que ME ASSUSTA! Porque eles tão fazendo uma coisa MUITO MAIS FÁCIL do que a Pedagogia Universitária se propõe a fazer. Só que dá MAIS VISIBILIDADE pra eles, né? Agora, fazer o indivíduo OLHAR PRA SI,

pra relação que ele estabelece com o outro, se o aluno foge do que tá escrito aqui, burla a sequência, e às vezes é considerado rebelde, e o professor ferra ele porque ele acha que o aluno tá sendo autoritário.

Gepíaco M: Posso falar uma coisa? Eu dei um Google aqui e olha o que eu achei: **ANDRAGOGIA** é o **ENSINO PARA UM ADULTO**, com um conteúdo novo; e **PEDAGOGIA** é o **ENSINO PARA A CRIANÇA**, como sendo um conteúdo novo. Ou seja, o cara que vem de **OUTRA ÁREA DE CONHECIMENTO** já vem com os conceitos pedagógicos que o mecanismo de pesquisa mais simples da rede oferece. O **SENSO COMUM**.

Gepíaca Es: Na verdade, é uma **INTENÇÃO POLÍTICA** mesmo. Ou seja, nós **NÃO PRECISAMOS MAIS** de Pedagogia. Do campo da docência universitária a **ANDRAGOGIA CUIDA**. A **PEDAGOGIA** é até o **ENSINO FUNDAMENTAL**. É uma ruptura. Nessa área **VOCÊS NÃO ENTRAM**. Nessa área entra o docente médico, o docente engenheiro, o docente dentista...

Gepíaca-Mor: Então, por isso que eu acho que isso deve ser claro, que as pessoas não entendem... E isso tem sido discutido muito no nosso grupo de pesquisa nesse ano e no ano passado. Pra gente se caracterizar como um **CAMPO EPISTEMOLÓGICO** como **PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA**, que está no Brasil há quase dez anos. Por que que ele precisa ser respeitado? Porque ele é claro e preciso em relação ao seu conceito. Não tem nada a ver com o que está escrito no Google. É Pedagogia Universitária porque é historicamente situada; ela é um **LUGAR**; não tô falando de Pedagogia de criança, tô falando de Pedagogia como **CONSTITUIÇÃO** dessa docência; docência da onde? Da amplitude de uma universidade. É totalmente diferente da Educação Básica. Então, quando eu vejo Andragogia... **ANDRAGOGIA** pra mim, é **RECEITA**... E aí eu me aproprio dela com **ATIVIDADES**...

Gepíaca Es: Eu acredito que, na faculdade, quando se fala nisso as pessoas percebem que **NÃO TEM CONSISTÊNCIA**. Alguns professores que já, né, estão se abrindo para as questões, eles já percebem que **NÃO É TÃO CONSISTENTE** o que se apresenta, entendeu?

Gepíaco-Mor: Então, o **Gepíaco F** tem uma função **EXTREMAMENTE IMPORTANTE** também na **FEDERAL** que é justamente a que ele tá trazendo: trabalhar lá dentro a **PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA** porque já tem, inclusive, uma **RESISTÊNCIA MAIOR** nas Federais, né?

Gepíaca Es: Você ouviu o que a *Gepíaca P* acabou de falar aqui? Ela me contou que pesquisadores e especialistas da área da Pedagogia Universitária chegaram num evento de Formação do Professor Universitário e aí ele falou o caso de uma Federal, numa postura preconceituosa. Falou assim: "Onde já se viu!! Vocês sabiam que lá na ~~FEDERAL~~ onde eu leciono quem cuida da ~~FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS~~ são ~~PEDAGOGAS???~~" Tá bom? E eu não tô falando de ~~PESSOAS DE OUTRAS ÁREAS~~ não... Tô falando de pedagogas que ~~TÊM LIVROS~~ e que ~~FALAM SOBRE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA~~.

#simplesmentechocada
#mesmaáreadoconhecimento
#povoquedeveriaserunido

Gepíaca C: Palmas pra *Gepíaca Es* que causou a ~~TRETA~~ hoje aqui! (risos)

Gepíaca-Mor: Mas é legal isso! Foi ~~MUITO LEGAL~~ a discussão.

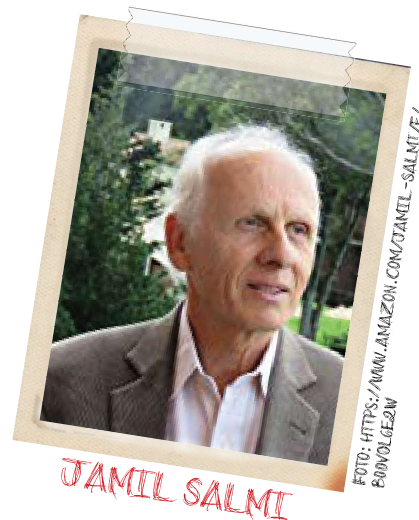
Gepíaco J: Olha, foi ~~UMA DAS MELHORES REUNIÕES~~ que eu participei aqui na GPESlandy. Vou ~~SAIR PENSANDO MUITO...~~

Gepíaca C: ~~EU TAMBÉM.~~

Gepíaca Es: Sim. Foi uma ~~EXPERIÊNCIA BEM MARCANTE~~. Obrigada ao grupo.

Gente do céu... Eu só sei que eu não consegui respirar... Que discussão maravilhosa! Quantos conceitos dentro de uma "conversa trivial de tribo"... E a Pedagogia Universitária lá, sentadinha na cadeira sobre o palanque, só esperando o desfecho dos acontecimentos sobre o destino dela... Mas enquanto todos se organizavam para a votação sobre o futuro da Pedagogia Universitária, chega, esbaforido, um senhor de, mais ou menos, uns 67 anos, dizendo que tinha previsões a fazer sobre o futuro do Ensino Superior no séc. XXI e que essas informações poderiam interferir no julgamento da Pedagogia Universitária. O nome dele: Jamil Salmi. E lá foi ele:

"No futuro será obrigatório frequentar uma universidade e as instituições de ensino superior vão recrutar seus alunos principalmente pelo MySpace e pelo Facebook. Os candidatos com as melhores notas acadêmicas serão rejeitados por receio de que possam ser nerds demais. Nos países em que os alunos não



JAMIL SALMI

estão muito interessados em estudar engenharia, as universidades irão aos jardins de infância para obter seus futuros alunos. No futuro, os novos estudantes receberão um iPad ou Kindle grátis com todos os livros didáticos para seus cursos. Aqueles que necessitarem de ajuda financeira participarão de um leilão on-line no eBay para obter uma bolsa de estudos. No futuro, as universidades de elite terão de cinco a dez estudantes e as universidades de massa darão aulas para 160 mil alunos ao mesmo tempo no mundo todo.

A boa notícia, no futuro, é que não mais usaremos e-mails, porque são muito lentos. Teremos comunicação instantânea através do MySpace, Twitter, Facebook, Orchard, Blogger, Life Space, Bebo etc. Os alunos farão exames pela Internet aberta e a validade dos diplomas conferidos por universidades será de apenas cinco anos. Más notícias para os acadêmicos: vão ter que refazer suas palestras a cada três anos. Mas não se preocupem muito, pois a duração média será de apenas dez minutos e a maioria das aulas será online de qualquer maneira. E para os alunos que precisarem de ajuda, haverá uma tutoria online em Bangalore para esse fim. Se os diplomados não encontrarem um bom trabalho dentro de seis meses após deixar a universidade, a instituição terá que reembolsá-los.

Más notícias para as universidades públicas, que irão receber do governo não mais do que 10% da sua receita. No entanto, serão tão bem-sucedidas na captação de fundos que, em meados do ano letivo, estarão dizendo aos filantropos: "Para este ano já é suficiente. Volte com o seu dinheiro no próximo ano." Boas notícias para os reitores de universidades, pois seu salário médio anual será de mais de um milhão de dólares, porém, indexado pelo ranking da universidade, para cima ou para baixo.

Em países onde o inglês não é a língua nativa, os pais vão fazer cirurgia em seus filhos pequenos para cortar o pouco de pele que une a língua à boca e melhorar a pronúncia do idioma inglês. E, para aqueles que pensam que o MBA é uma boa medida, no futuro, o MFA (máster in fine arts, ou mestre em belas-artes) será a posição "influyente" porque a criatividade e o planejamento serão muito importantes.

Tais exemplos podem soar como histórias de ficção científica mas o autor se deparou com cada caso mencionado, em suas viagens por todo o mundo. São sintomáticos da revolução pela qual o ensino superior está passando. Assim, a pergunta principal que todos os sistemas de ensino superior devem se fazer é se estão prontos para enfrentar essa revolução."⁷⁸

Quando Jamil acabou sua predição, olhei pra trás. Todos os gepíacos estavam processando o que acabavam de ouvir. Imagine: se essa profecia realmente se cumprir, eu seria uma que teria muuuuitas dificuldades em me adequar. Até me lembrei de Deleuze, no livro "Conversações", de 2013, quando fala que "estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea." E, ao mesmo tempo, tenho percebido, em meu trabalho como professora universitária, todas essas questões que Jamil tinha trazido: valorização do capital; ganho de tempo; interesses múltiplos de conhecimento, juntos da valorização da ultra-especialização; redes sociais como conectores; dispersão de atenção; o inglês como idioma mundialmente materno; ensino *online*... Nesse contexto, como ficaria a Pedagogia Universitária, afinal? E ela estava lá, na minha frente, para ser julgada...

Foi então que a *Gepíaca-Mor* se levantou, foi ao palanque, e disse:

- Ouvi com atenção o que o sr. Jamil acabou de dizer. Entretanto, acredito que essa tribo, a *GPESlandy*, ainda vai lutar por uma educação presencial de qualidade sem, no entanto, deixar de prestar atenção às mudanças do mundo, na globalização pela qual está passando... Mas hoje, queridos gepíacos, prezado sr. Jamil, cara visitante Stella, preciso pronunciar uma sentença em relação à Pedagogia Universitária! Afirmo que ela não fez mal nenhum pra esse povo. Ao contrário disso, se constitui como um norte pra nós, um embasamento epistemológico de todos os nossos subgrupos. Além do quê, tem feito da *Cidade Sem Vez* um lugar digno de se viver nem que seja, ao menos, nessa Ilha de Pesquisa, a *GPESlandy*. É aqui que meu povo, a tribo gepíaca, encontra sua identidade, se alimenta de pesquisa e fortalece o Arquipélago *Pesquisandus Correctus*. Sendo assim, minha cara:

- Declaro que você, Pedagogia Universitária, originadora desse lugar, aquela que nos credita identidade e motivação pra existir, está ABSOLVIDA do que foi acusada - apropriação de características que não lhe são devidas no exercício da docência universitária - deixando claro, perante todos vocês, que tanto a Andragogia quanto a Pedagogia não fazem parte da essência da Pedagogia Universitária. A Pedagogia Universitária - LIVRE, a partir de hoje, para ser o que ela foi planejada para ser - é um campo epistemológico de consistência teórica há mais de dez anos no Brasil e que intenta contribuir para a valorização da docência no Ensino Superior no cenário acadêmico. Sendo assim, fica posto que ela está livre para sair de seu *Lugar* e criar, em nós, gepíacos, seu *Território*, por meio de publicações acadêmicas que a divulguem, que a fortaleçam, que falem sua língua, que expandam suas fronteiras! *GPESlandy*, vida longa à Pedagogia Universitária!!

E o povo foi à loucura! Aplausos, risos, choros, gritos, festa. Agora era lutar pelo *Território*...

O TEMPO PASSOU, O POVO VIVEU SUA VIDA E ONDE ESTAMOS?

Depois daquele dia marcante - do Julgamento da Pedagogia Universitária - continuei (re)visitando a ilha, observando os gepíacos e (re)pensando sobre a Cidade Sem Vez, o Arquipélago Pesquisandus Correctus e a própria GPESlandy... Era meu último dia de visita porque não tinha mais como subsidiar minha estadia no Camping. Mesmo assim, cheguei animada na tribo porque, afinal, toda visita era um aprendizado pra mim. Fui direto pra oca; sentei no meu tapume; os gepíacos chegaram um a um e, logo em seguida, a *Gepíaca-Mor*.

Gepíaca-Mor: Gente, boa tarde! Eu vou perguntar sobre o II CBPU (II Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária), mas não adianta falar de um congresso se não TIVER FUNCIONANDO o grupo de pesquisa que lidera esse congresso. Vamos discutir se vai ter grupo de pesquisa ou não, pra, depois, decidir as coisas do congresso 2019, tá? Então, antes disso tudo, como primeiro ponto de pauta é a ORGANIZAÇÃO DE ARTIGOS que a gente tinha se proposto a ESCREVER E PUBLICAR. Eu preciso ver como ficou a estrutura porque eu sei que eu tô em todos e eu me recordo, há dois meses atrás, que quando a gente sentou pra organizar os subgrupos - quer dizer, não eram subgrupos, né?

Gepíaca P: Não. Eram duplas ou trios.

Gepíaca-Mor: Isso. A gente colocou um grupo menor de participantes porque a gente até tinha feito todo um estudo das REVISTAS CIENTÍFICAS e a gente viu que, nas revistas, não é de bom tom você encaminhar ARTIGO COM UM MONTE DE GENTE. Inclusive, tem periódico que não aceita e alguns só aceitam TRÊS AUTORES. Por isso que a gente preferiu reorganizar em duplas e trios pra que ficasse nessa ordem numérica. Então, vocês me ajudem agora porque eu quero saber como é que tá cada situação. Vou começar com a *Gepíaca P*, porque eu sei que ela tem trabalhado com o *Gepíaco J* e com o *Gepíaco P*.

Gepíaca P: Isso. Com o *Gepíaco P* é mais voltado pra CURRÍCULO e com o *Gepíaco J* é PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. Então, gente, quando a gente foi começar a fazer os encaminhamentos para o artigo - além de falar sobre PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO que foi um tema tirado da MINHA DISSERTAÇÃO - pra ser interessante pros dois durante a escrita eu perguntei a cerca de um tema que o *Gepíaco J* se interessasse. Como vocês sabem, o *Gepíaco J* manja muito de Mapa Conceitual e como a minha proposta era um artigo que englobasse o PPP (Projeto Político-pedagógico) enquanto sua estrutura - porque, uma coisa que gritou

da MINHA DISSERTAÇÃO e que eu tava comentando com a Gepiaca-Mor - é que os PPP's têm uma ESTRUTURA DESORGANIZADA, NÃO TÊM UM MODELO. E a nossa ideia é, usando a estrutura dos mapas conceituais, construir um artigo sugerindo que os PPP's TENHAM UM NORTE, uma DIRETRIZ que oriente e NÃO QUE ENGESSE. Aí o Gepiaco J encontrou uns PPP's bem legais sobre a Geografia e a Matemática integrada ao Cross Fit. Agora, a gente ainda tá decidindo se usa os PPP's dessas dissertações para comparar com os que a gente já tem ou se pega outros pra usar como parâmetro, não sei... Só sei que o nosso artigo vai seguir esse norte de orientação, sugestão para que os novos PPP's se organizem.

Gepiaca L: Posso colocar um negócio? É dúvida mesmo, tá, gente. Quando a gente escolheu as REVISTAS, a gente viu que tinham ALGUMAS EXIGÊNCIAS: os ARTIGOS têm que ser RESULTADO DE UMA PESQUISA, de uma DISSERTAÇÃO, de uma TESE que TRAGAM RESULTADOS e aí eu não tô visualizando como isso vira um artigo...

Gepiaca-Mor: Eu acho que viraria um artigo se... Bom, seria interessante essa discussão. Vamos lá. Eu não sei se vocês entenderam que quando eu pedi que vocês se organizassem e tentassem fazer a ESTRUTURA DO ARTIGO, essa estrutura tem que estar balizada numa AÇÃO METODOLÓGICA que vai dizer como é que eu vou ter DADO PRA COLETAR pra que isso vire um material que me permita escrever um ARTIGO CIENTÍFICO. NÃO É RESENHA. É ARTIGO. E se é artigo, eu tenho que ter produção de conhecimento. Se é PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, eu tenho que FAZER PESQUISA. Então, eu preciso dessa organização porque o grupo precisa SENTAR E DISCUTIR, inclusive, teoricamente, que TEORIA vai embasar a discussão, que METODOLOGIA vai ser apresentada no artigo...

Gepiaca S: TODOS? Nós vamos ter que compartilhar TODOS?

Gepiaca-Mor: SIM. TODOS vão compartilhar seus PROCESSOS DE PRODUÇÃO. Isso é PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO COLETIVO... Esse era o nosso cronograma. Mas eu penso que não foi isso que aconteceu. Então, a gente precisa olhar pra isso o ano que vem. A questão dos projetos eu considero extremamente relevante porque todo mundo acha importante mas NINGUÉM SABE FAZER. Literatura pra dizer que é importante tem um monte. Então, sobre esse questionamento que a Gepiaca L faz, que, a meu ver, está correto, a pesquisa de vocês poderia ser análise de PROJETOS PEDAGÓGICOS. Uma ANÁLISE DE DOCUMENTOS.

Gepiaca L: Mas aí, então, seria uma NOVA PESQUISA? Porque olha só... A nossa proposta inicial, primeiro, era PUBLICAR o que a gente tem pronto já. Não dá pra INVENTAR OUTRA COISA... Então, por exemplo, se for pra falar do PPP que VOCÊ tem, na SUA dissertação, é aquilo. Não dá pra fazer uma NOVA pesquisa.

Gepiaca-Mor: É que os DADOS DA PESQUISA dela, ela pegou três PPP's e destrinchou os três PPP's. Aí ela mostrou os modelos que estão lá. A Gepiaca P teria que pôr no artigo dela que aquilo fez parte de uma PESQUISA DE MESTRADO cujo objetivo foi... E a partir disso você propõe um roteiro. Você não tá pegando OUTRO ARTIGO pra ler, você não tá escrevendo uma COISA NOVA. Beleza, então? A tarefa que temos aqui é SISTEMATIZAR A ESTRUTURA DO ARTIGO que temos que fazer, nessa organização. Aí não pode esquecer daquelas ideias que a gente recebeu naquela OFICINA sobre artigo científico? A gente utiliza AQUELE ESQUEMA pra escrever.

Gepiaca S: Professora! Eu posso falar o meu logo de uma vez?

Gepiaca-Mor: Ah...

Gepiaca S: O meu tá escrito ali, ó, "Ensaio a partir do TEXTO DA QUALIFICAÇÃO DO DOUTORADO". Fiz dois recortezinhos possíveis pra falar a partir da qualificação - apesar da minha escrita ser em primeira pessoa, diferenciada e tal - dá pra eu colocar em "linguagem normal": a subjetivação do DOCENTE no Ensino Superior enquanto PESQUISADOR, porque é um papel que ele assume, temos que assumir enquanto PROFESSORES do Ensino Superior temos que PESQUISAR e termos GRUPOS DE PESQUISA; o outro recorte que eu pensei foi "O lugar da UNIVERSIDADE BRASILEIRA no contexto da PESQUISA", não do ENSINO e nem da EXTENSÃO, mas da PESQUISA. Orientação de um GRUPO DE PESQUISA, como é que a UNIVERSIDADE se organiza pra INVESTIR num grupo de pesquisa, investir em PESQUISADOR, tem DINHEIRO, não tem DINHEIRO, pelo menos de 2015 pra cá, as AGÊNCIAS DE FOMENTO...

Gepiaca-Mor: Que tá praticamente pronto esses dois aí.

Gepiaca S: Tá. Tá sim. Eu só tenho que tirar algumas tabelas que já estão atrasadas, porque muita água já rolou, POLITICAMENTE falando e ECONOMICAMENTE também... E esse negócio do Bolsonaro aí, do presidente novo, do porvir... Tudo bem INCERTO PRA 2019. Seria prudente

observar o que vai ser PROPOSTO PRA EDUCAÇÃO. É capaz que mudem os caminhos. Porque a gente tá num MOMENTO HISTÓRICO, né, eu digo, a UNIVERSIDADE, a PESQUISA, a CIÊNCIA e tal...

Nossa! Nessa hora me lembrei da mesma entrevista sobre a qual falei agora há pouco, que o Milton Santos deu pra revista "Caros Amigos", lá em 1998. Citei-a, anteriormente, pra me referir aos "territórios moldados por quem manda", mas agora me lembrei dos temas de pesquisa que estão "na moda" (como as Metodologias Ativas), da necessidade do dinheiro que "move ou paralisa" o ato da pesquisa, da universidade pública ter que ser "mais pública"... Hoje transcrevo o excerto em que o crítico literário Leo Gilson Ribeiro (morto em 2007) pergunta pro Milton sobre em que medida a ciência está no caminho do lucro porque acho bem pertinente, frente ao que os gepíacos estão discutindo:

"Leo Gilson Ribeiro - Quando o senhor diz que a ciência está se afastando da verdade, isso indica que ela está também no caminho do lucro?

Milton Santos - A sério do lucro. Quer dizer, a descoberta gratuita ou de um futuro diferente daquilo que já está traçado - por conseguinte, não é mais futuro, porque já está traçado, não é isso? - não está acontecendo.



[HTTPS://FERNANDONOGUEIRACOSTA.WORDPRESS.COM/2014/09/17/ENTREVISTA-A-REVISTA-CAROS-AMIGOS/](https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2014/09/17/entrevista-a-revista-caros-amigos/)

Acho que esse é o problema da ciência hoje. Quer dizer, de um lado as ciências humanas são comandadas pela moda, então a gente faz aquilo que está na moda, que está na mídia. Dá-se mais valor à moda do que ao modo, porque a moda é que assegura a promoção, o status, a moda vem das universidades hegemônicas, que sabem porque estão impondo as modas. Então, você passa quinze anos estudando dependência, passa quinze anos estudando setor informal... veja, nestes últimos quarenta anos os temas centrais foram dois ou três. Que não levaram ao progresso do conhecimento, levaram para trás. E nas ciências exatas e nas outras é o mercado que escolhe o que fazer. Com a globalização, a escolha é cada vez mais estreita. Por conseguinte, o campo de pensamento se afunila e a distância em relação à busca da verdade, aumenta. E hoje há uma tecnização da pesquisa, quer dizer, há uma necessidade de dinheiro, a maior parte das pesquisas precisa de dinheiro, isso complica, porque o dinheiro é mais frequentemente dado para os centros de pesquisa que aceitam essa instrumentalização. E pensar livremente se dá a partir de um certo estágio, uma certa experiência ou um certo gênio - gênio em qualquer idade -, o que significa um número menor de pessoas, que tem público por isso mesmo menor. E o público vai exatamente para o outro

lado. A universidade pública seria o lugar do intelectual público. Mas hoje a possibilidade de ser intelectual público é cada vez mais limitada, por essas condições todas sobre as quais falamos aqui."⁷⁹

Estou aqui, com o meu bloquinho de anotações, relendo essa entrevista dada pelo Milton há 20 anos!! Há 20 ANOS ele já dizia que a "possibilidade de ser intelectual público é cada vez mais limitada... Creio que hoje, em 2019, não vivemos a "possibilidade". Estamos na "realidade"! Olha o que a tribo continua discutindo, na sequência:

Gepiaca-Mor: Ah, sim... Vocês viram o vídeo que tá rodando por aí, falando da UNIVERSIDADE PÚBLICA? É ESTARRECEDOR! Resumindo: aqui só tem VICIADO, SEXO NO CORREDOR, sabe aquele POVO DETONADO, MURO PICHADO, e NÓS AQUI, ó, RALANDO!

Gepiaco F: E vocês sabem também que ele [Bolsonaro] vai acabar com a nossa ESTABILIDADE, como FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS, vai MANDAR EMBORA sem justa causa...

Gepiaca L: Se já é um CABIDE DE EMPREGO com os CARGOS COMISSIIONADOS, imagina poder MANDAR EMBORA agora os desafetos... Gente! Marcos Feliciano como ministro da família e da cidadania!! É surreal!!

Gepiaco J: Do ENEM, os REPRESENTANTES DO INSTITUTO FEDERAL FORAM AFASTADOS.

Gepiaca-Mor: Bom, quem mais aí? Vamos voltar aqui...

Gepiaco F: Eu e a Gepiaca C. Ela tinha TRÊS ARTIGOS PRONTOS. Aí ela falou que tinha um que tava só PRECISANDO DE FORMATAÇÃO e daí a gente tentar esse rapidinho e daí a gente ia fazer um com a concepção do trabalho pedagógico mas aí, como sempre, né, a gente marcou pra resolver isso e NÃO DEU. Então, a gente pensou em pegar esse primeiro artigo dela e escrever uma coisa no caráter de Ensaio, porque FALTOU A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA. Aí eu sugeri pra ela REFORMULAR todo o artigo e fazer com o recorte mesmo que estava. Então, a gente corrigiu muito a primeira parte do artigo. A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, o CAMINHO METODOLÓGICO e a DISCUSSÃO DOS RESULTADOS, vamos TENTAR REVER. Bom, na verdade, resumindo, A GENTE NÃO COMEÇOU NENHUM DOS DOIS...

⁷⁹ [HTTPS://FERNANDONOGUEIRACOSTA.WORDPRESS.COM/2019/09/17/ENTREVISTA-A-REVISTA-CAROS-AMIGOS/](https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2019/09/17/entrevista-a-revista-caros-amigos/)

Gepíaca L: Qual o nome desses aí que vocês tão trabalhando?

Gepíaco F: Primeiro: "A EXPERIÊNCIA QUALIFICANDO CIÊNCIA".

#títulosuggestivoparaPedagogiaUniversitária

#retomadiscussãopassada

Gepíaca-Mor: Gente, deixa eu falar uma coisa: faz DOIS ANOS que a Gepíaca C TERMINOU a dissertação dela e NÃO ESCREVEU UM ARTIGO. Dá VONTADE DE CHORAR... Gente, NÃO PERCAM TEMPO não, vocês PRECISAM ESCREVER esses artigos... Porque tudo o que ela falou, por exemplo, daqui a dois anos é obsoleto! E ela poderia ter CONTRIBUÍDO com a fala de um monte de gente.... Perde-se tempo... É muito trabalho que vocês têm... O ARTIGO DE DISSERTAÇÃO do Gepíaco R, SEIS MESES DEPOIS ele tava com um ARTIGO AI, né? O que eu achei interessante: ele fez uma discussão sobre uma política de um estado e aí, o Rio Grande do Sul - que era um estado diferente - eles acharam extremamente relevante a questão que o Gepíaco R trouxe porque pensaram assim: Poxa! Que coisa é essa que tá acontecendo no estado de São Paulo?! Ôpa! Vamos ficar alerta porque o negócio aqui É PERIGOSO...

Gepíaca L: Então, FOI ÚTIL né, foi GERAÇÃO DE CONHECIMENTO, que é uma coisa que TÁ TÃO DIFÍCIL pra gente fazer aqui... porque a verdade é que a gente TEM QUE PUBLICAR, né...

Fiquei pensando sobre o que a Gepíaca-Mor havia dito. A publicação hoje, em pleno 2019, é um fato incontestável às universidades públicas e privadas no Brasil. Se é assim, nada de errado em publicar; as Ilhas de Pesquisa precisam publicar, tanto para expor às outras Ilhas o que produzem de melhor - e, assim, estabelecer alianças territoriais pra alargar as fronteiras - quanto para criar identidade própria, voz própria. Mabel e eu já tínhamos conversado sobre isso na noite passada, no camping. Ela falava sobre o avanço que essa ideia de "publicar artigos" tinha sofrido, do séc. XX pra cá, e que, por sinal, relacionam-se com o processo de globalização e com as políticas de lucro, tão explorados por Milton Santos:

"A reconfiguração do Estado, definida pelos processos de globalização e pelas políticas dos órgãos mundiais de financiamento, se fez presente numa virada histórica das perspectivas para a educação nas últimas décadas do século XX. O vínculo entre educação e desenvolvimento ou dependência se explicitou com muita clareza e a tendência a

valorizar a regulação através do mercado favoreceu o crescimento da lógica empresarial na gestão educativa. [...] (Entretanto - palavra minha) No plano das políticas públicas nacionais, uma nova ordem vem sendo proposta a partir de 2002. [...] é preciso reconhecer a importância do campo da Pedagogia Universitária. Os processos vivenciados exigem revisão teórica e ousadia metodológica. Exigem energias estatais e institucionais incluindo a autoria de docentes e estudantes. Exigem uma base de pesquisa que vá legitimando as experiências desenvolvidas e vá construindo referentes capazes de fazer avançar o conhecimento sobre as práticas e fortalecendo a produção de teorias."⁸⁰

FOTO: [HTTP://WWW.FACULDADEUNIVALDO.COM.BR/NOTICIAS/DETALHES/DOUTORA-MARIA-ISA-BEL-DA-CUNHA-PALESTROU-NA-FAMUR-SOBRE-PROS-AO-DOCENTE-DESA-OS-E-PERSPECTIVAS](http://www.faculdadeunivaldo.com.br/noticias/detalhes/doutora-maria-isa-bel-da-cunha-palestrou-na-famur-sobre-pros-ao-docente-desas-os-e-perspectivas)



MARIA ISABEL DA CUNHA

Trocando em miúdos: publicar artigos científicos é marcar território. Principalmente na configuração de mundo em que estamos inseridos. Inclusive é importante observar com carinho a fala da *Gepíaca I*: "(...) geração de conhecimento, que é uma coisa que tá tão difícil pra gente fazer aqui...". Legal ver essa movimentação, de líderes, de liderados, ver efervescer ideias que gerem ações porque, o próprio Milton disse uma vez que "ação não é passado; ação não é futuro; ação é presente!" Só pode ser presente! E, pelo visto, *GPESlandy* está construindo o seu...

Gepíaca-Mor: E... Bom, vamos prosseguir? *Gepíaco Ro*, você quer contar alguma coisa?

Gepíaco Ro: Ah, sim. Foi uma coisa que aconteceu na escola que eu trabalho. Eu dou aula de Geografia lá, é uma **ESCOLA PRIVADA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**. A minha colega da mesma área fez um post, no Facebook, sobre o Bolosonaro, contra ele, antes da eleição. Aí um grupo lá tirou um print do post dela e começou a atacar a página da escola. Os alunos até começaram a falar, a defender ela, mas o dono da escola assumiu um papel lá e parece que a **SITUAÇÃO FICOU BEM DESFAVORÁVEL** pra ela e o que ia acontecer era que ela teria a ampliação de uma manhã, ia ganhar mais aulas pro ano que vem. Masssss, ela acabou **PERDENDO** uma manhã.

Gepíaca-Mor: o nosso diretor ficou bem chateado. O filho dele é aluno lá e ele observou que a forma como os pais reagiram contra ela, nossa... ele tava quase tirando o menino de lá... indignado...

Gepíaco Ro: É isso mesmo! OS PAIS que têm filho no Fundamental I, no MATERNAL, PEDINDO A CABEÇA da professora porque ela postou a POSIÇÃO dela contra o candidato no Facebook... E nessas, os ditos "PROFESSORES DE ESQUERDA" foram chamados pra conversar. É. É, eu vi a posição da escola como UMA PROTEÇÃO a nós, professores, e a ela professora envolvida com a coisa. Já teve professores que viram a posição da escola como uma CENSURA.

Gepíaca-Mor: Eu acho que se essa colega fala isso enquanto cidadã, professora, é um direito dela. Mas não fazer referência à escola na qual ela está. Porque, quando ela faz isso ela ABRE UMA BRECHA que a escola também não consegue segurar. Ela acaba passando a IDEIA de DOCTRINA, mas de uma forma MUITO INGÊNUA...

Gepíaco Ro: Ela escreveu assim: "Eu, como professora, estou conversando com os meus alunos, mostrando TUDO O QUE É RUIM..."

Gepíaca-Mor: Então, aí ela ENTREGOU A CABEÇA DELA DE BANDEJA. Porque se ela coloca "Eu, como cidadã, tenho tentado fazer com que meu aluno tenha SENSO CRÍTICO...."

Gepíaca L: É que a gente tá passando por um momento da BRASA ESTAR ENCObERTA, então, de repente, esse é o momento e aquele é o lugar - as REDES SOCIAIS - de SE POSICIONAR, de falar, né...

E a conversa circundou o assunto "Censura", "Redes Sociais", "Exercício de poder", "Manipulação", uma interessante discussão sobre temas político-sociais, historicamente colocados. Uma Ilha de Pesquisa perpassa por temas "da vida" porque são "videntes" que a constituem. E é a cumplicidade de serem cidadãos da Cidade Sem Vez que estabelece os vínculos afetivos entre gepíacos e qualquer outra ilha do Arquipélago... Outra associação que é cabível fazer aqui é sobre "redes sociais" como um Lugar de se posicionar e "redes acadêmicas" também. Quando os Lugares estão constituídos, fica mais viável o estabelecimento de "conversas em redes"... E, enquanto isso, seguem mais falas sobre artigos:

Gepíaca-Mor: Olha gente, a Gepíaca M também tô CORRENDO ATRÁS DELA, viu? Ela também DEFENDEU o mestrado dela TEM DOIS ANOS e AINDA NÃO SAIU O ARTIGO.

Gepíaca S: Ela AINDA MORA AQUI na GPESlandy? Ela SAIU DAQUI?

Gepíaca-Mor: Tá aqui sim. É que ela começou nesse NOVO TRABALHO aí, na Editora. Mas os DIAS NÃO TÃO BATENDO. Ela até tentou pra ver se a gente não poderia mudar a data, mas ela NÃO CONSEGUE LIBERAÇÃO pra vir. Mas ela tá escrevendo. NÃO DESISTIU DA GENTE não. Ela NÃO QUER SE DESLIGAR. Mas ela ficou de MANDAR A VERSÃO pra mim e eu passar pra você, *Gepíaco Ro*. O tema de vocês é "Internacionalização". Beleza. Agora falta a *Gepíaca L*.

Gepíaca L: Então, na verdade, com a *Gepíaca Es* eu cheguei a conversar um pouco. Bom, eu já mandei meu ARTIGO PRA DUAS REVISTAS, mas ACABOU NÃO DANDO CERTO. E a última revista que me mandou parecer, primeiro que eu já tinha apresentado esse artigo duas vezes com a autoria minha, da *Gepíaca-Mor* e da *Gepíaca A*. Então eu acho complicado eu mudar isso agora, né... Porque a *Gepíaca A* me ajudou muito na minha dissertação e ela fez parte, né... É muito justo que ela esteja comigo nisso. Aí eu conversei com a *Gepíaca-Mor* que esse da minha dissertação, especificamente, eu vou pegar todo o PARECER da última revista porque eu quero destrinchar e FAZER O QUE ELES TÃO MANDANDO pra ver se eu consigo mudar. Só que PRECISA TER TEMPO pra se concentrar nisso porque eu acho que a minha FORMA DE ESCREVER não tá sendo uma FORMA ADEQUADA de escrita de artigo.

Gepíaca El: Mas não compensaria mudar o que eles mandaram e re-submeter?

Gepíaca-Mor: Nossa! Eles DEMORARAM 2 ANOS pra mandar essa RESPOSTA!!

Gepíaca L: Não, eles me DEVOLVERAM MESMO, o artigo. NÃO ACEITARAM e disseram o porquê. Bom, aí, então, eu mandei minha dissertação pra *Gepíaca Es* e pedi pra ela tentar tirar um recorte mais voltado pra questão da Docência, porque eu tenho um capítulo inteiro que fala sobre Docência e tenho resultados em relação à Docência. Só que a *Gepíaca Es* ainda NÃO CONSEGUITO VER. Sobre o foco da minha dissertação: "Os Espaços de formação" é o tema do meu trabalho. Mas o "Assessoramento Pedagógico" seria a fonte de dados que eu aproveitaria da minha dissertação e faria o artigo com a *Gepíaca A* e a *Gepíaca-Mor*. A gente tava pensando em abordar que "ASSESSORAMENTO PEDAGÓGICO" NÃO É CONHECIDO no Brasil, como "Assessoramento", e TRAZER OS DADOS que eu já tenho do doutorado.

Gepíaca-Mor: Então, gente, têm 5 artigos - a princípio. Beleza. Gente, outra coisa: Eu, o *Gepíaco F*, a *Gepíaca C* e a *Gepíaca L* fomos a

um CONGRESSO DE FORMAÇÃO a assistimos a uma mesa de METODOLOGIAS ATIVAS. Vocês não têm NOÇÃO do que está acontecendo... A Gepíaca C fez uma fala muito interessante, dizendo que se não há planejamento não há Metodologia Ativa e nem, tão pouco, Avaliação. Tirando o trabalho dela, TODOS os outros focaram, apenas nas Estratégias. Ah, não! O da ENFERMAGEM DA USP também FOI MUITO BOM, MUITO LEGAL. Mas, de RESTO, é APAVORANTE. Tá voltando ao TECNICISMO DA DÉCADA DE 70!

Gepíaca S: Como fazer.

Gepíaca-Mor: É!! Como fazer. Totalmente desprovido de DISCUSSÕES FUNDAMENTAIS que justifiquem, inclusive, a metodologia utilizada. E uma CONFUSÃO ENORRRRME entre METODOLOGIA E ESTRATÉGIA. Você usar a AULA INVERTIDA, NÃO É METODOLOGIA. É ESTRATÉGIA. Se você está aplicando uma metodologia, você precisa dizer que estratégia está usando. Os conceitos estão todos errados.

Gepíaco J: Mas esses profissionais eram TODOS da Pedagogia?

Gepíaca L: Tinha de tudo: PEDAGOGIA, MATEMÁTICA, MEDICINA, PSICOLOGIA, DE TUDO...

Gepíaca El: Mas eu também estive num congresso em Águas de Lindoia e a Selma Garrido disse que estão fazendo com as METODOLOGIAS ATIVAS o que fizeram com o CONSTRUTIVISMO - um MODISMO PRA CHAMAR ALUNO, pra ganhar dinheiro...

Gepíaco F: Gente, eu só queria compartilhar sobre uma fala que eu vi, depois da minha, que o tema era "A YOGA NA EDUCAÇÃO INFANTIL"... Eu fiquei OLHANDO PRA AQUILO... E, SEI LÁ...

E a discussão abordou temáticas diferentes sobre o mesmo congresso: peculiaridade da universidade sede ser bem elitista; a quantidade exorbitante de apresentação trabalhos; a falta de coerência dos trabalhos brasileiros comparados a outros estrangeiros (espanhóis, por exemplo); a falta de interesse, por parte da organização do evento, de discutir questões políticas no congresso. Conhecer outros povos, em outras ilhas, parece-me, pode ser tanto agregador quanto desestimulador... De qualquer maneira, é o que a Mabel já tinha me falado sobre redes acadêmicas:

Stella, é aquilo que eu te falo, né... "Reforçamos que a pesquisa exige uma dimensão partilhada e que o conhecimento, sendo cumulati-



MARIA ISABEL DA CUNHA

vo e processual, é tarefa para tempos e territórios diversificados. Ao inclui-los, estamos construindo uma nova cultura acadêmica que, por natureza, exige uma dimensão mais colaborativa. O desafio, entretanto, é compatibilizar essa dimensão com os olhares particulares, de forma que eles não se percam e nem fiquem subsumidos a uma estrutura que, sendo científica, é também de poder."⁸¹

Voltávamos, então, ao espaço do "dialogar-sem-abrir-mão-da-epistemologia-própria". Ação difícil, essa... Mas necessária ao tempo presente...

Gepíaco J: Mas, eu não entendi a **NEGAÇÃO** por tratar do **MOMENTO POLÍTICO** do Ensino Superior, gente... Como assim, eles acham que a **EDUCAÇÃO É NEUTRA**?

Gepíaca L: Não é, é que a **UNIVERSIDADE** lá é extremamente **ELITISTA**, é uma PUC, com lanchonetes maravilhosas lá dentro do campus, tudo muito bem equipado, sabe? A gente até brincou: "A gente não tem nem blusinha pra vir pra cá..." (risos) Mas o que mais me chamou a atenção foi um **ALUNO DA ESPANHA** que acabou a fala dele com a **FOTO DA MARTELE**. E os nossos, aqui no Brasil... E eu acho que a **COISA DA EMPATIA**, né, acho que a gente sofre com isso **DESDE 1500**, né, mas a coisa foi piorando porque é **SÓ** quem **SOFRE NA PELE** é que consegue entender e **ABRIR UM ESPAÇO, PERCEBER**, né...

Gepíaca Pa: É, você não viver, beleza. Mas, agora, você **IGNORAR O QUE O OUTRO VIVE**, a **LUTA DO OUTRO**, aí já é **RIDÍCULO**...

Gepíaca-Mor: Depois a gente volta pra esse assunto porque eu acho que ele é importante pra nós, enquanto Grupo de Pesquisa. Mas agora vamos fechar as datas porque a gente **NÃO CUMPRIU A TAREFA DE ESCREVER ARTIGOS**, lembra? A nossa **META**, a gente **TINHA COMBINADO** de encaminhar os **ARTIGOS ATÉ O FIM DO ANO DE 2018**.

Gepíaco F: Sendo **REALISTA**, eu acho que **AGORA É MARÇO**... Trazer o texto na sua mão.

Gepiaca-Mor: Mas agora é MAIS TEMPO QUE A GENTE VAI PERDER com aquilo que DEVERIA SER PUBLICADO...

Gepiaca L: Eu acho que pras reuniões de janeiro, fevereiro, a gente poderia trazer as discussões a respeito do que a gente já estiver escrevendo, como é que tá, o que que tá EMPERRANDO, PRA AVANÇAR...

Gepiaca-Mor: O que seria interessante também é que TODOS LESSEM, que passassem pelos colegas TODOS, porque TODOS SERÃO AVALIADORES de artigo de revista e vão falar: tá MUITO ABERTO, NÃO TÁ BOM; OBJETIVO NÃO TÁ CLARO; porque é isso que parecerista faz. Isso aqui NÃO TEM PÉ NEM CABEÇA; isso aqui TÁ MAL ESCRITO...

Gepiaca F: É que eu tô pensando assim: Você acha que, realmente, a gente vai ler CINCO ARTIGOS? Só estou sendo REALISTA...

Gepiaca L: Eu acho que isso precisa vir pra DISCUSSÃO porque eu não sei se todo mundo vai conseguir ler isso, a gente NÃO VAI TER PERNA PRA ISSO... O que eu acho viável é o grupo, a dupla, e você. Aí a gente traz pra cá as discussões que "SOBRARAM".

Gepiaca S: Por isso que eu PERGUNTEI LÁÁÁÁ NO COMEÇO da reunião: "Nós vamos compartilhar TODOS OS TRABALHOS"?

Gepiaca L: Num dá e NÃO TEM SENTIDO porque o DELA NÃO AGREGA NO MEU, O MEU NÃO AGREGA NO DELA, o que cada um pesquisa é de CUNHO PARTICULAR E PROFUNDO de cada um... Não dá pra eu ajudar no sentido de CONTEÚDO... O que eu acho que dá é tirar ALGUM IMPASSE aqui, alguma dúvida que tenha ficado DEPOIS que os autores JÁ DISCUTIRAM. Aí sim. E aí a gente também pega parte da reunião pra resolver isso e se compromete com a continuidade da escrita e na hora que a gente submeter tudo, a gente pode até ir retomando as apresentações que a gente faz das dissertações e das teses só a título de informação.

Gepiaca-Mor: Então, pelo que eu entendi, as duplas vão se organizando, vão despachando e vão me encaminhando. Tá. Mas MARÇO, no máximo, todo mundo encaminhado.

Todos: IIIISSSS0000.

Gepiaca-Mor: Beleza. Outra coisa: deixa eu colocar a minha CRISE EXISTENCIAL em relação à ORGANIZAÇÃO DA GPESLANDY... Vocês já

devem saber o que é que eu vou falar... Eu tive a oportunidade de conversar com o *Gepíaco F* porque eu e o *Gepíaco F* somos colegas, né? Ele e eu, a gente **SOFRE UM POUCO** na perspectiva de professores que lideram um Grupo de Pesquisa. Então, eu acho que a minha **ANGÚSTIA** é muito a dele e ele socializa comigo o que ele **TEM SOFRIDO** lá. Eu quero que vocês entendam o que eu tenho pensado - porque o *Gepíaco F* percebe - eu ando **MUITO DESANIMADA COM A GPESLANDY**... E esse ano foi um ano **MUITO DIFÍCIL DE MANTER A GPESLANDY** porque várias vezes parece que eu tenho que **DIZER QUE A GPESLANDY É IMPORTANTE**, só que não adianta eu dizer que isso daí é importante se eu **NÃO ACHO QUE ISSO É IMPORTANTE DE FATO**, eu **NÃO TÔ DANDO CONTA DISSO**. Eu entendo que todos nós aqui **SOMOS TRABALHADORES** e eu também **ME COBRO MUITO** por eu não conseguir ser uma **GESTORA DE UM GRUPO DE PESQUISA** que deveria ser. Mas eu realmente comunico a vocês que eu realmente não vou assumir a direção do Instituto de Biociências. Várias pessoas têm me pedido bastante isso, mas eu disse que não vou assumir. **MAS AINDA TENHO 10 MESES NA VICE-DIREÇÃO E CONTO QUE NEM PRESIDÁRIO**. E aí, nas conversas que eu tive com o *Gepíaco F*, a gente ficou pensando em formas de **ESTRUTURAR A GPESLANDY**. E por que eu trouxe pra cá? Porque eu tenho que **PENSAR COM VOCÊS** o que vamos fazer, porque dependendo do que a gente vai fazer, eu defino o ano que vem.

Gepíaco F: Então, o que eu tenho falado com a *Gepíaca-Mor* é que se tem uma coisa que a gente **APRENDE NA RAÇA É GERENCIAR GRUPO DE PESQUISA; NINGUÉM** nos prepara para fazer um negócio desse. E eu vejo algumas coisas que acontecem em *GPESlandy* que também acontecem no meu grupo. Por exemplo: todo mundo tá empenhado, todas as **PESSOAS GOSTAM**, **MAS SÓ 10% DO GRUPO** é que vão a todas as reuniões e fazem **TODAS AS COISAS**. Eu sei porque: tá todo mundo, né, estourado, **TODO MUNDO É PROFESSOR**, beleza. Mas eu fico pensando nas **FORMAS DE GERENCIAR**... O que eu falei pra *Gepíaca-Mor* é que eu acho que aqui em *GPESlandy* acontecem duas coisas que, talvez, possam estar contribuindo pra gente não conseguir ter o grupo da maneira como a gente gostaria. Eu acho que, em primeiro lugar, a gente **COMEÇA A AÇÃO E NÃO TERMINA**. A gente **ABANDONA AS AÇÕES**. E talvez isso faça com que a gente se sinta ou **DESMOTIVADO OU PERDIDO**. Então, desde que eu entrei - faz um ano e meio - a gente já fez **ESTUDOS DE TEXTOS SOBRE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA** e a gente **PAROU ESSE PROCESSO** e ele é bem legal; a gente já fez os **SUBGRUPOS DE PESQUISA** e esse **PROCESSO TAMBÉM TÁ PARADO** e é bem legal; têm as **PESQUISAS INDIVIDUAIS** e elas **NÃO PODEM PARAR**

POR CAUSA DA CAPES; e tem o CBPU (CONGRESSO BRASILEIRO DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA), que é um negócio que DÁ MUITO TRABALHO; e tem a COISA DO ARTIGO e agora a gente tá na coisa do artigo e SE A GENTE NÃO FECHAR EM MARÇO essa coisa do artigo, vai ser MAIS UMA COISA QUE ELA TÁ... EM MOVIMENTO. Ok. E a segunda reflexão que eu fiz é que isso aqui é um Grupo de Pesquisa, mas num Grupo de Pesquisa você faz duzentas coisas dentro dele; uma delas é pesquisa. Então eu percebi que, aqui, nem todas as pessoas queriam fazer pesquisa. De repente têm pessoas que preferem fazer o ESTUDO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA por meio dos textos. Talvez tenha gente aqui que esteja mais interessada em fazer estudos sobre Pedagogia Universitária a partir dos textos. Talvez tenha gente aqui que esteja mais interessado em PUBLICAR OS ARTIGOS. Talvez tenha gente que esteja mais interessado em ORGANIZAR UM CBPU da vida. E às vezes, a gente OBRIGANDO as pessoas a participarem de tudo ou a pessoa NÃO DÁ CONTA porque fica trabalhando igual uma louca ou, no fundo, NÃO TEM INTERESSE e NÃO PODE DIZER que não tem interesse porque vai, sei lá... Tô pensando que esses podem ser os motivos. Então eu falei pra Gepíaca-Mor se não seria interessante a gente TERMINAR AS COISAS TODAS que a gente começou e que as pessoas possam escolher de QUAIS AÇÕES QUEREM PARTICIPAR e a gente divide as reuniões na GPESlandy em torno dessas ações. Então, a ação de continuar estudando a PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA ela é uma AÇÃO QUE ELA É CONTÍNUA, não pode parar. Então a Gepíaca-Mor e eu pensamos em SUBCOORDENADORES, que seriam pessoas responsáveis por fazerem ESSE ASSUNTO NÃO PARAR. A cada dois meses, tem a pessoa que vai trazer os textos, que vai trazer leituras, como é que VAI CONDUZIR A REUNIÃO. Aí tem os SUBGRUPOS DAS PESQUISAS e todos os seus textos. Aí tem a pessoa que vai ficar cobrando: "cadê o subgrupo, cadê o texto, cadê o projeto?"; "Vamos ALINHAR O PROJETO porque tem o projeto guarda-chuva, vámu lá!". CBPU: quem é pessoa que não vai deixar o CBPU parar? E os artigos? Então eu acho que essas ações, ou a gente tem que terminar ou fazer elas entrarem em paralelo porque se não a gente para uma e começa outra, para uma e começa outra e o CBPU É UMA COISA QUE NÃO TEM MAIS VOLTA, começou tem que acabar. E aí o que eu acho que vai acontecer é que, no ano que vem, a gente vai ficar todo em função do CBPU e não vai fazer mais nada... Porque o CBPU VAI DAR MUITO TRABALHO... E aí eu não sei se todo mundo que tá aqui quer fazer parte de uma organização de evento. Talvez quem esteja aqui só pra estudar, não goste dessa ideia e aí vai acabar ABANDONANDO A GEPSLANDY. Mas se ele estivesse estudando os textos, ele não abandonaria a GPESlandy...

Gepíaca S: Mas como é que seria a CONFIGURAÇÃO dos encontros?

Gepíaca F: Ah, sei lá. NÃO FAÇO A MÍNIMA IDEIA.

Gepíaca-Mor: Eu gostaria de trazer uma outra problemática também... Eu tenho o Grupo de Pesquisa da PROF^a MABEL e o grupo dela tinha mais de 35 PESQUISADORES. É um GRUPO SÚPER FORTE e a Mabel tinha FINANCIAMENTO que permitia que a gente PUBLICASSE, ESCRIVESSE ARTIGO e tal. Só que a Mabel FINALIZA o Grupo de Pesquisa dela e vários pesquisadores FICARAM MEIO ÓRFÃOS; na época, eles queriam que EU ASSUMISSE, como gestora, o grupo da Mabel e eu não tive condições de fazer isso. O que tem acontecido? Vááárias pessoas de lá têm me procurado para ENTRAR NA GPESLANDY porque eles querem CONTINUAR A PESQUISAR. Então eu tenho muita gente do sul, inclusive ALUNOS - que são PROFESSORES DE UNIVERSIDADES do sul - que querem fazer DOUTORADO COMIGO, que querem entrar na GPESlandy e eu acho interessante porque elas são PESQUISADORAS. Elas estão ESPERANDO QUE EU DEFINA o que eu quero, COM VOCÊS! Só que também A "CARA" do grupo vai ser, também, muito em função daquilo que vocês vão querer CONSTRUIR COMIGO. E eles VÃO TER que, também, SE ADAPTAR a isso. A Maria Flores, da UFMG, quer estar com a gente. A Mara, da UNICAMP, também. A Sylvia, da UNIFESP, também. Então, são pessoas de várias partes do Brasil, que gostaria de estar em GPESlandy, que pra NÓS é importante! Porque eu NÃO TENHO, hoje, PESQUISADORES DE PESO que nos ajudem a LEVAR esse grupo... E isso, segundo o conhecimento que a Gepíaca S tem, já dentro do diretório acadêmico do CNPq, a LEGITIMIDADE DE UM GRUPO DE PESQUISA e a valorização de um Grupo de Pesquisa se dá, justamente com a INTERFACE COM AS OUTRAS INSTITUIÇÕES. Tirando o Gepíaco F, ele é o único professor que tá comigo. Quando eu digito lá no diretório...

Gepíaca S: As ditas "redes", né?

Gepíaca-Mor: Isso. As "redes". E ela fala, na tese de doutorado da Gepíaca S, e isso é forte, e eu não acho ruim, o que o CNPq fala sobre a VALORIZAÇÃO DA PESQUISA ENQUANTO "REDE".

Gepíaca S: É que, primeiro, o PÓLO INICIAL TEM QUE TÁ FORTE pra, depois, estabelecer o contato com outra instituição...

Gepíaca-Mor: Então. E eu tenho pessoas que me esperam faz mais de um ano. E eu ESTOU CONSTRANGIDA de dizer que, por mais um ano, eles

me esperem. E a Mabel - **EU ACHO** que ela acredita bastante no nosso trabalho - ela acaba indicando, e eu conheci o *Gepíaco F* por **INDICAÇÃO DA MABEL** e eu **ME SINTO NO DEVER COM ELA...**

Gepíaco Pe: Sobre o que vocês dois falaram... Eu **NÃO TENHO ASSIM TANTA EXPERIÊNCIA** com a pesquisa, mas faz pouco mais de um ano que eu fiquei responsável pela parte de Arte Marcial que eu pratico e leciono aqui na região. Tinha um antigo diretor técnico dando aula e passou pra mim. Também tinha esse **PROBLEMA** de **COMEÇAR ÓTIMAS AÇÕES**, ótimas ideias, e **NÃO IR PRA FRENTE**. Eu acho que a gente teve uma ótima ideia quando fez o CBPU e deve segurar. A gente deve **DAR CONTINUIDADE** e se for fazer a cada 2 anos, **CUMPRIR ISSO** porque a gente já fez uma vez, **JÁ SABE O CAMINHO** e, da próxima vez, é bem provável que **QUE MAIS FÁCIL** o processo. Como Grupo de Pesquisa a gente tem que **CONTINUAR** com os artigos, **AJUDAR A PREPARAR E ESCREVER**, e **NEM TODOS AQUI ENTENDEM TANTO DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA**, então eu acho que o estudo de textos e discussões voltadas pra isso é importante. Eu me apoiaria nestes três pilares.

Gepíaca L: É, eu, nas minhas reflexões que eu faço, quando eu converso com a *Gepíaca-Mor* **SOBRE A GPESLANDY** e como eu tô desde o início, né, eu a *Gepíaca-Mor* e a Gepíaca C (nossa **PRIMEIRA REUNIÃO** fomos **SÓ NÓS TRÊS...**) - a gente idealizou ela lá em um congresso em Sorocaba, marcou a primeira reunião e daí começaram a vir os **ORIENTANDOS DA GEPIÁCA-MOR**, da **GRADUAÇÃO**, da **PÓS**, e aí ela, a *GPESlandy*, foi se formando. Então, eu vejo assim: eu concordo com tudo que o *Gepíaco F* falou, mas, eu vejo que faz parte do processo de construção do Grupo de Pesquisa que **É TÃO RECENTE** porque, gente, a gente começou isso em 2015! Então, se a gente for ver três anos de grupo - em 2014 a gente fez aí, essa graça com 3 pessoas, mas a gente **ENGATOU MESMO** foi em 2015 - começando **DO ZERO**, com duas **"INICIANDAS" DE MESTRADO** que **NÃO SABIAM NEM O QUE TAVAM FAZENDO** aqui, é parte do processo essas **INTERRUPÇÕES** que o *Gepíaco F* coloca e **ESSE** momento agora também faz parte, pra gente **CONSEGUIR AVANÇAR**. A gente não pode achar que a gente tá num **CAMINHO RUIM** porque **NÃO É**, gente, é um **PROCESSO DE CONSTRUÇÃO...** E o processo de construção **VAI DANDO CERTO, VAI DANDO ERRADO**, você **INTERROMPE**, você **RETOMA**, você **BATE CABEÇA E VOLTA**, como tudo o que acontece **NA VIDA** da gente. É claro que a nossa busca é o quê? De **MELHORAR SEMPRE!** Eu acho que das cinco

coisas que o *Gepíaco F* citou a questão dos subgrupos e dos artigos acabam entrando dessa questão da pesquisa, né; eu acho que as cabeças têm que funcionar agora pra gente ver como é que funcionariam essas três frentes, por exemplo, pra não deixar nenhuma dessas três morrer só que, também, com cuidado de **NÃO PULVERTIZAR DEMAIS...**

Gepíaca-Mor: O que eu acho que foi uma sacada muito interessante da *GPESlandy*? Quando eu apresentei as **QUATRO TEMÁTICAS**, os **QUATRO EIXOS** da *GPESlandy*, você não tem noção do que as **PESSOAS FALARAM DAQUILO**. Mas **A GENTE NUNCA ESCREVEU** sobre isso... Porque quando a gente fala de **PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA**, as pessoas fazem uma **RELAÇÃO DIRETA COM A DIDÁTICA E DIRETO COM A DOCÊNCIA**. E eles não conseguem entender que a Pedagogia Universitária engloba isso, mas **NÃO SE REDUZ A ISSO**. Quando eu mostro a ideia dos quatro eixos, as pessoas acham extremamente relevante e **A GENTE NÃO ESCREVE** sobre isso... Isso, pra mim, **É UMA PROPOSTA EPISTEMOLÓGICA**.

Gepíaca S: É... Então, eu pedi autorização pra *Gepíaca-Mor*, ela liberou, e eu levei a qualificação pra prof^a Maria Rosa que é, na minha opinião, muito sensível, muito inteligente, muito perspicaz, enfim, é maravilhosa. E ela leu com muito critério o material e disse pra mim, numa altura da conversa: "Eu **PASSO POR TUDO ISSO** aqui. Eu tenho **GRUPO DE PESQUISA** e eu **SEI O QUE É ISSO AQUI**." Porque, gente, precisa de um **VÍNCULO** pra estar aqui. A maioria de nós está pelo **VÍNCULO DA ORIENTAÇÃO**. Alguém vai negar? Não. Outros estão aqui, porque se **IDENTIFICAM COM O ASSUNTO PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA**. Alguém vai negar? Não. Outros estão pelo "assunto" E pela "orientação". Né?! Outros, não têm orientação, mas têm **INTERESSE EM SEREM ORIENTADOS** e se vinculam ao grupo, como a *Gepíaca-Mor* acabou de exemplificar aí com os professores das universidades do sul, que querem visitar a *GEPSlandy* porque querem fazer **DOUTORADO COM A GEPIÁCA-MOR**. Então, a minha conversa com a prof^a Maria Rosa foi muito legal porque eu entendi que o que a gente vive aqui não é privilégio só nosso não, mas é de **TODOS** os Grupos de Pesquisa desse país. Não é *GPESlandy* que está com um "problema". O *Gepíaco F* nem falou isso, mas a gente, quando ouve, pode pensar: "Nossa! Estamos com um problema!" Agora, só uma coisa que me incomoda é quando as pessoas **NÃO AVISAM...** Aí eu já **ACHO FALTA DE RESPEITO. NÃO APARECEM, SOMEM**, ficam **DOIS MESES** sem dar satisfação e aí a gente **TEM QUE ADIVINHAR** onde elas tão, tipo: "E cadê o artigo que tá com o fulano? E cadê o fulano? Faltou. Mas tá onde? E agora?" Isso realmente eu **ACHO CHATO**, mas isso é um **PROBLEMA DO INDIVÍDUO** e não da *GPESlandy*.

Gepíaco F: Mas sabe o que eu acho? Mais do que uma caça às bruxas, do porquê que as pessoas fazem isso, eu acho que é assim: o que é que a gente quer aqui, em *GPESlandy*? Eu tenho certeza que cada um vai falar uma COISA DIFERENTE. E aí eu não sei se a gente tem que OBRIGAR TODO MUNDO A FAZER TUDO... Eu acho que PULVERIZAR, realmente É UM PROBLEMA. Mas, talvez, OBRIGAR O CARA A FAZER COISAS QUE ELE NÃO ESTÁ AQUI PARA FAZER...

Gepíaca S: Ou porque NÃO SABE, TEM QUE APRENDER tudo primeiro, GASTAR TEMPO aprendendo pra depois PRODUZIR ALGUMA COISA SUBSTANCIAL que ele NÃO TEM TEMPO de fazer...

Gepíaco F: Ééééé, éééé! Por isso, talvez, o primeiro passo inicial seria todo mundo PÔR NA MESA, com SINCERIDADE, o que quer. E eu posso começar: eu acabei de organizar um Encontro Regional e foi uma das PIORES EXPERIÊNCIAS da minha vida e a minha VONTADE DE ORGANIZAR O CBPU É "ZERO". Eu acho que TEM QUE SER FEITO e se precisar eu VOU FAZER, mas eu VOU ARRASTADO. O que eu queria fazer mesmo era o subgrupo de pesquisa. Pronto. Falei. Mas a gente pode ver os interesses e criar esses tipos de SUBCOORDENAÇÕES. Sabe por quê? Na última reunião que veio Eu, Gepíaca C, Gepíaca P e Gepíaca S - e não importa porque veio pouca gente - mas a gente definiu uma série de coisas do CBPU: se TODO MUNDO tem que DECIDIR TUDO, TUDO O QUE A GENTE DEFINIU naquela reunião PODE JOGAR FORA... Porque, fatalmente, a gente vai decidir outra coisa aqui nesse coletivo. Daí, lá em dezembro, vem outro coletivo e a gente tem que decidir de novo o negócio. Então, se tem um pessoal específico pra coisa do CBPU - é MENOS COMUNITÁRIO, MENOS DEMOCRÁTICO, né - mas deixa eles decidirem isso! Por que, olha só: tá valendo o que a gente decidiu aquele dia? Não. MAS foi feita uma reunião pra isso...

Gepíaca Pa: E tem a questão que você falou, né, do COLETIVO. São sempre COLETIVOS DIFERENTES, né? INTERESSES DIFERENTES, porque hoje a gente tá num COLETIVO e em dezembro vai ser outro aí decide outra coisa e isso fica MEIO PERDIDO. Então, talvez fosse uma oportunidade pra gente pensar de ALTERNAR AS REUNIÕES, por exemplo: numa reunião faz estudo e CBPU; na outra, estudo e Artigo. Sempre algum eixo e outra coisa, pra que nada se perca porque, realmente, a gente tem MUITA COISA COMEÇADA e que PRECISA DE SEGMENTO, entendeu? A gente organiza a reunião com dois interesses: um fixo e outra...

Gepíaco Pe: Gente, eu não sei se es estou olhando de uma MANEIRA RASA, mas todo mundo aqui pensa em ESTUDAR PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA? Porque, SE todo mundo tem o interesse, eu ACHO que essa poderia ser a "BASE" DE TODA REUNIÃO.

Gepíaca S: Ué, mas nós todos já não estamos DEBAIXO DO GUARDA-CHUVA DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA? Não é, SEM DÚVIDA ALGUMA, um tema que DEVERIA SER DO NOSSO INTERESSE?

Gepíaca-Mor: O NOME do próprio grupo é PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA! Ou seja, SE A PESSOA TÁ NO GRUPO, necessariamente ela teria que TER INTERESSE POR ESTUDAR A PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA porque eu não vou discutir Educação Infantil...

Gepíaca Pa: Eu sinto muita falta disso... Eu 2015, cada um trouxe uma METODOLOGIA DE PESQUISA pra estudar e a gente LIA TEXTOS e eu acho que isso era RIQUESSIMO e a gente ACABOU PERDENDO um pouco porque, por exemplo, a gente COMEÇOU O TEXTO da Alda Torres e da Sandra; daí a gente DEU UMA PAUSA e depois a gente VOLTOU e os textos ficaram muito que vagando esse ano... então... sabe... FALTAM MOMENTOS DE ESTUDO...

Gepíaco Pe: E eu também acho que tem um pessoal aí, eu, o Gepíaco M, o Gepíaco R, a gente tá começando agora com um processo de mestrado e NÃO TÁ, NECESSARIAMENTE, PESQUISANDO PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA mas a gente TÁ PESQUISANDO ASSUNTOS DA NOSSA PRÓPRIA PESQUISA. Então, se tiver outras pessoas que estão estudando Pedagogia Universitária já AJUDA A GENTE A SE INTERAR mais sobre Pedagogia Universitária.

Gepíaca L: Eu acho que a gente tava numa DINÂMICA BACANA do estudo quando duas ou três pessoas eram responsáveis pela apresentação de um texto, uns mediadores. Não pensar em coordenadoria por eixo, mas, por exemplo: o CBPU, que é uma coisa grande. O que eu vejo? O nosso grupo NÃO É UM GRUPO GRANDE. Então, a gente precisaria, PRO CBPU, o envolvimento de TODO MUNDO. Aí sim, como a gente fez nesse ano: as comissões, todo mundo se envolveu de alguma forma com as comissões se reunindo FORA DAS REUNIÕES OFICIAIS e nessas reuniões, só trazer o que trouxe dúvida, sabe?

Gepíaca Pa: Isso! E até os artigos, a gente não precisa trazer TODOS OS ARTIGOS com TODAS AS QUESTÕES pra TODO MUNDO VER, mas o que "sobrou", entendeu?

Gepíaca L: O ideal seria a gente criar um **CRONOGRAMA**, pelo menos **SEMESTRAL**...

Gepíaco Mo: Ah, eu queria sugerir uma coisa sobre a **FREQUÊNCIA**: pra aumentar os encontros pra quinzenais.

Gepíaca S: Mas **UMA VEZ POR MÊS** as pessoas tão **FALTANDO**...

Gepíaco Mo: Eu concordo. Mas se a gente aumentar a frequência essa pauta acaba sendo menos relevante. Se eu posso **TER UMA FOLGA** no mês, **EU VENHO PELO MENOS UMA VEZ** por mês.

Gepíaco F: É que o **CBPU** não exige da gente uma vez por mês. Ele exige **0** mês.

Gepíaca L: É por isso que a gente teria que fazer uma **AGENDA PRÉVIA** por reunião. Pra gente saber que naquele mês a gente estudaria **UM TEXTO DURANTE 40 MINUTOS**, sei lá, e nos outros **60 MINUTOS** **DISCUTIRÍAMOS O CBPU** e nos **OUTROS 60** a gente faria a **ANÁLISE DE UMA METODOLOGIA**... Uma coisa mais **OBJETIVA**. Porque o CBPU, gente, ele é **FAZER**.

Gepíaca S: E têm situações que **20 PESSOAS** opinando **NÃO DÁ CERTO**, gente. Não dá.

Gepíaca Pa: **EXATAMENTE!** E isso tem que ser discutido aqui também porque uma das falhas que a gente detectou no primeiro CBPU é que algumas pessoas ficaram **SOBRECARGADAS** e outras só participaram **NA** semana do evento, mas, nas reuniões, **TODO MUNDO QUER FALAR** alguma coisa mas, **NA HORA DE FAZER**, sobrecarrega uma pessoa...

Gepíaca L: Eu tô falando no sentido, *Gepíaca S*, das pessoas trazerem o comunicado sobre o que já foi decidido, pra gente **NÃO PERDER O FIO DA MEADA**, sabe?

Gepíaca S: Não, eu sei, eu entendi... Eu tava falando de **ARTIGOS**, por exemplo: **TODO MUNDO** sugerir alguma coisa pra um artigo cuja **TEMÁTICA DESCONHECE**, sabe, *Gepíaca L*?

Gepíaca L: Ah, é... **ISSO É VERDADE**. Eu é que tava falando do CBPU porque, no caso dele, as comissões vão **TER AUTONOMIA** pra tomarem decisões. A comissão ela é **REPRESENTATIVA**.

Gepíaco F: É, eu acho que, realmente, TEM HORA que 20 ATRAPALHA e 5 VAI MAIS RÁPIDO. Por exemplo, os artigos aí.

Gepíaca-Mor: Vamos, então, fazer as DIVISÕES POR FRENTES, com os SUBCOORDENADORES, mas eu acho que TODOS TÊM QUE ESTAR ENVOLVIDOS com tudo. Porque daí vai ficar: "Ah, eu só quero ler o texto!"; "Ah, eu só quero escrever artigo". Aí não dá.

Gepíaca S: Aí você DESCONFIGURA o grupo como GRUPO DE PESQUISA: um só lê; e quem escreve, não lê?; e quem lê, não escreve? NÃO TRABALHA com TODAS AS COMPETÊNCIAS...

Gepíaca Pa: Eu acho justo desde que, por exemplo, eu ME INTERESSO, hipoteticamente, pela área de estudo X; sou responsável por ela, mas NÃO ME ISENTO das outras. Porque, se for assim, eu não concordo...

Gepíaco F: Vamos ser MAIS PRÁTICOS? Suponhamos que tal dia vai ter, como agenda, CBPU e subgrupo X. Aí o Gepíaco R não está nem na comissão de CBPU e nem nesse subgrupo. Ele PODE FALTAR?

Todos: Não!

Gepíaco F: MAS vocês CONCORDAM QUE ELE PODERIA?

Gepíaca-Mor: Eu NÃO CONCORDO porque ele tá aqui SE CONSTITUINDO UM PESQUISADOR. Apesar do nome dele não estar em nenhum dos dois, a ANÁLISE DELE PRECISA CONTAR.

Gepíaca L: Essa é MINHA PREOCUPAÇÃO, sabe... Da gente começar a se DESRESPONSABILIZAR: ah, eu NÃO TÔ no CBPU, eu NÃO ESTUDO ISSO DAÍ, por que é que eu preciso aparecer lá?!

Gepíaca P: Mas é por isso que não é viável a ideia do Gepíaco Mo... Ele falou assim: "tá, a pessoa pode faltar uma vez no mês e pode vir outra..." Ele ABRE PORTA pra faltar! A pessoa já tem uma VÁLVULA DE ESCAPE, um CORINGA pra ela.

Gepíaco F: Então a gente tá instituindo os SUBCOORDENADORES - que são aqueles responsáveis por NÃO DEIXAR O BARCO PARAR e a gente tá MUDANDO AS PAUTAS DAS REUNIÕES de modo que agora a gente tem ESTAÇÕES DE TRABALHO. E eu entendi que é aquilo: todo mundo vai LER ARTIGO, todo mundo vai PARTICIPAR DE CONGRESSO, todo mundo vai DISCUTIR SUBGRUPO...

Gepíaca S: Pautas fixas de reuniões, que serão: **ARTIGOS** (duplas), **LEITURA** (Pedagogia Universitária), **CBPU** (Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária), **SUBGRUPOS DE PESQUISA** (formação, linguagem, currículo.....).

Gepíaco F: Eu acho que, na época do CBPU, a gente só vai conseguir dois assuntos por reunião. O que vai acontecer quando o CBPU acabar?

Gepíaca-Mor: Eu acho que os **EIXOS** **PODEM ESTAR INSERIDOS TANTO NAS LEITURAS QUANTO NOS ARTIGOS**.

Gepíaco F: Eu acho que pode fazer quatro coordenações, então. Pesquisa (subgrupos); Pesquisa (artigos); CBPU (Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária); Leituras (Pedagogia Universitária).

Gepíaca L: Lembrando que as propostas dos **SUBGRUPOS** seriam de **PESQUISAS NOVAS...**

Que reunião!!! Que momento histórico esse grupo vive!!! Que privilégio de (des)construção... E, então, foram eleitos gepíacos para assumirem as quatro frentes de trabalho e o grupo se despediu marcando o próximo encontro que seria uma confraternização com amigo secreto e festinha. Assim, encerrou-se mais um encontro gepíaco que, impreterivelmente, me transportou para Deleuze e Guattari quando tratam da Geofilosofia enquanto devir. Vou me permitir fazer uma releitura do texto destes intelectuais e, no lugar de filosofia e filósofo, inserirei pesquisa e pesquisador, respectivamente:



FOTO: [HTTP://WWW.CRITICAL-THEORY.COM/SUBMIT-YOUR-PAPERS-GILLES-DELEUZE-AND-FELIX-GUATTARI-REPRINTS-OF-FREEDOM/](http://www.critical-theory.com/submit-your-papers-gilles-deleuze-and-felix-guattari-reprints-of-freedom/)

DELEUZE E GUATTARI

"O devir é sempre duplo, e é este duplo devir que constitui o povo por vir e a nova terra. O pesquisador deve tornar-se não-pesquisador, para que a não-pesquisa se torne a terra e o povo da pesquisa. [...] O povo é interno ao pensador (pesquisador), porque é um devir-povo, na medida em que o pensador (pesquisador) é interior ao povo, como devir não menos ilimitado."⁸²

Voltei pro Camping *Observatorium* e, sem falar com ninguém, apronteí minhas malas pra voltar pra casa. Minha peregrinação chegava ao fim e eu tinha muita coisa que organizar sobre essa viagem marcante; gostaria de contar pra outros viajantes como compensa observar uma Ilha de Pesquisa e aprender com eles e tentar entender seu processo de formação de *Território*. Consegui dar um tchau pros meus três mentores, a Mabel, a Chauí e o Milton - que ficariam por lá para observar outras ilhas do Arquipélago *Pesquisandus Correctus* - e segui, a pé, a trilha rumo à rodoviária do lugar.

#obrigadaGPESlandy

#agentesevêpelastrilhasda vida

TOMO IV

PEREGRINO

VOCE



O PEREGRINO VOCÊ

Cada árvore daquelas me trazia recordações. Foi entre muitas delas que amarrei minha rede e, junto do meu caderninho de registros, adentrei à *GPESlandy* e me envolvi com os gepíacos nos meus pensamentos. O riachinho, em frente ao Camping *Observatorium*, também me trazia as mais profundas lembranças sobre "gente que faz" a partir das conversas intermináveis que eu tinha com alguns acampantes. Mabel, Chauí, Milton, por exemplo: pessoas que me ajudaram a compreender melhor o que é uma Ilha de Pesquisa, a diferenciar *Espaço, Lugar e Território* acadêmicos, enxergar o lugar da *Cidade Sem Vez* nesse país que, hoje, 2019, passa por mudanças históricas significativas... Isso sem contar tantos outros viajantes que fizeram a mesma viagem que eu, entregando a outras Ilhas de Pesquisa seus estudos, sua vida; o que acabou sendo compartilhado comigo, na minha experiência de viajor.

Mas, com a mochila nas costas (e nela não cabiam todas as experiências vividas ali...), paguei a última diária e fui embora. Do portão pra fora, o espaço era amedrontador. No entardecer daquele dia, a mata fechada, o crocitar das corujas, o coaxar dos sapos e a trilha estreita me faziam lembrar que o desconhecido - para o qual eu estava voltando - é assustador. Longe das referências que me fizeram pensar numa Ilha de Pesquisa habitável, o que me sobrava agora eram as "teorias" que eu mesma deveria formular a partir do que levei pro acampamento, assim que cheguei; das vivências que tive na ilha, com os gepíacos; e dos diálogos que travei com Milton, Chauí, Mabel e todos os outros viajantes experientes que por ali passaram. Nada fácil...

E foi pensando sobre essas angústias todas que senti a primeira gota. A segunda. A terceira. A enxurrada. O granizo. O trovão. Precisava achar um lugar seguro. Mas... Onde? Pra todo lado que eu olhava era só mata! Foi então que avistei uma pedra gigante, toda coberta por folhagem nativa. Era uma gruta. Pensei: "Mesmo que esteja cheia de morcego, é pra lá que eu vou. Melhor que granizo na cabeça..." Entrei. Escuridão. Mas lá fora, estava pior. Fui aquietando a mente; o coração foi batendo mais lentamente; recobrei o fôlego. Durou pouco.

- Oi.

- Quê? Oi. Quem é você, moço?

- Um peregrino.

- De onde?

- De todos os lugares.

(Ah, não... Não cria no que via... Quem pode ser de "todos os lugares" e, mesmo assim, estar perdido numa gruta?!)

- Eu sei, por exemplo, que você esteve na *GPESlandy*, não esteve? Que fez de Milton, Mabel e Chauí seus melhores amigos, não foi? Que veio da Cidade Sem Vez em busca de respostas, não é verdade?

- Moço, nem seu nome eu sei. Então, vamos fazer o seguinte? Vamos encerrar essa prosa por aqui e quando essa tempestade passar, cada um segue seu caminho, pode ser?

- Pode. Claro que pode. Mas você não vai se ver livre de mim tão cedo, Stella. Simplesmente porque conheço essa terra como ninguém e vivo de cuidar dela, de protegê-la, de poupá-la de decepções. Eu sei tudo sobre sua experiência com a *GPESlandy*, por exemplo. Quer ver?

- Tá. Vamos lá. O que eu vivi aqui, nessa Ilha de Pesquisa, de mais importante? Pode falar!

- Falo sim. Veja se estou certo, Stella:

✓ Você foi testemunha de um começo de povo, lá em 2015. A *GPESlandy* lutava pra marcar território mas, a princípio, estava apenas solicitando um **ESPAÇO** de pesquisa, enquanto os gepíacos tentavam se conhecer como cidadãos de uma ilha recém descoberta;

✓ Você viu a criação de sub-grupos dentro da *GPESlandy*, capazes de abarcar a multiplicidade do conceito da Pedagogia Universitária e, com isso, contribuir para a solidificação do construto epistemológico do termo, gerando um **LUGAR** de pesquisa dentro da *Cidade Sem Vez*; você também viu a organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária (I CBPU), o qual reuniu os acadêmicos de maior expressão sobre o assunto "Pedagogia Universitária" do país e demais pesquisadores na área, o que consolidou o terreno da *GPESlandy* de **ESPAÇO** pra **LUGAR** de pesquisa;

✓ Você também presenciou iniciativas de oficinas de leitura e produção de textos científicos, na intenção de instrumentalizar e profissionalizar os gepíacos de *GPESlandy* para o compartilhamento do conhecimento que produzem;

✓ E, por fim, você presenciou o Julgamento da Pedagogia Universitária e pôde perceber que, a despeito dos gepíacos terem visões diferentes a respeito do termo, a *Gepíaca-Mor* assumiu o controle do conceito, reiterou a relevância desta expressão ser entendida enquanto Identidade - porque é um campo epistemológico muito amplo; por isso, a Pedagogia Universitária foi "absolvida" para ser estudada a partir de uma base de pesquisa que legitime as experiências desenvolvidas e as compartilhe no ambiente acadêmico, fazendo de *GPESlandy*, enfim, um **TERRITÓRIO** de pesquisa.

(Eu estava chocada! Com quem será que ele pegou informação? Seria ele um estagiário da Mabel, infiltrado em *GPESlandy*?)

- Olha, moço, você tem razão nas suas leituras aí, mas já que sabe tanto a respeito de minhas experiências na ilha, vou deixar você responder a todas as perguntas que eu trouxe como fruto do que vivi naquele lugar, tá bom? Posso começar?

(Riso suave por parte do peregrino; riso nervoso, de minha parte. A chuva caindo grossa lá fora mas, na gruta, por incrível que pareça, a sensação era de aconchego...)

COMO MARCAR *TERRITÓRIO* COM OSCILAÇÃO DE MORADORES?

- Olha, Stella... Isso é muito comum quando o *Espaço* é novo porque uma série de fatores - sociais, políticos, econômicos - estão em jogo na constituição de um *Território*. Então, eu acredito que, pelo que você mesma descobriu nessa viagem, não demorará muito para que *GPESlandy* se consolide como um e, assim, estabeleça uma certa continuidade no número de habitantes. Se bem que, lembre-se: ninguém vai se tornar *Território* se insistir em ser Ilha... Acho que seria muito bom a gente pensar no significado das "águas" que circundam - e isolam - as Ilhas do continente. A hipervalorização da política do ranqueamento; a obrigatoriedade frenética de publicações de artigos; a distinção (e desvalorização) entre áreas do conhecimento; a negação da Interdisciplinaridade na pesquisa; a falta de investimento no pesquisador... Estes e outros tantos fatores fazem das "águas" que cerciam Ilhas de Pesquisa um lugar perigoso, um mar revoltoso, que isola o *Lugar* de construção do conhecimento. E aqui eu trago, inclusive, a proposta de construção de pontes por meio de encontros (como o I Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária) que tratem da Interdisciplinaridade na Pesquisa porque não é fácil esse caminho, exige um grau muito alto de desprendimento... Me lembro agora do Raynout falando assim:

"Para engajar-se na aventura interdisciplinar, deve-se aceitar abandonar a tentação de proteger seu próprio espaço disciplinar. Deve-se partir da convicção de que, mesmo quando se experimenta, no início da colaboração, o sentimento de perder a complexidade e a riqueza do universo conceitual de sua disciplina, estas vão se recuperar pelo próprio encontro interdisciplinar, com uma forma nova e inovadora."⁸³

Eu acredito que com essas ações a gente poderia ligar não só *GPESlandy* ao continente da *Cidade Sem Vez*, mas também *GPESlandy* às outras Ilhas de Pesquisa do Arquipélago *Pesquisandus Correctus*!



RAYNOUT

FOTO: <https://www.unifesspa.edu.br/noticias/4934-unifesspa-reune-mais-de-300-pes-soas-para-dialogos-e-debates-sobre-a-amazonia>

⁸³ PHILIPPI JR., & FERNANDES., 2015, P.549.

#FICADICA

* Estudar conceitos sobre Pedagogia Universitária, escrever um livro, analisar material de qualificação, organizar congresso...Você não acha que estas atividades podem ser pesadas pra pouco tempo, contando, ainda com instabilidade da presença de membros... Como formar *Território* assim?

- Fico feliz em notar que o que você pontua aqui, os próprios gepíacos perceberam isso e verbalizaram numa das reuniões. Decidiram por ações de reorganização das pautas de reunião e elegeram subcoordenadores para a *GPESlandy*. Muito bom!

* Aliás, Peregrino, quem verbalizou isso foi um "estrangeiro", vindo da UFSCar. Qual você acha que seja a relevância/influência de um estrangeiro num lugar como a *GPESlandy* (moradores de outras Ilhas de Pesquisa, outros professores-pesquisadores da Cidade Sem Vez: UFSCar, UFMG, UNICAMP, UNIFESP)?

- Olha, Stella. Vejo como algo que deva ser feito de tempos em tempos nas Ilhas de Pesquisa: a visita de um estrangeiro às reuniões do grupo, sabe? Um olhar de fora, conhecedor de novas realidades mas também vivenciando os mesmos desafios em seu campo de atuação, isso pode ser agregador demais para os moradores.

* Por que será a necessidade de uma Mesa, num Congresso, que aborde a saúde do pós-graduando e o trabalho na pós-graduação?

- Então, eu me lembro de uma gepíaca ter sugerido que o grupo participasse desse congresso por conta dessa temática. É curiosa a sugestão - porque prenuncia uma preocupação legítima com o trabalho excessivo (quase insano) de um aluno pós-graduando; e também porque aponta para uma demanda do próprio sistema de pós-graduação que tem sido alicerçado em publicações ranqueadoras, congressos, exames internos e externos, que geram um clima institucional de competição e esgotamento. Ainda sobre a ótica do aluno pós-graduando, lembro-me que, em sua pesquisa, um gepíaco disse que dava aula em três cidades diferentes. CIDADES! Não escolas... Ou seja, como pode ser possível a vida de um pesquisador desses, que tem que dar aula em três cidades diferentes e ainda pesquisar, publicar, participar de congressos, estudar na pós-graduação e "viver"?

- Muito satisfeita com as respostas que você me deu, Peregrino! Parece que, realmente, estou perante um indivíduo que me conhece, me acompanha e me entende. Só não sei como isso é possível se nunca te vi na vida. Mas... Tudo bem... Agora, me faz um favorzinho? Pergunte você, pra mim, o que quiser. O que deseja saber a meu respeito?

- Ok, Stella. Vamos lá. Serei bem eclético...

* Me diz uma coisa: em quê essa sua viagem contribui, enquanto pesquisa?

- Nossa! Muito obrigada, heim?! Pergunta tranquila essa... #sqn Bom, Peregrino... Eu acho que a gente pode, com a minha pesquisa:

✓ Repensar a função da universidade, historicamente marcada: ela virou fábrica de patentes, somente? E a função primordial, que é contribuir para a sociedade? E qual o espaço das Ciências Humanas, se elas não geram "lucro"? Se elas "humanizam" as ciências?;

✓ Repensar a função da pesquisa: ela virou indústria de artigos, de preferência Qualis A e B? E a relação entre pesquisador e seu prazer próprio? Onde é que fica? Pesquisa-se por quê e pra quê? (em especial, aqui, falo com as Ciências Humanas, é claro...);

✓ Repensar a função dos Grupos de Pesquisa: eles são Grupos de Estudos que fabricam artigos? São inutilizados se não fabricam? Conseguem estabelecer Redes de Pesquisa fortes, que gerem conhecimentos alinhados às demandas da contemporaneidade?; a estrutura dos Grupos, como se organizam internamente, como sobrevivem à oscilação de membros?;

✓ Repensar a função da sociedade, historicamente marcada: ela virou consumidora, também, de "produtos acadêmicos"? E a questão do compartilhamento, da interação coletiva? Existem de verdade, agregando pesquisadores de conhecimentos diferentes ou ainda estamos nos unindo entre os pares, os iguais, reforçando feudos intelectuais?

* E por que você decidiu por essa rota, tão reflexiva, cheia de "você" em cada linha dos registros? Não seria mais fácil o caminho em linha reta, aquele que todos conhecem?

- Bom... Sempre será mais fácil caminhar pela trilha conhecida. Mesmo porque, tantos outros já amaciaram esse chão; já fica aplainado, facilitado para os próximos viajantes. Isso tem seus pontos bons sim, mas, se você reparar bem, por meio do caminho que eu escolhi, foi possível:

✓ Perceber a multiplicidade de interesses/assuntos tratados entre os gepíacos, por exemplo, em seus encontros na oca: preocupação com a saúde do pós-graduando; desafios quanto às produções textuais acadêmicas; relações interpessoais de cunho afetivo; necessidade de envolvimento em congressos; dificuldades econômicas.... Estas questões todas, multifacetadas como foram, não caberiam num caminho tradicional de

viagem. Eu precisava de uma rota com mais trilhas, atalhos, mirantes, diversas condições climáticas, relevo acidentado, gramas e areias; enfim, um caminho de/com verdade;

✓ Perceber minha própria voz no trajeto: mesmo que, por vezes, subentendida, velada, insinuada ou sugerida, ela sempre esteve lá, bem audível;

✓ Perceber a voz de outros viajantes: como pode ser que, numa viagem dessas eu não possa dizer que penso exatamente como Milton Santos ou como Mabel? Pesquisar é conversar. Pesquisar é duvidar. Pesquisar é concordar. Toda vez que a gente encontra eco na voz do outro, nos apropriamos do pensamento dele e agregamos à nossa experiência acadêmica uma bagagem nova; eis a graça!;

✓ Perceber que há outras maneiras de se fazer um mapa no *Pesquisandus Correctus*: se tem uma coisa que eu aprendi nessa viagem é que as diferentes áreas de conhecimento devem ser respeitadas, porque elas aprendem diferentemente umas das outras e se manifestam de forma bem particular, cada qual com suas peculiaridades. Este fato é evidenciado na linha de pesquisa de *GPESlandy*, inclusive: **Linguagem - Experiência - Memória - Formação** (que tem como tema central a Educação, suas interfaces com as diferentes linguagens e suas manifestações nas e pelas práticas culturais, constitutivas de processos de formação de subjetividade).

* Tá bem. Agora, Stella, afinal de contas, quem é o "Pai" do pai(chão)?

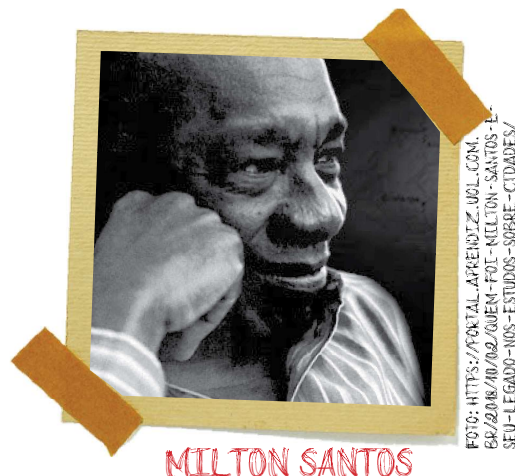
- Olha, a princípio é a **Nação CNPq** (porque é quem gera, quem sustenta, quem protege...); mas, depois dessa pesquisa, observa-se que o pai poderia ser a Capes, o Governo Federal, o próprio Grupo de Pesquisa, o próprio pesquisador; depende do contexto em que as Ilhas de Pesquisa estão inseridas... Lembrando que a palavra "pai" associada, foneticamente, à palavra "chão", gera uma nova semântica, um sentido ligado ao amor louco, inconsequente, à dependência cega: "paixão"...

* Uma coisa que ainda não ficou clara pra mim: você disse que veio pra cá, pra *GPESlandy*, descobrir se essa Ilha de Pesquisa era *Espaço*, *Lugar* ou *Território*. E, aí, descobriu?

- Peregrino, vou lhe responder me lembrando do passo-a-passo do meu diário de viagem. Olha só: na minha visão, a ilha era *Espaço* em 2015, quando do primeiro contato que tive com os gepíacos: as reuniões eram genéricas, as discussões permeavam assuntos pouco técnicos (conforme se vê, nesse diário, no Tomo II: O Povo). Depois, tornou-se *Lugar* em 2017/2018 quando, respectivamente, criou os Subgrupos de Pesquisa e Organizou o I Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária (con-

forme eu leio aqui, no Tomo III: A Viagem) porque, a Mabel já dizia que "o *Espaço* se transforma em *Lugar* quando os sujeitos que nele transitam lhe atribuem significados". Hoje, caminha para ser *Território* se se sujeitar às regras do jogo das publicações, dividir-se entre estas parcerias externas e os interesses do próprio Grupo de Pesquisa enquanto "morador" da *Cidade Sem Vez* porque, como também fala Mabel, "o *Lugar* se torna *Território* quando se explicitam os valores e dispositivos de poder de quem atribui os significados". É como diz o Milton, né:

"O território é o chão e mais a população [...], o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população."⁸⁴



MILTON SANTOS

* Qual a importância do domínio da linguagem, do próprio dialeto, como identificador de um povo, de um território, inclusive acadêmico, se observarmos um sentido mais amplo da própria palavra Geografia: "*geo*" e "*graphos*" - *Terra* e *Escrever*, respectivamente?

- Bom, primeiro que a língua define um povo. É isso que nos faz, em certa medida, "iguais"; que nos identifica como "o mesmo". Assim, a gente agrega à língua, a linguagem, que são todos os fatores que nos constituem enquanto falantes de uma língua; abrange todas as outras manifestações de identidade linguageira. Escrevemos nosso nome em nossa Terra e a chamamos de nossa. O registro acadêmico de texto é a linguagem da língua da *Cidade Sem Vez* e corremos o risco que outros povos nos dominem, caso não imprimamos nosso DNA linguístico-acadêmico em nosso Lugar de pesquisa.

* Setorizar as frentes de trabalho e instituir sublíderes seria uma boa saída para fortalecer a identidade de um Grupo de Pesquisa Interdisciplinar?

- Olha, particularmente, a única forma possível de trabalho numa Ilha de Pesquisa Interdisciplinar é a delegação de funções por temáticas, por frentes. Caso contrário, sobrecarrega-se um ou dois e estas pessoas vão desistindo, indo embora, faltando, se atrasando, enfim... Deixam de acreditar no todo porque se veem sozinhas...

* Qual a relevância do tema Pedagogia Universitária para *GPESlandy*? Por que nem todos sabem sobre o assunto? No que isso acarreta na intenção de se constituir um *Território*?

- Eu me lembro que, numa das reuniões, um gepíaco perguntou "Alguém aqui tem interesse em estudar Pedagogia Universitária?" Confesso que fiquei pensando sobre isso porque, se essa pergunta aconteceu numa reunião de uma Ilha de Pesquisa que estuda, exatamente, a Pedagogia Universitária, pode ser que houvesse ali, um ou outro, que: a) não se interessasse pelo assunto; b) que desconhecesse o tema e todas as suas nuances. Mas também me lembro que, imediatamente, a *Gepíaca-Mor* se pronunciou com a frase: "Gente, esse, inclusive, é o próprio nome do Grupo!" É sobre isso que me refiro, quando penso sobre as Redes de Compartilhamento: acho muuuito importante, extremamente necessário, que o conceito-base, norteador de uma Ilha de Pesquisa como *GPESlandy*, seja muito bem trabalhado, explicado, estudado; depois que essa epistemologia estiver clara para todos, incutida em todos os moradores da Ilha, é que se poderia partir em viagem para outros povoados do Arquipélago *Pesquisandus Correctus*. Afinal, compartilhar não é, só, receber. É, sobretudo, dar... É preciso ter material para dar. É um processo bem semelhante ao que Claude Raynaut descreve no artigo dele, como num "apelo" para a interdisciplinaridade:

"Uma pesquisa interdisciplinar não pode ser bem-sucedida sem o **desejo de colaborar**, acompanhado de **reflexão teórica e metodológica** sobre a interdisciplinaridade. Em geral, a experiência ensina que as tentativas organizadas de cima para baixo para reunir especialistas de várias disciplinas em um mesmo campo e em um mesmo assunto de pesquisa, sem que demonstrem uma **vontade espontânea de colaboração**, não dão bons resultados. Por isso, o movimento deve progredir de ambos os lados: a **toma-da de consciência dos cientistas** a respeito dos aportes da colaboração entre as disciplinas e a **existência de incentivos institucionais** para favorecer a emergência de equipes estáveis, em que se conduza



RAYNAUT

tal reflexão. Para serem operacionais, tais equipes não podem abordar a interdisciplinaridade em geral, mas a partir de **eixos de interesse específicos** que orientam o tipo de problemas a se tratar e o núcleo central de disciplinas a colaborar. Uma das dimensões estratégias de política de amparo à interdisciplinaridade deve, então, ser a **criação de condições favoráveis** (institucionais, materiais, financeiras) para

favorecer a emergência de iniciativas originadas na própria dinâmica científica dos pesquisadores, às vezes situados às margens das correntes dominantes de sua disciplina. Dessa forma, aos pesquisadores, seriam providenciados meios que lhes permitissem concretizar seus projetos científicos e criar o contexto institucional que assegure a sustentabilidade de sua iniciativa, quando com resultados pertinentes."⁸⁵

- Olha, me desculpa, Peregrino. Me exaltei aqui, lembrando das ideias de Raynaut. É que vejo muita verdade no que ele diz e todas elas me remeteram, com muito carinho, pras experiências que vivi na *GPESlandy* e pra minha amizade com a Ana Paula Hey, que estuda, inclusive, essa história dos Grupos Dominados e Grupos Dominantes no Arquipélago *Pesquisandus Correctus*... Me exaltei...

Acabada a inquisição que eu mesma pedi que fosse feita pelo Peregrino desconhecido, percebi que a chuva havia passado, que as gotas iam, lentamente, se enfraquecendo; e que o contexto de temor do que está fora já não estava dentro... Sensação de "posso voltar pra casa porque, agora, sei o caminho"...

Saímos os dois da gruta. Ele, sempre sereno. Eu, serena só agora. Eu, silêncio na trilha. Ele, só o barulho do cajado no chão úmido. Há frente, em alguns metros, uma bifurcação. Na placa, lia-se: à direita, "*Território dos Desafios Vencidos*"; à esquerda, "*Lugar dos Novos Desafios*".

Nos olhamos. Pra onde será que ele iria? Eu, cansada da última jornada, peguei à direita. E ele, calado, mas, sorrindo, virou à esquerda. Não resisti. Precisava saber, já que não nos veríamos de novo tão cedo:

- Ei! Peregrino!! Qual o seu nome?

(sorriso brando...)

- Você!

E assim, com essa resposta, avancei rumo à mesma balsa que me trouxera para o Arquipélago *Pesquisandus Correctus*. Chegando lá, uma fila quilométrica, com todos aqueles outros viajantes que também haviam tido experiências únicas nas devidas Ilhas de Pesquisa que visitaram. Um burburinho só. Enquanto isso, pensava em como dividiria com o pessoal da *Cidade Sem Vez* tudo o que vivi nas terras de *GPESlandy*. Foi então que tive uma ideia!

E se eu preparasse uma garrafa, com os registros de minhas experiências naquela ilha, e a jogasse ao mar, no caminho de volta pra casa?! Mas... será que alguém a acharia? Será que ela chegaria em algum outro *Território*, ou *Lugar*, ou *Espaço*? E se ela chegasse na *Cidade Sem Vez*? Será que algum curioso a resgataria? Compreenderia o que eu havia vivido ali ou teria, ele mesmo, outra história pra contar

sobre Ilhas de Pesquisa? Porque... Do que adianta a gente desbravar o desconhecido e guardar as descobertas na gaveta?

Puxa... E aqui estou eu, depois de uma viagem dessas, achando que viria com a mochila cheia de respostas... São só perguntas que tenho...

Tentarei jogar, sim, minha garrafa ao mar.





MEUS CONTATOS
(NÃO ESQUECER DE CONVERSAR SEMPRE COM ELES, CASO A LUCIDEZ ME FALTE
POR CONTA DA AUTOMATIZAÇÃO DA PESQUISA...)

AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko Chapecó: Argos, 2009.

ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade*. In: Cadernos de Pesquisa São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez (113) - p 51-64, jul 2001.

ARFUCH, L. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Fondo de cultura económica de Argentina. Buenos Aires, 2002.

BAUDOUIN, J. *De l'épreuve autobiographique Contribution des histoires de vie à la problématique des genres de texte et de l'hérnéutique de l'action*. Berne: Peter Lang, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CENSO 2016 - DGP - CNPQ - <http://plsqllcnpqbr/censos/perguntas/perguntashtm#5> (acesso em 30 de out. 2015).

CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CITELLI, A. Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens professores. *Comunicação e Educação*, São Paulo: CCA/ECA/USP/Paulinas, ano XV, n1, jan/abr 2010.

CLIFFORD, James. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, p. 46, 1999.

CNPQ - http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao_institucional/ (acesso em 05 de jan. 2016).

CUNHA, M. *Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários* - <http://revistasunisinobrasil.org.br/index.php/educacao/article/view/5324> (acesso em 08 de set. 2015).

_____. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. *Revista Brasileira de Educação*, v11, nº32, maio/ago 2006.

____ Pedagogia universitária e produção de conhecimento. In: CUNHA, M.; BROILO, C. (Org.) - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

____ Indissociabilidade entre ensino e pesquisa: a qualidade da graduação em tempos de Democratização. *Revista Perspectiva*, v29, nº2, pp. 443-462, jul/dez 2011.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2016.

____ *Mil platôs*. Rio de Janeiro: vl, ed.34, Letras, 28 ed, 2011.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*: v 17, n 51, set-dez 2012.

DEMO, P. *Saber pensar*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

Diretório Dos Grupos De Pesquisa No Brasil - <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/> (acesso em 29 de abr.2018).

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREITAS, M. A pesquisa sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, MS; JOBIM, S; KRAMER, S (Orgs) *Ciências Humanas e Pesquisa*: leitura de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003 (Col Questões da nossa época, v 107).

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad Luiz Felipe Baeta Neves Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

____ A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, pp 129-160, 1992.

____ *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 3 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 2013.

____ *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 28 ed, 2014.

____ *As Palavras e as Coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GARCÍA, C. La profesión docente em momentos de câmbios Qué nos dicen lós estudios internacionales? *Revista Cuatrimestral del Consejo Escolar del Estado*: Profesorado e calidad de la educación, 2011, pp 46-68, Gobierno de España.

GARCIA, R. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA, Regina L. (Org) *Método: métodos, contramétodos* São Paulo: Cortez, 2003.

Geledés: Instituto da Mulher Negra: <https://www.geledes.org.br/entrevista-explosiva-com-milton-santos/> (acesso em 29 de dez. 2016)

GÓMEZ, AI Pérez & SACRISTÁN, J Gimeno. *Comprender y transformar la enseñanza*. España: Morata, lled, 1992.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. lled, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEY, A. *Esboço de uma sociologia do campo acadêmico: a educação superior no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - Sinopse Estatística da Educação Superior 2016. Brasília: Inep, 2017 .Disponível em: <http://portalinepgovbr/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse> (Acesso em: 22 de mai. 2018).

Jornal Brasil de Fato: <https://www.brasildefato.com.br/2017/04/04/marilena-chauí-universidades-devem-entender-que-fazem-parte-da-luta-de-classe/> (acesso em 04 de abr. 2017).

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. *Comunicação e Educação*, São Paulo: CCA-USP-Moderna, n14, jan/abr 1999.

KUHN, Thomas S. *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

KUENZER, A. & MORAES, M.C. Temas e tramas na pós-graduação em Educação. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1341-1362, Set./Dez. p. 1353, 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> (acesso em: 16 de dez. 2017)

LAROCCA, P; AZZI, R G; URT, S. *A formulação dos objetivos de pesquisa na pós-graduação em Educação: uma discussão necessária*. <http://ojsrbpgcapesgovbr/indexphp/rbpg/article/view/62/59> (acesso em 15 de mar. 2017).

_____. Entrelaçando estudos: psicologia na pós-graduação - ensino, pesquisa, orientação e produção. In: AZZI, RG (org) **Estudos sobre o programa de pós-graduação em Educação da FE/Unicamp Campinas**, SP: Graf FE, p 91-98, 2002.

LUCARELLI, E. Inovação na universidade: pesquisa em parceria. **Revista Interface: comunicação, saúde e educação** - v3, nº4, 1999 <http://www.scielo.org/pdf/icse/v3n4/04pdf> (acesso em 09 de set 2015).

LÜDKE, M. **Influências cruzadas na constituição e na expansão do sistema de pós-graduação stricto sensu em educação no Brasil**. http://www.scielo.br/scielophp?pid=S1413-24782005000300009&script=sci_abstract&tlng=pt (acesso em 15 de mar. 2017).

Mapa do Ensino Superior no Brasil - http://convergenciacomnet/pdf/mapa_ensino_superior_2016pdf (acesso em 22 de mai. 2018).

MELUCCI, A. **Um objetivo para os movimentos sociais?** São Paulo: Lua Nova, nº 17, jun 1989.

MOITA, M. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In NÓVOA, A **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. Concepções e práticas de formação contínua de professores. Em Actas do 1º Congresso Nacional de Formação Contínua de Professores: Realidades e Perspectivas Universidade de Aveiro, 1991.

_____. A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização escola. Em **Inovação**, vol 4, nº1, pp 63-76, 1991.

PACHECO, J. Processos e práticas de educação e formação Para uma análise da realidade portuguesa em contextos de globalização. **Revista Portuguesa de Educação**, 2009, 22(1), pp 105-143 CIED - Universidade do Minho.

PHILIPPI JR., A. & FERNANDES, V. (Editores). Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa. In: RAYNAUT, C. **Interdisciplinaridade na pesquisa: lições de uma experiência concreta**: Barueri, São Paulo: Manole. pp. 523-550, 2015.

PIAGET, J. L'epistemologie des relations interdisciplinaires. In: Apostel L, Berger G, Briggs A, Michaud G. (Orgs.) **L'interdisciplinarité: problemes d'enseignement et de recherche dans les universites**. Rapport du Séminaire sur l'Interdisciplinarite, Nice, 1970. Paris: Ceri/OCDE; 1973. p. 131-144.

PIMENTA, S (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 7ed, São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, S ; GHEDIN, E. (Org). **Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito**. SP: Cortez, 2002.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 5 n 10, 1992, p 200-212.

PRADO F., Kleber; TETI, M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul , n. 38, p. 45-49, jun. 2013 .Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104_65782013000100004&lng=pt&nrm=iso . (acesso em 08 de jan. 2018).

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad Lílían do Valle - 3ed - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Revista Pesquisa Fapesp: http://revistapesquisafapespbr/wp-content/uploads/2017/03/032-035_Mapa-ciencia_253NOVOpdf (acesso em 14 de mar. 2017).

RICOEUR, P. **Temps et récit**. Paris: Seuil, 3 tomos, 1983-1985.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SCHWARTZMAN, S. (Org). **A educação superior na América Latina e os desafios do século XXI**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

Senado Notícias: portal do Senado Federal - <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/19/propostas-para-extinguir-ou-mantener-cursos-de-humanas-movimentam-portal-e-cidadania> (acesso em 19 de abr. 2018).

SOUZA, E; ABRAHÃO, Maria Helena MB. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

VELLOSO, J **Mestres e doutores no país:** destinos profissionais e políticas de pós-graduação-http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000300005 &lng=en (acesso em 03 de março de 2017).

